

UNIVERSIDADE DE S. PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM LVII

HISTÓRIA
DA
CIVILIZAÇÃO ANTIGA E MEDIEVAL

Nº 4



S. PAULO — BRASIL

1 9 4 6

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Reitor da Universidade de São Paulo:

Prof. Dr. Jorge Americano

Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras:

Prof. Dr. André Dreyfus

Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval:

Prof. Dr. E. Simões de Paula

Assistentes:

Dr. Eduardo d'Oliveira França

Dr. Pedro Moacir Campos

O F E R T A D O A U T O R

*Tôda correspondência relativa ao presente Boletim deverá
ser dirigida à*

Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Caixa Postal 105-B — São Paulo — Brasil

UNIVERSIDADE DE S. PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM LVII

HISTÓRIA
DA
CIVILIZAÇÃO ANTIGA E MEDIEVAL

Nº 4



UNIVERSIDADE DE S. PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA,
CIÊNCIAS E LETRAS

S. PAULO — BRASIL

1946

Aquisição por doação

Prof. dr. C. Simões de Paula

São Paulo, 17-10-1946

Exemplar em brochura

E. SIMÕES DE PAULA

**MARROCOS E SUAS RELAÇÕES
COM A IBÉRIA NA ANTIGUIDADE**

São Paulo

1 9 4 6

“A indecisão étnica e cultural entre a Europa e a África parece ter sido sempre a mesma em Portugal como em outros trechos da península. Espécie de *bi-continentalidade...*” (1).

(GILBERTO FREYRE, in “*Casa Grande & Senzala.*” Rio. Schmidt. 1936. 2.^a ed., p. 4).

(1). — O grifo é nosso.

INTRODUÇÃO

O tema que escolhemos para tese de concurso, embora longínquo no tempo e no espaço, não é, por certo, estranho à nossa História. Se dum modo direto não se liga aparentemente ao âmbito da História Pátria, prende-se, todavia, às suas origens remotas.

E' sabido que a Escola de Sagres se aproveitou das diversas tradições e conhecimentos da Antiguidade para realizar a grande obra dos Descobrimentos Marítimos. E' dum aspecto dessa Antiguidade, é do mesmo cenário em que se efetuaram as primeiras realizações do sonho do Infante d. Henrique, que vamos nos ocupar.

Julgamos, portanto, trazer com nosso estudo uma pequena contribuição a um dos pontos de História que, de algum modo nos interessa. Assunto extremamente ligado à História Ibérica, vamos, com nosso trabalho, procurar demonstrar que a região de Marrocos foi uma verdadeira encruzilhada, um local em que as influências do Sudão, do Saará e do Egito se encontraram com as influências oriundas da Europa, através da Ibéria. Insistiremos nas ligações econômicas, antropológicas e políticas, — que ainda hoje perduram — entre a Ibéria e a África do Norte, principalmente com Marrocos que lhe fica bem em face. Com o estudo da contribuição norte-africana para a formação do povo e da cultura ibérica, localizaremos uma das facetas da nossa própria formação histórica, ligando, — ainda que indiretamente — a matéria da nossa tese à História Nacional. A escolha do assunto foi, como se vê, propositada, pois, mostrando a situação geográfica de Marrocos entre o Mediterrâneo, o Saará, a Ibéria e o Atlântico, a similitude de população entre a Península e o norte da África, as relações entre Marrocos e as regiões circunvizinhas, demonstraremos que a Ibéria e a África do Norte formam um *bi-continente*.

A nossa tese constará, portanto, de três partes. Na primeira, mostraremos a identidade geográfico-geológica ibero-norte-africana; na segunda, focalizaremos as contribuições e as afinidades antropológicas entre a Península Ibérica e a região norte da África; na terceira parte, entraremos no estudo das relações históricas propriamente ditas de Marrocos com o mundo mediterrâneo e do paulatino avanço das descobertas rumo ao meridiano, através do Atlântico. Demonstraremos, então, que no período histórico as relações da Ibéria com a África do Norte foram intensas. Veremos os fenícios, os gregos, os cartagineses e depois os romanos, irem pouco a pouco levantando o véu da incerteza em que jazia o mundo de além Colunas de Hércules. Deixaremos de parte o estudo das navegações em direção ao norte, por não interessarem à nossa tese, mas estudaremos pormenorizadamente as navegações em direção ao sul, principalmente o périplo de Hanão até a Guiné, mostrando destarte até onde as navegações da Antiguidade conseguiram atingir. Foram elas que serviram de base às futuras navegações ibéricas em busca de riquezas e de terras onde difundir a fé cristã.

Deter-nos-emos na Antiguidade, porque a Idade Média jamais conseguiu ir além, nas suas investigações rumo ao sul das Colunas de Hércules. Da Antiguidade clássica passamos, *grosso-modo*, para a época das caravelas do Infante d. Henrique, o Navegador.

* * *

Devemos salientar aqui a dificuldade que encontramos em matéria bibliográfica, pois as nossas bibliotecas ainda não possuem a maioria das obras especializadas no assunto. Em consequência, tivemos muitas vezes que limitar o campo de nossas pesquisas. Esse fato foi ainda agravado com a eclosão do conflito mundial que perturbou nossos estudos, acabando por nos levar a lutar no velho Mediterrâneo.

Por outro lado procuramos, sempre que nos foi possível, ir às fontes diretas. No Brasil, como alhures, só pode fazer-se em História Antiga obra inteiramente original, desde que se descubra um novo texto, algum fragmento de autor clássico ou qualquer documento

inédito ou desconhecido. Ou então, podem interpretar-se as velhas fontes por um novo prisma. Foi o que fizemos e aí está, ao nosso ver, o mérito da nossa tese.

Quanto à ortografia, nos cingimos, o mais possível, ao *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, publicado em dezembro de 1943 pela Academia Brasileira de Letras. A grafia dos nomes próprios que adotamos, foi a usada nas obras portuguesas e brasileiras de História.

As citações bibliográficas no texto estão reduzidas ao mínimo possível. Os pormenores sôbre a edição das obras utilizadas devem ser procurados na bibliografia geral, que apresentamos nas últimas páginas dêste trabalho.

São Paulo, novembro de 1945.

E. SIMÕES DE PAULA

P A R T E I

CAPÍTULO I

RELAÇÕES GEOGRÁFICAS

A). — A ÁFRICA DO NORTE.

A África, segundo as teorias modernas, sofreu também a influência dos grandes movimentos da crosta terrestre que determinaram a formação dos outros continentes. Assim, pela teoria de Wegener, a África e a América do Sul estiveram outrora ligadas entre si. Pela teoria de E. Argand, sobre o famoso continente de Gondvana (1), ela estava ligada à América, Ásia e Austrália. Não discutimos aqui a plausibilidade dessas hipóteses, mas notamos que a África ficou sempre mais ou menos dependente, em certos lugares, dos continentes vizinhos. Devemos sempre levar em conta, ao estudarmos a África, as duas margens do Mediterrâneo e do Mar Vermelho, assim como os litorais oeste e leste (2), porque à primeira vista poderíamos pensar que a África, presa apenas por Suez à Ásia, deveria ter uma individualidade própria e uma vida à margem do mundo mediterrâneo, como querem certos autores (3).

Olhando para um planisfério, observamos imediatamente que a África ocupa nele um lugar considerável, que é maciça, mas não homogênea. Aqui intervem um fator importantíssimo — o clima — que determina nitidamente as zonas históricas, influenciando poderosamente na vegetação e na fauna (4).

Entre essas zonas históricas, destacamos a África do Norte que compreende as regiões de Marrocos, Argélia e Tunísia, e que possui, uma unidade geográfica devida ao sistema montanhoso do Atlas, uma unidade étnica oriunda do povoamento bérbere, mas que, desde

(1). — MARTONNE, *Traité de géographie physique*, II, 836.

(2). — HARDY, *Vue générale de l'histoire d'Afrique*, p. VII; BERNARD, *Afrique septentrionale et occidentale*, I, 1.

(3). — HARDY, *op. cit.*, p. VII.

(4). — *Ibidem*, p. XIII.

a mais remota Antiguidade, jamais possuiu uma unidade política ou administrativa como, por exemplo, o vale do Nilo ou as enormes planícies da Mesopotâmia. Em consequência, essa zona jamais teve um nome próprio que a designasse inteiramente (5).

A África do Norte era chamada pelos gregos de *Libia*, nome derivado duma tribo — os *Λίβυες* (*Libyes*) — que vivia entre os golfos das Sirtes e o Nilo, sendo que êsse nome designava também o conjunto ou parte dos indígenas da região. É um termo de origem africana, pois documentos egípcios anteriores ao I milênio a.C., mencionam os *rebu* ou os *lebu* (6). Os gregos conheceram indiretamente êsses *lebu* por intermédio do Egito ou diretamente no litoral mediterrâneo, na região que chamaram de *Λιβύη* (*Libye*), nome que já se encontra na *Odisséia* (7). Desde o VI século a.C. o nome de *Libye* foi aplicado pelos geógrafos jônios a todo o continente africano, havendo, entretanto, um desacôrdo entre êles quanto ao limite oriental, pois alguns queriam que fôsse o Nilo, outros o istmo de Suez e o Mar Vermelho, outros ainda a fronteira ocidental do Egito (8).

O nome de *Líbia* era usado ainda pelos gregos para designar a parte habitada pelos brancos, em

(5). — GSELL, *Histoire ancienne de l'Afrique du Nord*, I, 28-29; JULIEN, *Histoire de l'Afrique du Nord*, 1; GAUTIER, *Le passé de l'Afrique du Nord*, 7; BERNARD, *Le Maroc*, 1.

(6). — JULIEN, *op. cit.*, 2; BATES, *The Eastern Libyans*, 212; GSELL, *Hérodote*, 70. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, V, 103. É verdade também que certos autores (como Varrão) sustentam a hipótese de que a palavra *Libia* deriva de *Libs*, nome dado pelos gregos ao vento quente vindo do sul (África) (Apud *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, I, 525). Mas não achamos essa hipótese razoável, porque êsse nome parece oriundo de populações mencionadas muito antes dos gregos terem conhecimento da existência da África.

(7). — Homero, *Odisséia*, IV, 85; XIV, 295, trad. de Victor Bérard, I, 80, e II, 184.

(8). — GSELL, *H. a. A. N.*, V, 103.

oposição ao *Saará*, região dos *etíopes* (negros), como bem se pode ver pelo mapa de Heródoto (fig. 4) (9). Os hebreus e cartagineses também empregaram uma designação análoga ao termo *Líbia*, o que contribuiu para propagá-lo (10).

A palavra *Africa* tem origens obscuras. Talvez os romanos a tenham tirado do púnico (*colônia* ou *região dos frutos*) ou do bérbere (do nome da tribo *Auraghen?*). Esse vocábulo foi aplicado por eles a uma província que corresponde ao nordeste da Tunísia atual. Assim, em 146 a.C., após a queda de Cartago, uma comissão do Senado Romano, — juntamente com Cipião Emiliano — em virtude duma lei, foi ao território ocupado pelos cartagineses até 149 a.C. e incorporou-o ao estado romano como uma província: *Provincia Africa*, às vêves também chamada somente *Africa* (11).

Nesse território os romanos distinguiam os *afri* dos *poeni* (12); os primeiros eram os *Λίβυες* (*Libyes*) dos gregos, isto é, os indígenas, diferentes, portanto, dos cartagineses.

Os historiadores antigos, não podendo explicar a origem do termo *Africa*, inventaram um herói lendário: *Afer*, filho do Hércules líbio (13). Os modernos propuseram diversas etimologias para o vocábulo *afer* (bérbere, semita, etc.), mas nenhuma satisfaz. É melhor confessar, como Gsell (14), a nossa completa ignorância sobre esse assunto.

O nome *Africa* tem uma história interessante, pois, como vimos, inicialmente indicava apenas pequena parte da Tunísia, passando posteriormente a designar toda a África do Norte e, finalmente, como outrora a palavra *Líbia*, acabou tornando-se a denominação de to-

(9). — JULIEN, *op. cit.*, 1.

(10). — *Ibidem*.

(11). — *Ibidem*, 1; BERTHELOT, *op. cit.*, 100; HARDY, *op. cit.*, p. VII; GAUTIER, *P. A. N.*, 125-126; GSELL, *H. a. A. N.*, VII, 1-5.

(12). — Tito-Lívio, XXIII, 29,4 e 10; XXVIII, 14, 19. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, VII, 3.

(13). — Solino, XXIV, 2; Alexandre Polihistor, apud Flávio Josefo, *Ant. Jud.*, I, 15, 241. Cf. GSELL, *H. a. A. N.*, VII, 4.

(14). — GSELL, *H. a. A. N.*, VII, 5.

do o continente. Este último vocábulo, inversamente, foi tendo um sentido cada vez mais restrito, acabando nos nossos dias, por designar apenas as colônias italianas da Tripolitânia e Cirenáica.

A África do Norte é também conhecida pelo nome de Berbéria, ao nosso ver o mais apropriado, pois indica a região habitada pelos bérberes que formam a maioria da população. Esse vocábulo é derivado do grego *Βάρβαρος* (*Barbaros*) através do latim *barbarus*, com a significação de *homem que balbucia*, o estrangeiro. Os árabes fizeram dessa palavra o termo: *brâber*, *berâber* (no singular *berber*, *berberi*) que passou para a nossa língua (15). Essa é a etimologia mais aceita; outros autores dela divergem, como Fr. João de Souza que diz serem os vocábulos *berberes-barbar*, designando os habitantes da Berbéria, derivados de *barron* (o campo, o deserto, etc.) (16).

E' interessante notarmos também que os árabes, como os romanos, designavam parte da Tunisia pelo nome de *Efriquia*, talvez derivado do vocábulo latino *Africa* (17). A outra parte da África do Norte teve o nome expressivo de *Magrebe* (*Djezira el-Maghreb*, a ilha do ocidente) (18), que corresponde de fato a uma ilha, pois trata-se dum maciço montanhoso, isolado pela água ao norte e pelo Saará ao sul, sendo mais acessível pelo Mediterrâneo (19). Essa estrutura influi poderosamente nas diversas populações, pois aí a civilização e a barbárie vivem lado a lado: uma, nas planícies e nos planaltos férteis; a outra, nas regiões desoladas das estepes e da montanha,

(15). — BERNARD, *A. S. O.*, I, 70; JULIEN, *op. cit.*, 2; GSELL, *H. a. A. N.*, V, 112-115; BERNARD, *Le Maroc*, 62; NASCENTES (Antenor), *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 107.

(16). — SOUZA, *Vestigios da Língua arábica em Portugal ou Lexicon Etymologico das Palavras e Nomes Portugueses, que tem origem arábica*, 99.

(17). — DIAS, *Árabes e muçulmanos*, I, 184; GAUTIER, *P. A. N.*, 126.

(18). — A região mais ocidental de Marrocos recebeu o nome de *Maghreb el-Aqça*. Apud JULIEN, *op. cit.*, 1; DIAS, *op. cit.*, I, 183.

(19). — GAUTIER, *P. A. N.*, 9; BERNARD, *Le Maroc*, 2.

sempre aguardando a oportunidade para a pilhagem. Essa oposição impediu a formação duma nação bérbere, senhora de seus destinos. E quando a conquista estrangeira impôs à África do Norte uma aparência de unidade, não conseguiu fundir, numa harmonia durável, elementos assim tão díspares (20).

Tem-se observado muitas vêzes no Magrebe uma particularidade de grandes conseqüências: não há aí um centro, em torno do qual as diferentes partes possam naturalmente se agrupar. E' interessante notar que o Magrebe cultivável — portanto sedentário — tem a mais estranha disposição, pois é uma imensa faixa de 3.000 quilômetros de comprimento por 150 de largura. É evidente que êsse fato não podia deixar de influir na sua História. Atribui-se-lhe muitas vêzes, e com razão, a incapacidade de unidade política (21). Essa longa faixa de terra costeira é suficientemente irrigada pelas chuvas trazidas pelos ventos de oeste. Há aí excelentes terras, sobretudo os famosos solos negros (*tirs*) (22). E' uma região desprovida de árvores, — principalmente Marrocos — e portanto, propicia à cultura intensiva de cereais, assim como às pastagens. Mas as fontes são muito raras e deve-se, não só abrir poços profundos para obter água potável, mas também construir reservatórios, como bem o provam as ruínas da hidráulica romana: poços, cisternas, aquedutos, etc. (23).

Se é verdade que o Magrebe nunca chegou à unidade política, devemos notar também que todos os reinos bérberes apresentam uma particularidade curiosa: apenas constituídos, estendem-se dum extremo ao outro dessa longa faixa. No Magrebe a unidade política parece de muito fácil realização, pois é feita em poucos anos, mas não se mantém. O Estado é, no Magrebe, segundo a pitoresca expressão de Gautier (24):

(20). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 29.

(21). — GAUTIER, *P. A. N.*, 11.

(22). — BERNARD, *A. S. O.*, I, 56.

(23). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 4; BERNARD, *Le Maroc*, 20.

(24). — GAUTIER, *P. A. N.*, 11-12.

“cogumelo que cresce numa noite e murcha numa madrugada (númidas, fatímidas, almóadas, etc.)”.

Os seus senhores jamais conseguiram impor seu domínio. Cartago reprimiu várias revoltas de seus súditos e a *pax romana* foi inúmeras vêzes perturbada pelas revoltas indígenas (Tacfarinates, Firmo, os *circumcelliones*, Gildão, etc.). Esse Magrebe, incapaz de unir tôdas as suas fôrças e fundar um império, deu mais que recebeu, pois foram os guerreiros bérberes que conquistaram a Espanha para Cartago e para o Islão, como foram os grandes escritores latinos da África (Tertuliano, São Cipriano, Optato, Arnóbio, Santo Agostinho, etc.) que auxiliaram poderosamente o triunfo duma religião, que alguns séculos depois, desapareceria de sua pátria (25).

A África do Norte, também chamada por vários geógrafos de África Menor, por analogia com a Ásia Menor, é muito pouco africana, como bem disse Gsell (26). Até a própria vegetação tem um aspecto essencialmente mediterrâneo e apresenta as maiores semelhanças com a da Ibéria ou da Itália. Atualmente a flora é quase tôda importada (oliveira; aloés; cactos da América; laranjeiras, tangerinas da China; eucalptos da Austrália, etc.) (27). Ao sul ela é isolada do centro do continente por um imenso deserto existente há séculos, e até com uma população diferente, como veremos mais adiante (27-a).

Do lado do Oriente, vislumbramos relações antiquíssimas entre a Berbéria e o nordeste da África. Como veremos, as línguas parecem ter uma origem comum, assim como as semelhanças físicas entre os habitantes fazem supor um parentesco mais ou menos estreito. Mas não é só. No II milênio, uma divindade

(25). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 28-29 e 39.

(26). — *Ibidem*, I, 30.

(27). — BERNARD, *A. S. O.*, I, 12 e 18-19; GAUTIER, *P. A. N.*, 9-10.

(27-a). — Cf. *infra*, pp. 72-77.

egípcia era adorada no sudoeste da Argélia (28). Na época histórica, as relações por terra entre o nordeste e o noroeste da África são menos importantes, pois, como mostraremos mais adiante, os desertos que bordejam a Grande Sirte já estavam mais acentuados e separavam a Cirenaica grega da África cartaginesa, depois latina.

A Berbéria pertence pois, mais ao Mediterrâneo ocidental que à África. Foi com as duas penínsulas europeias (Ibéria e Itália), que avançam para ela, que teve relações mais numerosas e mais fecundas. Colocavam-na Europa (*sic*) certos escritores antigos, como: Salústio (29), Santo Agostinho (30), Orósio (31) e Lucano (32).

Em resumo, pelo seu clima, estrutura física, flora e, numa certa medida, pela sua fauna, a África do Norte liga-se ao sul da Europa. A sua maior semelhança é com a Ibéria, principalmente em virtude das terras altas (*mesetas*) que ocupam a maior parte das duas regiões; das planícies baixas que se estendem nas vizinhanças do litoral ao pé de montanhas escarpadas; e do regime e disposição dos rios, torrentes no inverno, fossos na maioria das vezes secos no verão. Esses rios rasgam dificilmente uma passagem para o mar, sendo mais sulcos que vias de acesso (33).

(28). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 31.

(29). — *Jugurta*, XVII, 3. “*In divisione orbis terrae plerique in parte tertia Africam, posuere pauci tantummodo Asiam et Europam esse, sede Africam in Europa.*” Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 31, n. 2.

(30). — *Civ. Dei*, XVI, 17. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 31.

(31). — *Historiae adversus Paganos*, I, 2, 1 e 85. Cf. BERGER, *Geschichte der wissenschaftlichen Erdkunde der Griechen*, 2.^a edição, p. 78, n. 1 Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 31.

(32). — *Farsália*, IX, 411-413. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 31, n. 3:
“*Tertia pars rerum, si credere famae.
Cuncta velis; si ventos caelumque sequaris,
Pars erit Europae.*”

(33). — BERNARD e FICHEUR, *Annales de Géographie*, XI, 1902, p. 222; JOLY, in “*Bul. de la Société de géographie d’Alger*”, XII, 1907, p. 203 e segs. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 31-32.

Essa parte alta, essa meseta, o nosso Magrebe, constituiu um vasto quadrilátero limitado pelas águas do Oceano, pelo Mediterrâneo e pelas areias do Saará. Se nas idades pré-históricas suas populações puderam comunicar-se com a Europa por pontos que uniam, talvez, ainda os dois continentes, e com a África central por um deserto menos hostil, seu isolamento insular, nos tempos históricos, se tornou mais completo e mais brutal. A pequena penetração de influências exteriores permitiu aos costumes locais resistirem ao assalto dos séculos. Tanto é assim, que no Magrebe a idade da pedra se prolongou por muito mais tempo que na Europa e mesmo muitos dólmenes são construídos com pedras que têm inscrições romanas (34).

A Berbéria é, pois, uma espécie de fachada em relação à África propriamente dita; todos os seus característicos a ligam à Europa meridional. E podemos mesmo dizer, como Augustin Bernard (35), que a África do Norte — principalmente Marrocos — é africana pelo sul, européia pelo norte, e que essa oposição teve enormes repercussões na geografia humana da região.

B). — GIBRALTAR E A LIGAÇÃO IBERO-AFRICANA.

A África do Norte foi outrora unida à Europa, pois o Estreito de Gibraltar data apenas do início do período pliocênico (36). É verdade que anteriormente o Mediterrâneo e o Oceano Atlântico comunicavam-se entre si por estreitos, um ao norte da Cordilheira Bética (o norte-bético) e o outro ao sul do Rife (o sul-rifenho) (37). Por outro lado, Marcelin Boule (38) indaga se no período pliocênico não teria existido uma comunica-

(34). — JULIEN, *op. cit.*, 2; GAUTIER, *P. A. N.*, 9.

(35). — BERNARD, *A. S. O.*, I, 33.

(36). — GENTIL, segundo SEGONZAG, *Au coeur de l'Atlas*, p. 707 e segs. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 31, nota 1.

(37). — GENTIL, *Le Maroc physique*, 93 e segs. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 32; SORRE, SION e CHATAIGNEAU, *Méditerranée. Péninsules méditerranéennes*, I, 10-11.

(38). — In "*Anthropologie*", XVII, 1906, p. 283-284. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 32, nota 1.

ção terrestre, ao oeste do Estreito, entre Marrocos e a Península Ibérica, o que achamos bem razoável.

Essa abertura de Gibraltar no pliocênico, segundo Bernard (39), foi contemporânea do aluimento de porções dos arcos alpinos, assim como a formação do atual Mediterrâneo durou até o quaternário. Nessas condições, a Berbéria é um membro estranho à África, tardiamente separado da Europa, tardiamente unido ao continente do qual faz parte atualmente.

E' certo, também, que o Estreito constituiu mais uma ponte que um fôssco entre a África e a Europa e reúne duas regiões tão francamente aparentadas, que o conquistador Tárique, conduzindo os bérberes à Andaluzia e depois, em sentido inverso, os espanhóis, tentando prolongar pela conquista de Marrocos a libertação de seu território, limitaram-se simplesmente como que a obedecer à indicação da natureza (40).

Na sua forma atual, o Mediterrâneo ocidental não é um obstáculo intransponível, mesmo para os primitivos habitantes da África do Norte que só dispunham de meios de navegação muito rudimentares.

Observamos também que o Estreito de Gibraltar é extremamente apertado, pois tem apenas 16 quilômetros de largura (exatamente 13.890 metros na parte mais estreita e 16.050 na mais larga) e 400 metros de profundidade (41). Tissot (42) pensa que êle se alargou depois dos tempos históricos, baseado nos escritores antigos, como Estrabão (43), que indica uma largura de 60 a 70 estádios (11.100 a 12.950 metros), ou baseado em Plínio (44) que dá ainda cifras inferiores

(39). — BERNARD, A. S. O., I, 3.

(40). — HARDY, *op. cit.*, IX.

(41). — SORRE, SION e CHATAIGNEAU, *op. cit.*, I, 10-11.

(42). — TISSOT, *Mémoires présentés à l'Académie des Inscriptions*, IX, 1878, p. 173 e segs. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 32, n. 3.

(43). — Estrabão, II, 5, 19; XVII, 3, 6. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 32, n.3.

(44). — *História Natural*, III, 3 e 4. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 32, n. 3.

às atuais. Talvez tenha havido êrro no cálculo de distância apresentado por êsses escritores, porque os dados são diferentes e não coincidem.

A Ibéria, pela sua estrutura maciça, pelo seu clima e pelo seu aspecto geográfico, tem já qualquer coisa de africano. E a Berbéria, pelo seu relêvo, pelo seu clima, seus habitantes, liga-se à Europa meridional e faz parte dos países mediterrâneos (45). Por isso mesmo, essas afinidades físicas e humanas da África do Norte com as regiões que lhe são tão vizinhas, deviam necessariamente criar civilizações e domínios comuns. Assim, por exemplo, Cartago reinou na Ibéria e numa parte das ilhas do Mediterrâneo ocidental, como sôbre a Tunísia e litoral da Argélia e Marrocos. Como o púnico, outros povos fizeram o mesmo. Isso vem justificar sobejamente a semelhança física e cultural ibero-africana.

C). — MARROCOS.

Das três regiões que compõem a Berbéria, Marrocos (46) é, seguramente, a mais individualizada, apesar de não ter sido separada nitidamente das outras duas e também do Saará e Sudão, pela História e pela Geografia. Mas Marrocos está também muito mais perto da Europa e em contacto muito mais fácil com o Saará, — ao qual a vizinhança do Atlântico e a grande altitude do Alto-Atlas retardam a aparição e atenuam o rigor — que a Argélia e a Tunísia. O caráter semi-europeu e semi-africano da Berbéria é aí mais visível que nas outras regiões. Assim, se Melilha é uma ci-

(45). — BERNARD, *A S. O.*, I, 29 e 32.

(46). — *Merakach* em lingua indigena (BOUILLET, *Dictionnaire Universel d'Histoire et de Géographie*, p. 1178). A palavra *Marrocos* deve ser, pois, corrupção do nome da cidade de Marraqueche, fundada em 1072 pelos almorávidas. Por aí se vê que a palavra é relativamente moderna, mas devemos levar em conta a existência do vocábulo *mouro* desde a mais alta Antiguidade, como veremos mais adiante. Vide também DIAS, *op. cit.*, II, 82.

dade espanhola, Marraqueche é uma cidade sudanesa (47).

Do ponto de vista da geografia física, Marrocos pode ser definido como a vertente ocidental ou atlântica da Berbéria. Sua dupla fachada marítima lhe proporciona vantagens bem grandes e suas vastas planícies próximas do litoral atlântico são muito mais férteis que as da Tunísia. Os maciços montanhosos são mais elevados que os da Argélia e Tunísia, tendo neves mais abundantes, que alimentam os rios durante a estação da seca e lhe dão uma importância superior à dos *uadis* das outras duas regiões (48).

A disposição do relêvo de Marrocos tende a isolá-lo completamente. Ao sul, existe a grande barreira do Alto-Atlas; ao norte, os maciços do litoral; a leste o Muluia (49) que, no seu curso inferior, marcou durante séculos o limite dos reinos indígenas, depois o de províncias romanas. O Médio-Atlas levanta-se como uma verdadeira muralha e separa Marrocos da Argélia, o que explica o contacto tardio e difícil entre as duas regiões. Entretanto, entre os maciços do litoral e o Atlas abre-se um corredor cuja importância física e política é de primeira ordem e que conduz, sem muitos

(47). — BERNARD, A. S. O., I, 116; CHAVREBIÈRE, *Histoire du Maroc*, 9.

(48). — BERNARD, A. S. O., I, 116.

(49). — O rio Muluia serviu de fronteira entre os dois reinos da Mauritânia e da Numídia durante o II século a.C., no tempo de Micipsa e Jugurta (Salústio, *Jug.* CX, 8; XIX, 7; XCII, 5). Estrabão (XVII, 3, 6 e 9), baseado em Artemidoro (cêrca de 110 a.C.) ou em Posidônio (um pouco mais tarde) cita o Muluia (Μολοχάθ - Molochath) como limite entre os mouros e os massesilos. Serviu também de fronteira aos reinos de Masinissa e de seus sucessores. Foi ainda fronteira no I século a.C. entre os estados de Boco e Bogude. Depois de 42, e durante séculos, foi o limite das duas províncias romanas da Mauritânia Cesariana e Tingitana (Apud GSELL, *H. a.A.N.*, V, 91-92). Nos textos, êsse rio figura também com os seguintes nomes: *Molochath* (Estrabão e Ptolemeu); *Mulucha* (Pompônio Mela e Plínio); *Malvane* (Plínio); *Μαλούα* (*Maloua*) (Ptolemeu); *Malva* (Itinerário do Geógrafo de Ravena) (Apud ROGET, *Le Maroc chez les auteurs anciens*, 49).

obstáculos, de Tlemcen a Fez e ao Atlântico por Udjda e Taza (vide fig. 11); é a grande via das invasões e do comércio, a continuação das estradas de penetração que atravessam atualmente tôda a Berbéria de leste a oeste (50). Esse desfiladeiro de Taza, essa depressão, foi outrora o estreito sul-rifenho (51) que existiu no período miocênico, como o demonstrou Gentil. Ainda hoje é por um afluente da margem direita do Muluia que se chega, por Taza, a um afluente do *uadi* Sebu que se dirige para o Oceano. Foi provavelmente por essa via natural que passou a fronteira militar dos romanos na Mauritânia Tingitana durante certo tempo (52).

O relêvo de Marrocos ocidental é tão semelhante ao da Ibéria que Théobald Fischer (53) chegou a dizer que se poderia, dobrando uma carta geográfica, colocar Marrocos na Espanha, servindo o Estreito de Gibraltar de charneira e, assim, o Rife ficaria justamente superposto à Cordilheira Bética. Marrocos parece dar as costas à Argélia e se lançar nos braços da Ibéria. Se atentarmos na geografia de Marrocos, sob o ponto de vista das terras que o cercam, notaremos que sua História reflete as condições geográficas que o deixaram durante muito tempo quase isento de tôda a influência civilizadora estrangeira. Assim, êle foi menos fenicizado, menos romanizado, menos arabizado que a Argélia e a Tunísia. Não conheceu o domínio turco e foi o berço de dois impérios bérberes que tiveram tanta influência na História, principalmente na da Ibéria: o dos almorávidas e o dos almóadas (54).

Os maciços montanhosos de Marrocos deram asilo a grupos bérberes mais desprovidos de contacto com o resto do mundo que os da Argélia e Tunísia; enquanto estas duas últimas regiões foram mais absorvidas pelas regiões vizinhas, os bérberes de Marrocos permaceram mais selvagens e inacessíveis às influências do exterior (55).

(50). — BERNARD, A. S. O., I, 116-117.

(51). — Cf. *supra*, pp. 20-21.

(52). — GSELL, H. a. A. N., I, 3.

(53). — Apud JULIEN, *op. cit.*, 5.

(54). — BERNARD, A. S. O., I, 117.

(55). — *Ibidem*, I, 118; DIAS, *op. cit.*, I, 185.

Vejamos agora as causas geográficas dêsse fenômeno: o Rife, o Alto-Atlas, a meseta marroquina, o litoral mediterrâneo e atlântico, e os limites com o Saará.

O Rife é ainda mal conhecido. Estende-se ao norte de Marrocos, opondo ao Mediterrâneo uma frente escarpada. No interior, paralelamente ao litoral, sucedem-se, a pequenos intervalos, dobras do terreno; na parte noroeste elas se recurvam para o norte, constituindo, com as montanhas da Espanha meridional, um grande hemicíclo que o fôssô de Gíbaltrar cortou bruscamente e que marca a borda dum maciço antigo submerso no Mediterrâneo. A disposição do relêvo impede a formação de cursos d'água importantes. Mas graças à vizinhança do mar e à existência de elevadas montanhas, as chuvas são abundantes; os vales curtos e estreitos que sulcam essa região atormentada e de acesso difícil, se prestam à arboricultura, à pecuária e, em certos lugares, à cultura de cereais, podendo, mesmo, alimentar uma população mais ou menos densa, capaz de defender sua independência (56).

O Alto-Atlas é a espinha dorsal do resto de Marrocos. Essa cadeia começa no cabo Guir e, dirigindo-se do sudoeste para nordeste, forma uma enorme muralha compacta, cujos cumes atingem 4.500 metros de altitude e onde as passagens são elevadas e difíceis. É somente no sul do alto vale do Muluia que ela se abaixa e se divide, abrindo passagens que permitem atingir, sem esforço, os oásis saarianos do *uadi Ziz* e do *uadi Guir*. Sobre uma grande parte de seu percurso, o Alto-Atlas é flanqueado ao noroeste pelas dobras paralelas do Médio-Atlas, ao sudoeste pela cadeia do Anti-Atlas, ligada ao Alto-Atlas pelo enorme vulcão extinto do Sirua (57).

Ao norte e ao noroeste do Alto e Médio-Atlas estende-se, a partir do litoral, uma região de forma tabular que se costuma chamar de planalto sub-atlântico, ou meseta marroquina, porque apresenta a mesma estrutura que a meseta ibérica, o planalto central da Espanha (58).

(56). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 2.

(57). — *Ibidem*, I, 3.

(58). — *Ibidem*, I, 3-4.

As altas cadeias que enquadram Marrocos do lado do Saará não impediram que certas influências conseguissem transpô-las. O Saará ocidental é um pouco menos estéril e mais fácil de ser atravessado que o Saará central. Ele foi transposto não só por bandos que exerciam a rapina, mas também por pacíficos comerciantes. Por efêmera que tenha sido a conquista de Tombuctú pelos marroquinos (1672-1795), é ela um indício dessa penetração vinda do norte. Esse movimento também teve sentido inverso, pois foi do Saará que saíram os almorávidas, êsses bérberes velados vindos das margens do Senegal. E a principal mercadoria do comércio transaariano foi o escravo, que circulava ainda no fim do século XIX pelas vias que partiam do Sudão e chegavam a Mogador e daí seguiam para Marraqueche e Fez (59).

A costa mediterrânea, que está em face da Espanha, não desempenhou até os nossos dias grande papel na vida politica e econômica de Marrocos, pelo menos na parte da costa compreendida entre o Muluia e o Estreito de Gibraltar. Essa praia abrupta e inóspita serviu de abrigo aos últimos piratas barbarescos (60). Mas com o estreito abre-se a comunicação entre o Atlântico e o Mediterrâneo e o valor dessa passagem já tão grande na Antiguidade, foi modernamente ainda aumentado, quando o Mediterrâneo deixou de ser um mar fechado, pela abertura do canal de Suez.

Quanto à costa atlântica, marginada por belas planícies agrícolas, apesar do seu caráter monótono e da ausência quase completa de abrigos naturais, está indicada para desempenhar no futuro um grande papel. O Atlântico é para o mundo moderno o que foi o Mediterrâneo para a Antiguidade: o traço de união das regiões mais civilizadas. Daí o valor mundial de Marrocos, pois está na encruzilhada das rotas marítimas para o nosso continente, principalmente para a América do Sul (61).

Para finalizarmos êste capítulo devemos levar em consideração o fator clima. Em Marrocos o clima é

(59). — BERNARD, *A.S.O*, I, 117.

(60). — *Ibidem*.

(61). — *Ibidem*, I, 1 e 117.

mediterrâneo (62) na costa, com um matiz atlântico na parte oeste. Mas essa influência do Mediterrâneo vai diminuindo pouco a pouco, do norte para o sul, como na Argélia e na Tunísia. As chuvas, que são o elemento essencial, vão diminuindo à medida que nos aproximamos do Saará. Como se vê, à diferenciação em latitude se justapõe uma diferenciação em longitude. Se bem que o aumento progressivo da altitude compense o afastamento da costa, à oposição entre a região marroquina do norte e a do sul se acrescenta o contraste da região marroquina ocidental com a oriental (63).

O clima serve também para demonstrar a semelhança ibero-bérbere, pois certas partes da Ibéria, mercê das condições físicas do solo e da temperatura, pertencem mais à África que à Europa. Sabemos também que o clima chamado português por Martonne (64), é bem semelhante ao clima da região atlântica de Marrocos, o que nos leva a considerar que as duas regiões formam um bloco climático homogêneo. Aí a Europa prolonga-se até a África (65). Isso é bem interessante, porque sabemos que o clima é na África o elemento preponderante. De fato, os quadros e as grandes divisões históricas, no tempo e no espaço, são delimitados pelas zonas climáticas e vegetais. O clima determina até os meios de vida das populações africanas, pois basta vermos a eterna luta do sedentário contra o invasor nômade — que é o fato constante da História da África — para nos convenceremos disso (66).

(62). — *Ibidem*, I, 116; IDEM, *Le Maroc*, 39.

(63). — BERNARD, *A.S.O.*, I, 116.

(64). — MARTONNE, *op. cit.*, I, 268-269.

(65). — PAXECO, *Portugal não é ibérico*, 339.

(66). — HARDY, *op. cit.*, p. XIII; WEULERSEE, *L'Afrique noire*, 16-17.

P A R T E 11

CAPÍTULO II

RELAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS

A). — A FAUNA FÓSSIL DA ÁFRICA DO NORTE.

A Paleontologia presta inúmeros serviços à Pré-história. Nessas condições, achamos necessário dizer alguma coisa sobre a fauna africana que serviu para caracterizar os períodos pré-históricos norte-africanos que vamos estudar.

Pela sua posição vizinha do Trópico de Câncer, a África do Norte escapou quase totalmente à invasão dos glaciares. As grandes perturbações atmosféricas e hidrográficas, oriundas do degelo na Europa, fizeram com que houvesse na parte setentrional do continente africano chuvas diluvianas e, naturalmente, inundações imensas. A esses fenômenos sucedeu um período de seca que perdura ainda até nossos dias.

Na época terciária, o Saará era uma imensa savana de mimóseas, povoada de carnívoros e herbívoros que viviam num clima úmido e quente. Após o período diluviano, a umidade desapareceu, as chuvas fizeram-se raras, o solo tornou-se seco e, séculos após séculos, a savana foi se transformando em estepe. Depois, de estepe em deserto arenoso (*erg*) ou rochoso (*hammada*). Iniciada no fim do pleistoceno — no momento em que a civilização do paleolítico recente desabrocha — essa evolução continua ainda hoje, e dá a essa região o seu aspecto histórico: um deserto semeado de oásis (1).

A fauna da região era composta de bovídeos (*bubalus antiquus*); de equídeos selvagens, camelos, dromedários, girafas, cervos, antílopes, elefantes (*elephas atlanticus* e *elephas africanus*), rinocerontes (*rhinoceros mau-*

(1). — MORET, *Histoire de l'Orient*, I, 7; BERTHELOT, *L'Afrique saharienne et soudanaise*, 110-111; BOULÉ, *Les hommes fossiles*, 381.

ritanicus), hipopótamos (*hippopotamos sirensis*), leões (*felix spelæa*), etc. (2). Essa fauna emigrou para os vales e oásis úmidos ou para as florestas do sul. O Homem a seguiu, como a tinha seguido outrora através do Estreito de Gibraltar e mais além, por ocasião da invasão dos glaciares até o sul da Europa, porque fez dela seu alimento. Sabemos, por outro lado, que os mamíferos selvagens, como o leão e o elefante, não vivem mais ao norte do Saará. Em todo o caso, a sua desaparecimento foi recente, porque aí pululavam ainda há 2000 anos. Mas a falta d'água não é o único fator do desaparecimento desses animais, pois o Homem também os destruiu pelo prazer da caça e para o circo. Na época histórica essa fauna já era uma *fauna residual*, em vias de extinção. O secamento do Saará desde a época quaternária havia isolado esses animais da massa dos seus congêneres, fêras e paquidermes da África equatorial. O elefante do norte do Atlas era menor que o asiático, mas sabemos que o seu antepassado foi maior que seu irmão da Ásia. Essa degenerescência pode ser verificada ainda hoje entre os sáurios e os peixes sobreviventes da fauna tropical, isolada ao norte do grande deserto (3).

B). — A PRÉ-HISTÓRIA DA ÁFRICA DO NORTE.

A Pré-história da África, — como a da Ásia, da América e da Oceânia — não é bem conhecida: está em formação, e ridículo seria emitirmos sôbre ela teorias de absoluta certeza. Mas, encontrando-se em muitos lugares os mesmos instrumentos líticos que na Europa, — onde o estudo da Pré-história está tão adiantado — pensamos não exagerar, usando a classificação aceita por René Gerin (4), levando em conta, é claro, os fácies locais. Assim, elaboramos o seguinte quadro:

(2). — OBERMAIER, *El hombre fósil*, 98-99.

(3). — BERTHELOT, *op. cit.*, 45-46; GAUTIER, *Le Sahara*, 59-70; *Le Mois*, agosto de 1933, pp. 301-308.

(4). — GERIN, *Les hommes avant l'histoire*, 13.

	E U R O P A		FÁCIES DA ÁFRICA DO NORTE	
Paleolítico	inferior ou antigo	{ chelense acheulease		
	médio	{ mustierense	{ aterense esbajquense	
	superior ou recente	{ aurignacense solutrense madalenense	{ capsense inferior capsense superior	{ ibero-maurusense getulense
Mesolítico		{ azilense tardenoisense maglemoisense campignense	{ capsense final	
Neolítico		{ neolítico antigo robenhausense megálitos		
Idade dos metais		{ cobre bronze ferro	{ halstatense "La Tené"	

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Referindo-se nossa tese às relações existentes entre Marrocos e as regiões circunvizinhas, é óbvio que não trataremos da Pré-história em geral, mas sim de tudo o que possa ter interêsse direto com o assunto por nós escolhido. Mas, apesar disso, não podemos nos limitar exclusivamente à Pré-história de Marrocos, porque ela está intimamente entrelaçada com a das outras regiões da Berbéria. A África do Norte constitui uma vasta unidade arqueológica e pré-histórica, um bloco homogêneo, do qual Marrocos não pode ser destacado senão artificialmente, pois, nem a Geografia, nem a Demografia, nem a História justificam essa separação. Sabemos por outro lado que a civilização capsense, célebre pelas estações pré-históricas da Tunísia e Argélia, exerceu, por uma lenta infiltração, grande influência em Marrocos, no Egito, Ibéria, Saará e, reciprocamente, foi

influenciada por essas regiões, como veremos mais adiante (5).

Mas quais foram as relações da Berbéria com a Europa, a Ásia e a África central ou meridional nos tempos pré-históricos? No estado atual dos nossos conhecimentos seria impossível fazer afirmações categóricas. Em todo o caso já conhecemos alguma cousa. É o que vamos ver a seguir.

C). — O PALEOLÍTICO ANTIGO OU INFERIOR.

No paleolítico antigo, tôda a bacia do Mediterrâneo possuía a mesma cultura (6) e a África do Norte dela participava. A prova disso está nas vitrinas dos museus, como muito bem disse Gautier (7), cheias de grosseiros machados manuais (*coups de poings*). Esse fato nos dá a certeza de que o Homem pré-histórico da África do Norte foi contemporâneo da grande perturbação climática da época da glaciação, como já dissemos. Grandes rios abriram então enormes vales na superfície do Saará, do Saará quaternário que era habitável, como o provam as inúmeras estações pré-históricas em pleno deserto atual. Não é só. Mendes Corrêa (8) crê que já no paleolítico inferior a Berbéria mantinha relações étnicas e culturais com a Ibéria ou, pelo menos, com Portugal. Vejamos agora êsses fatos mais pormenorizadamente.

1. — *O chelense e o acheulense (Chelles, Sena e Marne; Saint-Acheul, Somme. Amiens).*

Na Europa, as jazidas chelenses e acheulenses situam-se na França, nos vales do Somme, do Sena e do Marne; na Inglaterra, nas margens do Tâmis, em Gray's

(5). — PRADENNE, *La Préhistoire*, 151; PITTARD, *Les races et l'histoire*, 114; GOURY, *Origine et évolution de l'homme*, 95; CHAVREBIÈRE, *Histoire du Maroc*, 19.

(6). — JULIEN, *Histoire de l'Afrique du Nord*, 41; BOULE, *op. cit.*, 384 e 388.

(7). — GAUTIER, *Le passé de l'Afrique du Nord*, 31.

(8). — MENDES CORRÊA, in "*História de Portugal*", Portucalese Editora, I, 105.

Thurroch (9); e na Espanha, em Torralba, onde, segundo D. Antonio Ballesteros y Beretta (10), havia outrora um lago d'água salitrosa que atraía abundantíssima caça, composta de animais vindos da África, — de acôrdo com dados fornecidos pela Paleontologia. Por outro lado, sabemos também que falta na Europa central o verdadeiro chelense e, em vista disso, somos obrigados a procurar alhures a sua origem (11). Ora, é precisamente na região do Vaal que se descobriram espécimes chelenses em terrenos mais antigos. Poderíamos, pois, sustentar a hipótese de que a civilização chelense originou-se na África meridional, espalhando-se posteriormente pela Europa e Ásia. Mas, uma expedição que estudou de 1928 a 1930 as estações do Estado Livre do Orange, — sem dúvida uma das mais ricas regiões do mundo em vestígios pré-históricos — concluiu que o centro da propagação do chelense não deve ser procurado na África austral, mas sim nos limites meridionais do Saará (12). O certo é que na África essa indústria lítica é encontrada com grande abundância. O Homem do chelense teria, pois, chegado à Europa, provavelmente pelas pontes terrestres que ligavam então os dois continentes, ao mesmo tempo que a fauna dos elefantes, rinocerontes e hipopótamos (13).

Quanto à África em geral, o problema é simples, como acabamos de ver. Mas o caso da África do Norte é um pouco diferente. Na Tunísia, perto de Gafsa foram encontrados instrumentos chelenses, acheulenses e mustierenses, isolados ou misturados. Jacques de Morgan e Pallary concluíram, pela disposição das camadas do terreno, que essas três indústrias estão indissolúvelmente ligadas entre si e que formam a primeira grande fase da era paleolítica da Berbéria. Concluíram também que, a

(9). — GOURY, *O. E. H.*, 79.

(10). — BALLESTEROS, *Historia de España*, 1, 14.

(11). — OBERMAIER, *op. cit.*, 227-228.

(12). — JULIEN, *op. cit.*, 26.

(13). — SIRET, *Notes paléolithiques marocaines*, in "*Anthropologie*", 1925, I; CAPITAN, *L'Homme quartenaire ancien dans le centre de l'Afrique*, in "*Revue Anthropologique*", 1911, p. 219. Apud GOURY, *O. E. H.*, 81-82.

despeito das analogias de técnica, não se pode estabelecer um sincronismo rigoroso entre o paleolítico inferior do Magrebe e o da Europa, concordando, entretanto, que é possível mostrar a existência de relações entre os dois e que a mesma cronologia pode, com reservas, ser aplicada a ambos. A razão dessa anomalia parece-nos estar na lentidão com que a cultura pré-histórica se expandia, mormente em se tratando duma região montanhosa em que as comunicações, mesmo modernamente, não são fáceis (14).

D). — O PALEOLÍTICO MÉDIO.

1). — *O mustierense (Moustier, Dordogne).*

Tem-se encontrado em algumas estações pré-históricas de superfície (em *Fedj-el-Botna*, perto de Constantina; na gruta de *Ali-Bachá*, perto de Bujia, etc.) uma indústria de pedras lascadas com pontas e raspadores do tipo mustierense clássico (15). O mustierense francês parece ter vindo também da África, através da Espanha, pois encontramos aí, ao lado da fauna dos últimos animais de clima quente, que procuravam refúgio em virtude da marcha das geleiras para o sul da Europa, traços evidentes de influência africana (16).

2. — *O aterense (Bir-el-Ater. Região dos nememcha. Sudeste do departamento de Constantina).*

No *uadi Djebana*, perto de *Bir-el-Ater* e no aduar *Ducane*, ao sul de *Tebessa*, *Reygasse* (17) descobriu es-

(14). — JULIEN, *op. cit.*, 34.

(15). — PRADENNE, *op. cit.*, 152.

(16). — GOURY, *O. E. H.*, 95; REYGASSE, *Études de paleolithique maghrebine*, in "*Anthropologie*", 1916, p. 351. Apud GOURY, *O. E. H.*, 124.

(17). — Grande estudioso e pesquisador. Divide com Pallary, Doumergue e Debruge as honras de ter renovado ultimamente — graças às suas célebres escavações — tôda a Pré-história da África do Norte. Entre suas obras destacamos as seguintes: *Études de palethnolo-*

tações pré-históricas com tôdas as variedades do instrumental mustierense: raspadores, lâminas espessas retocadas, discos, etc., mas com pontas de lanças retocadas, que foram evidentemente encabadas (18). O que chama, porém, verdadeiramente a atenção nessas estações pré-históricas é o caráter evoluído da indústria restante, em que se notam verdadeiros tipos precursores do aurrignacense europeu, como raspadores em forma de quilha de navio, buris poliédricos, utensílios retocados, etc. (19).

O aterense foi assinalado em todo o norte da África, na Itália e na Península Ibérica. Embora não tenha aparecido a ponta típica do aterense, encontrou-se em algumas jazidas nos arredores de Madri, no Manzanares, uma indústria semelhante, com grandes influências africanas e que, por isso, recebeu o nome de *mustierense ibero-mauritânico*, dado por Perez de Barradas e Obermaier (20). O aterense também expandiu-se para leste, pois é encontrado no Egito e aí aparece como mustierense final (21).

gie maghrebine, in "L'Anthropologie", 1916, pp. 351-369; *Études de palethnologie maghrebine (Nouvelle série)*, in "Recueil des notices et mémoires de la Société archéologique du département de Constantine", 1921, pp. 513-570; *Études de palethnologie maghrebine (2.a série)*, in "Recueil des notices et mémoires de la Société archéologique du département de Constantine", 1922, pp. 159-204; *Note au sujet de deux civilisations préhistoriques africaines*, in "Association française pour l'avancement des Sciences", 1921, p. 467; *Observations sur les techniques paléolithiques du Nord Africain*, Constantina, 1920; *Observations sur les rondelles perforées en oeuf d'autruche*, in "Revue de la Société préhistorique de France", 1920, p. 222; em colaboração com LATAPIE, *Note sur les escargotières de Tébessa*, in "Bulletin de la Société préhistorique française", 1912, p. 166.

(18). — JULIEN, *op. cit.*, 37.

(19). — OBERMAIER, *op. cit.*, 100-101.

(20). — *Ibidem*, 100-101 e 226-227; JULIEN, *op. cit.*, 38; GOURY, *O. E. H.*, 124-125; CARDOZO, *Citânia de Briteiros*, 19.

(21). — PRADENNE, *op. cit.*, 141 e 152.

3. — *O esbaidquense (Bir S'baikia, no Djebel Dremmin. Argélia).*

Reygasse descobriu também no sul do departamento de Constantina, em *Bir S'baikia*, uma estação pré-histórica contendo silices bifaces de tipos variados, do acheulense mais usual até às pontas elegantes em forma de fôlhas pequenas e delgadas, semelhantes às fôlhas bifaces do solutrense e de certos fácies neolíticos (22). Essa indústria, evidentemente mustierense pelo tipo, expandiu-se por tôda a África do Norte, pelo Egito, Somália e principalmente pelo vale do Manzanares, perto de Madri, onde Perez de Barradas e Wernet reconheceram infiltrações esbaidquenses numa camada mustierense, mormente nas estações de *Las Delicias, El Sotillo, La Parra, Huerto de Don Andrés* (23). Também êste fácies toma às vèzes o nome de mustierense ibero-mauritânico como o aterense.

Quanto ao Homem mustierense, — o Homem de Neanderthal — sabemos que existiu em certas partes da Europa, onde encontramos seus restos em inúmeros locais, como em Bañolas e Forbes-Quarry (24). Marcellin Boule afirma que êle desapareceu da Europa em virtude do último período de glaciação. Essa raça foi extremamente difundida, pois dela encontramos vestígios, não sòmente na Europa, como também na Anatólia, na Síria e em tôda a África (25). Certos autores afirmam até que o homem de Neanderthal sobrevive evoluído na África meridional (os bosquimanos).

E). — O PALEOLÍTICO RECENTE OU SUPERIOR.

1. — *O capsense (Gafsa, a Capsa romana).*

Como mostramos, o paleolítico inferior se estendeu, *grosso-modo*, por todo o globo, porém o mesmo não

(22). — *Ibidem*, 153.

(23). — JULIEN, *op. cit.*, 36-37; CARDOZO, *op. cit.*, 19.

(24). — MENDES CORRÊA, *Raça e nacionalidade*, 40.

(25). — JULIEN, *op. cit.*, 28.

aconteceu ao paleolítico superior que parece ter sido uma civilização mediterrâneo-européia. O começo dessa nova civilização teria sido o resultado da invasão dos povos aurignacenses que sobrepujaram na Europa a raça de Neanderthal. Alguns escritores colocam o centro de formação d'esses aurignacenses na região mediterrânea. É uma hipótese bem sugestiva, mas ainda não provada. Parece que o aurignacense teve dois focos: a Europa oriental e ocidental, — inclusive parte da Ibéria — e o norte da África, com a chamada civilização capsense (26).

Numa região correspondente à antiga Getúlia, ao sul do departamento de Constantina, desde as altas planícies de Setife até os Montes Gafsa, encontram-se pequenas colinas de 3 a 4 metros de altura por 150 mais ou menos de comprimento, compostas, na sua maioria, de cinzas e detritos de conchas de caracóis (*helix aspera*, *helix melanostoma*, *helix constantina*, *helix alba candidissima*), de onde provém o t'ermo francês *escargotière* (27), tão conhecido em Pré-história, com a mesma significação do vocábulo português *concheiro* e do nosso *sambaqui*. Essas colinas contêm uma indústria lítica que recebeu primeiramente o nome de *getulense* (Pallary), — que passou mais tarde a designar um fácies — e depois o de *capsense* (Morgan), derivado da estação pré-histórica de El-Mekta, perto de Gafsa (a Capsa romana). Essa indústria capsense é t'oda constituída de lâminas. Três tipos de instrumentos são dominantes: pontas, buris e raspadores (28).

(26). — BALLESTEROS, H. E., I, 33; BOULE, *op. cit.*, 384.

(27). — DEBRUGE, *Les escargotières de la région de Tébessa*, in "Congrès préhistorique de France", 1911, 190; REYGASSE e LATAPIE, *Note sur les escargotières de Tébessa*, 1912, p. 166; DEBRUGE e MERCIER, *L'escargotière de Mechta-el-Arbi, près de Chateaudun-du Rhumel*, in "Congrès de l'Association française pour l'avancement des Sciences", 1913, p. 417. Apud GOURY, *L'homme des cités lacustres*, I, 134-135; PRADENNE, *op. cit.*, 154; GOURY, *O. E. H.*, 369-370; BOULE, *op. cit.*, 318, 386 e 399.

(28). — PRADENNE, *op. cit.*, 155; MENDES CORRÊA, *Homo*, 50; MYRES, in *C. A. H.*, I, 36.

O período capsense africano cronològicamente corresponde a diversos períodos da pré-história européia, pois sofreu uma lenta evolução desde o fim do mustienense, onde se perdem suas origens, até o neolítico. A África não sofreu mudanças bruscas de temperatura, nem invasões de gêlo, como as que modificaram os diversos períodos europeus. Isso justifica a manutenção da cultura capsense por muito tempo.

O capsense (29) divide-se em:

- 1) capsense inferior, que corresponde ao aurignacense europeu;
- 2) capsense superior, que é posterior ao aurignacense e apresenta uma direção independente, porém paralela e sincrônica com o solútreo-madalenense europeu. Este fácies tem duas subdivisões: o ibero-maurusense (30) de Marrocos e o getulense da Argélia e Tunísia;
- 3) capsense final, que corresponde ao período tardenoisense, portanto ao mesolítico europeu (31).

Como o capsense é o período pré-histórico mais importante da África do Norte, vamos estudá-lo primeiramente na África, depois na sua expansão e, finalmente, para completar nossas afirmações, nas suas relações com os outros períodos da Pré-história geral que se sucediam, enquanto que na Berbéria êle evoluia lentamente.

O capsense inferior tem grande semelhança com o aurignacense típico do continente europeu. É um fácies constituído pela união das indústrias do aurignacense inferior e superior. As jazidas típicas estão situadas em *Ain-Kermaf*, *Ain-Sendes*, *Bir Zarif el Uaar*, *El Lubvia*, *Fedj el Tirie*. Este fácies evoluiu lentamente para o capsense superior com uma tendência evidente para os utensílios líticos de formas geométricas, muitas vezes de pequeno tamanho (micrólitos) (32).

No capsense superior vamos encontrar a mesma indústria anterior, mas com pontas-miniaturas, fôlhas de

(29). — OBERMAIER, *op. cit.*, 126.

(30). — JULIEN, *op. cit.*, 34; BOULE, *op. cit.*, 386.

(31). — OBERMAIER, *op. cit.*, 229-230.

(32). — *Ibidem*, 126-129.

contorno semi-circular, pequenos triângulos ou trapézios. Encontramos também instrumentos de osso, rodelas de casca de ovo de avestruz, às vêzes com simples

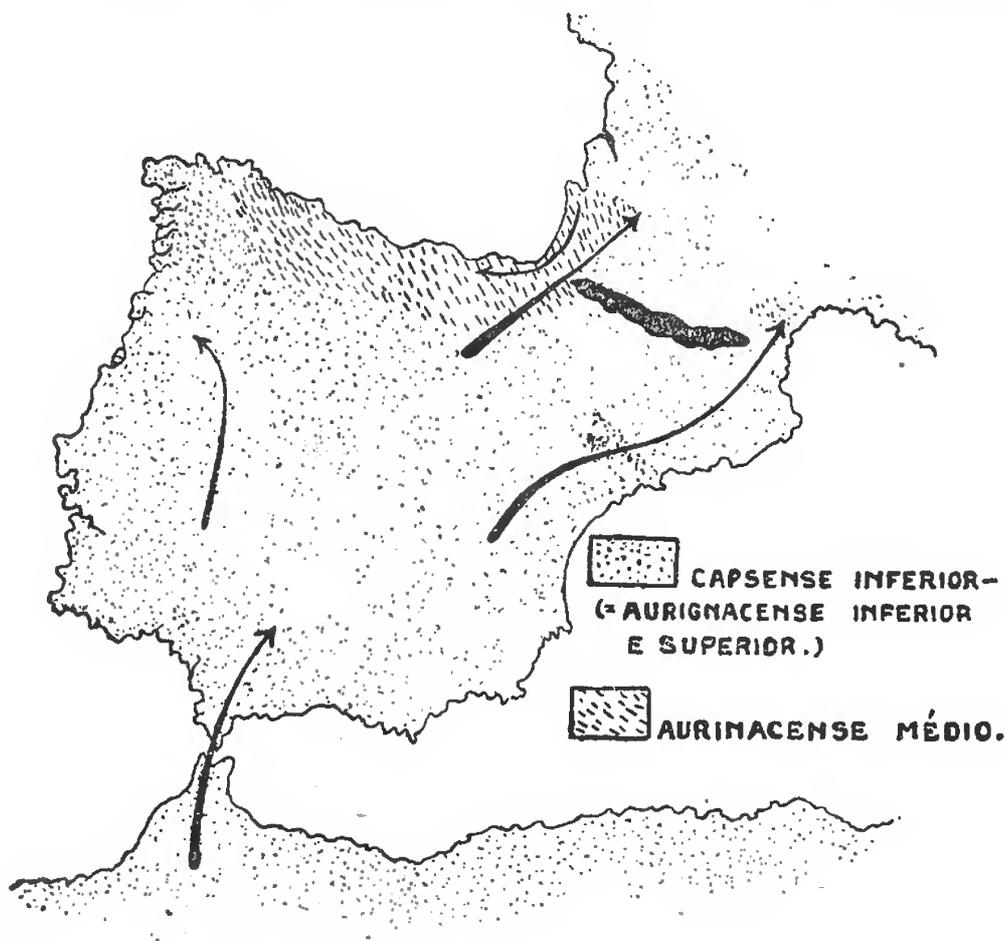


Fig. 1. — ITINERÁRIOS DA EXPANSÃO DO CAPSENSE INFERIOR E DO AURIGNACENSE (Apud OBERMAIER, *op. cit.*, 228).

enfeites lineares existentes também na Ibéria, como veremos mais adiante. As estações típicas d'êste fácies são: *Bir N'sa* e *Bir Khanfus* (33).

2. — A expansão do capsense.

a) O capsense na Ibéria.

Infelizmente as escavações pré-históricas não são tão abundantes na Ibéria como em França. Mas pe-

(33). — *Ibidem.*

lo que já foi feito, mormente por L. Siret, nas províncias de Málaga e Granada, podemos afirmar que essas duas regiões possuem jazidas mostrando grandes analogias com o capsense africano e que a Espanha foi durante o período aurignacense um local de trânsito entre a África e a França (vide fig. 1). Divergindo, o aurignacense médio é de origem setentrional e avançou até a região cantábrica, onde está bem representado nas grutas *del Castillo, Morin, Hornos de la Peña*, etc. (34).

Entre as jazidas capsenses da Espanha, segundo Obermaier (35), citamos as seguintes:

Província de Málaga: *Hoyo de la Mina*.

Província de Granada: *Loma del Rubio, Llano de la Venta de las Navas; Haza de la Cabaña*. Região de Piñar: *Fuente de la Zarza; Llano de la estación de Huélago*.

Província de Almeria: Arredores de Vélez Blanco: *Cueva de Ambrosio; Cueva Chiquita de los Treinta; Abrigo de la Fuente de los Molinos*. Arredores de Cuevas de Veras: *Cueva del Serrón; Cuevas de Zájara; Cueva Humosa*.

Província de Múrcia: Região de Mazarrón-Lorca: *Cueva del Palomarico; Cueva de la Vermeja; Cueva de las Palomas; Cueva de la Tazona; Cueva Ahumada; Cueva de los Toyos (ou Tollos); Cueva del Tesoro*.

Província de Albacete: *Montealegre*.

Província de Valência: *Cueva del Parpalló; Cueva de las Maravillas; Abrigo de la Truche (ou Turche)*, perto de Buñol.

Província de Teruel: *Cocinilla del Obispo*, perto de Albarracín; *Matarraña*, perto de Mazaleón.

Província de Lérida: *Cogul*.

Etc., etc.

Quanto às jazidas capsenses de Portugal, deixamos o assunto para ser examinado quando tratarmos dos

(34). — *Ibidem*, 228-229; MENDES CORRÊA, in “*História de Portugal*”, Portucalense Editora, 1, 99; CARDOZO, *op. cit.*, 19; MYRES, in *C. A. H.*, I, 36 e 53; LEEDS, in *C. A. H.*, II, 585-586.

(35). — OBERMAIER, *op. cit.*, 215-221.

concheiros de Muge, que é um fácies tardenoisense, mas com evidente influência do capsense final (35-a).

b) *O capsense na Gália.*

Os invasores capsenses, de origem meridional, levaram para a Gália alguns espécimes braquicéfalos dos tipos representados no mesolítico de Muge (36), que veremos mais adiante. Podemos afirmar pelo menos que o aurignacense inferior da França veio da África passando pela Espanha e, sem dúvida também, pela Itália (37), por meios rústicos de navegação, pois então a África já estava separada da Europa pelo Mediterrâneo atual (38).

c) *O capsense no Egito.*

O capsense atingiu o Egito lentamente e a prova dessa *infiltração* está em encontrarmos o capsense no oásis de Amon (Siua ou Siva). Esse oásis é uma das portas da região nilótica por onde, continuamente, elementos bérberes penetraram no Delta (39).

Segundo G. Seligman, o capsense inferior aparece nas vizinhanças de Tebas, na jazida de *Nog-Hammadi*, perto da aldeia de *Heu*; o capsense final também é encontrado nas jazidas de Heluan (micrólitos), perto do Cairo. Essas jazidas assemelham-se de maneira extraordinária com as numerosas estações pré-históricas que E. Vignard descobriu desde 1928, perto de Sebil, a 3 quilômetros de *Kom-Ombo* e 840 ao sul do Cairo. Vignard chamou esse fácies de *sebilense*, afirmando que o sebilense I corresponde ao capsense inferior e que o sebilense II ao capsense superior. Essas estações estão em concheiros perto do rio e aí foram encontrados

(35-a). — Cf. *infra*, pp. 51-53.

(36). — MENDES CORRÊA, in “*História de Portugal*”, Portu-
calense Editora, I, 140.

(37). — GOURY, *O. E. H.*, 196.

(38). — JULIEN, *op. cit.*, 41; MYRES, in *C. A. H.*, I, 36 e 53.

(39). — MORET, *op. cit.*, I, 159.

numerosos utensílios de sílice triangulares, semi-lunares e trapezoidais. O sebilense III corresponde ao capsense final e está a 3 ou 4 metros acima do leito atual do Nilo. Uma das coisas mais interessantes dessas jazidas é o aparecimento de moinhos de mão, feitos de pedra, ou trituradores, o que vem provar o consumo de alguma gramínea silvestre. Fato curioso, pois não estamos ainda no neolítico, período clássico do aparecimento da agricultura (40).

3. — *O aurignacense (Aurignac, Haute-Garonne).*

Como vimos, o capsense penetrou na Gália através da Espanha e da Itália. Por outro lado sabemos também que, enquanto reinava o capsense na África, na Europa outros períodos se sucediam. Mas essa penetração não obstou que no aurignacense médio houvesse uma infiltração setentrional na Espanha, localizada na região cantábrica, enquanto a Ibéria central e meridional permanecia sob o capsense (41) (vide fig. 1).

Os estudiosos da Pré-história francesa chegaram à conclusão de que o aurignacense médio, sob o ponto de vista da evolução dos utensílios de sílice, não conduz logicamente ao aurignacense superior. Seria pois verossímil que uma nova influência africana se tenha feito sentir e modificado a evolução do aurignacense médio (42).

Na origem do aurignacense convém, pois, distinguir duas correntes: uma vinda do sul, conservando como traço dominante a indústria lítica (estatuetas de pedra: raça de Grimaldi); e outra vinda de leste, que dá preferência à matéria prima oriunda da caça (estatuetas de osso e de marfim: raça de Cro-Magnon). Esta última corrente parece ter sido absorvida pela primeira, que foi continuamente alimentada pela reserva africana (43). Como é sabido, neste período temos duas raças diferentes na Pré-história europeia: a de Grimaldi e a de Cro-Magnon.

(40). — OBERMAIER, *op. cit.*, 128-129.

(41). — GOURY, *O. E. H.*, 194; JULIEN, *op. cit.*, 41.

(42). — BOULE, *op. cit.*, 276 e 386.

(43). — GOURY, *O. E. H.*, 197; JULIEN, *op. cit.*, 28.

Desde o fim do mustierense, sem dúvida, apareceu na Europa ocidental e mediterrânea uma nova raça, de tipo negróide, a *raça de Grimaldi* ou *de Menton*, cuja área de dispersão é considerável. Os espécimes descobertos na comuna italiana de Grimaldi, perto de Menton, lembram os hotentotes e bosquímanos, pois as estatuetas de calcáreo aí encontradas, assemelham-se muitíssimo às chamadas *venus hotentotes* (mulheres com evidentes sinais de esteatopigia) e são executadas

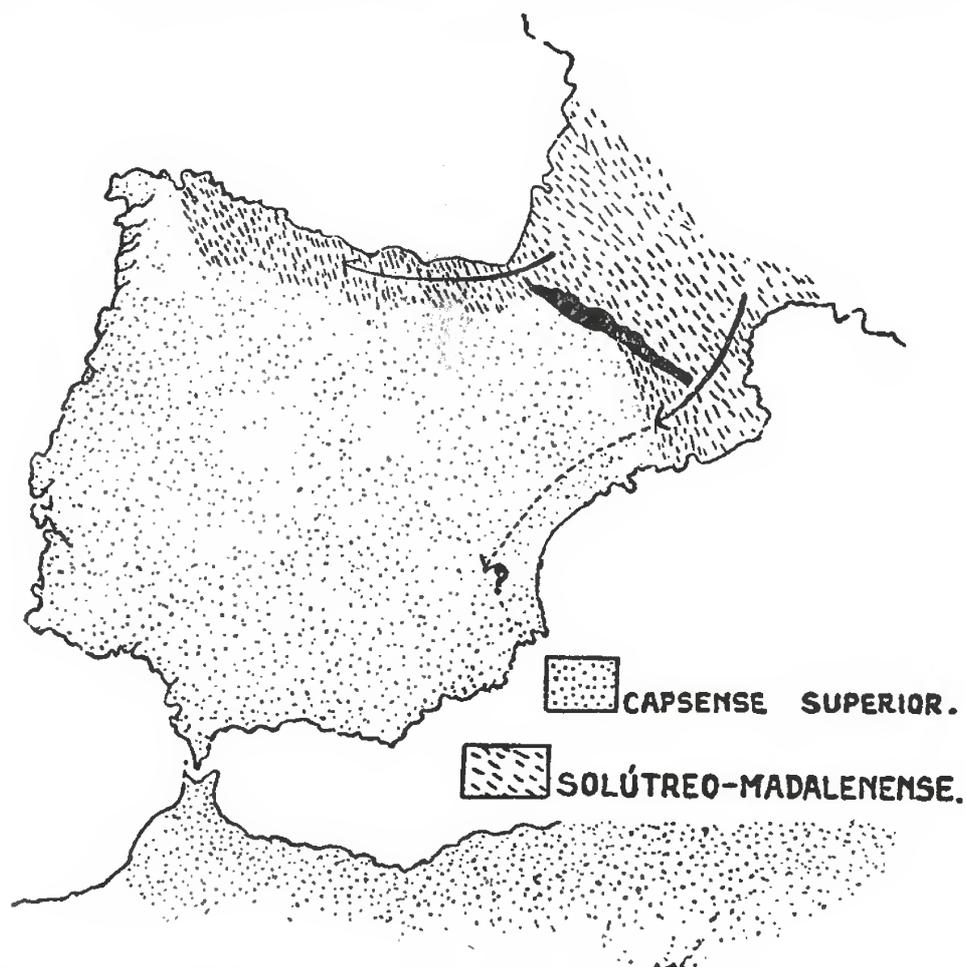


Fig. 2. — ITINERÁRIOS DA EXPANSÃO DO CAPSENSE SUPERIOR (Apud OBERMAIER, *op. cit.*, 231).

com uma perícia surpreendente (44). Essa raça é evidentemente africana, pois além dos caracteres antropológicos, as semelhanças, às vezes integrais, entre as

(44). — JULIEN, *op. cit.*, 28; FREYRE (GILBERTO), *Casa Grande & Senzala*, 140-141; BOULE, *op. cit.* 282 e 311-312.

raças do paleolítico superior africano e a de Grimaldi fortificam a hipótese de que a cultura capsense tenha trazido para a Europa êsses negróides. Não é só. O capsense propagou por todo o continente africano [Sudão, Chade, Transvaal, etc. (45)] uma indústria de colares de rodela de osso ou de conchas perfuradas, análogas às que acompanhavam os esqueletos de Grimaldi (46).

Quanto à raça de *Cro-Magnon*, Marcelin Boule prudentemente conclui que no paleolítico superior, homens de raça branca, mais ou menos aparentados com êsse tipo, viviam na África do Norte, e que talvez o continente africano tivesse sido o seu berço (47). Sergi explica a presença do homem *euro-africano* nas Canárias, dizendo ser o *Cro-Magnon* oriundo da África (48). Mas, apesar dessas opiniões valiosas, a maioria dos historiadores opina pela sua origem européia.

4. — *O solutrense (Solutré, Saône et Loire).*

Esta civilização é estranha à Ibéria central e meridional, Itália e outras regiões mediterrâneas que estavam ocupadas, como já dissemos, pelo capsense superior (49). É interessante notar o contraste da cultura solútreo-madalenense da região cantábrica com o paleolítico de Portugal e do sul da Espanha (vide fig. 2). Como bem diz Mendes Corrêa, "*a paredes meias existiam duas civilizações separadas por um verdadeiro abismo*" (50).

(45). — GOODWIN, *Ressemblance de l'âge de la pierre récente de l'Afrique du Sud et du capsien*, in "*L'Antropologie*", 1927, p. 169. Apud GOURY, *O. E. H.*, 194.

(46). — GOURY, *O. E. H.*, 194; MENDES CORRÊA, *Homo*, 142-143.

(47). — BOULE, *op. cit.*, 293, 318 e 399; JULIEN, *op. cit.*, 49; MENDES CORRÊA, *Homo*, 145.

(48). — BALLESTEROS, *H. E.*, I, 27-28.

(49). — OBERMAIER, *op. cit.*, 131; GOURY, *H. C. L.*, I, 134-135.

(50). — MENDES CORRÊA, in "*História de Portugal*", Portucalense Editora, I, 105.

5. — *O madalenense (la Madeleine, Dordogne).*

Contrastando com a dispersão do solutrense, que se encontra no Ocidente e no Oriente, a civilização madalenense parece ser oriunda do aparecimento de novos povos, como o afirma o abade H. Breuil. Essa civilização, que provavelmente não é africana, penetrou na região cantábrica, como o demonstra a arte rupestre de Altamira. Essa nova civilização traz consigo uma nova raça — a de Chancelade — que parece ter vindo da Ásia, mas que em todo o caso, não atingiu a África (51), apesar da opinião em contrário de Sergi (52), que não nos convence, pois segundo êsse autor, ela seria uma raça euro-africana procedente do *Homus africanus* (53), quando é sabido que essa raça apresenta caracteres nitidamente mongolóides (54).

F). — *O MESOLÍTICO.*

1. — *O azilense (Mas d'Azil, Ariège).*

Com o azilense começa o período pré-histórico chamado mesolítico. Os madalenenses desaparecem em parte, pois muitos dêles seguem para o norte nas pegadas das renas que emigravam em virtude do recuo dos gelos e do conseqüente desaparecimento do líquen, que é seu alimento predileto. Os remanescentes se mesclaram com os novos imigrantes vindos da África (55). Êstes são capsenses, ou antigos capsenses, que vão atingir, através da Espanha e da França, os países setentrionais (56). Sob o ponto de vista industrial está provado que o azilense veio dum local em que dominava o capsense (por uma evolução do aurignacense numa região em

(51). — OBERMAIER, *op. cit.*, 131-132; JULIEN, *op. cit.*, 30.

(52). — SERGI, *Europa. L'origine dei popoli europei e le loro relazioni coi popoli d'Africa e d'Oceania*. Turim. 1908. Apud BALLESTEROS, *H. E.*, I, 25.

(53). — BALLESTEROS, *H. E.*, I, 25.

(54). — MORET, *op. cit.*, I, 24.

(55). — JULIEN, *op. cit.*, 30.

(56). — GOURY, *O. E. H.*, 373.

que o solutrense e o madalenense não penetraram), e tanto é assim, que houve nesse fácies um desenvolvimento extraordinário de micrólitos geométricos (57).

Em tórno do Mediterrâneo observa-se uma difusão notável da indústria azilense. A indústria da estação pré-histórica de Sidi-Mansul (Tunísia) assemelha-se à de Heluan (Egito) pelos seus micrólitos: na Síria, a estação de *Ras Beyruth* apresenta pequenas lâminas e micrólitos, parecidos com os de Heluan; na Crimeia, além dos pequenos raspadores redondos e dos pequenos buris, aparecem também formas trapezoidais (58).

Podemos também seguir através da Espanha o itinerário da indústria azilense, que parece ter origem no capsense superior, graças às suas numerosas lâminas, aos seus pequenos raspadores, aos seus micrólitos geométricos. Esse fácies industrial apresenta evidentemente algumas variantes do capsense, mas a unidade de cultura é evidente, apesar da ausência ou da presença de certas formas (59). A semelhança com o capsense aparece também nos detritos de cozinha (*escar-gotières*), que são encontrados em quase tôdas as estações azilenses: em Valle, em Castillo (Espanha); em Mas d'Azil — em que Prette assinala a *helix nemoralis* — na Sabóia e em Vercors (França) (60).

Como é sabido, a arte azilense não se compara à maravilhosa arte madalenense, possuidora de afrescos admiráveis, como os que ornamentam as grutas de Altamira e Dordogne. Esta arte desapareceu brusca-mente, não por decadência, mas sim pela invasão duma arte nova, esquemática, trazida pelos azilenses, que tem como uma das suas principais características, numerosas reproduções da figura humana. A arte azilense desaparecerá somente no neolítico na França, continuando,

(57). — *Ibidem*, 368-369.

(58). — *Ibidem*, 369.

(59). — *Ibidem*.

(60). — BREUIL e OBERMAIER, *Valle*, in "*L'Anthropologie*", 1921, p. 2. Apud GOURY, *O. E. H.*, 369-370.

entretanto, a evoluir na Espanha, onde só se extinguirá no eneolítico (61).

2. — *O tardenoisense (Fère-en-Tardenois).*

Este outro fácies do período mesolítico nos permite seguir bem a passagem do paleolítico para o neolítico.

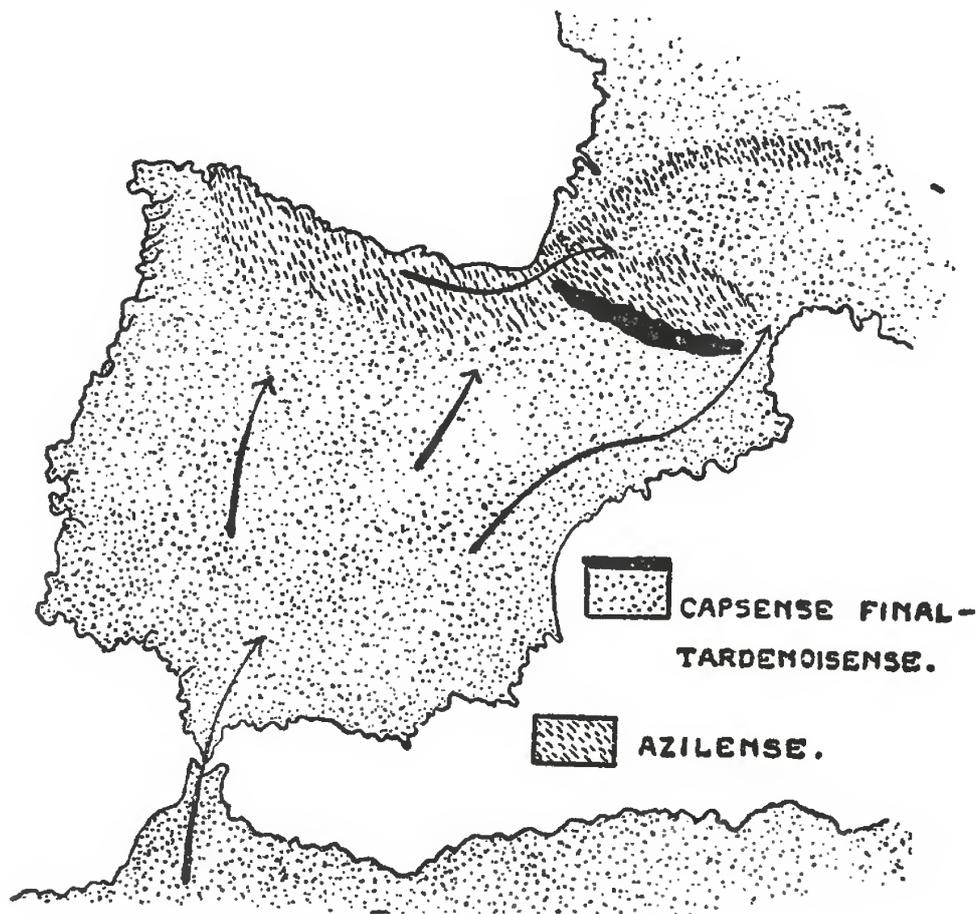


Fig. 3. — *ITINERÁRIOS DA EXPANSÃO DO CAPSENSE FINAL (TARDENOISENSE) E AZILENSE (Apud OBERMAIER, op. cit., 373).*

O tardenoisense, como o azilense, tem uma indústria de micrólitos com suas formas trapezoidais características (62). A origem próxima do tardenoisense pode ser

(61). — OBERMAIER, *op. cit.*, 365; MENDES CORRÊA, in “*História de Portugal*”, Portucalense Editora, I, p. 99; GOURY, *O. E. H.*, 354-355.

(62). — GOURY, *H. C. L.*, I, 134; BALLESTEROS, *H. E.*, I, 35; Vide nosso trabalho: *A Prehistória*, 24.

procurada nas jazidas da África setentrional e, em particular, nas estações egípcias, onde podemos ver nitidamente a evolução do paleolítico superior. Seria uma civilização de origem asiática, que se teria propagado pela Europa através da África do Norte? E' possível, mas não é provável, não obstante encontrarmos inúmeras jazidas de pequenos sílices geométricos até na Índia central. Pensamos que o tardenoisense, de origem africana, seguiu duas vias na sua expansão. A primeira, a oriental, partindo do Egito, remontou a Ásia-Menor, contornou o Mar de Mármara, passou para a Criméia e daí, seguiu a grande via das invasões: o vale do Danúbio. As estações da Índia parecem derivadas dessa corrente de expansão, como as da Polônia, Alemanha, Bélgica e França (63). A outra corrente, a ocidental, seguiu a costa da África, atingindo, por Marrocos e Gibraltar, a Ibéria e a França, onde se encontrou com o ramo oriental (64) (vide fig. 3). Essas vias foram percorridas, desde o início do mesolítico, não por uma única corrente de civilização, mas por correntes sucessivas que provocaram, em contacto com as culturas autóctones, a eclosão de diversas civilizações, como o azilense e o sauveterrense na França (65). Depois, após uma longa continuidade, a cultura tardenoisense predominou. Na Espanha, citam-se no sudeste, as jazidas situadas nos planaltos pouco elevados de Cartagena a Almeria, e entre elas, a mais famosa é a de *El Garcel*. Infelizmente essas estações são de superfície, o que ocasiona o grande inconveniente da indústria típica estar misturada com outras anteriores e posteriores. Bem diferentes são as estações pré-históricas de Muge, que se tornaram clássicas, como veremos mais adiante (66).

O tardenoisense só chegou à Europa no mesolítico, como já vimos, porque as culturas solutrense e madale-

(63). — OBERMAIER, *op. cit.*, 362; GOURY, *H. C. L.*, I, 141.

(64). — BREUIL, *Les Subdivisions du Paléolithique supérieur et leur signification*, in "*Congrès international d'Anthropologie*", 1912, p. 224. Apud GOURY, *H. C. L.*, I, 162-163.

(65). — GOURY, *H. C. L.*, I, 140.

(66). — *Ibidem*, I, 162-163.

nense se opuseram a sua propagação. O mesmo acontecerá depois ao tardenoisense que se prolongará durante todo o neolítico e é um exemplo da sobrevivência de certas formas de cultura pré-histórica (67).

a) *Os concheiros de Muge (Portugal).*

A Ibéria possui estações pré-históricas bem antigas. Sem tratarmos da questão dos eólitos de Ota, que tanta celeuma levantaram e que teriam sido fabricados pelo *Anthropopithecus Riberói*, — questão hoje posta de lado — podemos afirmar que a Península conheceu o paleolítico inferior (68). Deixaremos, entretanto, de tratar aqui da Pré-história Ibérica em geral, focalizando apenas o que interessar de perto à nossa tese. Neste caso, o tardenoisense apresenta tôdas as condições desejáveis para demonstrarmos que, desde os tempos pré-históricos, a Ibéria mantinha relações com o norte da África por intermédio de Marrocos.

Desde 1863, Carlos Ribeiro descobriu no vale do Tejo, em Muge, uma série de montículos de conchas contendo uma indústria lítica pré-histórica, ocupando uma região de mais ou menos 20 quilômetros de comprimento por 5 de largura. São as estações pré-históricas da *Quinta da Sardinha, Fonte do Padre Pedro, Cabeço do Arruda, Cabeço da Amoreira, Moita do Sebastião* (69), etc. Esses montículos continham detritos que formavam camadas de extensão irregular e de espessura diversa e, em alguns dêles foram encontradas até conchas misturadas com carvão, o que indica indubitavelmente o emprêgo do fogo. Entre os objetos encontrados, são numerosos os pequenos instrumentos típicos do tardenoisense, em sílice ou em osso, mas não aparece aí nenhum traço de cerâmica. Em compensação, foi encontrado, nesses concheiros, certo número de mós chatas de 30 ou 40 centímetros de comprimento e,

(67). — *Ibidem*, I, 145.

(68). — PITTARD, *op. cit.*, 114-115; MENDES CORRÊA, *Homo*, 131.

(69). — RIBEIRO, *Les kjoekkenmoeddings de la vallée du Tage*, in "*Congrés international d'Anthropologie*", 1880, p. 279. Apud GOURY, *H. C. L.*, I, 142-143; LEITE DE VASCONCELLOS, *Religiões da Lusitânia*, I, 29-32; CARDOZO, *Citânia de Briteiros*, 19 e 53.

perto duma delas, um pilão de forma prismática que serviria, sem dúvida, para esmagar cereais. Este fato é bem interessante, porque indica uma antecipação do neolítico, época clássica do início da agricultura. Já mostramos um fato idêntico no Egito, quando estudamos o sebilense III que, como o tardenoisense, corresponde ao capsense final (70).

Esses concheiros de Muge, tão afins dos *escargotières* do capsense, são jazidas típicas do tardenoisense, como afirmam, e muito bem, Mendes Corrêa e o abade H. Breuil (71). Além das conchas (gêneros *buccinum*, *lutraria*, *nucula*, *cardium*, *tapes*, *pecten*, *solen* e *ostrea*), encontramos nos concheiros: espinhas de peixe, fragmentos de ossos de mamíferos, — sobretudo de ruminantes (boi, cervo, cavalo, javali) — de cão, gato, lebre, texugo, além de certos pássaros. Tudo isso indica uma alimentação bem variada (72).

b) *O Homem de Muge (Homo afer Taganus)*.

Nesses concheiros, ou *kjoekkenmoeddings* (térmo dinamarquês consagrado em Pré-história), foram encontrados mais de 120 esqueletos espalhados por todos os lugares, em cima ou em baixo das cinzas, mas a maioria encontrava-se na posição tão comum nos túmulos pré-históricos: com os joelhos na altura do queixo (73).

O elemento preponderante, o *Homo afer Taganus*, como o denomina Mendes Corrêa (74), apresenta algumas semelhanças com o tipo proto-etíópico de Combe-Chapelle (*Homo aurignacensis*), com o tipo negróide de Grimaldi e certas afinidades com o negro atual. É um tipo doliocéfalo, também identificado com a raça neo-

(70). — GOURY, *H. C. L.*, I, 142-143. Vide *supra* p. 44.

(71). — MENDES CORRÊA, in “*História de Portugal*”, Portucalese Editora, I, 109; IDEM, *R. n.*, 45-46.

(72). — GOURY, *H. C. L.*, I, 142-143.

(73). — *Ibidem*, I, 158 e II, 699.

(74). — MENDES CORRÊA, in “*História de Portugal*”, Portucalese Editora, I, 110-111; IDEM; *Homo*, 152-159.

lítica e com o português médio contemporâneo (75). Mendes Corrêa afirma também que o *Homus afer Targanus* deve ser incluído num grupo de raças australóides ou proto-etiópicas, de provável origem equatorial, o que concorda com o roteiro da civilização tardenoisense, de cunho capsense (76).

Os fácies maglemoisense e campinhense não interessam à nossa tese, por serem culturas tipicamente européias. Enquanto êles se desenvolviam na Europa, o capsense evoluía lentamente na África.

G). — O NEOLÍTICO.

Pallary denomina o neolítico antigo do Magrebe de *mauritanico*, que é mais evoluido na Getúlia oriental, não obstante ser mais arcaico na região de Orão. Esse fácies — que compreende um substrato ibero-maurusense (77) no oeste, getulense, ou mesmo mais antigo no leste, com pedra polida, louça de barro e pontas de flechas retalhadas nas duas faces — não é somente encontrado ao ar livre, mas também, e sobretudo, em cavernas (78).

No neolítico recente teriam coexistido duas indústrias: a primeira, decadente e muito grosseira, caracterizada por pontas pesadas e irregulares, existente sò-

(75). — MENDES CORRÊA, *À propos des caractères inférieurs de quelques crânes préhistoriques du Portugal*, in "Archivo d'Anatomia e Anthropologia". Lisboa, 1917; IDEM, *Novos subsídios para a Antropologia portuguesa*, in "Congresso de Sevilha da Associação Espanhola para o Progresso das Sciencias". Madri, 1917; IDEM, *Estudos da etnologia portuguesa (Os habitantes primitivos do território)*; GIUFFRIDA-RUGGERI, *La posizione antropologica dell'uomo fossile di Combe-Chapelle*, in "Rivista di Antropologia". Roma, 1916-17, p. 7 do extr. Apud MENDES CORRÊA *R. n.*, 41-46; BOULE, *op. cit.*, 340.

(76). — MENDES CORRÊA, *R. n.*, 45-46; IDEM, in "*História de Portugal*", Portucalense Editora, I, 111; CARDOZO, *op. cit.*, 28.

(77). — Cf. *supra*, pp. 37 e 39.

(78). — GSELL, *Histoire ancienne de l'Afrique du Nord*, I, 192.

mente na Berbéria, derivando daí o seu nome: *berberesco*; a outra, extremamente cuidada e aperfeiçoada, — consistindo sobretudo de pontas de flechas de sílice, finas e leves — possuindo inúmeras estações espalhadas pelo Saará oriental, provando assim o seu recente secamento; dêsse fato provém o seu nome: *neolítico saarense* (79).

Uma das peculiaridades da Pré-história do Magrebe é que o neolítico aparece sempre como resultante de simples infiltrações industriais num meio mesolítico (ou mesmo paleolítico superior). O capsense modificou-se em neolítico com a adjunção duma nova indústria: machados de pedra polida, pontas de flecha, louça de barro, etc. (80).

No período neolítico, a África continuou em íntimo contacto com a Europa, principalmente através da Ibéria (81). Siret (82), — e com êle muitos historiadores — defende a tese da importação mediterrâneo-oriental do neolítico pela Ibéria e procura mostrar sua influência. Afirma que a ponta de flecha já aparece perfeita na Ibéria, sem nenhuma tentativa de ensaio. Diz também que os cereais não são autóctones e que a agricultura, que é um dos elementos típicos do neolítico, é importada. Acrescenta ainda que a domesticação dos animais era conhecida anteriormente, mas sabemos que somente no neolítico aparecem tribos pastoras (83). Essas conclusões provam que o neolítico é estranho à Ibéria, e as estações pré-históricas mistas indicam a sua lenta infiltração e o seu domínio posterior (84). A chegada dos homens neolíticos ao sul da Ibéria provo-

(79). — JULIEN, *op. cit.*, 35.

(80). — PRADENNE, *op. cit.*, 159; GOURY, *H. C. L.*, I, 7; JULIEN, *op. cit.*, 40.

(81). — FREYRE (GILBERTO), *op. cit.*, 141; BALLESTEROS, *H. E.*, I, 69.

(82). — SIRET, *Les origines de la civilisation néolithique (Turdetans et Egéens)* in "XIIIe Congrès international d'archéologie et d'anthropologie." Mônaco, 1908, t. II. Apud PITTARD, *op. cit.*, 125; BALLESTEROS, *H. E.*, I, 75.

(83). — BALLESTEROS, *H. E.*, I, 72.

(84). — *Ibidem*, I, 73.

cou uma imigração dos capsenses aí existentes, que refluíram sôbre o mundo mesolítico da Gália, onde implantaram sua arte esquemática, em substituição à realista arte madalenense (85). A nova civilização, oriunda dessa migração, toma o nome de *gerólfina* na França e se caracteriza por uma cerâmica de enfeites simples, um material lítico pouco complicado: machados grosseiros, lascas de sílice pouco retocadas, lâminas, raspadores, etc., não possuindo, contudo, nenhuma ponta de flecha (86).

O descobrimento de vasos caliciformes nas estações pré-históricas ibéricas do vale do Guadalquivir é precioso, porque nos permite datar com uma segurança mais ou menos relativa, o neolítico da Ibéria. Apoiando-nos sôbre a classificação cronológica da cerâmica, elaborada por Hoernes (87), podemos afirmar que, no mínimo, êsses vasos datam de 2100 a 1900 a C. Baseado nesses algarismos, Siret emitiu uma teoria arrojada, dizendo que os fenícios teriam sido os introdutores do neolítico na Ibéria (88), com o que não estamos de acôrdo (89), pois, quando êles atingiram a Península pela primeira vez, em busca do estanho de Tartesso, encontraram um povo possuidor duma certa cultura, sem dúvida muito acima do estágio neolítico.

Déchelette (90) reconhece a existência, desde o

(85). — GOURY, *H. C. L.*, II, 635.

(86). — BOSCH-GIMPERA e J. de SERRA RAFOLS, *Études sur le Néolithique et l'Énéolithique en France*, in "*Revue Anthropologique*". 1925, p. 341. Apud GOURY, *H. C. L.*, I, 298; GSELL, *H. a. A. N.*, I, 209; GOURY, *H. C. L.*, I, 286.

(87). — I — cerâmica com espirais e meandros, grupo mais antigo — 3000 a. C.;
II — cerâmica com punção, ou cerâmica das palafitas — 3000-2500 a.C.;
III — cerâmica cordada — 2500-2000 a.C., às vêzes mais recente;
IV — vasos caliciformes — 2100-1900 a.C.
(Apud GOURY, *H. C. L.*, 400 e 416).

(88). — BALLESTEROS, *H. E.*, I, 76-77.

(89). — Vide nosso trabalho: *Tartesso e a rota do estanho*, 37-38.

(90). — DÉCHELETTE e GRENIER, *Manuel d'archéologie pré-historique*, I, 425-426.

neolítico, de relações comerciais entre a Europa setentrional e o mundo mediterrâneo. Havia uma rota marítima que, seguindo as costas africanas, atravessava Gibraltar e chegava até às Ilhas Britânicas (Cassitérides) e à Escandinávia. Essa rota é bem anterior, portanto, aos fenícios, que também muito a freqüentaram depois. Uma prova desse comércio pré-histórico temos no seguinte fato: Siret, explorando cerca de quinhentos túmulos e dólmenes da região mineira do sudeste da Espanha, encontrou muitas centenas de rodela — furadas como pérolas dum colar — de casca de ovo de avestruz. Esses objetos são, certamente, importados, pois o avestruz não faz parte da fauna ibérica. Siret (91), coerente com sua tese, indaga se esse fato não seria a prova dum comércio de cabotagem fenício. Pensamos que esse comércio é pré-histórico, levando-se em conta somente a simples antiguidade desses túmulos e dólmenes. Não se trata aqui de arte posterior ao neolítico, pois em numerosas estações pré-históricas do neolítico africano são encontradas essas rodela de casca de ovo de avestruz, principalmente na África do Sul (92). Por aí se vê que Marrocòs deve ter servido de intermediário nesse comércio.

Em consequência das intensas relações ibero-béberes, certos elementos culturais das duas regiões têm grande semelhança entre si. Assim, os utensílios das grutas africanas — principalmente o moinho de mão neolítico — são idênticos aos ibéricos (93). Até mes-

(91). — SIRET, *Les Cassitérides et l'empire colonial des Phéniciens*, in "L'Anthropologie", 1908, p. 139. Apud GOBERT, *Les grains d'enfilage en test d'oeuf d'autruche*, in "Revue Tunisienne", 1938, n.º 33 e 34; GSELL, *H. a. A. N.*, I, 209.

(92). — DEBRUGE, *Parures, pendeloques et amulets aux époques préhistoriques dans l'Afrique du Nord*, in "Revue Anthropologique". 1926, p. 470; REYGASSE, *Observations sur les rondelles perforées en oeuf d'autruche*, in "Bulletin de la Société préhistorique française". 1920, p. 222. Apud GOURY, *H. C. L.*, II, 664-665; BERTHELOT, *op. cit.*, 125-129.

(93). — SIRET, *L'Espagne préhistorique*, extrato in "Revue des questions scientifiques", out. 1893, p. 280, fig. 125. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 237.

mo a raça bovina ibérica, que se encontra na Espanha, Itália e ilhas do Mediterrâneo ocidental, é provavelmente de origem bérbere (94).

1. — *A civilização dos megálitos.*

Os *tumulus*, *bazinas*, *chouchets* e dólmens estão espalhados aos milhares pelo Magrebe e se distinguem nitidamente das sepulturas fenícias e romanas. Esses túmulos remontam a uma alta antiguidade, assim como os ritos funerários; alguns têm grandes semelhanças — que não podem ser fortuitas — com os monumentos erigidos no III e II milênio a.C. no oeste da Europa e nas regiões ribeirinhas do Mediterrâneo ocidental. Mas no estado atual dos nossos conhecimentos, tôdas as sepulturas africanas que se puderam datar, pertencem aos séculos que precederam ou seguiram de perto a era cristã (95).

2. — *A arte rupestre.*

Além dos utensílios e dos restos dos seus festins (*escargotières*), os africanos pré-históricos — como muitos dos seus irmãos de outras partes do globo — nos legaram numerosas gravuras rupestres, chamadas pelos atuais indígenas de *pedras escritas* (*hadjra mektouba*). Essas gravuras se localizam de preferência no Atlas saariano, entre *Djelfa* e *Colomb Bechar*, onde G. B. Flaman (96) as inventariou durante quarenta anos, sendo sua obra continuada pelo seu discípulo Solignac que, por sua vez, descobriu inúmeras outras figuras, não só na Berbéria oriental, como também em Marrocos, na Tripolitânia e no coração do Saará (97).

(94). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 219.

(95). — *Ibidem*, I, 274-275; MYRES, in *C. A. H.*, I, 96-97.

(96). — FLAMAND, *Hadjra Mektouba*. Argel; FROBENIUS e OBERMAIER, *Hadjra Mektouba*. Apud GAUTIER, *P. A. N.*, 32; FROBENIUS, *Histoire de la civilisation africaine*, 43-166.

(97). — JULIEN, *op. cit.*, 42; OBERMAIER, *op. cit.*, 294. Vide a excelente ilustração do livro de F. de CHASSELOUP LAUBAT, *Art rupestre au Hoggar*.

Essas gravuras rupestres mostram homens e mulheres, de pé ou ajoelhados, com os braços mais ou menos levantados, tendo as mãos abertas e vazias, ou com objetos difíceis de serem determinados. A atitude desses personagens faz pensar no gesto clássico da prece ou da oferenda, tão comum no Oriente. O interessante é que essa atitude também se encontra na Espanha em imagens que datam dos tempos pré-históricos, contemporâneas, portanto, de muitas da África do Norte (98). Existe mesmo um parentesco visível e notável entre a arte pré-histórica do Levante espanhol e a da África setentrional, por se tratar duma região ibérica de arte puramente africana e totalmente independente das outras partes da Península (99).

Mas não são somente homens e mulheres que estão representados na arte rupestre, mas também — e principalmente — animais, e entre estes, muitos espécimes hoje completamente desaparecidos da região (hipopótamos, elefantes, rinocerontes, *bubalus*, etc.). Mas isto não indica obrigatoriamente uma grande antiguidade, pois geólogos e paleontólogos, como Joleaud, demonstraram que muitos animais da fauna da África central atual subsistiram na África do Norte, principalmente na sua parte meridional, até o neolítico, porque o secamento do Saará foi gradual e não súbito, como já vimos (100).

Mas nem todas as gravuras rupestres são da mesma época. Algumas representam animais domésticos (cão, carneiro, cabra, boi, cavalo) juntamente com machados encabados, idênticos aos que se encontram nas estações paleolíticas recentes. Mas, como veremos mais

(98). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 254-255; CARTAILHAC e BREUIL, *La caverne d'Altamira*, pp. 56-58, figs. 41-43; ALCADE DEL RIO, BREUIL e SIERRA, *Les cavernes de la région cantabrique*, fig. 96, est. LV. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 254-255; DÉCHELETTE e GRENIER, *op. cit.*, I, 257.

(99). — OBERMAIER, *op. cit.*, 295; GOURY, *H. C. L.*, II, 644; GAUTIER, *P. A. N.*, 33.

(100.) — PRADENNE, *op. cit.*, 160; OBERMAIER, *op. cit.*, 294-295; JULIEN, *op. cit.*, 44; GAUTIER, *Sa.*, 59-66.

adiante (101), o cavalo parece ter vindo do Egito para a Berbéria, assim como as imagens de carneiros com uma coifa discóide, que representam o deus egípcio Amon. E' certo que essas gravuras, tanto as dos cavalos como as do deus-carneiro Amon, não são anteriores ao Novo Império; datam, portanto, da segunda metade do II milênio a.C. (102). Certos desenhos são mais antigos e outros mais recentes, pois existem desde a época romana, e outros ainda, pelas suas inscrições árabes, pertencem ao VII século.

Gautier (103) mostra a existência no *uadi* Djerate, como no Fezão e na Mauritània saariana, de gravuras representando carros de guerra de tipo egeu. As do *uadi* Djerate são menos esquemáticas e mais sugestivas. Conhecemos numerosas gravuras egípcias representando faraós de armas em punho, sôbre carros de guerra com cavalos, ora a passo, ora a pequeno trote, mas de maneira alguma a galope, mesmo quando está representada uma renhida batalha. Pois sempre vemos no choque de carros egípcios e hititas, os cavalos gravados de forma convencional: com as patas trazeiras firmadas no solo e as dianteiras levantadas. O escultor egípcio não sabia representar o galope (104).

O artista do *uadi* Djerate pelo contrário, representa duma maneira notável o galope furioso dos cavalos do carro de guerra, apesar de, no ponto de vista técnico, a sua gravura ser inferior à egípcia. Isso nos leva à conclusão de que essas gravuras magrebínas não são derivadas das suas similares egípcias. Mas também não podemos dizer que essas gravuras sejam criações originais dos bérberes. Elas representam carros asiáticos, micênicos ou egeus com cavalos a galope. Conhecemos na arte pré-histórica os mesmos motivos. Assim, vemos em Dussaud (105), (figs. 45, 46 e 50) que até os

(101). — Cf. *infra*, pp. 70-71.

(102). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 266-267; JULIEN, *op. cit.*, 42; GAUTIER, *P. A. N.*, 38.

(103). — GAUTIER, *P. A. N.*, 36-38.

(104). — MASPERO, *Histoire ancienne des peuples de l'Orient*, 271-275.

(105). — DUSSAUD, *Les civilisations préhelléniques dans le bassin de la Mer Egée*, 66-67, 72, 153, 163, 216 e 277.

bovídeos, leões (fig. 115), javalis, cães (fig. 121) e, finalmente, os cavalos (figs. 156 e 199), são representados em furiosas galopadas, o que mostra ser isso uma das características da arte pré-helênica.

Por outro lado, sabemos que no tempo da XX dinastia egípcia, principalmente no reino de Merneftá (mais ou menos em 1235-1225 a.C.), os egípcios lutaram contra os *povos do mar*, associados aos líbios. Os historiadores identificam êsses *povos do mar* com populações históricas posteriores. Assim, os *shardanas* (Sardes) seriam os lídios e os *tirsenos* os etruscos. Pensamos, pois, que os carros dêsses invasores é que serviram de modelo aos artistas bérberes.

Sabemos também que os carros de guerra desapareceram da bacia ocidental do Mediterrâneo e foram substituídos pela cavalaria, mais ou menos no fim do IV século a.C. (106). Gsell (107) diz que os últimos carros bérberes mencionados são os que Agátocles derrotou em 301 a.C. na Sicília. Portanto, essas gravuras são no mínimo do IV século a.C. Êsses carros seriam idênticos aos dos garamantes, que tinham por capital o oásis de Djerma, no Fezão. Essa tribo indomável dominava a rota de caravanas entre o Mediterrâneo e a Etiópia, e caçava com carros de guerra, segundo Heródoto (108), os etíopes trogloditas, sem dúvida, no atual Tibesti.

H). — O ENEOLÍTICO (Almeria).

Como sabemos, o eneolítico é o período de transição entre o neolítico e a idade dos metais, em que tanto a pedra, como o osso e o metal, são empregados indistintamente.

Como já dissemos, no neolítico continuava a existir a distinção entre a civilização cantábrica e a civilização capsense na Península Ibérica. No fim do neolítico a área da civilização e da população capsense aumentou com a chegada ao sudeste, duma nova onda étnica

(106). — GAUTIER, *P. A. N.*, 37.

(107). — GSELL, in *H. a. A. N.*, II, 399, cita Diodoro, XX, 10, 5.

(108). — IV, 183. Apud *L'enquête d'Hérodote d'Halicarnasse*, I, 363.

africana que desenvolveu a chamada *cultura dos povoados de Almeria*. Essa cultura espalhou-se então pela Andaluzia e Catalunha (109). Aparecem nestas estações pré-históricas micrólitos geométricos, parecidos com os do tardenoisense, — indicando, portanto, origem capsense; aparecem também objetos de cerâmica com enfeites incisivos (representando sóis, olhos, etc.) que são verdadeiros ídolos estilizados, como os do capsense final (110). Bosch-Gimpera, grande autoridade em Pré-história Ibérica, afirma que êsses micrólitos vieram diretamente da África do Norte e que não são produtos duma evolução da cultura capsense ibérica.

I). — A IDADE DOS METAIS.

A Berbéria não conheceu uma idade dos metais própria. Foi provavelmente através das relações comerciais, e não por intermédio de invasões, que a metalurgia do cobre, do bronze e do ferro penetrou na África do Norte (111). Entre as populações do litoral foram introduzidos objetos de metal por estrangeiros, sobretudo pelos mercadores das colônias fenícias fundadas a partir do II milênio a.C. Foi só então que a metalurgia se desenvolveu plenamente na Berbéria (112).

Durante a idade do bronze, a Península Ibérica não sofreu influência africana, pelo menos de caráter étnico, perdurando todavia a civilização de Almeria (113). Quanto às relações comerciais temos a certeza de que, por essa época, certos povos do Mar Egeu — como os cretenses — já começavam a exploração de toda a bacia ocidental do Mediterrâneo, ligando as duas margens do Estreito de Gibraltar com suas navegações, como mais tarde o fizeram fenícios e cartagineses.

(109). — MENDES CORRÊA, *Os povos primitivos da Lusitânia*, 204-205 e 216.

(110). — BOSCH-GIMPERA, *Arqu. preh. hisp.*, 161; IDEM, *Ensayo de una reconstrucción de la Etnología Prehistórica de la Península Ibérica*, in “*Boletín de la Biblioteca Menéndez Pelayo*”, Santander, 1922, pp. 26-27. Apud MENDES CORRÊA, *P. P. L.*, 204.

(111). — JULIEN, *op. cit.*, 40.

(112). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 212-213.

(113). — FREYRE (GILBERTO), *op. cit.*, 141.

CAPÍTULO III

O B É R B E R E

A). — ORIGEM E TIPO FÍSICO DO BÉRBERE.

Propositadamente colocamos o problema do hérbere após termos finalizado o capítulo referente às relações pré-históricas entre a Ibéria e Marrocos, e antes de iniciarmos o estudo da parte referente à proto-história e à História propriamente dita, como o fez também E.-F. Gautier no seu magistral livro: *Le passé de l'Afrique du Nord*, de que tanto nos temos utilizado. Assim o fizemos, porque esse problema é tão complexo que pensamos dever tratá-lo em bloco, como um todo, não convindo, pois, fragmentá-lo pelos diversos itens do capítulo anterior.

Diz Julien (1) — e muito bem — que o hérbere é um amálgama étnico, e por mais que investiguemos a sua origem, nunca êle constituiu um composto homogêneo. As penetrações fenícia, romana, vândala, bizantina e até mesmo a árabe não modificaram esse caráter. Entre seus tipos físicos destacamos os seguintes: o da raça do crânio de *Mechta-el-Arbi*, que não sabemos com certeza se deixou ou não descendência; o negróide de ossatura fina do paleolítico superior, de pequena estatura, mesaticéfalo, platirrínico e prognata, cujos traços encontramos facilmente; o da raça branca dos crânios do neolítico, doliocéfalo, que se assemelha muitíssimo a certos tipos atuais e é o mais numeroso; tipos braquicéfalos, certamente oriundos de invasões, como também muitos tipos com grandes afinidades com o Cro-Magnon. Todos esses tipos devem ter influído na formação do hérbere atual.

Após termos visto a complexidade étnica do hérbere, surge a questão da origem da parte mais homogênea desse povo, à qual se juntaram os outros elementos. A suposição mais racional é a de que ela tenha vindo de leste. Alguns historiadores são partidários da tese

(1). — JULIEN, *Histoire de l'Afrique du Nord*, 46-47.

asiática, isto é, de provirem os bérberes dêsse continente; mas outros, como Hardy (2), afirmam serem êles procedentes da região dos planaltos abissínios, o que os torna, portanto, partidários da tese africana. O certo é que uma raça branca, de crânio alongado, de face oval, se espalhou por tôda a bacia do Mediterrâneo, e progressivamente colonizou o norte da África e o sul da Europa. Mendes Corrêa (3) afirma que nessa raça do *Homo europaeus mediterraneus* devemos colocar as raças *ibero-insular* e *bérbere* da classificação de Deniker (4) e talvez a *atlanto-mediterrânea*. Em suma, entrevemos nas origens do bérbere influências egípcias, egeenses, negróides, etc., mas não podemos avançar mais (5).

A África do Norte é uma encruzilhada em que se encontraram, desde os tempos mais remotos, raças das mais diversas proveniências possíveis: do Oriente, pela Tripolitânia, ela é facilmente atingida; da Europa, é acessível pela Sicília e Gibraltar; enfim, através do Saará, então menos estéril que atualmente, havia relações freqüentes entre o Sudão e o Mediterrâneo (6). De tudo isso concluímos que não há uma raça pura na África do Norte, como aliás, em parte alguma.

Sabemos que os textos históricos clássicos referentes aos líbios, ou bérberes, não são anteriores ao V século a.C., e que os povos que invadiram a Bêria na época histórica, pouco influíram no seu tipo físico; portanto, podemos concluir daí que as descrições do físico dos líbios da época histórica devem ser idênticas às dos líbios das épocas anteriores (7).

Duma maneira geral os historiadores gregos distinguem na África os etíopes, isto é, os de pele bem

(2). — HARDY, *Vue générale de l'histoire d'Afrique*, 2.

(3). — MENDES CORRÊA, *Raça e nacionalidade*, 109-110 e 116.

(4). — DENIKER, *Les races et les peuples*, 360, 363 e 365.

(5). — DIAS, *Árabes e muçulmanos*, I, 184-185.

(6). — BERNARD, *Afrique septentrionale et occidentale*, I, 70; IDEM, *Le Maroc*, 65.

(7). — GSELL, *Histoire ancienne de l'Afrique du Nord*, I, 275-276.

escura, dos libios. Heródoto (8) diz claramente que na Líbia havia quatro povos, dois indígenas e dois estrangeiros, mas não indica os caracteres físicos de nenhum deles:

“...essa região (*a Líbia*) é habitada por quatro raças (*ἔθνεα*) humanas e mais nenhuma — tanto quanto eu sei — e que dessas raças, duas são autóctones, duas não o são; os libios e etíopes são autóctones, situados uns ao norte, outros ao sul da Líbia; os fenícios e os gregos vieram de fora.”

Os textos também designam pelos nomes de númidas, getulos, mouros, massesilos, massilos, etc., os habitantes de determinadas regiões, os súditos de certos reinos, mas de maneira alguma fazem referências a raças (9). Somos, portanto, obrigados a estudar os indígenas atuais, para sabermos como deveriam ter sido os seus antepassados. E Gsell (10) diz mesmo, que a população da Berbéria não se modificou profundamente desde o início dos tempos históricos. Baseados nisso, afirmamos, pelas mesmas razões, que a população bérbere da época pré-histórica pouco deve diferir da atual.

O tipo físico do bérbere atual é o mais complexo e diverso possível. Isso é consequência, talvez, dos múltiplos cruzamentos, pois existem na Berbéria indígenas altos, baixos, morenos, louros, etc.

Os bérberes morenos são aparentados com uma grande parte dos habitantes das ilhas do Mediterrâneo e do sul da Europa, principalmente com os espanhóis portugueses, franceses do sul e do centro, italianos, sicilianos, corsos, sardos, felás do Egito, etc. Muitos autores insistem na freqüência, tanto ao sul como ao norte do Mediterrâneo, das mesmas formas cranianas, principalmente a do chamado tipo Cro-Magnon (11).

(8). — Heródoto, IV, 197. Apud *L'enquête d'Hérodote d'Halicarnasse*, trad. Henri Berguin, I, 368.

(9). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 276.

(10). — *Ibidem*, I, 277.

(11). — *Ibidem*, I, 304-305; MENDES CORRÊA, *R. n.*, 119; BERNARD, *Le Maroc*, 64.

Existem também bérberes louros. Como seu número é menor a leste, pensou-se numa origem nórdica através de Gibraltar. Chegou-se mesmo a admitir a existência duma *raça loura* [ariana (?) ou mesmo celta] que, abandonando as regiões frias, procurou refúgio no norte da África, introduzindo ao mesmo tempo os dólmenes (12). Outros autores afirmam que êles não remontam às grandes migrações provenientes da extensão dos glaciares, mas sim, às invasões dos *povos do mar*, assinalados pelos documentos egípcios e que vieram do nordeste, do Mar Egeu, durante o II milênio a.C., porque êsses assaltantes são representados com cabelos louros ou castanhos nas pictografias egípcias (13). Mas, como sabemos, o termo *ariano* nada significa sob o ponto de vista antropológico e não tem valor senão na Linguística. Na África do Norte nada nos prova que se tenha falado alguma língua indo-européia (impròpriamente chamada ariana) antes da conquista romana. Ignoramos também quando e porque o tipo de sepultura chamado dólmen se espalhou pelo noroeste da África. Os guerreiros líbios, de cútis clara e de olhos azues das pictografias egípcias, são africanos e não pertencem aos *povos do mar*, que são representados com outras indumentárias. Alguns dêsses guerreiros indo-europeus se fixaram na Berbéria, mas eram em tão pequeno número que não poderiam ter deixado descendentes esparsos por todos os recantos. Os cabilas atuais, por exemplo, são louros e possuem cútis clara. Já Cílace de Carianda, contemporâneo de Dario, fala dos líbios louros: *Ξάνθοι Λίβυες* (*Xanthoi Libyēs*)

(12). — TISSOT, *Géographie*, I, 409; vide BROCA, in “*Revue d’Anthropologie*”, 1876, p. 397; FAIDHERBE, *Collection complète des inscriptions numidiques*, 23-24; LENORMANT, *Histoire ancienne de l’Orient*, 9.a ed., II, 282. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 307; BERNARD, *Le Maroc*, 64.

(13). — MEYER, *Geschichte des Altertums*, trad. franc. de MORET: *Histoire de l’Antiquité*, t. II, p. 50. Apud BERTHELOT, *L’Afrique saharienne et soudanaise*, 134-135; LENORMANT, *Histoire ancienne de l’Orient*, II, 282-283. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 307; MENDES CORRÊA, *R. n.*, 119.

14). Notemos ainda que ao sudoeste de Marrocos, os abelos louros parecem ter sido freqüentes entre os uanches, que habitavam as Canárias desde a época anterior à introdução dos metais na Berbéria (15).

Notou-se também que um grande número de bérberes possui espáduas larguíssimas e tórax delgado, em forma de cone deitado — cousa que se nota nas pictografias egípcias — e que é tão comum entre os espanhóis e bascos (16). Essas semelhanças parecem revelar origens comuns, que se perdem em eras longínquas. Todos os fatos até aqui examinados não justificam as teorias aventurosas de certos eruditos que pretendem tudo saber. Entre êsses escritores, alguns firmam que os bérberes são descendentes do Homem e Cro-Magnon, vindo da Europa para África através a Espanha, ou das Canárias para a Berbéria; outros rêm, pelo contrário, que aqueles a quem chamamos e iberos e lígures são oriundos do noroeste da África (17); outros ainda dizem que o berço dos bérberes está situado no nordeste da África (18), ou na Ásia (19), ou mesmo ainda na fabulosa Atlântida (20). Co-

-
- 14). — GAUTIER, *L'Afrique blanche*, 170-171.
15). — BERTHELOT, *op. cit.*, 134-135; BROCA, in "*Revue d'Anthropologie*", 1876, p. 402; VERNEAU, in "*Archives des missions*", 3.ª série, XIII, 1887, pp. 583-584. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 292; cf. *infra*, pp. 77-78.
16). — COLLIGNON, *Les Basques (Mémoires de la Soc. d'Anthr.*, 3.ª série, I, 1895), p. 45. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 305-306.
17). — BELLOGUET, *Éthnographie gauloise*, 2.ª ed., II, p. 331 e segs.; KOBELT, *Reiseerinnerungen*, pp. 214-215; MODESTOV, *Introduction à l'histoire romaine*, p. 122. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 305-306.
18). — SERGI, *Origine e diffuzione della stirpe mediterranea*, 1895; MODESTOV, *Introduction à l'histoire romaine*, 107 e segs. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 305-306.
19). — KALTBRUNNER, *Recherches sur l'origine des Kabyles*, ext. in "*Globo*", Genebra, 1871; MÜLLER, *Allgemeine Ethnographie*, 2.ª ed., pp. 42 e 81; STUHLMANN, *Ein kulturgeschichtlicher Ausflug*, pp. 127-129. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 305-306.
20). — JUBAINVILLE, *Les premiers habitants de l'Europe*, 2.ª ed., I, pp. 21, 24 e 69. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 305-306.

mo se vê, hipóteses sôbre a origem do bérbere são múltiplas, convindo, portanto, aguardar novos dados para nos pronunciarmos a respeito.

B). — *RELAÇÕES E INFLUÊNCIAS DE OUTROS POVOS.*

1. — *Egito.*

Entre o Egito e a Berbéria notamos inúmeras semelhanças, a começar pelo tipo físico dos felás, — muito parecido com as imagens pictográficas egípcias da época faraônica — com seu porte esguio, torso cônico: aspecto tão comum entre os bérberes atuais. Essa coincidência está atualmente explicada, porque sabemos que boa parte dos egípcios era composta de líbios (21).

Os testemunhos históricos mais antigos que possuímos sôbre os líbios são os do Egito, que têm a grande vantagem de serem contemporâneos do início da História Egípcia; são sobretudo documentos arqueológicos (com desenhos pictográficos) tais como: maças, placas de marfim, decorações de templos reais, etc. Numa paleta vemos o rei do Egito do sul, Narmer, conquistando o Baixo-Egito, ao mesmo tempo que vence os líbios, aliados dos egípcios do Delta. Esses líbios aí são indicados pelo nome de *zemhu* (*tehenu* e *temhu* em Moret) (22). Um pouco mais tarde, Menés — o fundador oficial da monarquia egípcia (cêrca de 3300 a.C.) — também é representado como vencedor dos líbios, que figuram entre seus súditos. Mais numerosos são os documentos fornecidos pelos monumentos dos reis da IV e V dinastias (cêrca de 2840-2540 a.C.), principalmente pelo templo do faraó Sahurâ (cêrca de 2660 a.C.). Aí, num baixo-relêvo vemos chefes líbios vencidos e enumerados (números inverossímeis) os cem mil bois,

(21). — BERNARD, *A. S. O.*, I, 71; MORET, *Histoire de l'Orient*, I, 43; PITTARD, *Les races et l'histoire*, 523; DIAS, *op. cit.*, I, 184.

(22). — BERTHELOT, *op. cit.*, 129; MORET, *op. cit.* I, 95-96; CHAVREBIÈRE, *Histoire du Maroc*, 17.

os duzentos mil asnos, carneiros e cabras de que êle se apoderou (23).

Durante o II milênio a.C., o Mediterrâneo teve vários estados marítimos em plena expansão. Nas costas do Mar Egeu, os aqueus, os dardânios, os lícios, os tirênios dominavam. São os *povos do mar* dos egípcios. Êles mantiveram estreitas relações com os líbios, e foi dêles ou dos egípcios, que os bérberes receberam o conhecimento dos metais. Êsses *povos do mar*, com o auxílio dos líbios, invadiram muitas vêzes o Egito (24), o que está provado por inúmeras inscrições.

Vemos aparecer em tôdas as ocasiões em que a realza faraônica está em decadência, êsses líbios de longos cabelos entrançados, com uma mecha pendente e uma pluma de avestruz (insígnia de guerreiro, usada também pelos egípcios até o Médio-Império), de bigodes raspados como os nilóticos, mas com uma longa barbicha e seu característico estôjo fálico, — encontrados em 30 séculos de pictografias egípcias; êles se lançam então sôbre o vale do Nilo, praticando enormes razias. Como todos os nômades, tornaram-se muitas vêzes os guardiões dos sedentários e transformaram-se em mercenários, mas ao primeiro sinal de fraqueza, substituíram-se às dinastias indígenas (as XXII, XXIII, XXIV e XXVI dinastias do Egito são líbicas) (25).

Na época de Ramsés II (cêrca de 1298-1232 a.C.), reaparecem os líbios aliados aos *povos do mar*. Êstes invasores possuíam espadas, perneiras e couraças de ferro, o que nos faz pensar nos heróis de Homero. Igualmente na segunda metade do II milênio a.C., na época de Merneftá (cêrca de 1232-1224 a.C.), Mârâiu, rei dos *lebu*, invade o Delta com um exército composto de africanos (*lebu, mashauasha, kahaka*) e de gente vinda

(23). — BORCHARDT, *Grabdenkmal des Koenigs Sahure*, in 4.º, Leipzig. 1913. Apud BERTHELOT, *op. cit.*, 129; CHAVREBIÈRE, *op. cit.* 18; MORET, *op. cit.*, I, 205.

(24). — BERNARD, *A. S. O.*, I, 75; MORET, *op. cit.*, II, 502, 545-549 e 585-586.

(25). — BERTHELOT, *op. cit.*, 129; BERNARD, *A. S. O.*, I, 75; MORET, *op. cit.*, II, 665-668.

dos países do mar (*akaiuasha, tursha, luku, shardana, shagalasha*) (26).

Todos êsses fatos vêm provar a existência duma corrente intermitente de invasão, do Atlas para o Nilo, onde certo número de tribos bérberes se fundiram com a população existente. Mas houve também uma corrente inversa, isto é, do vale do Nilo para a Berbéria. Como não achamos na África do Norte a abundância de documentos históricos encontrados no Egito, somos obrigados a apelar para a Paleontologia e a Arqueologia, que nos são de grande auxílio. Assim, sabemos que o cão da África do Norte, muito comum no neolítico, parece ter sido domesticado fora da Berbéria e somente depois foi aí introduzido. Êsse cão neolítico encontra-se ainda no sul do Saará tuaregue e está representado nas gravuras rupestres, — de que já falamos (26-a) — como um animal de orelhas direitas, muito semelhante e talvez descendente do chacal. Em outras gravuras vemos representados os atuais *sluguis* (lebreiros), raça oriunda do nordeste da África.

O cavalo é também um elemento importado da Ásia, através do Egito, pois parece que êsse precioso instrumento militar do Homem — preponderante durante trinta ou quarenta séculos — veio das estepes da Ásia central. Introduzido entre 2500 - 2000 a.C. na cena histórica do Mediterrâneo oriental, talvez pelos indo-europeus e outros invasores contemporâneos (cassitas), apareceu no Egito com os hicsos (27) e daí atingiu a Núbia, onde, segundo alguns autores, se cruzou com zebras, formando a nova raça conhecida pelo

(26). — MORET e DAVY, *Des clans aux empires*, 194-206 e 386-394; CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 18; GSELL, *H. a. A. N.* I, 347; GILES, in *C. A. H.*, II, 162-163 e 172-176; HALL, in *C. A. H.*, II, 275-283.

(26-a) — Cf. *supra*, pp. 57-60. Vide também o interessante livro de CHILDE, *Étude philologique sur les noms du "chien" de l'antiquité jusqu'à nos jours*, 44, 196 e passim.

(27). — Vocábulo derivado do egípcio *Hiku-khasut* (transformado posteriormente em *hik-shos*) "príncipe dos desertos". Maneto, erroneamente traduziu êsse nome por "príncipe dos pastores", confundindo-o com outra palavra: (*shasu* — beduino). Apud HALL, in *C. A. H.*, I, 311.

nome de bérbere. Essa nova raça espalhou-se pelo noroeste da África, na segunda metade do II milênio a.C., por intermédio dos líbios que vagavam entre o Egito e a Grande Sirte. Êsses líbios já utilizavam o cavalo no século XIII a.C. porque, quando nessa época invadiram o Egito com o auxílio dos *povos do mar*, empregaram carros de guerra. Da Berbéria, o cavalo passou para o Sudão ocidental e para a Europa. E' possível também que o cavalo, partindo das estepes asiáticas, tenha penetrado na Berbéria pela Espanha (28).

Outra prova da existência das relações entre o Egito e a Berbéria está na expansão do culto solar do carneiro Amon-Râ, oriundo da faraônica Tebas, durante o II milênio a.C. Êsse deus teve também santuários na Núbia e no oásis de Siua, conhecido pelos gregos sob o nome de Ἀμμωνεῖον (*Ammonion*). Os colonos da Cirenáica o adotaram e o identificaram com Zeus (Zeus-Amon). As gravuras rupestres do sul de Orão (29) atestam que o culto do carneiro Amon-Râ era praticado na Berbéria. O interessante é que êsse culto se manteve aí após à conquista dos fenícios, cartagineses e romanos, sofrendo modificações mais ou menos profundas; daí, espalhou-se por tôda a África do Norte e Sudão. Isso nos leva a pensar que sua expansão tenha sido lenta, de tribo em tribo, porque os habitantes da Berbéria não mantinham relações diretas com os egípcios. O culto dêsse deus deve ter penetrado na África do Norte entre os séculos XVI e XII a.C., época em que os líbios que viviam a leste da Grande Sirte, foram atraídos pelas riquezas do Egito e tentaram várias vezes saqueá-lo, estabelecendo-se então, relações mais estreitas entre as duas regiões (30).

Essas relações entre a Berbéria e o Egito continuaram até aos nossos dias, mostrando com isso a existência duma via natural de penetração de elementos cul-

(28). — BERTHELOT, *op. cit.*, 48 e 92; GSELL, *H. a. A. N.*, I, 233; MYRES, in *C. A. H.*, I, 107-108.

(29). — Cf. *supra*, p. 59.

(30). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 266-267 e 251-253; BERTHELOT, *op. cit.*, 123-124; JULIEN, *op. cit.*, 42; GAUTIER, *Le passé de l'Afrique du Nord*, 38.

turais em tôdas as épocas. Assim, o camelo que tinha existido anteriormente na África, foi novamente introduzido na Berbéria, em grande escala, na época do Império Romano por essa via. Esse animal, montada típica do árabe, era conhecido, mas não usado no Egito faraônico, como se pode ver em alguns monumentos do Alto-Egito (31). No IV século, êles eram muito numerosos na Tripolitânia, pois Amiano Marcelino nos diz que Leptis, ameaçada pelas tribos nômades vizinhas, apelou para o governador da província Romano, conde da África, e que êste pediu 4.000 camelos em troca do seu auxílio, o que vem provar que o rebanho dessa cidade já era considerável. Foram os romanos os introdutores em grande escala do camelo na África do Norte, quando fizeram vir um corpo de cameleiros sírios para a defesa do *limes* (32); por outro lado sabemos que César tomou 22 camelos de Juba I na batalha de Tapso (46 a.C.), o que indica ser o camelo animal conhecido na Berbéria de então, mas de uso diminuto. No século III, quando a civilização urbana declinou, as tribos pastoras retomaram o terreno que tinham perdido com o aumento da área agrícola. Assim, o camelo generalizou o nomadismo e vingou o nômade do invasor romano.

2. — O Saará e o negro.

A Berbéria está limitada ao sul pelo deserto de Saará, que era então menos estéril do que hoje e permitia uma vida próspera nos oásis. Os escritores gregos e latinos (33), descrevendo o Saará, diziam-no habitado pelos *etíopes*. Mas quem seriam êsses etíopes? A palavra grega *Αἰθίοπες* (*Aithiopes*), que aparece pela primeira vez nos poemas homéricos (34), foi adotada

(31). — BERTHELOT, *op. cit.*, 93; GAUTIER, *Le Sahara*, 129-141.

(32). — Cf. *infra*, n. 257.

(33). — Vide o *Périplo de Hanão*, I, 6 e Plínio, *História Natural*, V, 14 e V, 51 e 52. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 63-64.

(34). — BERTHELOT, *op. cit.*, 139.



Fig. 4. —A AFRICA SEGUNDO HERÓDOTO (Apud JACQUES WEULERSEE, *L'Afrique noire*, 18).

pelos romanos e significa pessoa de face queimada, escura. Os autores clássicos applicavam êsse termo aos verdadeiros negros (35). E' verdade que podia designar também homens de pele muito escura, mas sem ser negra. Os bérberes, cuja cútis branca era escurecida pelos efeitos dos raios solares, são qualificados de *nigri*, mas não são absolutamente chamados *etiopes* (36). Através dessas afirmações vemos a interessante mudança de sentido sofrida por essas duas palavras; atualmente chamamos de etiopes os indivíduos de cútis escura, — mas não negra — e de negro os de epiderme preta.

Numerosos testemunhos provam que, durante a Antiguidade, tôda a Berbéria esteve cercada ao sul pelos etiopes, chamados algumas vêzes de etiopes occidentais (37). Estrabão não sabia indicar os limites entre a Etiópia e a Líbia, mesmo na região ribeirinha ao Oceano. Podemos, entretanto, extrair do texto da obra dêsse autor e de outros, alguns dados mais precisos (38).

A tradução grega do Périplo de Hanão menciona os etiopes, não sòmente nas costas do Saará (39), onde mais tarde são ainda encontrados (?) por Cílax (40), mas também ao sul de Marrocos, na região montanhosa onde corre o Lixo, isto é, o atual *uadi* Draa. São talvez os etiopes daratitas (ribeirinhos do rio Darate, o *uadi* Draa dos nossos dias) citados como habitantes da costa por Políbio ou Agripa, segundo Plínio (41).

(35). — Heródoto, VII, 70. Diodoro, III, 8. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 229.

(36). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 229.

(37). — Heródoto, VII, 70. Apud *L'enquête...*, II, 157.

(38). — Isidoro de Sevilha, *Etimol.*, XIV, 5, 17; Estrabão, IV, 4, 3; XVII, 3, 5; XVII, 3, 7 e 8; Pompônio Mela, III, 96; Plínio, *História Natural*, V, 43 e 77; Eustato, *Comentário a Dionísio Periegeta*, verso 179 (*Geogr. gr. min.* II, p. 248); Agatemero, II, 7 (*ibidem*, p. 473). Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 295.

(39). — § 11. Cf. GSELL, *H. a. A. N.*, I, 295.

(40). — Cílax, 111, Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 295.

(41). — *História Natural*, V, 10. Apud. ROGET, *Le Maroc chez les auteurs anciens.* 32.

Diz Heródoto (42) que os garamantes, povo bérbere sedentário, habitando os oásis ao sudeste dos getulos, caçavam os etíopes — provavelmente habitantes do Tibesti — talvez para obter escravos necessários aos seus trabalhos agrícolas. É evidente que nem todos os etíopes estabelecidos ao sul da Berbéria eram escravos, porque os textos nos provam a existência de prósperos povoados e nos dizem mesmo que eles faziam guerra aos mouros e aos romanos. Ocupavam esse território havia muito tempo e só foram repelidos para a zona do Sudão quando os romanos, introduzindo o camelo em grande escala, expulsaram o bérbere nômade das terras aráveis das planícies e o transformaram em nômade cameleiro. Este, necessitando de espaço para pastagem de seus rebanhos, expulsou por sua vez os etíopes para o Sudão (43). Atualmente, o limite entre o bérbere e o negro é, *grosso-modo*, o Niger no interior e o cabo Branco na costa (44). Estrabão e Plínio falam nos seus escritos dos garamantes, referindo-se à expedição que contra eles foi levada a efeito pelo procônsul da África, Cornélio Balbo, o Jovem, que os venceu, mas não anexou seu território ao Império Romano (45).

Durante o período da dominação cartaginesa na África do Norte, — de que trataremos pormenorizadamente em capítulo especial — negros oriundos dos oásis do Saará, ou do centro da África, foram introduzidos como escravos nas cidades e nas regiões agrícolas da Berbéria. Nada indica, porém, que esse tráfico tenha fornecido durante o Império Romano os braços necessários à exploração dos grandes domínios africanos: a região era bastante povoada para necessitar dessa mão de obra estranha. Mas essa imigração negra sempre

(42). — Heródoto, IV, 183 (Apud *L'enquête...* I, 363), diz:

“Êsses garamantes caçam os etíopes trogloditas nos seus carros de quatro cavalos; porque os etíopes são, na corrida, os homens mais ágeis do mundo...”

(43). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 300; GAUTIER, *Sa.*, 134-141.

(44). — CARY e WARMINGTON, *Les explorateurs de l'antiquité*, 255-256; JULIEN, *op. cit.*, 178-179; GSELL, *H. a. A. N.*, I, 299.

(45). — BESNIER, *Lexique de géographie ancienne*, 330.

foi praticada; os etíopes sempre procuraram o *Tell* e a raça de Grimaldi, na Ligúria, é o símbolo de que ela foi ainda mais além, atingindo a Itália em época muito remota (46). Só por êsse fato da contínua influência do etíope na Berbéria, o assunto interessa à nossa tese.

Os negros oriundos do centro da África, depois da abolição do tráfico e da conquista francesa, diminuíram na Berbéria, mas são ainda bastante numerosos em Marrocos. Por outro lado, sabemos que a introdução de negros não foi muito ativa na Antiguidade. Mas na Idade Média, com a penetração do Islão no interior da África, o tráfico foi muito intensificado. A maioria desses negros era composta de sudaneses, que se tornaram escravos domésticos ou formavam tropas especializadas ao serviço dos chefes magrebinos. Como o muçulmano não teve preconceito de côr, a mestiçagem foi intensa, principalmente em Marrocos (47), o que explica a elevada posição social aí ainda hoje ocupada pelos mestiços. Podemos mesmo acrescentar que o atual marroquino da região do Atlas possui especial propensão para ter em seu harém mulheres negras. Mas, mesmo com essa mestiçagem, os montanhesees marroquinos são bérberes e não se tornaram negros (48).

O fator clima, segundo teorias modernas, tem também grande importância na separação racial. Assim, a raça branca é detida ao sul do Saará por um adversário infimo e inumerável, o exército de mosquitos portadores da malária. O negro é por sua vez desviado do Saará por ter os poros da sua pele muito abertos e, nessas condições, precisa beber bastante e viver num clima úmido. Essa contribuição da medicina moderna é muito interessante. Ela serve para provar que o Saará foi outrora menos estéril e que o negro podia então habitar perfeitamente os oásis ao sul da Berbéria, pois os textos antigos afirmam com absoluta segurança sua presença nesses locais. Êles devem ter sido ex-

(46). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 302-303.

(47). — *Ibidem*, I, 282; GAUTIER, *P. A. N.*, 375-376; WEULERSEE, *op. cit.*, 91.

(48). — GAUTIER, *A. B.*, 9-10.

pulsos não somente pelos bérberes, mas também pelo clima. Isso deve ser verdade, porque os que permanecem ainda nos oásis, então em plena degenerescência (49).

3. — *O bérbere e o guanche.*

O capítulo sobre o bérbere e as influências que recebeu ou transmitiu estaria incompleto se não nos referíssemos aos guanches (50), êsse interessante povo estabelecido no extremo ocidente de Marrocos, isto é, nas Ilhas Canárias.

O problema da origem étnica dos guanches — intimamente ligado ao das origens linguísticas — está envolto em densa obscuridade, mas já se conseguiu chegar a algumas conclusões positivas. É verdade que o assunto é extremamente controvertido, pois há quem queira ver nos guanches os descendentes das populações que conseguiram escapar ao cataclisma que se teria abatido sobre a Atlântida. Outros dizem que eles são o resultado da superposição duma população de origem vândala ou goda sobre um fundo bérbere (51). Mas o certo é que o tipo físico do guanche, — que parece melhor conservado em Tenerife — é descrito pelos autores como o dum indivíduo de alta estatura, louro e de olhos azues, trigueiro, rosto longo, vigoroso, muito ágil, levando sobretudo vida pastoril, cobrindo-se com peles de animais, habitando grutas onde depositava seus mortos mumificados, quando não os enterrava (52), sendo, portanto, muito parecido com o bér-

(49). — BERTHELOT, *op. cit.*, 52; GAUTIER, A. B., 10.

(50). — Nome que designava os habitantes primitivos de Tenerife, mas que se generalizou a todos os habitantes do arquipélago na época da conquista ibérica (Apud prof. URBANO CANUTO SOARES, *Ensaio filológico*, 25). Aliás êsse nome é um dos nove vocábulos bérberes que penetraram em nossa língua (Apud ANTENOR NASCENTES, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, p. XXVII).

(51). — SOARES (Prof. URBANO CANUTO), *op. cit.*, 25-26.

(52). — BERTHELOT, *op. cit.*, 133.

bere louro (53). Ao lado desse tipo existia outro muito semelhante ao bérbere moreno.

Alguns autores dizem que o guanche é descendente do Homem de Cro-Magnon e duma raça de pequena estatura, de cabeça curta. Esse fato é um argumento muito forte em favor da tese da identidade étnica bérbere-guanche que adotamos, porque encontramos o mesmo argumento em muitos autores quando se referem à origem étnica do bérbere (54). Para reforçar nossa afirmação, existem nas Canárias inúmeras inscrições rupestres que são idênticas às líbicas. Mas não é só. Hoje está provado que o dialeto guanche é um dialeto bérbere (55). Nesse sentido, o prof. Urbano Canuto Soares publicou um excelente trabalho, em que prova justamente essa nossa última asserção (56). Para consolidar ainda mais o nosso ponto de vista, sabemos que os guanches ignoravam o uso dos metais (57). Já dissemos (58) que a Berbéria não teve uma idade dos metais própria e que foi provavelmente pelas relações comerciais que a metalurgia do cobre, do bronze e do ferro se tornou conhecida na África do Norte. Isso poderá servir para datarmos, *grosso-modo*, a época em que as relações entre os guanches e os bérberes do continente eram freqüentes, mostrando também que houve interrupção das mesmas, porque a civilização guanche permaneceu estacionária em comparação com a líbica.

4. — *O fenício-cartaginês e o judeu. Suas influências no bérbere.*

Os fenícios tiveram pouca influência na formação étnica do bérbere. Fundando colônias apenas no li-

(53). — Cf. *supra*, pp. 66-67.

(54). — Cf. *supra*, pp. 67.

(55). — GSELL, *H. a. A. N.* I, 310; GESCHER, *L'Espagne dans le monde*, 289-290.

(56). — SOARES, (Prof. URBANO CANUTO), *Ensaio filológico (Um manuscrito português do século XVI e o problema guanche)*. Pôrto, 1920. Tip. de "A Tribuna". Separata da "Revista da Faculdade de Letras do Pôrto". Nos. 1-2. 29 pp.

(57). — BERTHELOT, *op. cit.*, 133.

(58). — Cf. *supra*, p. 61.

toral e sendo estas geralmente cercadas de muralhas, sua influência étnica fez-se sentir com pouca intensidade.

O mesmo aconteceu com seus descendentes, os cartagineses que, no início da sua hegemonia, limitaram-se a ocupar apenas pontos de escala nas costas. Só muito mais tarde e em grande parte em consequência dos resultados da primeira guerra púnica, êles se voltaram para o interior africano. Nada indica, porém, que êsse território fôsse fortemente colonizado por êles (59).

Outro tanto não aconteceu ao judeu. Existem atualmente cêrca de 300.000 filhos de Israel (?) espalhados pela Tripolitânia, Tunísia, Argélia e Marrocos. Sabemos que já eram numerosos na época romana e que a maioria era composta de verdadeiros hebreus, talvez oriundos da imigração cirenáica no tempo dos Ptolemeus (60). Mas, entre os atuais judeus da África do Norte, notamos inúmeros bérberes — hoje completamente esquecidos da sua origem — cujos antepassados foram convertidos ao judaísmo. E' essa a mais importante influência do judeu sôbre o bérbere que conhecemos. Verificamos curiosamente que o anti-semitismo atual do bérbere se exerce, em parte, contra alguns dos seus próprios irmãos de sangue.

5. — *O romano e o bérbere.*

Neste item trataremos apenas da influência do romano na formação étnica do bérbere, deixando para um capítulo especial o estudo do domínio romano na África do Norte.

Após a derrota de Cartago e até a época de Júlio César, os romanos só se interessaram pelo nordeste da Tunísia e, salvo uma tentativa infeliz para reerguer Cartago, não criaram nenhuma colônia na África. Mas, no meio século que precedeu e no século que se seguiu à era cristã, Roma fundou algumas dezenas de colônias

(59). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 277.

(60). — *Ibidem*, I, 280-281.

e nelas implantou um certo número de cidadãos romanos e de estrangeiros, principalmente italianos. Infelizmente, sabemos muito pouco sôbre essa imigração oficial, mas não devemos exagerar a sua importância. Temos certeza, por exemplo, de que 500 famílias, quando muito, foram instaladas em *Thamugadi* (colônia Ulpia Marciana Trajana, atualmente Timgad) (61); por outro lado, a colônia romana mais importante da África, a que Augusto fundou em Cartago, tinha apenas 3.000 colonos romanos (62).

Além dêses colonos, devemos levar em conta também os que obtiveram concessões em territórios não coloniais e que vieram se fixar voluntariamente nas províncias africanas. O número dêstes novos imigrantes é impossível ser obtido, mas êles não deviam ser numerosos, porque eram geralmente veteranos do exército da África que recebiam terras. Ora, sabemos que o efetivo dêsse exército nunca passou de 25.000 homens no Alto-Império e, como o serviço militar era então muito prolongado (25 anos), o número dos veteranos licenciados anualmente não poderia ser muito elevado (63). Além disso, antes do II século o recrutamento dos auxiliares era feito fora da África. Nesse século, sabemos que os recrutas africanos figuravam ao lado de espanhóis, corsos, sardos, gauleses, sicambros, dálmatas, bretões, partas, etc. E no meado dêsse século, tanto os legionários, como os auxiliares, são recrutados quase que exclusivamente na África (64). Vemos, portanto, que nessa época o afluxo de sangue romano cessa quase completamente e, em consequência, a população bérbere, que tinha recebido muito pouca influência de romanos ou italianos, continua quase inteiramente isenta dêsse influxo.

(61). — Vide BARTHEL, *Römische Limitation in der Provinz Africa* (ext. dos "*Bonner Jahrbücher*", CXX, 1911), p. 104, Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 277.

(62). — Apiano, *Lib.*, 136. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 277.

(63). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 277. Vide ADCOCK, in *C. A. H.*, IX, 708.

(64). — JULIEN *op. cit.*, 154; HOMO, *L'empire romain*, 199-201.

6. — *Os iberos e o povoamento da Ibéria.*

Após termos mostrado as influências que os egípcios, negros, guanches, fenícios, cartagineses, judeus e romanos exerceram ou receberam do bérbere, vejamos agora o problema dos iberos.

O nome *ibero* (65), que Heródoro (chamado o Pôntico, contemporâneo de Sócrates) (66) parece ter sido o primeiro a aplicar a todos os povos ao sul dos Pirineus, designava talvez originariamente um só povo, e a expansão de nomes como *Iliberris* (Cidade Nova), *Ilerda*, *Ilipula*, marca os progressos da sua potência.

O ibero é de origem africana. Essa origem é um dos problemas mais debatidos em História, mas, apesar disso, é essa a opinião da maioria dos autores (67), que dizem ser o ibero oriundo do bérbere, ou ter com êle uma origem comum. Essa afirmação é velha, pois Leibniz e Niebuhr já a tinham empregado (68).

Schulten (69), que considera o ibero como um *hamita* de raça bérbere, descreve-o como dolicocefalo, de pequena estatura, côr tostada, labios grossos e nariz achatado. Esse autor é partidário da tese da intensa colo-

(65). — Do grego *iberos*, (Ἰβήρος), latim *iberu*, mas de origem discutida. Para Pictet, o radical da palavra *ibero* é o mesmo de *ária*; outros derivam-no do hebreu *Eber* ou *Ibra* (passagem, limite) e daí teria derivado o nome dado ao rio Ebro (*Eber*, *Iber*, *Ebro*), por ser um limite, uma fronteira bem definida. *Ibero* significaria pois o habitante das bordas do Ebro. Outros ainda, dizem-no derivado da situação da Ibéria além dos Pirineus, ou em virtude dos iberos terem transposto os montes. (Apud ANTENOR NASCENTES, *op. cit.*, 417).

(66). — MÜLLER, *Fragmenta historicorum Graecorum*, ed. Didot, II, p. 54. Apud SORRE, SION e CHATAIGNEAU, *Méditerranée. Péninsules méditerranéennes*, I, 89.

(67). — SOUZA, *Historia de Portugal*, 17; MENDES CORRÊA, *R. n.*, 134; CARDOZO, *Citânia de Briteiros*, 29.

(68). — OLIVEIRA MARTINS, *Historia da civilização ibérica*, 24.

(69). — SCHULTEN, *Numantia*, I, 47. Apud MENDES CORRÊA, *Os povos primitivos da Lusitânia*, 312; BALLESTEROS, *Historia de España*, I, 127.

nização ligúrica na Península. Mas isso nos parece exagerado, porque os bérberes mais próximos dos negros do Sudão não apresentam êsses caracteres negróides atribuídos por êle ao ibero; além disso, sabemos que êsse autor em tudo vê o ligure, até mesmo entre os lusitanos (70), que Mendes Corrêa, grande autoridade no assunto, considera oriundos dos iberos ou dos celtiberos, isto é, da fusão dos iberos com os celtas invasores do seu território (71).

Quanto ao povoamento português, Mendes Corrêa (72) nota em Muge dois tipos antropológicos diferentes: um, proto-braquicéfalo, que explica ser um ramo tardenoisense vindo como o azilense (73) pela Ásia e Danúbio (74); o outro, dolicocefalo, que é o tipo tardenoisense, oriundo do capsense. Dêles, Mendes Corrêa (75) faz derivar os tipos portugueses atuais: do primeiro o dolicocefalo baixo e moreno que é o elemento predominante; e do segundo o outro, composto de elementos nórdicos e de morenos altos, alguns dos quais de provável origem semita. Gilberto Freyre (76) explica a predisposição do português para a colonização dos trópicos, justamente por êsse caráter de povo indefinido entre a Europa e a África do Norte.

Bosch-Gimpera (77) acha que os iberos do eneolítico são os antepassados dos iberos da idade do ferro, os pirenaicos os antepassados dos bascos atuais e que os tartéssios dos textos históricos, derivariam duma nova penetração de provável origem africana,

(70). — SORRE, SION e CHATAIGNEAU, *op. cit.*, I, 89; vide também a obra de FRAN PAXECO, *Portugal não é ibérico*.

(71). — MENDES CORRÊA, *R. n.*, 64.

(72). — *Ibidem*, 65.

(73). — Cf. *supra*, pp. 47-51.

(74). — MENDES CORRÊA, *Sur les brachycéphales préneolithiques*. Apud *R. n.*, 64.

(75). — IDEM, *R. n.*, 93; VASCONCELOS e SA', in "*História de Portugal*", Portucalense Editora, I, 59-63. SORRE, SION e CHATAIGNEAU, *op. cit.*, I, 89.

(76). — FREYRE (Gilberto), *Casa Grande & Senzala*, 2, 3, 5, 6 e 140-142.

(77). — Apud MENDES CORRÊA, in "*História de Portugal*", Portucalense Editora, I, 154-155.

que teria destruído a cultura andaluza do bronze. Mas Mendes Corrêa (78) discorda, dizendo que as relações genealógicas entre almerenses e iberos, e entre pirenaicos e bascos, são verossímeis e que a distinção — como a identificação — entre as populações peninsulares dos períodos eneolítico e do bronze, anteriores ao fim do segundo milênio, são meras conjecturas.

Grande número de escritores, admitindo a origem africana do ibero, discordam, entretanto, sobre a data da sua ida da África para a Europa, como também sobre a prioridade do celta e do ibero na meseta espanhola. Assim, Schulten (79) admite que o ibero foi precedido pelo lígure — que para êle é também de origem africana — e que perseguindo-o, penetrou na Gália em 500 a.C., ocupando então a Provença e a Aquitânia, mas sendo expulso em 400 a.C. pelo celta, penetra de novo na Ibéria e ocupa a meseta central, tendo o celta nas suas pegadas. Da fusão das duas raças nasceu o tipo clássico do celtibero. Afinal, de tôdas essas afirmações, chegamos à conclusão de que o problema do ibero é muito complexo, tão complexo como a própria formação do povo da Ibéria, verdadeiro *pot-pourri* de tipos humanos, formado por sucessivas levas de elementos africanos, caldeados com elementos vindos de além Pirineus.

7. — *As semelhanças entre o ibero e o bérbere.*

Após havermos descrito o povoamento da Ibéria, é mister ressaltar as semelhanças entre os dois tipos humanos separados pelo Estreito de Gibraltar.

A semelhança entre os dois tipos é notável, tanto moral como fisicamente. Certos episódios da História da Berbéria parecem ter sido extraídos da História Ibérica. Assim, como o ibero, o bérbere gastou inúmeras vezes a sua energia em lutas, sem grandeza e sem interesse, entre indivíduos, famílias, aldeias ou tribos. Quase sempre o bérbere não teve os sentimentos de lar-

(78). — MENDES CORRÊA, in "*História de Portugal*", Portu-
calense Editora, I, 154-155.

(79). — Apud BALLESTEROS, *H. E.*, I, 127.

ga solidariedade que formam as nações. Pode-se dizer d'êles o que Estrabão (80) dizia do espanhol:

“... só tendo audácia para as pequenas cousas, incapaz de empreender as grandes, porque não tinha sabido formar sociedades fortes e poderosas.”

Estudando os gêneros de vida dos iberos e dos bérberes, nota Mendes Corrêa (81) que os últimos, sedentários, nômades ou citadinos, só adotam qualquer desses modos de existência premidos pela natureza da região que habitam. Essas tendências foram dominadas no ibero pelas condições geográficas, pela montanha, pela fronteira e pela feracidade do solo. Sustenta ainda Mendes Corrêa que o aspecto geral das aldeias cabilas é similar ao das aldeias ibéricas; as culturas, o regime das propriedades, as indústrias populares, são muito semelhantes. Os jardins de certas cidades marroquinas lembram as *huertas* da Andaluzia.

Na Antiguidade a semelhança foi ainda mais notável que nos tempos modernos. Assim, o ibero e o bérbere possuíam as mesmas armas (escudo, lança, funda), as mesmas vestes (*sagum*, *chilaba*), a mesma tática de guerra, sutil combinação de ataque e de fugas rápidas com o sistema de emboscadas (Viriato, Jugurta, Tacfarinates, Masinissa, foram mestres no assunto) e até as mesmas instituições políticas (82). Neles encontramos até os mesmos defeitos e virtudes: fidelidade, cavalheirismo, hospitalidade, indolência (cousas que herdamos). Também em matéria de religião houve semelhanças: os cultos de Erable e da Peña Tû (83) dos iberos são encontrados também entre os bérberes, em forma diferente, mas similar.

Todos êsses fatos nos levam à conclusão de que o ibero e o bérbere têm um fundo comum, que pertencem a uma sub-variedade da classificação de Giuffrida-

(80). — III, 4,5. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 27.

(81). — MENDES CORRÊA, *R. n.*, 137-138.

(82). — SCHULTEN, in *C. A. H.*, VII, 783-784.

(83). — GOURY, *L'homme des cités lacustres*, II, 559 e segs.

Ruggieri (84): *Homo sapiens indo-europeus*, variedade *dolicomorphus*, sub-variedade *mediterraneus*, dentro da variedade *dolicomorfa* dos leucodermes. O grande Topinard (85) afirma também que há fortes presunções de que

“o fundo comum mais antigo da Península Ibérica, da bacia do Garona e das ilhas do Mediterrâneo é bérbere.”

Por sua vez, Van Gennep (86), falando da identidade do tipo mediterrâneo, diz:

“os mesmos crânios, os mesmos índices nasais, as mesmas relações de ossos curtos com ossos longos, se encontram em todo o contorno do Mediterrâneo ocidental. Temos em França populações ibero-bérbere caracterizadas. Dum sardo, dum siciliano, dum português, dum espanhol, a um bérbere da Tunísia, da Argélia ou de Marrocos, há uma diferença infinitesimal.”

Augustin Bernard (87) afirma, de acôrdo com os trabalhos de Quedenfeldt, Flamand, Tissot, que o tipo mais comum na Berbéria (dois terços), de crânio alongado, cabelos e olhos negros, de pequena estatura, é o tipo mais comum na Europa meridional (na Ibéria, na Itália, no sudoeste da França).

Certos autores, entusiasmados com a generalização do tipo ibero-bérbere, querem-no fazer tronco dos sicanos e dos bascos. Na Antiguidade dizia-se que os sicanos eram autóctones e é na História lendária que co-

(84). — GIUFFRIDA-RUGGIERI, *Schema de classification des hominiens atuels*, Genebra, 1912. Apud MENDES CORRÊA, *R. n.*, 116.

(85). — TOPINARD, *Éléments d'anthropologie générale*, 498 e 502. Apud MENDES CORRÊA, *R. n.*, 116.

(86). — VAN GENNEP, *En Algérie*, 159. Apud MENDES CORRÊA, *R. n.*, 116-117.

(87). — BERNARD, *Le Maroc*, 64; IDEM, *A. S. O.*, I, 71.

locamos a luta de Cócalo, rei de Câmico contra o invasor Minos. Os gregos os distinguiam dos sículos (88) e admitiam seu parentesco com uma população que habitava a Ibéria nas margens do rio Sicanos, o que levou certos autores modernos a identificá-los com os iberos e hérberes (89). Os bascos são também filiados por certos escritores (90) aos hérberes, graças, sobretudo, à pequena distância que separa o Atlas, onde acampa o hérbere, das *Sierras* onde o basco se encastelou. Mas tudo isso é mera suposição que pode ser ou não transformada em verdade algum dia, após acuradas pesquisas. O certo é que iberos e hérberes apresentam um tipo físico semelhante, fazendo ambos parte de conjuntos pouco homogêneos, de verdadeiros amálgamas de tipos antropológicos (91).

C). — OS DIALETOS BÉRBERES.

1. — *Área de extensão.*

Entre os habitantes da África do Norte logo se estabeleceram relações, oriundas principalmente da domesticação de animais, da transumância, da necessidade de cereais pelos nômades do sul. Essas relações foram facilitadas sobremaneira pela unidade da língua falada por eles, de onde derivam os dialetos bérberes atuais (92). Finck (93), discorrendo sôbre as línguas

(88). — Cílice, 13; Estrabão, II, 4. Apud GLOTZ e COHEN, *Histoire grecque*. I. *Des origines aux guerres médiques*, 176.

(89). — Tucídides, VI, 2; Estrabão, II, 4; Filisto, fr. 3; Hecateu, fr. 15; Estêvão de Bizâncio, *Σικανία*; vide SCHULTEN, *Numantia*, t. I, 56-57; art. *Sikaner* in Pauly-Wissowa, 2.^a série, t. II, p. 1459. Apud GLOTZ e COHEN, *op. cit.*, I, 176.

(90). — RECLUS, *La France et ses colonies*, I. Apud AMÉDÉE d'IVIGNAC, in "*Le Mois*", n.º 96, 58-59.

(91). — MENDES CORRÊA, *R. n.*, 117-118 e 125-126.

(92). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 28; CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 22; BERNARD, *Le Maroc* 66

(93). — No seu importante livro *Die Sprachstämme des Erdkreises*. Apud SOARES (Prof. URBANO CANUTO), *op. cit.*, 29.

hamito-semíticas, divide-as em dois grandes grupos: — o berbérico e o cuchítico. O primeiro, considerado por êle como sucessor do antigo líbico, é subdividido em grande número de dialetos, alguns dos quais são bem conhecidos, como o cabílico, o chíbico e outros ainda pouco estudados, como os que se falam nas margens do Senegal.

As comparações feitas pelos eruditos entre os dialetos bérberes e o basco, o etrusco, e as línguas turânicas, foram conduzidas por métodos criticáveis e devem ser postas de lado, como quer Gsell (94). Não acontece o mesmo com as comparações feitas entre o egípcio antigo, — transformado mais tarde no copta — e os idiomas falados na Núbia (entre o Nilo e o Mar Vermelho), na Abissínia (galas, somalis, massais), com o idioma haussá (entre o lago Chade e o Níger), e com o peul (disseminado no Sudão central e ocidental), apesar de Delafosse ter excluído dêsse grupo o haussá e o peul (95). O parentesco dessas diferentes línguas entre si e com os dialetos bérberes, pode ser encarado hoje como verdadeiro e demonstrado. Constituiu-se assim, uma família linguística chamada ordinariamente de *camíta ou hamítica* (96), que se estendeu e estende por todo o norte do continente africano, desde o cabo Guardafui até o Atlântico, avançando ao sudeste até entre o lago Vitória-Nianza e o Oceano Índico, e ao sudoeste até ao Sudão, no meio de línguas bem diferentes. Mas êsse parentesco é evidentemente muito antigo. Muitos milhares de anos antes da nossa era, o egípcio já estava constituído como língua, e o idioma líbico se desenvolveu ao seu lado, de maneira autónoma (97). Essa língua bérbere, falada ainda hoje por um terço dos habitantes da África do Norte sob a forma de dialetos, — o árabe é falado pelos dois terços restantes graças à

(94). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 320.

(95). — Vide C. MEINHOF, *Die Sprachen der Hamiten (Abhandlungen des Hamburgischen Kolonialinstituts, IX, 1912)*. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 320; BOISSIER, *L'Afrique romaine*, 6-9.

(96). — RENAN, *Histoire générale des langues sémitiques*, p. 88 da 2.^a ed. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 321; BERNARD, *Le Maroc*, 66.

(97). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 321; MORET, *op. cit.*, I, 107.

religião e principalmente à leitura do Alcorão (98) — esprou-se para fora da Berbéria, sobre o Saará, do oásis de Siua ao Oceano (pois o guanche é um dialeto bérbere) (99), atingindo o Senegal e até mesmo o Níger (100). É interessante e causa admiração ter essa língua conseguido disseminar-se através duma região tão dividida pela natureza como é o norte da África. Mas esse fato por si só gerou inúmeros dialetos.

Mas estender-se-ia essa língua do Saará ao Sudão na Antiguidade, como em nossos dias? Ou estava limitada, confinada à Berbéria, e depois da expansão dos bérberes cameleiros teria atingido o sul da área linguística atual? Heródoto (101) diz:

“...os egípcios colocam uma cabeça de carneiro na estátua de Zeus; e dos egípcios esse uso passou aos amonienses, os quais são colonos dos egípcios e dos etíopes, e empregam uma língua intermediária entre a de uns e a de outros...”

Portanto, para Heródoto no oásis de Amon [o atual oásis de Siua, que sabemos por Henri Basset (102) ter um dialeto próprio], falava-se uma língua mista. Mas a fonte da sua informação seria boa? Há uma evidente contradição com uma outra informação dada por êle

(98). — GAUTIER, A. B., 168.

(99). — Cf. *supra*, p. 78.

(100). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 310.

(101). — Heródoto, *Histórias*, II, 42, trad. de Ph.-E. Legrand, 96.

(102). — BASSET, *Le dialecte de Syouah*, Paris, 1890. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 317. Henri Basset é uma das maiores autoridades em dialetos bérberes. Dirigiu durante muitos anos o famoso Instituto de Altos Estudos de Marrocos e deixou muitas obras sobre linguística e etnografia da África do Norte. Entre elas destacamos as seguintes: *Essai sur la littérature des Berbères*, Argel, 1920; *Le culte des grottes au Maroc*, Argel, 1920; *Les influences puniques sur les Berbères*, in “*Revue Africaine*”, 1921, pp. 340-371; *Études sur les dialectes berbères*, Paris, 1894; *Manuel de langue kabyle*.

a propósito da língua falada pelos etíopes trogloditas, perseguidos pelos garamantes (103):

“o idioma em uso entre êles (os trogloditas) não se assemelha à nenhum outro; lançam pequenos gritos, como os morcegos...”

Concluimos daí que os etíopes não falavam um dialeto bérbere. Essa aparente contradição é explicada pelo fato de sabermos que o idioma bérbere penetrou no Tibesti mais tarde (no III século da nossa era), quando da invasão bérbere e conseqüente expulsão dos etíopes para o sul (104). Ora, o mesmo fenômeno deve ter-se dado no oásis de Siua.

No deserto, a dez dias de marcha a oeste dos garamantes, Heródoto (105) menciona um povo chamado atarantes. Esse nome atraiu a atenção de Barth (106) que o aproximou duma palavra haussá, *atara*, significando *reunido*. Se a conjectura é exata [porque outros, ao contrário, vêm aí uma derivação do termo bérbere *adrar* — montanha — (107)], os atarantes não teriam feito uso da língua líbica para os que não admitem o haussá aparentado ao bérbere (Delafosse), e para os que pensam de maneira diversa, é mais um argumento de que se trata duma colônia de líbios (108). Hanão quando partiu para o sul, levou consigo intérpretes (109). Esse fato é muito interessante e podemos indagar qual seria seu fito procedendo assim. Não o sa-

(103). — Heródoto, IV, 183. Apud *L'enquête...*, I, 363.

(104). — JULIEN, *op. cit.*, 178-180

(105). — Heródoto, IV, 184. Apud *L'enquête...*, I, 363; NEUMANN, *Nordafrika nach Herodot*, p. 114, n. 1. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 318.

(106). — BARTH, *Sammlung und Bearbeitung Central-afrikanischer Vokabularien*, I, pp. CI-CII; vide SCHIRMER, *Le Sahara*, p. 327. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 318.

(107). — SAINT-MARTIN, *Le Nord de l'Afrique dans l'antiquité*, pp. 60 e 154, n. 6. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 318.

(108). — LEPSIUS, *Nubische grammatik*, p. LI. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 318.

(109). — Períplo § 8. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 484.

bemos; o certo é que êles não entenderam a língua dos etíopes que viviam na costa saariana além do cabo Bojador (110). Enfim, podemos notar que os exploradores nasamões, mencionados por Heródoto (111), após terem atravessado o deserto, encontraram pequenos homens negros (pigmeus?) cuja língua lhes era desconhecida.

Creemos haver mostrado, com as considerações que precedem sôbre a área de extensão dos dialetos bérberes, as relações da África do Norte e conseqüentemente de Marrocos, com a região situada entre o Oceano Índico, Abissínia, Sudão e Saará. Considerações estas que nos levariam mesmo a admitir que essa área talvez atingisse a Ibéria, pois Mendes Corrêa (112) afirma que certos glotólogos dizem ser a língua dos primitivos lusitanos oriunda da Berbéria.

2. — *Semelhanças linguísticas entre a Ibéria e a Berbéria.*

A propósito das semelhanças linguísticas, principalmente na toponímia, entre a Ibéria e a África, possuímos dados muito interessantes que, se não provam a identidade de línguas entre as duas regiões, provam pelo menos relações muito íntimas que se refletiram nos nomes dados aos acidentes geográficos. Assim, no *limes* romano, ao sul da Pequena Sirte, o Itinerário de Antonino menciona um local que chama de *Tillibari* (113). Ora, êsse topônimo lembra notavelmente o nome da cidade bética *Iliberris* (114). Encontramos curiosamente no basco a tradução dêsse vocábulo, que

(110). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 493.

(111). — Heródoto, *Histórias*, II, 32, trad. Ph.-E. Legrand, grand, 87-88.

(112). — MENDES CORRÊA, in "*História de Portugal*", Portucalense Editora, I, 197.

(113). — Edição de Parthey e Pinder, p. 34 (num manuscrito está grafado *Tilliberi*). Êsse local é mencionado também em Coripo (*Johannides*, II, 80) sob a forma *Tillibaris*. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 323, nota 8.

(114). — BESNIER, *op cit.*, 386; GSELL, *H. a. A. N.*, I, 323.

é composto de dois elementos: o primeiro tem a significação de *lugar habitado* e o segundo de novo (115). A letra T da palavra *Tillibari* poderia ser o prefixo bérbere feminino (116). Aqui surge o problema muito interessante de sabermos quando apareceu na África êsse topônimo tão parecido com os nomes ibéricos. Gsell (117) acredita que se trata dum campo militar fundado por legionários romanos, oriundos da Ibéria, que serviam na África, como foi tão comum na época do domínio romano.

Outros topônimos africanos foram aproximados, alguns de forma arbitraria, dos seus congêneres ibéricos; podemos verificar que se trata de nomes bem antigos, alguns anteriores ao domínio fenício-cartaginês e romano. Assim, são freqüentes nas duas regiões vocábulos com as terminações *ilis* (118), *gis* (119), *curr*, *ara*, *aura*, *ippo*, *oba*, *uba*, e duma maneira geral, nomes terminados em *ul* (*i* ou *íi*) (120) e *tanus* (121), indicando nome de povos e de regiões. Encontramos também fre-

-
- (115). — SCHUCHARDT, *Die iberische Deklination*, p. 5, 8-9, in "Sitzungsberichte der Akademie der Wissenschaften in Wien, Phil.-hist. Klasse", CLVII, 1907. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 323, nota 10.
- (116). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 324; BALLESTEROS, *H. E.*, I, 128.
- (117). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 324.
- (118). — *Volubilis* em Marrocos (*Corpus Inscriptionum Latinarum*, VIII, p. 2072); *Cartilis* na costa da Argélia (*Itinerário de Antonino*, p. 6; GSELL, *Atlas archéologique de l'Algérie*, folha 4, n.º 1; *Igilgilis* (a atual Djidjelli) (GSELL, *Atlas archéologique de l'Algérie*, folha 18, n.º 107); *Zerquilis*, no Aurés (Coripo, *Johannides*, II, 145); *Zersilis* na região das Sirtes (Coripo, *Johannides*, II, 76). Na Espanha — *Bilbilis*, *Sinigilis*, etc. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 324, nota 3; BALLESTEROS, *H. E.*, I, 128.
- (119). — *Tingis* (Tânger) em Marrocos e *Astigis*, *Ossigis* na Espanha. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 324, nota 4; BALLESTEROS, *H. E.*, I, 128.
- (120). — Na África do Norte: *gaetuli*, *maesulii*, *masaesulii* (grafia de Tito-Lívio); na Ibéria: *turduli*, *varduli*, *bastuli*. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 324, nota 5.
- (121). — *Mauritanus*, *aquitanus*, *lusitanus*, *turdetanus*, *carpetanus*. Cf. JACOB WACKERNAGE, *Arch. f. lat. Lexikographie*, 1905. Apud BALLESTEROS, *H. E.*, I, 128; GSELL, *H. a. A. N.*, I, 324, nota 5.

qüentemente na Ibéria os prefixos *au* (Auringis), *lam*, *cur*, *ars*, *ucu*, *tala*, *tolo*, *ban*, *thu*, *sal* e *olb*, como a reduplicação tão caraterística das línguas líbicas (*berber*, *gir-giris*) (122).

Existem também nomes semelhantes nas duas regiões (na África: *Ucubi*, *Subur*, *Tucca*, *Thucca*, *Thugga*, *Obba*, a tribo dos *salassii*; na Ibéria: — *Ucubi*, *Subur*, *Tucci*, *Obensis*; nos Alpes a tribo dos *salassii* ocupava o vale de Aosta (123). Mas onde as comparações atingiram o máximo foi na onomástica dos rios. Assim, o nome do *Bagradas* da África (o atual Medjerda) assemelha-se ao do *Magradas* da Espanha (124); o *Isaris* do oeste da Argélia e os *Isara* da Gália (125) (que hoje se denominam *Isère*, *Oise*, *Isar*); o *Savus*, perto de Argel, o *Sava* na região de Setife, e os *Sava* e *Savus*, afluentes do Garona e Danúbio (126); o *Ausere* da Pequena Síria e o *Auser* da Etrúria (127); o *Anatis* (128) da Tingitânia e o *Anas* (Guadiana) da Espanha.

Tudo isto são apenas simples indicações que, sendo examinadas pelos linguistas, terão um valor positivo. Apesar disso, Schulten (129) encontra nelas argumentos para concluir que, sendo os nomes líbios mais abundantes no norte da África que no sul da Europa, os iberos devem ter vindo das costas africanas. Mas pensamos, como Gsell (130), que enquanto os lin-

(122). — BALLESTEROS, *H. E.*, I, 128.

(123). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 325, notas 1-10.

(124). — Pompônio Mela, III, 15. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 326, nota 1.

(125). — Geógrafo de Ravena, ed. de Parthey e Pinder, p. 168. Vide GSELL, *Atlas archéologique de l'Algérie*, folha, 31, n.º 42. Devemos ressaltar que a palavra *ighzer* significa *rio* em diversos dialetos bérberes (Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 326, notas 2 e 3).

(126). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 326.

(127). — *Ibidem*.

(128). — Plínio, V, 9, citando Políbio. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 326.

(129). — Apud BALLESTEROS, *H. E.*, I, 128; SCHULTEN, in *C. A. H.*, VII, 789.

(130). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 326.

guistas não provarem que nos tempos pré-históricos houve uma ou várias línguas estreitamente aparentadas nas duas regiões, não podemos afirmar categoricamente, — apesar de haver indícios muito veementes nesse sentido — que houve unidade linguística ibero-bérbere.

P A R T E I I I

CAPÍTULO IV

O ALVORECER DA HISTÓRIA MARROQUINA

A). — A NAVEGAÇÃO NA ANTIGUIDADE.

Sabemos que o povoamento de Marrocos — com uma população menos densa que hoje, é óbvio, — terminara mais ou menos no XII século a. C. As grandes tribos nômades percorriam a imensidade das areias e das rochas que prolongam para os altos planaltos, as inclinações orientais do Grande Atlas, impondo tributos, fazendo e desfazendo confederações. Os líbios orientais permutavam com o Egito, Creta, Fenícia seus produtos agrícolas e pastoris, assim como traficavam com escravos que suas caravanas traziam das longínquas razias — como os garamantes — no Darfur e no Fezão (1).

E' justamente o começo dêsse tráfego histórico, dessas relações comerciais com os povos mediterrâneos que vamos estudar neste capítulo. Veremos também — como nos propusemos a demonstrar na nossa Introdução — mercadores e navegantes da bacia oriental do Mediterrâneo, irem pouco a pouco descobrindo as regiões marroquinas, passarem as Colunas de Hércules e penetrarem no Atlântico; ou então, internarem-se pelo interior da África em busca de preciosas mercadorias, ou de escravos, para suprir os mercados das cidades industriais do Próximo-Oriente. Mostraremos, pois, sucessivamente, o destino político de Marrocos em função do mundo que o cercava.

O tráfego marítimo primitivo era inteiramente de cabotagem, pois sabemos que durante muito tempo os navegantes temiam afastar-se do litoral e evitavam viajar à noite. À tarde, aproavam para a costa, puxavam o barco para a praia e reembarcavam somente no dia seguinte, depois de terem feito sua provisão d'água. Mais tarde, os navios se aventuravam mais facilmente

(1). — CHAVREBIÈRE, *Histoire du Maroc*, 28.

em pleno mar e no pôrto atracavam nos molhes. Mas a navegação na Antiguidade foi sempre muito tímida, pois ficava à mercê dos golpes de vento e estava sempre em busca de abrigos. Em conseqüência, na época romana, os portos abundavam nas costas africanas, como o provam as indicações dos escritores que datam do II e do III século da nossa era (2). Além das dificuldades da navegação, é necessário levarmos em conta as calmarias que sempre foram um obstáculo temível para a navegação à vela. Esse fato talvez explique, em parte, a falta de iniciativa dos descobridores em direção ao sul da África, durante o fim da Antiguidade e durante a Idade Média (3).

Salientamos porém, desde já, que há uma grande diferença entre os objetivos dos exploradores da Antiguidade e os dos exploradores modernos. Estes foram em grande parte idealistas ou cientistas, enquanto que seus precursores da Antiguidade procuravam quase que exclusivamente resultados materiais. Não podemos, entretanto, negar que o atrativo do ganho comercial teve grande importância na história das descobertas, ainda que certas explorações dos tempos modernos tenham tido por fito fins políticos ou militares (4). O interêsse científico, é necessário que se diga, não estava totalmente ausente das explorações da Antiguidade. Para os gregos — pais da ciência geográfica, como de tantas outras — a simples curiosidade já era um móbil poderoso para ousados empreendimentos, e o exemplo disso temos nas navegações de Eudoxo de Cízico. Entretanto, nem todos os povos da Antiguidade possuíram o amor à ciência que caracterizou alguns dos navegantes gregos. Os romanos não tinham essas tendências e os fenícios e cartagineses muito menos ainda (5).

(2). — BÉRARD, *Les Phéniciens et l'Odyssee*, I, 395 e segs.; GSELL, *Histoire ancienne de l'Afrique du Nord*, I, 34-35.

(3). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 33.

(4). — CARY e WARMINGTON, *Les explorateurs de l'antiquité*, 9.

(5). — *Ibidem*, 10-11.

O atrativo do lucro na Antiguidade era tão grande que marinheiros e mercadores ousavam passar do Mediterrâneo para o Atlântico, afrontando um mundo desconhecido, diferente e inóspito. Em lugar das brisas regulares do verão mediterrâneo, a todos os instantes encontravam as grandes calmarias, as tempestades, os nevoeiros, peculiares ao Atlântico. No Oceano, seguindo a praia de perto, corriam o risco de serem lançados contra a costa ou tornarem-se o joguete das marés; no alto-mar, poderiam perder para sempre a terra de vista (6). Mas, apesar desses perigos, a navegação atlântica remonta à uma época bem antiga, muito anterior à era histórica (7).

Sabemos que a Antiguidade dirigiu mais particularmente seu esforço de exploração para o litoral atlântico da Europa, — graças ao comércio do estanho (8) — que para o Atlântico sul; mas as suas façanhas sobre as costas da África, embora fôssem de menor duração, não foram, entretanto, de menor importância. As condições de navegabilidade no Atlântico equatorial diferem consideravelmente das condições das latitudes europeias. Aproximando-se das Canárias, os navios deixam a zona das borrascas do oeste e são auxiliados pelos ventos alísios do nordeste que sopram durante todo o verão. Passando o cabo Verde, arriscam-se a encontrar os tornados, mas os abrigos não faltam ao longo da costa. O litoral marroquino, pelo contrário, com suas penedias, é de difícil acesso (9). Ao sul do Atlas, o Saará chega até ao mar e além do Senegal, as tribos de negros vigorosos seriam adversários temíveis para os brancos. Na Idade Média, estranha fatalidade parecia opor-se a que os exploradores dobrassem o cabo Bojador, até que Gil Eanes o conseguiu em

(6). — *The Admiralty Pilot for the West Coast of France, Spain and Portugal*, 15-17. Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 47.

(7). — CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 47.

(8). — Vide nosso trabalho: *Tartesso e a rota do estanho*, passim.

(9). — FISCHER, *Die Seefahrer von Marokko*, 40. Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 68.

1434, mas para isso foi necessário todo o estímulo do Infante d. Henrique, o Navegador.

A África opôs barreiras à exploração para o sul, particularmente na Antiguidade. Entre elas contamos: um litoral imenso; o Saará, com suas solidões desérticas; o calor, mesmo no mar, pois grande parte da África está na zona equatorial; o clima malsão, perigoso para o europeu, principalmente em virtude da malária.

Êsses eram os obstáculos comuns a todos os exploradores, mas para os gregos havia ainda outros: os tartéssios — mais tarde gaditanos e cartagineses — que bloqueavam a passagem do Mediterrâneo para o Oceano. Tudo isso, entretanto, não os deteve e as obras mais antigas que dêles possuímos já deixam entrever a preocupação, a curiosidade, que a África e outras regiões ignotas despertavam em suas almas.

As obras mais antigas dos gregos que conhecemos são os poemas que trazem os nomes de Homero e de Hesíodo. Encontramos aí a primeira menção de nomes, de fatos sôbre a África que a História e a Geografia conservaram e verificaram. As epopéias homéricas, que remontam ao VIII ou ao IX século a.C., exprimem os conhecimentos dessa época, consecutiva à invasão dos dórios, mas nelas encontramos também as lembranças da gloriosa época dos aqueus-micênios do XII e XIII séculos a.C. e talvez mesmo, recordações de tempos mais remotos ainda: da talassocracia de Minos. Os assuntos dos poemas de Homero são extraídos das últimas façanhas duma civilização brilhante, vítima da barbárie, que já não se compreendia muito bem. Êles mostram que os antepassados dos gregos mantinham relações com os líbios, e que conheciam a África, principalmente através dos relatos egípcios (10). Descrevem assim a ida de Poseidão para o meio dos etíopes (11):

(10). — BERTHELOT, *L'Afrique saharienne et soudanaise*, 139.

(11). — Homero, *Odisséia*, I, 22-25, trad. de Victor Bérard, I, 6.

“Mas o deus tinha ido à afastada região dos etíopes, povo que vive nos confins da terra e se divide em dois ramos: um ao poente e o outro ao levante...”

Isso mostra perfeitamente que se trata duma informação vaga, talvez de origem egípcia. Também os conhecimentos geográficos são incertos, — coisa de se admirar, pois sabemos que os cretenses já conheciam muito bem o Mediterrâneo ocidental — porque os gregos de Homero representavam o mundo como um círculo, em torno do qual

“... o rio Oceano...” (12)

rolava as suas águas. Também Hesíodo, Hecateu e outros (13), sustentavam que a Líbia era um istmo, sôbre o qual um barco podia ser arrastado, como era usual no istmo de Corinto.

Um problema que sempre desafiou a curiosidade da Antiguidade foi o da circunavegação da África. Mas o interessante é que se os gregos dêle se ocuparam, — como Hesíodo e Hecateu — foram os fenícios e egípcios que mais esforços fizeram para resolvê-lo. A primeira tentativa de que temos notícia é a do périplo realizado pelos fenícios por ordem do faraó Necao (14). Estrabão (15) dizia que a impossibilidade de realização do périplo africano era em virtude do calor e não da presença de terras que impedissem a navegação. Parece que êle colocava a África ao norte do equador:

“Todos os que têm percorrido as costas da Líbia, quer tenham partido do gôlfo arábico,

(12). — Idem, *Iliada*, XIV, 246, trad. de Paul Mazon, Pierre Chantraine e Paul Collart, III, 50.

(13). — Hecateu, frag. 302 C (Jacoby), 187 (Müller); Hesíodo, frag. 64 (Rzach), *Scholia ad Apollonius Rhodius*, IV, 259. Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 127.

(14). — CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 127.

(15). — Estrabão, II, 120, 132, 133; I, 22; XVII, 825. Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 150.

quer das Colunas de Hércules, foram forçados, no fim dum certo tempo, a voltar atrás após diversos acidentes; ... todos os navegantes chamaram a última região atingida por êles de Etiópia e a têm descrito como tal.”

Essas explorações trouxeram inegavelmente progressos à História e à Geografia. E o seu resultado é visível nas obras dos autores gregos ou romanos, principalmente nos relatórios de viagens, dos quais possuímos alguns, como o de Hanão, verdadeiro diário de bordo. Muitas dessas obras são instruções práticas para uso dos navegantes: uma série importante de guias, espécie de indicações para viagens costeiras de longo curso. Essas instruções foram elaboradas principalmente pelos gregos. As mais antigas limitavam-se a secções separadas do litoral mediterrâneo, mas muitas englobavam todo o circuito dêsse mar e o do Mar Negro. O termo *περίπλους* (*péripλους*), ou circunavegação, que etimologicamente deveria ser aplicado somente às viagens circulares, acabou por caracterizar também essas instruções náuticas destinadas aos longos cruzeiros em linha mais ou menos reta, com pontos de escala na ida e na volta. Aumentando o raio das explorações marítimas, começaram aparecer guias para os *mares exteriores*, isto é, para os mares situados fora do Mediterrâneo (16).

E' interessante notarmos a filiação dos *pilots* da moderna talassocracia inglesa, que se utilizou muitíssimo das obras francesas que vulgarizaram os *portulanos* de Marselha; de 1702 a 1830 tôdas as marinhas mediterrâneas plagiaram o portulano de Henry Michelot, antigo piloto das galeras do rei de França. Êste por sua vez, copiara os mapas e documentos holandeses, os *miroirs*, que são, nada mais nada menos, que a reprodução dos *portulanos* portugueses, espanhóis e italianos. Êstes, eram a correção dos périplos anteriores dos gregos e romanos, que se apropriaram, como sabemos, dos relatos de Cartago e de Tiro (17). Para

(16). — CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 261-262.

(17). — BÉRARD, *P. O.*, I, 214-216.

provar estas asserções, basta vermos como os defeitos e abusões dos périplos antigos aparecem nos modernos; assim, os espantalhos, os fantasmas do Atlântico, uma vez criados, tiveram longa vida e contribuíram muitíssimo para desviar dêle os exploradores menos animosos (18).

E' necessário reconhecer também que a extensão e a exatidão dos conhecimentos nas antigas obras de História e de Geografia não refletem bem os resultados realmente obtidos, pois muitos autores fazem reticências ou são discretos em demasia, talvez propositadamente, como acontece com os fenícios e cartagineses (19). Assim, a notícia do périplo dos fenícios, ou de Neco, chegou até nós, graças exclusivamente às breves alusões feitas por Heródoto (20).

Enfim, após o II século da nossa era, não houve progressos nos conhecimentos geográficos referentes ao Mediterrâneo ocidental, pois então as explorações cessaram e a ciência geográfica entrou em franca regressão. O desinterêsse pelas ciências, que foi um dos característicos do III século e dos seguintes, acabou por afetar a História e a Geografia, como às outras ciências. As idéias preconcebidas substituíram os dados colhidos pelas descobertas anteriores (21).

B). — MARROCOS E AS LENDAS.

Após essa necessária introdução sôbre os conhecimentos náuticos, achamos indispensável fazer um breve comentário das lendas contidas nas narrações gregas e latinas, antes de iniciarmos o estudo do período histórico propriamente dito. É óbvio que existem

(18). — Sôbre os terrores do Atlântico vide o artigo *Atlantis* in Pauly-Wissowa. Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 268.

(19). — CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 267.

(20). — Heródoto, IV, 42. Apud, *L'enquête...*, I, 302-303.

(21). — BEAZLEY, *The dawn of Modern Geography*, cap. VII, vol. II. Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 269; NEWTON, *Travel and Travellers of the Middle Ages*, p. 5 e segs.

para elas inúmeras interpretações, mas sempre fômos partidários de que, geralmente, em tôda a lenda existe um fundo de verdade, muitas vêzes envolto em fantasia.

Os autores gregos e latinos contam ou mencionam diversas invasões antiquíssimas da África setentrional. Mas inicialmente, devemos separar entre essas narrações, as que são realmente lendas, das meras fábulas, inventadas pelos fazedores de romances ou oriundas de tradições suspeitas. Sabemos ser isso uma tarefa bem difícil, pois tanto as fábulas, como as lendas, passaram de bôca em bôca durante séculos, antes de serem escritas. Os poetas, com zelos, desforraram-se então das narrativas dos navegantes, transformando-as em mitos bem interessantes, como por exemplo: o Jardim das Hespérides, a fabulosa Atlântida, as Colunas de Hércules, etc. (22).

1. — *As Colunas de Hércules.*

Hércules, tendo massacrado seus filhos e Mégara sua espôsa, é condenado por Apolo, através do oráculo de Delfos, a colocar-se à disposição de Euristeu, rei de Tirinto, que lhe impõe sucessivamente a execução dos *Doze Trabalhos* (23). Dêsses, nos interessam apenas alguns, que passamos a analisar.

Hércules, quando em busca do rebanho de Gerião, abre uma comunicação entre o Mediterrâneo e o Atlântico. Após, para comemorar sua passagem em região tão distante, erige colunas nas duas margens do estreito por êle aberto. O interessante é que durante a Antiguidade houve uma grande incerteza quanto ao local e número dessas colunas, citando mesmo Estrabão tôda uma série de opiniões divergentes (24).

Essa lenda das Colunas de Hércules tem uma grande importância para a nossa tese, pois marca o limite

(22). — CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 29.

(23). — BARROS, *Os deuses do Olimpo e Heróis da Grécia antiga*, 232-233.

(24). — *Ibidem*, 247; BALLESTEROS, *Historia de España*, I, 205-206; OLSEN, *La conquête de la Terre*, I, 46-47.

do mundo conhecido na Antiguidade. Ela lembra as viagens de Hércules ao Ocidente, ou melhor de Melcarte, pois, como sabemos, os gregos elaboraram essa lenda com elementos extraídos principalmente do resultado das navegações de Tiro e de Sidon no Mediterrâneo ocidental (25).

A incerteza da colocação das Colunas reflete também o avanço dos conhecimentos geográficos dos marinheiros da Antiguidade, pois quanto mais avançavam pelo Oceano, mais distantes iam ficando as Colunas. Assim se explicava a proliferação de colunas por todos os mares então navegados. Um exemplo disso temos na Coluna do Norte, que Cimo de Quio conhecia pela narrativa dos navegantes e que estava situada na extremidade da Céltica, no último promontório do Oceano (26). Mas a maioria dos autores da Antiguidade localizava as Colunas de Hércules em Gibraltar, nos dois promontórios montanhosos de *Calpe* na Espanha e de *Abila* na Mauritânia, que bordejam ao norte e ao sul o *fretum Gaditanum* (27).

Victor Bérard (28) sustenta a hipótese de que a palavra *Tarsis* (Tartesso) é talvez derivada do vocábulo bérbere *tarsets*, com a significação de coluna de pedra, e que *abila* seria sua tradução semita e *atlas* a grega. Assim, os primeiros navegantes fenícios diriam *ir a Tarsis* e os primeiros marinheiros gregos *ir a Tartesso* com o sentido de *ir às Colunas*. Após, com o correr do tempo, como a tradução semita tivesse prevalecido para designar a Coluna de Hércules do lado africano, o nome *Tartesso* ou *Tarsis* foi aplicado à costa européia. Isso foi também muito auxiliado pela fundação de Gades pelos fenícios, pois eles diziam *ir a Tarschisch*, *ir às Colunas* com o sentido de *ir a Gades*. De fato, durante muito tempo as Colunas de Hércules foram localizadas por certos autores em Gades, talvez em virtude do famoso templo de Melcarte aí existente (29).

(25). — BÉRARD, *P. O.*, I, 267; BALLESTEROS, *H. E.*, I, 205.

(26). — BÉRARD, *Les navigations d'Ulysse*, III, 325.

(27). — BESNIER, *Lexique de géographie ancienne*, 362.

(28). — BÉRARD, *N. U.*, III, 303.

(29). — *Ibidem*, III, 233. Vide também o excelente trabalho do prof. GAGÉ, *Gades, as navegações atlânticas e a rota das Índias na Antiguidade*, passim.

2. — O Jardim das Hespérides.

Um outro “trabalho” de Hércules que nos interessa é o furto dos pomos de ouro do Jardim das Hespérides, que tem por teatro a África, ou melhor ainda, a região de Marrocos, pois segundo a tradição (30) êle se localizava

“... em Lixo, cidade situada sôbre uma laguna, onde, segundo a tradição, encontrava-se o Jardim das Hespérides, a 200 passos do Oceano, perto dum templo de Hércules, mais antigo que o de Gades, ao que dizem...”

Nesse extremo ocidental da terra, nas bordas do Oceano, perto da morada do gigante Atlas, habitavam as Hespérides.

Euristeu ordenou a Hércules que conquistasse os pomos de ouro. E’ na viagem para essa aventura que êle derrota e mata Anteu. Após várias peripécias, Prometeu ensina-lhe o caminho e êle mata então Lado, o dragão temeroso. As Hespérides admiradas, oferecem-lhe os frutos. Outra versão diz que o gigante Atlas o auxiliou indo colher para êle os pomos, enquanto Hércules sustentava em seu lugar a abóboda celeste. Quando Atlas voltou, não quis entregar-lhe os pomos, mas Hércules astuciosamente conseguiu com que o gigante segurasse novamente a abóboda celeste, pretextando necessidade de mudar de posição e assim que Hércules o viu novamente carregando o pêso do céu, partiu velozmente (31).

Victor Bérard (32) dá uma interpretação histórica muito interessante à lenda dos pomos do Jardim das Hespérides. Para êle, os fenícios procuravam no Mediterrâneo ante-homérico uma *Terra Ocidental* que, na sua língua, devia chamar-se *Ereba* (a Terra do Poente). Aprenderam como os egípcios que nessa direção existia o misterioso Poente, a terra da estadia e

(30). — Plínio, *História Natural*, XIX, 63. Apud ROGET, *Le Maroc chez les auteurs anciens*, 35.

(31). — BARROS, *op. cit.*, 248-251; COMMELIN, *Nova mythologia greca e romana*, 170-171.

(32). — BÉRARD, *N. U.* III, 33.

descanso feliz dos mortos (33). Da procura da *Ereba*, os gregos fizeram a lenda da bela *Europa*, a ocidental (33-a), perseguida por Cadmo, o oriental, que seu pai, o rei Agenor de Tiro, tinha enviado em busca da irmã. Cadmo partiu da Fenícia, passou por Creta, Beócia, Ilíria e dirigiu-se para a terra da noite — Ἑσπερία (*Hesperia*) dirão os gregos.

Êstes procurarão essa Hesperia na Itália, depois na Espanha e, finalmente, além das Colunas de Hércules, para onde transportarão as sete ninfas Hespérides, que habitavam primeiramente o fundo do Adriático.

Isso indica que, à medida que os gregos avançavam pelo Mediterrâneo, iam colocando cada vez mais longe o sítio provável desse outro mundo, onde viviam os bem-aventurados. Pois quando atingiram o Oceano sem limites, admitiram que Hesperis, a espôsa de Atlas — a Atlântida (?) — tinha mergulhado nessas águas. Mas a busca continuou pelos mares e dessas viagens a Antiguidade nos legou alguns *périplos* (34). Como se vê, o problema das Ilhas Afortunadas e da Atlântida está em parte ligado à lenda dos pomos do Jardim das Hespérides.

Mas que seriam êsses pomos? Juba II da Mauritània — de que falaremos longamente mais adiante — analisava, talvez no seu livro *Libyca*, a natureza desses pomos do ouro. Por um fragmento conservado por Ateneu (35), sabemos que na sua opinião, êsses frutos seriam limões e que foi Hércules, seu antepassado, quem os introduziu na Grécia.

3. — *Hércules e o seu exército.*

Juba II contava não somente a partida do herói carregado com sua preciosa carga (na *Libyca*?), mas

(33). — BÉRARD, *P. O.*, II, 248; ROHDE, *Psyché*, 86 e 566-567.

(33-a) — Sobre essa princesa fenícia e seu mito, vide a interessante interpretação histórica de REYNOLD, *La formation de l'Europe*. I. — *Qu'est-ce que l'Europe?* pp. 76-112.

(34). — BÉRARD, *N. U.*, III, 34.

(35). — Frag. 24. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, VIII, 263.

também a sua vinda ao Ocidente com um exército, que teria ficado na Mauritània. Dizia sobretudo, por razões de família, como Hércules tinha obtido favores da viuva de Anteu, rei de Tânger, de quem descendia (36). O que nos interessa, entretanto, é êsse exército de Hércules, pois da sua composição saíram inúmeras explicações etimológicas dos nomes de tribos e nações da África do Norte. Salústio, na sua *Guerra de Jugurta* (37), resume uma longa narrativa dessa tradição, baseada nos escritos de Hiêmpsal II e de uso corrente na África do Norte, mas em absoluto não endossa suas afirmações:

“A África foi primeiramente habitada pelos getulos (38) e líbios, gente rude e selvagem, que se alimentava da carne dos animais ferozes, assim como o gado, da erva dos campos. Sem costumes, sem leis, sem senhores, êles erravam ao acaso, detendo-se nos lugares em que a noite os surpreendia.”

“Quando Hércules, segundo a opinião dos africanos, morreu na Espanha, seu exército, composto de diferentes povos, tendo perdido o chefe, cuja sucessão muitos disputavam, não tardou a dispersar-se. Os medas, persas e armênios que dêle faziam parte, passaram para a África com seus navios e ocuparam as re-

(36). — GSELL, *H. a. A. N.*, VIII, 364.

(37). — *Jugurta*, cap. XVIII. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 329-331; JULIEN, *Histoire de l'Afrique du Nord*, 52-53. Texto: — SALÚSTIO, *Guerra de Jugurta*, trad. de Charles Durosoir, 58-61 e BOISSIER, *L'Afrique romaine*, 2-3.

(38). — O termo Γαίτουλοι (*Gaitouloi*), *Gaetulî*, encontra-se nos historiadores depois do fim do II século a.C. Designa os indígenas que aparecem confundidos no conjunto dos povos chamados númeridas. Pode-se supor, mas não provar que, como os massésilos, massilos, mouros, e talvez os númeridas, era êsse primitivamente o nome duma tribo, nome que teria em seguida se estendido a muitas outras. Mas, jámais os getulos conseguiram formar um estado (Vide GSELL, *H. a. A. N.*, V, 109).

giões vizinhas do nosso mar. Os persas estabeleceram-se mais longe que os outros, do lado do Oceano e serviam-se, à guisa de habitação, dos cascos dos seus navios que voltaram de bôrcó, porque não encontraram materiais convenientes no local e não podiam obtê-los da Espanha por compra ou troca: a extensão do mar e a ignorância da língua impediam todo comércio. Pouco a pouco fundiram-se, por casamento, com os getulos. Como se locomoviam muitas vêzes para examinar o valor da região, chamavam-se a si mesmos de nûmidas (*nômades*). Hoje ainda, as habitações dos camponeses nûmidas, as “mapalia”, é assim que êles as chamam, assemelham-se a uma carena de navio pela forma oblonga e seu teto arqueado.”

“Aos medas e armênios uniram-se os líbios que viviam mais próximos do mar africano (*Mediterrâneo*), enquanto que os getulos estavam mais expostos aos ardores do sol, não longe da zona tórrida. Tiveram em boa hora cidades, porque, não estando separados da Espanha senão pelo Estreito, instituíram com os habitantes dessa região um comércio de trocas. O nome de medas foi alterado pouco a pouco pelos líbios que, na sua língua bárbara, os chamaram de mouros (39)”.

(39) — Os habitantes de Marrocos desde a Antiguidade têm o nome de mouro. Os gregos os chamavam *Μαυρούσιοι* (*Maurousioi*). Esse nome encontra-se em Políbio (XV, II, 1; XXXVIII, 79, ed. Büttner-Wobst. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, V, 88) e em numerosos autores mais recentes (Diodoro de Sicília, Estrabão, Plutarco, Apiano, Ateneu, Herodiano, Procópio, etc. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, V, 88). Mas, mesmo antes de Políbio, êsse nome é encontrado na inscrição bilingüe de Aníbal (Políbio, III, 33, 15. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, V, 88). Diodoro de Sicília, falando dos acontecimentos do V século a.C., já emprega êsse têrmo. Os romanos, que serviram-se das fontes gregas, transcreveram o vocábulo grego; *maurusii* (Tito-Lívio, Festo Avieno, Virgílio, Lucano, Sílio Itálico, Coripo,

“Entretanto, o poderio dos persas aumentou rapidamente. O excesso de população obrigou uma parte dêles a afastar-se de suas famílias e, sob o nome de númidas, foram ocupar a região que se chama Numídia, nas proximidades de Cartago. Mais tarde, essas duas facções dos númidas, prestando-se um mútuo apóio, submeteram à sua dominação seus vizinhos, seja pelas armas, seja pelo temor e aumentaram seu nome e glória: sobretudo os númidas que tinham avançado até o nosso mar, porque os líbios são menos belicosos do que os getulos. A maior parte da região inferior da África acabou por cair em poder dos númidas, e todos os vencidos fundiram-se com os vencedores, dos quais tomaram o nome.”

Esse Hércules morto na Espanha, era sem dúvida Melcarte, *o senhor da cidade* (de Tiro) que os gregos identificavam com Hércules. Gâdes, que era cidade tíria, — e segundo uma tradição, fundada pelo próprio herói — possuía um templo famoso em tôda a Antiqui-

Claudiano) e a palavra latina *mauri*. E, curiosamente, certos escritores gregos servindo-se das fontes romanas posteriores, grafaram Μαῦροι (*Mauroi*) (Apud GSELL, *H. a. A. N.*, V, 88). Parece que os romanos utilizaram-se também dum vocábulo púnico, mas infelizmente ainda não encontramos essa palavra. Uma passagem de Plínio (V, 17. Apud ROGET, *op. cit.*, 34), diz que: “*Dos povos que a habitavam (Mauritânia Tingitana) o principal era o dos mouros — de onde seu nome — que a maioria chamou de maurusianos. Dizimado pela guerra, ficou reduzido a algumas famílias...*” Isso faz supor que êsse termo é oriundo de alguma tribo que legou seu nome a todo um povo e a uma região, o que é comum na África do Norte. O célebre hebraisante BOCHART (*Geographia sacra*, ed. de Caen, 1646, p. 544. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, V, 90) dizia que os cartagineses teriam chamado os líbios, vizinhos da sua cidade, de *maouharim* = “os ocidentais”. Mas pensamos não haver razões para rejeitarmos a interessante hipótese de Plínio.

dade e a êle dedicado, onde mostravam seu túmulo (40).

Os gregos, que seguiram os fenícios na sua rota para o Ocidente, encontraram o culto de Melcarte espalhado por tôda essa região. Adotaram então as fábulas fenícias, — como as de Anteu, Atlas, Colunas de Hércules, etc. — que servem para os historiadores como prova da sua expansão, cobrindo assim a fantasia um fato histórico. Conhecemos, mesmo, um caso interessante de formação duma lenda grega: o do rebanho de Gerião (41). Nela, Hércules rouba o rebanho dêsse pastor na longinqua *Erytheia*, situada nas vizinhanças da Espanha. Ora, parece que essa lenda teve origem num território ao noroeste da Grécia (no Epiro?), em que os bois eram célebres pela fôrça e beleza, e que pela sua côr vermelho-tijolo mereciam o nome de *erytheia* (terra vermelha). Essa semelhança de nomes e os inesgotáveis recursos fôrncidos pela etimologia em geral, desempenharam um papel considerável na interpretação que os geógrafos e historiadores davam aos mitos na Antiguidade. Como êsse caso quantos outros não existirão? Por aí podemos ver que as narrativas fenícias, bastante aumentadas pelos escritores gregos, foram adotadas mais tarde pelos escritores púnicos, profundamente impregnados de cultura helênica (42).

Mas porque aparecem na lenda os persas, medas e armênios, quando sabemos que a sua vinda à África do Norte nessa época é historicamente impossível? Para o caso dos persas, temos pronta explicação. No sul de Marrocos, nas margens do Oceano, diversos autores assinalam a presença dos *pharusii* e dos *perorsi* que talvez fôssem um mesmo e único povo. A semelhança do nome explica a lenda da vinda dos persas à África, pois o nome *persa* era famoso e em toda a parte

(40). — Pompônio Mela, III, 40: "...templum Aegyptii Herculis conditoribus, religione, vetustate, opibus illustre. Tyrii constituere; cur sanctum sita ossa eius ibi sita efficiunt." Arnóbio, I, 36: "Thebanus aut Tyrius Hercules, hic in finibus sepultus Hispaniae, flammis alter concrematus Oetaeis?" (Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 332).

(41). — REY, *La jeunesse de la science grecque*, 502.

(42). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 332-333.

viam-se traços da sua grandeza (43). Quanto aos medas, foi talvez para justificar o nome de *mouros* dado a um grande número de indígenas. E em relação aos armênios podemos dar a mesma explicação, pois talvez os escritores, por semelhança com o nome de alguma tribo, incluíram êsse povo no exército de Hércules, e posteriormente entre os que passaram Gibraltar e se estabeleceram na África do Norte. Os habitantes dessa região, fazendo vir de tão longe seus antepassados, precisavam também dum guia que dirigisse êsses guerreiros: e quem melhor que Hércules, o viajante infatigável? O interessante é que alguns escritores, como por exemplo Movers, dão um grande valor histórico e documentário a essa lenda (44).

4. — *Os hindus, jebuseus, hicsos e egeus em Marrocos.*

Mas não são somente os persas, medas e armênios que os escritores antigos fazem vir à África; outros povos, segundo êles, contribuíram para o povoamento da África do Norte.

Segundo Estrabão (45), alguns escritores sustentavam que os mouros eram hindus e que teriam vindo à Líbia com Hércules. Alguns autores modernos (46) aproximam também a palavra *bérbere* de outros nomes semelhantes (Warwara no Decão; a região de Ádem, que na Antiguidade teve o nome de Barbária). Mas essas hipóteses não satisfazem, porque se apoiam exclusivamente em semelhanças nominais que, para terem valor, deveriam estar acompanhadas de outras provas mais concludentes.

Procópio (47) afirmava que os hebreus, após sua saída do Egito chegaram à Palestina, de onde expulsaram os jebuseus que lá estavam estabelecidos. És-

(43). — *Ibidem*, I, 333.

(44). — MOVERS, *Die Phönizier*, II, 2, p. 112,123-124. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 335-336.

(45). — XVII, 3, 7. Apud ROGET, *op. cit.*, 26.

(46). — RITTER, *Die Erdkunde*, 2.^a ed., 1882, I, 554. Vide VIVIEN de SAINT-MARTIN, 208-209. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 336-337.

(47). — Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 338-342; JULIEN, *op. cit.*, 52-53.

tes, emigraram para o Egito, mas como êsse país já estivesse superpovoado, passaram para a Líbia, chegando até às Colunas de Hércules. Para alguns autores, êsses jebuseus seriam os famosos líbio-fenícios, tão citados na Antiguidade. Sabemos todavia que o nome *líbio-fenício* designava antes da época romana, os fenícios da Líbia, isto é, os indivíduos de origem fenícia que viviam nas colônias fundadas no litoral africano, tanto por fenícios, como por cartagineses. Sabemos também que, mais tarde, êsse nome foi aplicado aos naturais das regiões colonizadas que adotaram os costumes púnicos (48). E' possível que juntamente com os fenícios tivessem vindo também jebuseus, mas até hoje não encontramos na Berbéria nenhuma prova dessas pretensas migrações cananéias.

Mas não é só. Eruditos modernos (49) fazem vir os hicsos até a África do Norte, após terem ocupado o Delta. Mas se assim procedem, é por terem êles dominado no vale do Nilo. Nada porém nos autoriza a supor que tenham caminhado para o Ocidente.

Mas porque os autores antigos, principalmente os gregos, aumentaram a área das suas lendas (Perseu, Hércules, Argonautas, etc.), até o norte da África? Pensamos que isso tem íntima relação com as descobertas que os navegantes iam fazendo. De fato, essas lendas falam muito da Berbéria e encontramos uma prova da antiguidade das relações entre os habitantes das ilhas e das costas do Mar Egeu com os líbios, nas migrações dos *povos do mar* (50).

Neste ponto a Etnografia e a Arqueologia também nos oferecem alguns dados. Van Gennep (51) mostra a semelhança dos motivos da cerâmica bérbere com a do Mediterrâneo oriental na 1.^a idade do bronze (III milênio a.C.), apesar da afirmação de Gsell (52), de

(48). — MOVERS, *Die Phönizier*, I, 60-63, 436-438. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, I, 342.

(49). — GSELL, *H.a.A.N.*, I, 343.

(50). — Cf. *supra*, pp. 69-71.

(51). — GENNEP, *Études d'ethnographie algérienne*. Ext. da "*Revue d'ethnographie et de sociologie*", 1911, p. 62 e segs. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, I, 349.

(52). — GSELL, *H.a.A.N.*, I, 350.

que todos os produtos conhecidos dessa cerâmica bérbere são relativamente modernos. Enquanto não descobriremos no Magrebe cerâmica datada de 4.000 anos, não conseguiremos desfazer as dúvidas que surgem no problema das relações entre líbios e egeus. Mas uma cousa é indiscutível, é fato histórico: a presença na África do Norte dêsses *povos do mar*, que forçosamente deveriam trazer consigo os seus elementos culturais.

Outros escritores (53) têm um ponto de vista completamente diferente. Para êles, não só a Berbéria foi vítima dessas invasões egéias, mas também regiões longínquas, separadas mesmo da África do Norte pelo mar, foram invadidas pelos líbios. Mas o interessante é que não podendo dispor mais de Hércules, que já estaria morto e enterrado na Espanha, arranjaram-lhe um filho, *Sardo*, que dirigiu os líbios na conquista da Sardenha. Êsse relato é certamente uma fábula, mas parece mascarar a conquista real da ilha pelos cartagineses que talvez tivessem estabelecido aí um grande número de líbios.

5. — *O mito da Atlântida.*

O enigma da desaparecida Atlântida interessa sobremaneira à nossa tese, porque, admitindo a sua existência, — se de fato existiu — forçosamente deve ter mantido relações com Marrocos. No *Timeu* de Platão (54), vemos que em face das Colunas de Hércules existiu uma ilha, *Atlantis*, maior que a Líbia e a Ásia reunidas. Platão prosseguindo no seu diálogo, diz que os seus soberanos dominavam na Líbia até o Egito e na Europa até a Tirrênia (Etrúria). Os atlantes tentaram conquistar o Egito e a Grécia, mas os atenienses conseguiram, detendo os invasores, salvar os povos ameaçados e libertar os povos dominados. Mais tarde, os terremotos e as inundações destruíram num dia e numa noite vencidos e vencedores e a *Atlantis* afundou-se para sem-

(53). — Pausânias, X, 17, 2; Sílio Itálico, XII, 359-360; Solino, IV, 1. Apud GSELL, *H. a A. N.*, I, 350-351.

(54). — PLATÃO, *Timeu e Crícias*, 24d-25d, trad. de Albert Rivaud, 136-137.

pre no mar. Desde então o Atlântico ficou inacessível, devido à lama produzida pela submersão da ilha. Esse acontecimento teria se dado nove mil anos antes de Platão.

Esse *Timeu* é, segundo Albert Rivaud (55), um dos livros mais obscuros da Antiguidade e essa obscuridade, real ou aparente, fez mais pela sua difusão que o interesse intrínseco das doutrinas nele contidas. Pensou-se durante muito tempo encontrar na obra de Platão a expressão duma misteriosa sabedoria, oriunda da desaparecida ciência pitagórica; outros, procuraram símbolos ou doutrinas herméticas, deixando de lado, desconhecendo completamente, o caráter científico e positivo do *Timeu* e do diálogo inacabado: *Crícias*. O *Timeu* é encarado como uma história, um romance ou uma fábula. O certo é que o texto não tem um rigor demonstrativo, mas sim um caráter de verossimilhança (56). Platão não se cansa de mostrar o aspecto conjectural do seu diálogo, parecendo mesmo ter feito essa obra como um exercício, uma distração agradável para seus discípulos, mas insistindo sobre a excepcional probabilidade das suas induções.

Pensamos, como Albert Rivaud (57), que a existência da Atlântida é uma simples fábula, mas que se aproxima, mais do que nenhuma outra, da realidade. É fábula, apesar da autoridade de Solão e do clero egípcio. Mas sob a fantasia, existe um conjunto de possibilidades reforçadas por fatos que fazem pensar. Platão certamente acreditava na realidade das grandes catástrofes geológicas nos tempos antigos.

Zoólogos, botânicos e geólogos (58), podem sustentar que há traços de ligação entre a América e a África, que os arquipélagos da Madeira, Açores e Canárias são ainda os restos da famosa Atlântida, com uma fauna, flora e constituição geológica semelhantes. Podem

(55). — *Ibidem*, in prefácio, 4.

(56). — *Ibidem*, in prefácio, 11.

(57). — *Ibidem*, in prefácio, 12.

(58). — GERMAIN, *Le problème de l'Atlantide et la zoologie*, in "*Annales de Géographie*", 15-5-1913. Apud GAUTIER, *Le passé de l'Afrique du Nord*, 41; BERNARD, *Afrique septentrionale e occidentale*, I, 71; GENTIL, *Afrique physique*, 103-124. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, I, 329.

afirmar que a submersão foi tão recente que o Homem dela guardou lembrança (!?). Não discutimos essas possibilidades, pois sabemos que em era geológica anterior à atual, os dois continentes estiveram ligados entre si, como o prova, por exemplo, a existência do célebre continente de Gondvana (59). Mas queremos que êsses cientistas nos convençam, baseados em Platão, que os atlantes, contemporâneos da civilização paleolítica (pois os acontecimentos teriam se dado 9.000 anos antes de Platão) ou mesmo neolítica, reuniram-se num grande estado, organizaram exércitos poderosos, construíram inúmeros navios, levaram suas frotas através do Atlântico e Mediterrâneo, e que os antepassados dos atenienses (o que é mais difícil, pois deles conhecemos mais ou menos a pré-história, a proto-história, e sabemos aproximadamente a época da fundação de Atenas) puderam fazer frente a essa formidável invasão (60).

Os discípulos imediatos (61) de Platão, com o misticismo que parece tê-los caracterizado, levavam a sério e tinham como verídica a narrativa do mestre sobre a Atlântida. Mas Aristóteles, com a sua proverbial desconfiança, considerava essa narrativa como uma fábula (62). Posidônio, mais prudente, pensava que Platão poderia ter concebido essa fábula sobre dados verdadeiros. Assim, diz êle (63):

“A tradição relativa a essa ilha poderia bem não ser uma simples ficção; os padres egípcios que Solão interrogou, certificaram-lhe que existira antigamente uma ilha com êsse nome, mas que havia desaparecido, apesar de ser do tamanho dum continente.”

Os alexandrinos, na sua maioria, viam na narrativa de Platão uma alegoria, o que não os impedia, aliás, de crer na existência da Atlântida (64).

(59). — MARTONNE, *Traité de géographie physique*, II, 836.

(60). — GSELL, *H.a.A.N.*, I, 329.

(61). — Proclo, 21a-d, in prefácio de PLATÃO, *Timeu e Critias*, 28.

(62). — Estrabão, 13, 598. Cf. *ibidem*.

(63). — Apud Estrabão, 2, 102. Cf. *ibidem*.

(64). — Proclo, 24 b. Cf. *ibidem*.

A Odisséia não fala da Atlântida, nem dos Atlantes, mas somente de Atlas, pai de Calipso.

Em Heródoto (65) vemos os nomes de atarantes, Atlas e atlantes:

“Após os garamantes, a uma distância de dez outras jornadas, encontra-se uma outra colina de sal e água, e lá ainda habitam homens que se chamam atarantes... A essa colina sucede um monte chamado Atlas... Esses homens tiram o seu nome dessa montanha; são chamados, com efeito, atlantes...”

mas não há referência alguma à Atlântida, segundo o *Timeu*.

Diodoro de Sicília (66), fará dêsses atlantes, citados por Heródoto, entes mitológicos. Apodera-se também das amazonas e as passeia pelo mundo, fazendo-as atacar os homens. E, justamente, os primeiros agredidos são os atlantes, que habitavam perto do Oceano; elas também assaltam e tomam a cidade de Cerne, que examinaremos mais adiante, quando tratarmos do périplo de Hanão.

Essas amazonas serão destruídas por Hércules, quando da sua expedição ao Ocidente, pois êle não podia tolerar que mulheres dominassem e escravizassem homens.

Curiosamente notamos que os nomes de atlantes e Atlântida quase sempre aparecem relacionados com as bordas do Oceano a que deram o nome, como também o Atlas parece ter desempenhado um papel importante na elaboração do mito da Atlântida.

Enfim, verdade histórica, transposição poética de fatos reais, alegoria, ficção pura e simples, tais eram, com efeito, as quatro únicas hipóteses da Antiguidade para a explicação do problema da Atlântida. Os autores modernos daí também não podem fugir, pois devem

(65). — Heródoto, IV, 184. Apud *L'enquête...*, I, 363; ROGET, *op. cit.*, 16.

(66). — Livro III, cap. 54, 55 e 56. Trad. de Ferd. Hoefler para a *Bibl. Hist.*, edit. por Adolphe Delakays (1851). Apud BESSMERTNY, *L'Atlantide*, 247-249.

escolher entre elas (67). Não vamos entrar no mérito das hipóteses e das infundáveis controvérsias modernas sobre a existência e a localização da Atlântida, porque seria fugir ao fim da nossa tese. Lembramos somente que elas são, às vêzes, as mais disparatadas possíveis, algumas mesmo do domínio da psiquiatria, como diz Albertini (68). Tanto é assim, que há escritores que identificaram a Atlântida com inúmeras regiões: América, Nigéria, África do Norte, Tartesso (69), ilhas atlânticas; enfim, desde o Oceano Atlântico até ao Índico e Ártico. Como se pode ver por aí, a área é vasta. Mas entre tãdas essas hipóteses — sem querermos afirmar a existência da Atlântida segundo o *Timeu* — a mais interessante e sedutora para nós, é, sem dúvida alguma, a que faz dos quatro arquipélagos (Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde) os seus últimos vestígios; essa hipótese é reforçada pela semelhança da fauna, flora e solo, entre as regiões litorâneas da África e da América. Concluindo, pensamos que houve em eras geológicas remotas uma ligação entre os dois continentes, não tendo, porém, o Homem de maneira alguma testemunhado o fato.

(67). — PLATÃO, *Timeu e Critias*, in prefácio, 28.

(68). — Apud JULIEN, *op. cit.*, 52.

(69). — Vide nosso trabalho: *Tartesso e a rota do estanho*, 21-23.

CAPÍTULO V

OS FENICIOS

No fim do II e início do I milênio a.C., o enfraquecimento dos impérios egípcio e assírio foi aproveitado pelos reis de Tiro para estender sua hegemonia a tôdas as cidades da Fenícia. Foi durante êsse período que os fenícios tomaram o caminho do Ocidente, seguindo provavelmente a velha rota cretense e egéia para a Sicília e Espanha, percorrendo em seguida a costa da África que oferecia maiores perigos (1). Foram êles os herdeiros da velha talassocracia de Cnosso em 1400 a. C. mais ou menos — e da civilização micênica, destruída pelos dórios em cêrca de 1200 a.C. (2).

Por outro lado, os autores gregos e romanos dão como data da descoberta do Estreito de Gibraltar pelos fenícios, o período que sucedeu à guerra de Tróia, ou seja o início do XII século a. C. (3). O certo é que entre o início do I e o fim do II milênio a.C., enquanto os egeus cansados e destroçados pelas invasões repousam um pouco, os fenícios os substituem na sua obra de exploração do Mediterrâneo. Entre os navegantes antigos, os fenícios constituíram por excelência o povo misterioso, aquele que ocultava cuidadosamente o rumo de seus navios, deixando, por isso mesmo, poucos documentos de sua passagem. Assim, as datas e os

(1). — MASPERO, *Histoire ancienne des peuples de l'Orient classique*, II, 741; III, 279-282. Apud GSELL, *Histoire ancienne de l'Afrique du Nord*, I, 372; BALLESTROS, *Historia de España*, I, 196; CARY e WARMINGTON, *Les explorateurs de l'Antiquité*, 31.

(2). — GLOTZ e COHEN, *Histoire grecque*. I. *Des origines aux guerres médiques*, 58-59; JULIEN, *Histoire de l'Afrique du Nord*, 54-55.

(3). — Estrabão, 148; Plínio, *Hist. Nat.*, XVI, 216; Veleio Paterculo, I, 2 e 4. Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 31.

objetivos de suas explorações são assunto de muitas discussões (4).

A). — A MARINHA FENÍCIA E OS PÉRIPILOS.

Apesar da marinha fenícia ser numerosa e ativa durante séculos, os documentos sôbre ela, infelizmente, são em número muito reduzido, constando quase que exclusivamente de moedas, em que se vê o perfil da galera antiga com seu esporão de proa, os remos, — às vêzes em dupla superposição — mastreação, leme, velame e passadiço para os combatentes. Mas a grande maioria dos navios representados é de comércio.

Essa marinha era empreendedora. Seus navios iam além das Colunas de Hércules, sempre bordejando a costa, por impossibilidade técnica absoluta (lemes de espárela ou remo-lemes) de afastar-se para o largo. Tôdas as embarcações eram de costado baixo, longas e chatas (5).

Discípulos dos egípcios, os fenícios logo se habituaram a compor — para si próprios — êsses roteiros de navegação que a experiência provou serem indispensáveis. Como já mostramos (6), êles foram repetidos por tôdas as marinhas até aos nossos dias. Por isso, podemos concluir que talvez o périplo ordenado pelo faraó Neco (XXVI dinastia, cêrca de 609-594 a.C.) é oriundo, ou foi a origem, de outros roteiros da Antiguidade (7). Êsse faraó, após ter alargado e desobstruído o velho canal de Senusrete e Seti, — que ía do gôlfo Heropolita aos lagos Amargos e que pelo *uadi* Tumilâte atingia o braço do Nilo que desemboca em Pelúsio — dirigiu sua frota através do Mar Vermelho para o Punte e a Arábia, em busca de novos mercados e riquezas. Daí a organização do famoso périplo que tem seu nome,

(4). — CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 28; BALLESTEROS, *H. E.*, I, 192.

(5). — LEFEBVRE DES NOËTTES. *De la marine antique à la marine moderne*, 24, 33 e 61.

(6). — Cf. *supra*, pp. 102-103.

(7). — BÉRARD, *Les navigations d'Ulysse*, III, 35-36.

empreendido pelos fenícios, com ordem de voltarem ao Mediterrâneo pelas Colunas de Hércules (8). A façanha foi realizada em três anos, detendo-se êles em cada outono para a sementeira. Sòmente após a colheita faziam-se novamente ao mar. Heródoto, discorrendo sòbre êsse périplo, diz o seguinte (9):

“Dois anos se passaram assim; no terceiro franquearam as Colunas de Hércules e chegaram ao Egito. E contaram — cousa que não posso crer, mas que outros talvez admitirão — que contornando a Líbia tiveram o sol pela mão direita. Assim foi descoberta pela primeira vez a Líbia.”

Creemos que essa observação sòbre a posição do sol, que causava tanta estranheza a Heródoto, é de grande valia, e vem provar justamente o sucesso da emprêsa. Cary e Warmington (10) fazem uma análise minuciosa do périplo e, de acòrdo com a ciência náutica atual, provam a possibilidade dessa circumnavegação. Pelo mapa que elaboraram (vide fig. 5) podemos ver que as correntes e os ventos auxiliam a viagem no sentido do périplo fenício até a Guiné. Dessa região em diante, temos provas irrecusáveis de navegação na Antiguidade, graças á narrativa de Hanão. Vemos, portanto, que os fenícios fizeram sua viagem pelo caminho mais fácil.

Êsse périplo tem grande importância para nossa tese, pois com a sua viagem, os fenícios nos mostraram a possibilidade da existência de relações de Marrocos, através das Colunas de Hércules, com a Guiné, numa época em que dominavam completamente o comércio entre o Mediterrâneo e o Atlântico, principalmente na rota de Tartesso (11). Êsse périplo mostra também as possibilidades de tráfego entre a Ibéria e as costas oci-

(8). — MORET, *Histoire de l'Orient*, II, 735; BERTHELOT, *L'Afrique saharienne et soudanaise*, 169-170.

(9). — Heródoto, IV, 42. Apud *L'enquête d'Hérodote d'Halicarnasse*, trad. de Henri Berguin, I, 302-303.

(10). — CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 128-133.

(11). — Vide nosso trabalho: *Tartesso e a rota do estanho*, 33-34.

dentais da África, diretamente ou por intermédio de Marrocos.



Fig. 5. — A AFRICA E A POSSIBILIDADE DOS PÉRIPILOS (Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 131).

B). — O COMÉRCIO FENICIO.

O comércio fenício não se fazia somente em direção da Árabia e do Mar Vermelho, mas também e sobretudo, em direção do Ocidente que foi conquistado pelos fenícios sem derramamento de sangue, como diz Siret (12), pelo prestígio da sua superioridade técnica,

(12). — SIRET, *Les Cassitérides et l'empire colonial des Phéniciens*, in "Anthropologie", XIX, 1908, 129. Apud BALLESTEROS, H. E., I, 192.

pela sua habilidade comercial, com paciência, com astúcia e, principalmente, com a atração da sua *pacotilha* de perfumes, unguentos, drogas, vinhos, bebidas fermentadas, estofos, contas de vidro, cerâmica, armas, etc. Não destruíram as civilizações indígenas, mas ao contrário, cultivaram-nas, estimularam-nas, para melhor explorá-las.

Em troca das suas mercadorias, que importavam os fenícios da África do Norte? Do mesmo modo que ignoramos a data exata do estabelecimento das relações comerciais e das principais rotas, desconhecemos também quais as mercadorias por êles importadas. Presume-se, entretanto, que importavam gado, peles, lã, marfim, plumas de avestruz, ferro, minerais em geral e, principalmente, escravos e mulheres para os haréns (13). Mas não é só. Plínio (14) nos diz que o âmbar se recolhia nas costas oceânicas da Mauritânia Tingitana, portanto em Marrocos, nas proximidades da cidade de Lixo.

Entretanto, para obterem essas mercadorias, era necessário que os fenícios mantivessem boas relações com os indígenas que alimentavam seu comércio e que forneciam também mão de obra barata e robusta. Tanta necessidade tinham dos indígenas, que admitiram um certo número dêles nas suas cidades e não tiveram receio de penetrar pelo interior a dentro em busca do cedro, o que é aliás, curioso, pois êles eram oriundos duma região onde essa madeira existia em abundância. Talvez se explique êsse fato pela distância que se encontravam da mãe pátria, os fenícios estabelecidos na África do Norte. Essa madeira preciosa era também empregada na construção, como o atesta Plínio (15), que viu as traves de cedro da Numídia no templo de Útica. Êsse comércio de cedro, que vinha do interior do país, demonstra um completo acôrdo entre o fenício e o líbio. Isso é notável, pois conhecemos as difi-

(13). — GSELL, *H.a.A.N.*, I, 368; BERNARD, *Afrique septentrionale et occidentale*, I, 75.

(14). — Plínio, *Hist. Nat.* XXXVIII, 11. Apud BÉRARD, *Les Phéniciens et l'Odyssee*, I, 402; BERNARD, *Le Maroc*, 76.

(15). — Plínio, XVI, 216. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, I, 360; BÉRARD, *N. U.*, III, 24.

culdades com que lutaram durante quatro séculos os espanhóis no Rife, que nunca conseguiram obter essa cooperação, nem mesmo a permissão para usufruir as florestas e minas de Marrocos (16).

Enfim, o comércio fenício pode ser considerado como o maior agente de difusão da civilização na África do Norte, nessa época em que ela saía apenas da Pré-história. Essa influência foi tão profunda e considerável, que preparou o sucesso posterior de Cartago (17).

C). — A COLONIZAÇÃO FENÍCIA.

Podemos admitir a colonização fenícia como o marco inicial da era histórica na África do Norte (18). Infelizmente não possuímos muitas fontes sobre o início dessa colonização, pois dispomos apenas de alguns textos posteriores, dos quais não conseguimos extrair nada de preciso. Vejamos:

Diodoro de Sicília (19) diz textualmente:

“Os fenícios, que desde uma época longínqua navegavam sem cessar para comerciar, tinham fundado muitas colônias nas costas da Líbia e um certo número delas nas costas ocidentais da Europa.”

Êstes estabelecimentos parecem ser anteriores à fundação de Gades, pois em caso contrário, Diodoro faria menção especial dessa cidade.

Estrabão (20) assim fala dos marinheiros fenícios:

“...que foram além das Colunas de Hércules e fundaram cidades nessas paragens, como também no centro da costa da Líbia, logo após a guerra de Tróia.”

(16). — GSELL, *H.a.A.N.*, I, 373; BÉRARD, *N. U.*, I, 59-60

(17). — SIRET, *Les Cassitérides et l'empire colonial des Phéniciens*, in “*Anthropologie*”, XIX, 1908, 129. Apud GOURY, *L'homme des cités lacustres*, I, 6.

(18). — GSELL, *H.a.A.N.*, I, 359; BERNARD, *A.S.O.*, 1, 75; HARDY, *Vue générale de l'histoire de l'Afrique*, 16.

(19). — Diodoro de Sicília, V, 20. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, I, 359.

(20). — Estrabão, I, 3, 2. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, I, 360.

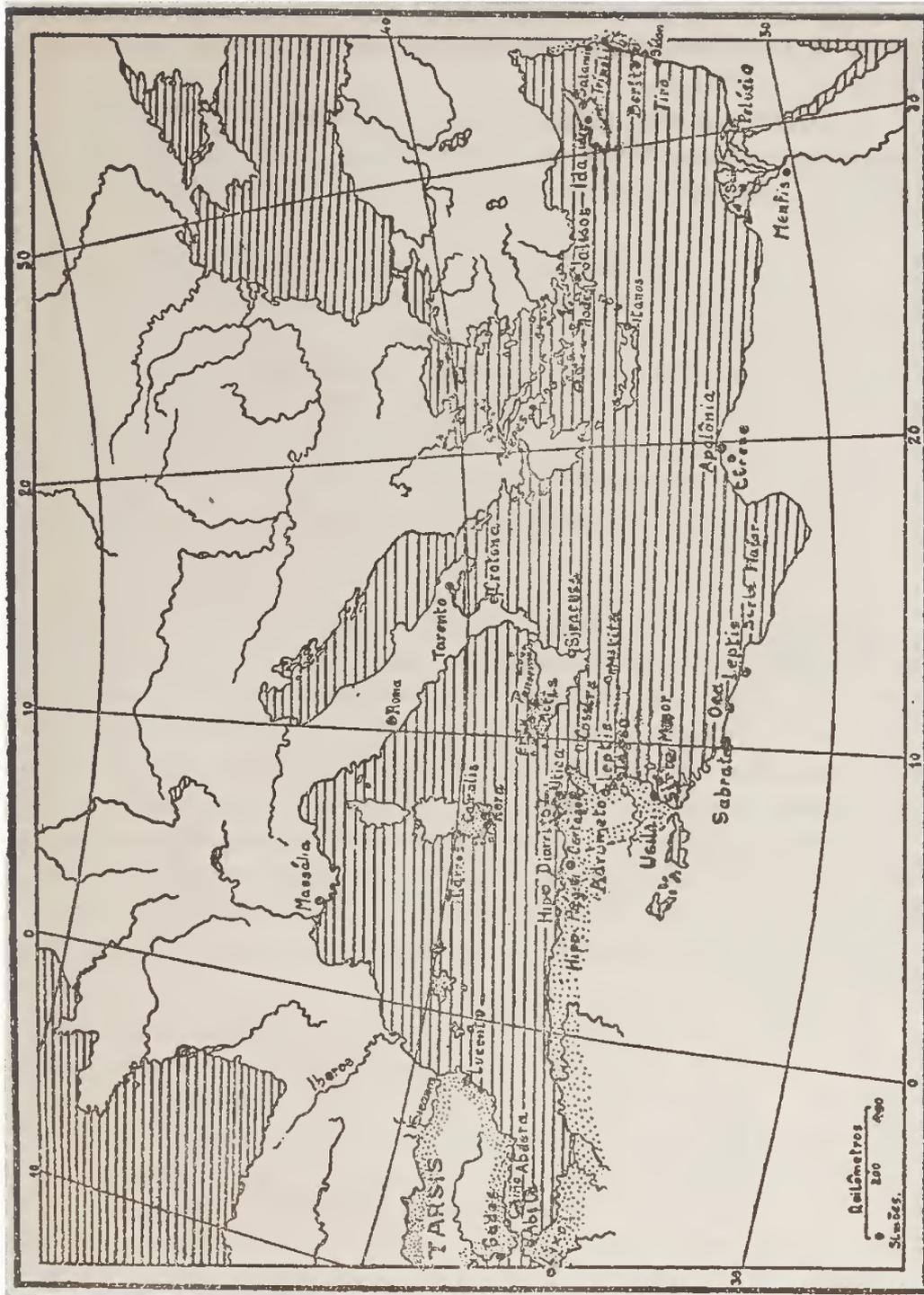


Fig. 6. --- A COLONIZAÇÃO FENICIA (Apud DELAPORTE, FIGANIOL, DRIOTON e COHEN, in "Atlas historique. I. L'antiquité", mapa VI).

Diz Estrabão também (21) que os fenícios possuíam a melhor parte da Ibéria e da Líbia, antes da época de Homero.

E' interessante notar que não foram somente as necessidades comerciais e estratégicas que levaram os fenícios a fundar colônias e feitorias. Salústio (22) diz:

“Os fenícios, ou para diminuir a população que se comprimia em seu país, ou pelo desejo de domínio, levaram consigo pessoas do do povo e outros homens ávidos de novidades e fundaram nas margens do mar, Hipona, Hadrumeto, Leptis e outras cidades. Essas colônias tiveram depressa grande desenvolvimento e tornaram-se o apôio ou a glória da sua mãe pátria”.

Por êsse texto vemos que o aumento da população nas metrópoles, as discórdias intestinas, as ambições pessoais foram as causas do povoamento dessas colônias. Não devemos também esquecer que o êxodo dos cananeus, em virtude da invasão dos hebreus, contribuiu muitíssimo para superpovoar a Fenícia, obrigando parte da sua população a procurar, além-mar, um melhor meio de vida. Certos escritores antigos chegam mesmo a afirmar que êsses retirantes forneceram boa parte dos contingentes fenícios emigrados para a África do Norte (23).

Estabelecida a necessidade da emigração fenícia, surge a questão da proveniência dêsses contingentes de colonos. Vieram êles de Tiro ou de Sídon? Vimos (24) que Tiro aproveitou-se do enfraquecimento dos impérios egípcio e assírio para exercer verdadeira hegemonia sôbre as outras cidades fenícias. Mas se ela exerceu a hegemonia e fundou colônias e feitorias, isso não quer dizer que somente Tiro contribuiu para o po-

(21). — Estrabão, III, 14. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, I, 360.

(22). — Salústio, *Jugurta*, XIX, I, trad. de Charles Durosoir, 61.

(23). — Tertuliano, *De anima*, 30; Justino, XVIII, 4, 2; Diodoro, V, 35; Quinto Cúrcio, IV, 4, 20. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, I, 370.

(24). — Cf. *supra* p. 119.

voamento das mesmas, nem mesmo seria possível que ela fornecesse todos os colonos, sob pena de se ver despovoada.

Daí, concluimos que os emigrantes provinham também de outras cidades fenícias e mesmo de regiões não fenícias, que mantinham estreitas relações com Tiro (25). Siret (26), que sustenta a hipótese de terem os fenícios freqüentado a Ibéria antes da fundação de Gades, — hipótese perfeitamente razoável e que aceitamos — diz também que houve três períodos na colonização semita do Ocidente: o sidônio, no primeiro terço do II milênio a.C., — época em que os fenícios descobrem a rota para o Ocidente, do Mediterrâneo para o Atlântico — período de simples comércio que deixou poucas recordações; o segundo começa mais ou menos no século XII a.C., e se caracteriza pela hegemonia tíria e fundação de muitas feitorias e colônias, principalmente as de Gades e de Cartago; finalmente, o período da decadência tíria e do esplendor de Cartago, em que continua o povoamento semita.

Certos autores, como por exemplo Estrabão (27), afirmam que as colônias africanas foram fundadas pelos tírios, mas os sidônios são mencionados duas vezes. Entretanto, não devemos nos esquecer de que o termo *sidônio* não designava somente o habitante de Sídon, mas também os fenícios na época do seu esplendor, sendo mesmo êsse o nome que êles davam a si próprios (28). O termo *fenício* é de origem grega ou talvez egípcia e, portanto, de emprêgo posterior (29).

(25). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 372.

(26). — SIRET, *Les Cassitérides et l'empire colonial des Phéniciens*, in "*Anthropologie*", t. XIX, 1908, p. 129. Apud BALLESTEROS, *H. E.*, I, 192.

(27). — Estrabão, XVI, 8, 22. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 371.

(28). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 371; MORET, *op. cit.* II, 607.

(29). — A palavra *Φοίνικες* (*Phoinikes*) aparece com Homero. Mas, em 2670 a.C. mais ou menos, entre os povos vencidos pelo faraó Neuserrâ, da V dinastia, figuravam os *fenkhu*, termo talvez oriundo da raiz *fenkh* = ligar, capturar. Talvez os gregos adotassem êsse vocábulo por imitação do egípcio. Para Victor Bérard, *Phoinikes* tem a significação de *vermelho*, lembrando, talvez, que os fenícios eram provenientes do Mar Vermelho e da Arábia (MORET, *op. cit.*, II, 602-604).

Essas colônias africanas fundadas tanto por razões estratégicas, como comerciais e políticas, tiveram modesta origem. Muitas foram no início simples feitorias e mais tarde, em virtude de várias circunstâncias, tornaram-se cidades prósperas e algumas mesmo, até metrópoles (Cartago, Gades e Útica). Os mercadores, a quem somente o lucro interessava, tratavam os naturais com brandura, não lhes fazendo guerra, não procurando escravizá-los, — pelo menos os que habitavam próximo dos seus estabelecimentos — justamente porque deles tinham necessidade. Esse fato teve grande importância no desenvolvimento posterior das suas fundações (30).

Mas em que época foram fundadas essas colônias africanas? Tucídides, nota que os fenícios precederam os gregos na colonização da Sicília e outros autores já citados (31), fazem remontar essa colonização ao fim do século XII a. C., na época da fundação de Cartago (32). Como se vê, o assunto é controvertido.

Estrabão (33) está convencido de que a *Odisséia* teve origem nas narrações das viagens fenícias. Esse modo de pensar ainda hoje é adotado (34). Por outro lado, certos autores modernos (35) sustentam a interessante hipótese de que a expansão dos fenícios no Mediterrâneo ocidental, não foi mais que uma espécie de desforra da ruína dos seus estabelecimentos do Mar Egeu pelos gregos. Mas a *Iliada* e a *Odisséia* nos mostram que, de maneira alguma, o comércio fenício no Mediterrâneo ocidental, no primeiro terço do I milênio a. C., estava em decadência (36).

(30). — HARDY, *op. cit.*, 16.

(31). — Cf. *supra*, p. 126.

(32). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 371.

(33). — Estrabão, III, 150. Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 29.

(34). — Vide o excelente livro de BÉRARD, *Les Phéniciens et l'Odyssee*.

(35). — LENORMANT e BABELON, *Histoire ancienne de l'Orient*, VI, 507-508; E. MEYER, *Geschichte des Alterthums*, 1.^a ed., I, 337; MASPERO, *Histoire ancienne des peuples de l'Orient classique*, II, 740. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 371.

(36). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 371.

Pensamos, como Gsell (37), que os fenícios começaram a desvendar os mistérios que rodeavam as costas da África do Norte, muito antes do fim do século XII a. C., e que aí fundaram simples feitorias para commerciar com os indígenas e para auxiliar sua navegação, — que era de cabotagem, como tôda a navegação na Antiguidade — pois necessitavam de abrigos, de escalas, onde encontrassem refúgio e mantimentos frescos. Só mais tarde surgiram as colônias, pois como veremos mais adiante, Útica e Gades foram fundadas quase que ao mesmo tempo, numa época em que já havia grande entendimento entre os fenícios e os indígenas. Estes aprenderam então a arte da fabricação do vinho, da extração do azeite e da exploração de minas (38).

1. — *Gades e suas relações com Marrocos.*

E' provável que o primeiro objetivo dos fenícios no Mediterrâneo ocidental tenha sido a Espanha, porque esta era uma região riquíssima em metais, o que não acontecia com a África do Norte (39). Segundo Veleio Patérculo, a costa meridional da Espanha foi freqüentada assiduamente pelos fenícios desde o século XII a. C., tendo sido por êles fundada na foz do Guadalete, mais ou menos em 1100 a. C., a colônia de Gades (40). Diz êle textualmente (41):

“Nessa época, a frota tiria, que dominava o mar, fundou Gades..., na extremidade da Espanha e no fim do nosso mundo; Útica foi também fundada pelos tírios, poucos anos depois.”

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

-
- (37). — *Ibidem*, I, 366-367.
(38). — BERNARD, *A.S.O.*, I, 75.
(39). — CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 31; MENDES CORREA, *Raça e nacionalidade*, 67.
(40). — BESNIER, *Lexique de géographie ancienne*, 323; CHAVREBIERE, *Histoire du Maroc*, 29; CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 31.
(41). — Veleio Patérculo, I, 2, 4. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, I, 360; MENDES CORREA, *R. n.*, 67; SORRE, SION e CHATAIGNEU, *Méditerranée. Péninsules méditerranéennes*, I, 91-92; PIGANIOL, *Histoire de Rome*, 6.

A colônia de Gades foi para os fenícios o centro principal de seu comércio com Tartesso e por ela se abasteciam de metais, principalmente de estanho (42). Eles chegaram mesmo a possuir uma frota de barcos especializados nesse comércio, — os célebres *navios de Tarsis* — que podiam, graças às suas altas amuradas, enfrentar as vagas do Oceano (43).

Após atingirem Gades e aí se abastecerem de estanho, os fenícios retomavam o caminho de volta, não pela antiga rota da Sicília, — herança dos cretenses — mas sim ao longo do litoral africano, mais propício, apesar de perigoso, para a navegação nesse sentido, em consequência duma forte corrente vinda do Estreito (44). Parece mesmo que seus estabelecimentos da Berbéria foram, inicialmente, simples escalas da rota da Espanha. E, sem dúvida alguma, a organização dessas escalas contribuiu para a ocupação de certos pontos estratégicos ao longo da costa, principalmente na entrada do Mediterrâneo, para barrar a passagem das Colunas de Hércules, como na região de Cartago, para fiscalizar a passagem entre as duas bacias do Mediterrâneo (45).

Os gaditanos mantiveram sempre estreitas relações com as costas de Marrocos (46), porque sendo a colônia de Gades um centro de reunião dos mercadores do Levante, ela era a distribuidora das mercadorias fenícias aos mouros e negros da costa atlântica da Mauritânia (47). Mas nada indica, entretanto, que êsse tráfico tenha sido muito intenso, pois então tinha-se mais necessidade de estanho que de qualquer outro produto. Marrocos não possuía minas de estanho, mas somente produtos de outra espécie: marfim, penas de avestruz, escravos, etc. Mas, apesar disso, sempre houve relações comerciais entre as duas regiões, porque, como veremos mais adiante, os pilotos gaditanos eram peritos

(42). — Vide nosso trabalho: *Tartesso e a rota do estanho*, 38-39.

(43). — BÉRARD, *N. U.*, I, 47; CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 29.

(44). — Diodoro, V, 35. Apud PAIS, *Histoire Romaine. I. Des origines à l'achèvement de la conquête*, 187-188.

(45). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 37 e 367-368.

(46). — Diodoro, V, 20. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 373.

(47). — BÉRARD, *N. U.*, III, 422.

nesse comércio e sempre empreenderam navegações em direção ao sul, ao longo da costa atlântica da África (48).

2. — *As colônias fenícias da costa mediterrânea da África do Norte.*

Entre as feitorias do litoral mediterrâneo da África do Norte que se transformaram em cidades, salientamos as três mais importantes: Útica, Cartago e Tingis. As duas primeiras não estão em Marrocos, mas pensamos dever mostrar suas origens, porque elas terão grande importância para o desenvolvimento da nossa tese, principalmente Cartago que foi capital de vasto império colonial. Quanto a Útica achamos que devemos nos referir pelo menos à sua fundação, porque ela é obra desses navegantes-mercadores de que estamos tratando e também porque ela teve uma grande influência na história de Cartago.

Útica, sobre um promontório em face de ilhotas costeiras é, por excelência, o tipo da velha feitoria fenícia numa terra bárbara. A antiga baía está hoje completamente aterrada pela vasa do Bagradas (vide fig. 11). Ela foi a primeira e, inicialmente, a mais importante das feitorias fenícias nas costas mediterrâneas da África do Norte, porque depois da foz do Nilo, os navegantes vindos da Fenícia, encontravam uma praia monótona e desértica até o golfo situado na foz do Bagradas. Esse fato elucida a causa da escolha do sítio para a fundação, primeiramente duma feitoria e depois duma colônia (49).

Parece que Útica foi fundada mais ou menos em 1101 a. C. (50). Segundo Plínio (51), via-se ainda no seu tempo, no templo de Útica, traves de cedro da Númia da época da sua ereção, ou seja de 1178 anos antes. Sabemos, por outro lado, que sua *História Natu-*

(48). — CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 29.

(49). — BÉRARD, *N. U.*, I, 54-57; PIGANIOL, *La conquête romaine*, 49.

(50). — Estrabão, I, 48; Veleio Patérculo, I, 2, 4. Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 31; GSELL, *H.a.A.N.*, I, 360.

(51). — Plínio, XVI, 216. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, I, 360.

ral foi dedicada a Tito em 77; portanto, Útica deveria ter sido fundada em 1101 a. C. Há um outro texto que vem confirmar essa data: é o famoso *De mirabilibus auscultationibus* (52), compilação que data talvez somente do II. século da nossa era e falsamente atribuída a Aristóteles. Nesse texto vemos que:

“Útica passa por ter sido fundada pelos fenícios 287 anos antes de Cartago, como está escrito nas histórias fenícias.”

Essa data concorda com a de Plínio, se colocarmos a fundação de Cartago em 814-813 a. C., como é geralmente admitida.

Tingis (a moderna Tânger), que está situada no Estreito, — mas não na costa atlântica — segundo obscura tradição, teria sido fundada pelos fenícios (cana-neus?) expulsos pelos hebreus (53). Mas alguns autores antigos dizem que ela foi fundada por Anteu, que teria sido seu rei. Pelo que sabemos do seu passado, a primeira hipótese concorda com o caráter libio-fenício que lhe é atribuído (54). Em todo o caso, é uma fundação fenícia num local sumamente estratégico, próximo do Estreito. Trata-se duma velha cidade, pois foi mencionada por Hecateu de Mileto (fim do VI ou começo do V século a. C.) na sua obra *περίηγησις τῆς γῆς* como:

“... Thinge, cidade da Líbia...” (55).

Sabemos, por outro lado, que na época do sítio de Tiro por Nabucodonosor (586 a. C.) (56), os fenícios mantinham ainda um grande comércio com Tartesso, e assim, Tingis não pode ser cidade de fundação carta-

(52). — *De mirabilibus auscultationibus*, 134. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 360, nota 7.

(53). — Cf. *supra*, pp. 112-113 e 126.

(54). — CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 29-30; OLSEN, *La conquête de la Terre*, I, 46; GSELL, *H. a. A. N.*, II, 169.

(55). — *Fragm. hist. graec.*, Ed. C. Müller, Paris, 1841, I, p. 25, n.º 326. Apud ROGET, *Le Maroc chez les auteurs anciens*, 11; OLSEN, *op. cit.*, I, 78; GSELL, *H. a. A. N.*, V, 82.

(56). — MORET, *op. cit.*, II, 613.

ginesa, como querem alguns autores, pois como veremos, é dessa época em diante que Cartago vai tornar-se preponderante e reclamar para si a hegemonia até tão exercida por Tiro.

Não podemos deixar de nos referir também a uma outra cidade de Marrocos dessa época: *Auza*. Menandro de Êfeso, baseado em documentos tírios, menciona uma cidade de Auza, fundada na Líbia por Itobal, rei de Tiro (primeira metade do século IX a.C.) (57). Mas apesar da certeza da sua existência, ela não pôde ainda até hoje ser identificada.

3. — *As colônias fenícias da costa atlântica de Marrocos.*

Eratóstenes afirmou a existência de trezentas colônias tírias nas costas líbicas do Atlântico (58). Estrabão contesta, achando êsse número muito elevado, mas concorda com a existência de colônias fenícias, afirmando apenas que não são tão antigas quanto Gades, Útica e Cartago. O certo é que os fenícios estabeleceram feitorias e colônias, pelo menos até o *uadi Draa*, como veremos mais adiante. Hanão encontrou alguns estabelecimentos fenícios nessas paragens, o que vem provar a prioridade fenícia. Muito ligada a essa colonização está a fundação de feitorias na Ibéria, pois, diz a tradição, as colônias de além Colunas de Hércules foram fundadas logo após a guerra de Tróia, que sabemos ser um fato histórico do fim do período micênico (59).

Entre tôdas essas colônias atlânticas de Marrocos, a mais importante foi Lixo (atualmente Larache), perto dum rio (o *uadi Lucos*), cuja embocadura não se encontra hoje no mesmo lugar que outrora. Essa cidade, além de ser um grande mercado de marfim, era a primeira aguada importante que se encontrava na costa,

(57). — Flávio Josefo, *Antiq.*, VIII 13, 2 (324). Apud GSELL, *H.a.A.N.*, I, 362.

(58). — Estrabão, XVII, 3, 3. Apud ROGET, *op. cit.*, 22-23 e 26.

(59). — BALLESTEROS, *H. E.*, I, 190; GLOTZ e COHEN, *op. cit.*, I, 95; GSELL, *H.a.A.N.*, I, 366-367.

vindo do norte (60). Aí, segundo a tradição (61), havia um velho templo de Hércules, que diziam ser mais antigo que o de Gades. Essa asserção prova que se trata duma cidade fenícia. No périplo de Cílace encontramos mesmo a expressão Πόλις Φοινίκων (*Polis Phoinikon*) para designá-la (62).

Sabemos que essas colônias atlânticas foram mais tarde destruídas pelos indígenas, — mas não tôdas, pois Hanão esteve em Lixo — não se sabe quando, mas certamente antes do famoso périplo cartaginês, que não é estranho a êsse fato, como veremos. Êsses indígenas seriam os famosos *pharousioi* e *nigritos*, habitantes do sul de Marrocos (63).

-
- (60). — PIGANIOL, *C. r.*, 48-49; IDEM, *H. R.*, 6; CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 32; TISSOT, *Mémoires présentés à l'Académie des Inscriptions*, IX, 1.^a parte (1878), p. 205 e segs. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 370.
- (61). — Plínio, XIX, 63. Apud ROGET, *op. cit.*, 35.
- (62). — *Geographi graeci minores*, I, § 112 (Didot), p. 92. Apud ROGET, *op. cit.*, 19.
- (63). — Estrabão, XVII, 3, 3. Apud ROGET, *op. cit.*, 23.

CAPÍTULO VI

OS GREGOS

Parecerá talvez estranho tratarmos dos gregos antes de passarmos ao estudo dos cartagineses. Mas, ver-se-á que a influência grega foi diminuta na África do Norte, maximé em Marrocos — mais distante ainda da Grécia e das suas colônias que qualquer outra parte da Berbéria. Por isso, limitar-nos-emos às navegações e descobertas dos marinheiros gregos que possam interessar à nossa tese. Devemos também levar em conta que a influência cartaginesa foi quase milenar, porque sendo herdeira dos fenícios, que se estabeleceram de forma definitiva na Berbéria desde o século XII a. C., perdurou até a destruição de Cartago em 146 indo mesmo além, pois fez-se sentir até em pleno domínio romano. Nestas condições, não nos pareceu aconselhável interromper o capítulo referente aos cartagineses para intercalar as façanhas gregas, nem tão pouco, colocá-las depois, porque a História de Cartago está tão intimamente ligada ao capítulo seguinte, referente aos romanos, que seria impossível separá-los.

A). — OS GREGOS E A ROTA DO ATLANTICO.

Os gregos, depois de expulsarem os fenícios do Mar Egeu, foram ao seu encalço no Mediterrâneo ocidental. O semita e o indo-europeu aí lutaram bastante, pois após a decadência tiria, foi Cartago quem continuou a luta contra o fócio e o massaliota. Os gregos procuraram logo conhecer nessa parte do Mediterrâneo tudo que interessasse ao seu comércio. E foi então que os historiadores e geógrafos, tendo a sua atenção despertada, começaram a escrever sôbre essas novas regiões baseando-se nas observações alheias e às vêzes, mais raramente, nas observações pessoais, como Heródoto (1).

(1). — ROGET, *Le Maroc chez les auteurs anciens*, 10.

Desde o VII e sobretudo no V século a.C., numerosos gregos da Ásia Menor, principalmente os fócios, navegaram para o Mediterrâneo ocidental, onde fundaram Massália (Marselha) e frequentaram durante certo tempo Tartesso (2). Mas, não contentes com as relações mantidas na Ibéria, avançaram para o sul, ao longo da costa atlântica de Marrocos (3).

Êsses gregos, ou melhor, jônios, percorreram também a costa norte-africana do Mediterrâneo e ocuparam aí certos pontos, mas o local exato dessas escalas marítimas e as respectivas datas de estabelecimento, não podem ser dadas com segurança. Essa cadeia de escalas talvez formasse uma segunda rota para Tartesso, passando a primeira, como é sabido, pelas costas europeias. A ocupação do Mediterrâneo ocidental pelos gregos foi tão completa, que em certo momento do século VI a.C., êle quase se tornou um lago grego. Se isto não ocorreu, foi apenas em virtude do resultado da batalha de Alália, na qual os fócios se opuseram a uma coligação etrusco-cartaginesa (4).

Mas os gregos não ocuparam pacificamente o Mediterrâneo ocidental, pois sabemos que colidiram com os fenícios e depois com os cartagineses ao tentarem a passagem para o Atlântico, rumo a Tartesso. Tanto é assim, que os périplos gregos que possuímos, foram elaborados nas ocasiões em que êles conseguiram burlar a vigilância semita. Essa vigilância era tão efetiva que pouco a pouco, os gregos foram obrigados a se concentrar nas costas da Gália, na Sicília e na Magna Grécia, perdendo gradativamente a noção de muitos conhecimentos geográficos anteriormente adquiridos (5). Podemos mesmo medir o estreitamento do horizonte colonial dos gregos, comparando os conhecimentos do geógrafo Hecateu de Mileto — que escreveu sua obra no

(2). — Vide nosso trabalho: *Tartesso e a rota do estanho*, 40-41.

(3). — GSELL, *Histoire ancienne de l'Afrique du Nord*, V, 12.

(4). — CARY e WARMINGTON, *Les explorateurs de l'antiquité*, 39; COHEN, *La Grèce et l'hellénisation du monde antique*, 59; GLOTZ e COHEN, *Histoire grecque*. I. *Des origines aux guerres médiques*, I, 200.

(5). — Uma das mais antigas referências — talvez mesmo a mais antiga — sobre Marrocos nas obras gregas encontraríamos em Homero (*Odisséia*, V, 55 e segs. Trad.

fim do VI ou começo do V século a.C. — sôbre a Espanha e o noroeste da África, com a ignorância quase total que o historiador Heródoto (que escreveu seu trabalho mais ou menos em 450 a.C.) revela sôbre as mesmas regiões (6).

de BÉRARD, I, 114), se aceitarmos a hipótese de Victor Bérard (*Les navigations d'Ulysse*, III, 219-290; ROGET, *op. cit.* 11) de que a ilha de Perejil, no Estreito de Gibraltar, seria a ilha de Calipso, a filha de Atlas.

Por outro lado, sabemos que foi na Ásia, na Jônia, com Tales de Mileto (cêrca de 640-546 a.C.) que teve início a Geografia clássica. Mas foi seu discípulo, Anaximandro (cêrca de 610-546 a.C.), quem estabeleceu a primeira representação da terra conhecida, isto é, o primeiro mapa.

Hecateu de Mileto (cêrca de 540-480 a.C.) escreveu uma obra geográfica que infelizmente está perdida. Possuímos dela apenas alguns fragmentos, citados por Estêvão de Bizâncio, e que C. Müller reuniu no seu livro: *Fragmenta hist. graec.* (I, pp. I-31. Paris. 1841. Apud ROGET, *op. cit.*, 16; BERTHELOT, *L'Afrique saharienne et soudanaise*, 144-145). Era uma obra bem feita, mas com evidente mistura de conhecimentos geográficos e narrações poéticas. Compunha-se de dois livros: o primeiro, referente aos países do norte do Mediterrâneo; o segundo aos do sul (Ásia, Egito e Líbia). Nos fragmentos conservados, há referências a algumas cidades da Tingitânia (*Thrinke, Thinge, Melissa*) e ao lago Duriza, perto do rio Lixo (ROGET, *op. cit.*, 16).

Hecateu foi eclipsado pelo seu sucessor: Heródoto de Halicarnasso (cêrca de 484-424 a.C.). Este visitou inúmeras colônias gregas e alguns países, mas da África do Norte, só obteve informações no Egito, em Cirene e através de alguns cartagineses que interrogou. Em todo o caso, tomou contacto com os líbios em Cirene e consagrou alguns capítulos do seu livro IV (*Melpomenes*) à Líbia (Apud BERTHELOT, *op. cit.*, 145), que utilizaremos freqüentemente neste trabalho.

Outro escritor grego que se referiu a Marrocos, mas infelizmente de maneira muito vaga e em uma única passagem, foi Éforo (cêrca de 363-300 a.C.). Ele cita em seu livro a cidade de Καρικὸν Τεῖκος (*Caricon Teikhos*), uma das colônias de Hanão (Cf. *infra*, p. 157), como cidade da Líbia, à esquerda das Colunas de Hércules (*Fragmenta historic. graecorum.* Ed. C. Müller, Paris, 1841. Apud ROGET, *op. cit.*, 21).

(6). — CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 40.

A Geografia grega do período que antecede à conquista dos romanos não é muito prolixa, limitando-se mesmo, a poucas referências sôbre Marrocos. Infelizmente muitos dos périplos empreendidos pelos gregos não foram redigidos, ou se o foram, perderam-se de todo, deixando apenas fragmentos e tradições. E' possível também que êsses relatos tenham passado para outros périplos posteriores, — como já mostramos (7) ao tratarmos da filiação dos atuais *pilots* do Almirantado inglês — e assim, pelo menos uma parte dêles conseguiu escapar ao olvido.

Para maior harmonia e sistematização, falaremos dos périplos gregos após estudarmos minuciosamente a viagem de Hanão. Tomaremos êste périplo como base e analisaremos a seguir todos os outros, para ficar patente que houve, depois dessa viagem, regressão nos conhecimentos sôbre a costa atlântica da África e, conseqüentemente, no conhecimento das relações de Marrocos com essas longínquas regiões.

(7) — Cf. *supra*, p. 102-103.

CAPÍTULO VII

OS CARTAGINESES

A). — *CARTAGO. SUA FUNDAÇÃO E HEGEMONIA.*

Devendo tratar de Cartago sob o prisma do interesse que essa cidade apresenta para à nossa tese, estudaremos sua História somente em função das relações e influências que exerceu em Marrocos.

Diversos textos (1) indicam, como já vimos a propósito de Útica (2), que Cartago foi fundada pelos fenícios em 814-813 a. C. Tudo indica que no sítio da sua fundação existia anteriormente uma feitoria fenícia, pois era um local conhecido havia muito tempo por esse povo (3).

Quanto aos motivos da fundação há várias hipóteses. A mais interessante é a da fundação da cidade por Elissa (ou Dido), viuva de Sicarbas, quando fugia à cobiça de seu irmão Pigmalião, rei de Tiro, o que parece confirmar a versão mais aceita duma colonização tíria (4). Victor Bérard (5) apresenta uma hipótese que achamos bem razoável. Diz êle que Útica foi perdendo seu monopólio comercial porque o Bagradas pouco a pouco aterrava seu pôrto, como já o tinham feito o Meandro em Mileto, o Caistre em Êfeso e o Hermes em Esmirna. Em consequência dêsse gravíssimo acontecimento foi necessario um novo pôrto e assim nasceu uma nova cidade: Cartago (*Quart hadasht* — a cidade nova).

(1). — Timeu (Dion. Hal. I, 74); Cícero, *De rep.*, II, 23,42. Apud PAIS, *Histoire Romaine, I. Des origines à l'achèvement de la conquête*, 188, nota 5.

(2). — Cf. *supra*, pp. 131-132.

(3). — GSELL, *Histoire ancienne de l'Afrique du Nord*, I, 374 e 379.

(4). — Apesar de existir outra versão que diz ter ela sido fundada por Sidon, em oposição à tíria Útica (EAST, *Géographie historique de l'Europe*, 28).

(5). — BÉRARD, *Les navigations d'Ulysse*, I, 59-60; PAIS, *op. cit.*, 187.

O início da cidade foi modestíssimo, pois o pequeno grupo de imigrantes tírios estava cercado por uma densa população de líbios. Colocada numa posição excelente, — na colina de Birsa e na ponta dum istmo de fácil defesa (vide fig. 7) — Cartago, pelo comércio,

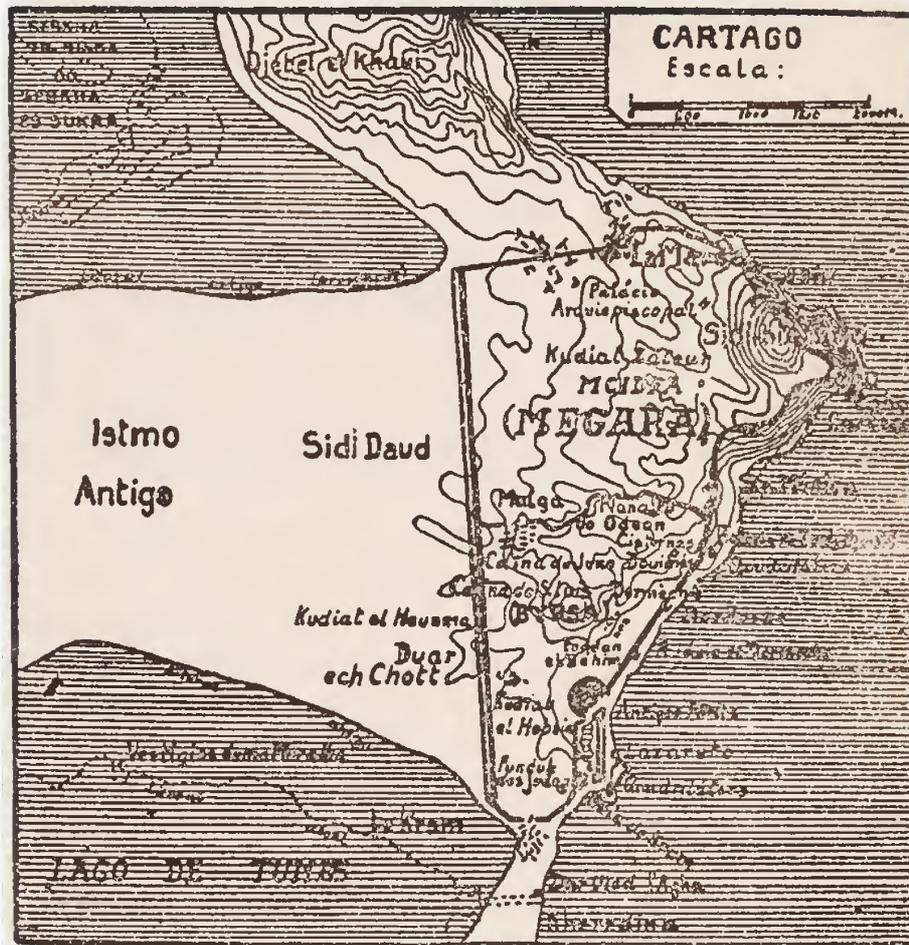


Fig. 7. — CARTAGO (Apud PAIS, *op. cit.*, 610).

pouco a pouco foi estendendo sua influência. Os cartagineses foram por necessidade diplomatas e mercadores e nunca perderam êsse cunho, nem mesmo nas épocas de maior esplendor. Para adormecer a natural desconfiança dos líbios, Cartago ostentava aos seus olhos maravilhados os produtos industriais oriundos do Oriente, um centro urbano desenvolvido, com seus artifices, oficinas, lojas, estando sempre pronta para trocar os produtos naturais (cereais, frutos, lã, ouro, mar-

fim, escravos) pelos produtos manufaturados e a tradicional *pacotilha* fenícia.

Durante muito tempo Cartago foi uma cidade aberta, isto é, desprovida de muralhas e, por isso mesmo, pagava tributos aos régulos líbios que a circundavam. Mas sua influência e riqueza foram sempre crescendo e a fascinação que ela exercia sobre essas populações, fez com que pouco a pouco se formasse, pela sua hábil diplomacia, uma verdadeira cintura de tribos fiéis que a protegiam dos nômades pilhadores das estepes e dos oásis do deserto. Após a ereção de suas muralhas e do sucesso de sua diplomacia, Cartago sentiu-se forte para recusar o pagamento do costumeiro tributo. É interessante notar que inicialmente Cartago procurou apenas criar e desenvolver um império marítimo e que somente muito mais tarde, depois de três séculos da sua fundação, é que possuiu um império terrestre (vide fig. 8) (6).

Durante quase oito séculos, isto é, até 146 a.C., data da sua conquista por Roma, Cartago desenvolveu tal influência, principalmente pelo seu comércio, que a língua púnica estendeu-se de Cartago a Gades e mesmo além de Tingis, propagando-se também pelo interior a dentro (7). Tanto isso é verdade que o púnico, língua oficial dos reis númidas, aparece nas moedas cunhadas por eles até o reino de Juba I. Essa língua sobreviveu, portanto, à existência política de Cartago e ainda na época de Santo Agostinho era falada em Hipona (8).

A que devemos atribuir o sucesso de Cartago? Talvez a própria posição geográfica possa explicar esse sucesso. Como Útica e Bizerta, Cartago estava colocada entre as duas bacias do Mediterrâneo (vide fig. 8), perto dum vasto golfo que recebe o Medjerda e o *uadi* Mi-

(6). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 37.

(7). — CHAVREBIÈRE, *Histoire du Maroc*, 30; BERNARD, *Afrique septentrionale et occidentale*, I, 75.

(8). — BERNARD, *op. cit.*, I, 75.



Fig. 8. — O IMPERIO CARTAGINĒS (Apud dr. ÓRJAN OL. — SEN, in "La conquête de la Terre", I, 51).

liane, — por onde é fácil a penetração para o interior — numa língua de terra entre o lago Tunes ao sul e a laguna de Sucra ao norte, além de estar separada do istmo que a liga ao continente por colinas de difícil passagem (vide fig. 7) (9). Com tal posição estratégica, Cartago desfrutava grande segurança. Outro fator decisivo do seu sucesso é entrevisto na lenda de sua fundação, que talvez tenha um sentido político, pois nela se diz que uma princesa real, acompanhada da nobreza tiria dirigiu-se para Cartago. Na própria denominação de *cidade nova*, em que alguns querem ver sua diferenciação de Útica, a cidade velha, outros vêm uma nova Tiro. O certo é que, estando Tiro em decadência e tendo Útica seu pôrto parcialmente inutilizado, Cartago aproveita-se da sua posição entre as duas bacias mediterrâneas para controlar o comércio entre elas, transformando-se em ponto obrigatório de escala pelas facilidades e riquezas que oferecia. Foi assim que Cartago tomou a dianteira de tôdas as outras colônias fenícias (10).

No início do V século, Cartago era incontestavelmente a primeira potência marítima e comercial do Mediterrâneo ocidental. Pelo direito ou pela fôrça, era ela quem dirigia as outras colônias fenícias, situadas ao longo do litoral, na luta contra o invasor grego.

Não conhecemos bem como Cartago conseguiu sua preponderância na África do Norte, mas em todo o caso sabemos quais as causas que a determinaram. A necessidade fez com que as antigas colônias tórias se unissem em tórno de Cartago e isso talvez explique a obediência, sempre relutante, de certas cidades, como por exemplo, Útica (11). A hegemonia cartaginesa foi duramente exercida e não foi aceita, sem dúvida, de bom grado por tôdas as cidades fenícias, pois se algumas acreditavam estar ameaçadas diretamente pelos gregos, outras logo deixaram de o ser. A proteção custava-lhes a liberdade. Foram necessários séculos para que a supremacia cartaginesa se impuzesse definitivamente (Útica só aceitou a aliança de Cartago no V

(9). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 374.

(10). — *Ibidem*, I, 419-420.

(11). — *Ibidem*, I, 411-412.

século a.C.). Muitas dessas cidades eram aliadas de Cartago e esta, para vigiá-las e fortificar seu império, criou inúmeras colônias e feitorias que mantinha sob rude obediência (12). Para a África do Norte essa hegemonia foi benéfica, pois fez reinar aí uma certa paz e forçou sua entrada na História do mundo conhecido de então (13).

Quanto ao início da hegemonia cartaginesa na Ibéria, — principalmente em Gades — estamos melhor informados, pois alguns autores antigos nos fornecem alguns dados. Assim, sabemos por Diodoro de Sicília (14) que os cartagineses se estabeleceram em Ebesos (Ibiça), uma das ilhas Pitiusas, cento e sessenta anos após a fundação da sua cidade, o que nos daria a data de 654-653 a.C. Sabemos também que após o sítio de Tiro por Nabucodonosor (586 a.C.), Cartago imiscuiu-se cada vez mais na Ibéria. Infelizmente não possuímos elementos seguros para datar com segurança e precisão a ocupação da Ibéria pelos cartagineses antes do século IV a.C. E' muito provável que lá estivessem antes desse século, pois como já indicamos, ocuparam muito antes as Baleares. Parece que contavam barrar aos fócios o caminho de Tartesso. Podemos concluir que foi talvez no século VI a.C. que Cartago fez sua intervenção na Ibéria (15).

Gades atacada pelos indígenas (Tartéssios?) apelou para Cartago. Esta aproveitou a ocasião para apoderar-se da cidade, depois de expulsar os indígenas. Cartago concedeu à velha cidade o título de aliada, como já o tinha feito com Útica, pois em Tito-Lívio (16), o general Magão aparece como *socius atque amicus* dos gaditanos. Gades foi mesmo a única cidade da Ibéria que cunhou moeda durante a dominação púnica. Isso evidencia a importância que lhe dava Car-

(12). — *Ibidem*, I, 422-423.

(13). — *Ibidem*, I, 419.

(14). — Diodoro de Sicília, V, 16. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, I, 432.

(15). — BALLESTEROS, "*Historia de España*", I, 210; GSELL, *H.a.A.N.*, I, 442-443. Vide também SCHULTEN, in *C.A.H.*, VIII, 769-792.

(16). — Tito Lívio, XXVI, II, 37, 1. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, I, 443.

tago e seu cuidado em conservá-la como amiga. De tudo isso concluímos que na época da hegemonia cartaginesa, as relações entre a Ibéria e Marrocos, que vinham desde a época fenícia, continuaram intensas (17), firmando cada vez mais Gades sua posição de verdadeira metrópole das cidades situadas na costa atlântica da África do Norte.

B). — O COMÉRCIO CARTAGINÊS E A ROTA PARA O OCEANO.

Os fenícios, — isso já era uma verdade banal para os escritores antigos — possuíam o gênio do comércio. Os seus sucessores, os cartagineses, foram dignos herdeiros dessa qualidade, mostrando-se sempre ávidos de ganho, qualquer que fôsse a posição social por eles desfrutada (18). Sendo em pequeno número, — pelo menos inicialmente — em comparação aos indígenas que rodeavam sua cidade, eles não conseguiam dominá-los. O mar todavia continuava livre e eles o transformaram em via mercante até Tingis e as costas atlânticas de Marrocos. Não podendo desde logo fundar colônias importantes, em virtude da insuficiência demográfica, instalaram inúmeras feitorias nas proximidades das rotas marítimas, e seus navios, assegurando a ligação entre elas e a metrópole, mantinham um comércio intenso (19).

A propósito da costa ocidental da África, Heródoto (20) fala do *comércio silencioso*, tão comum entre os povos da Antiguidade que, por falarem línguas diferentes, demonstravam desconfianças recíprocas, aliás, às vezes, bem legítimas. Tratando-se dos cartagineses, hábeis traficantes e apreciadores de escravos, os indígenas tinham sólidas razões para praticar essa modalidade de comércio. Cadamosto no século XV ainda encontrou êsse comércio na baía de Arguim entre os

(17). — Cf. *infra*, pp. 183-186.

(18). — GSELL, *H. a. A. N.*, IV, 109.

(19). — *Ibidem*, IV, 110-111; CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 32 e 34-35.

(20). — Heródoto, IV, 196. Apud ROGET, *Le Maroc chez les auteurs anciens*, 17.

mouros zenagas e os negros, que trocavam ouro sudanês por sal saariano (21). Assim descreveu Heródoto esse curioso comércio:

“Os cartagineses dizem que há ainda na Líbia um lugar habitado, além das Colunas de Hércules, aonde vão seus navios e onde desembarcam suas mercadorias; êles as colocam ao longo da praia, reembarcam e fazem a fumaça subir ao céu. Os indígenas vendo essa fumaça, vêm para o litoral e aí depositam ouro que represente o preço das mercadorias; depois se afastam. Os cartagineses tornam a descer dos navios, fazem seus cálculos e, se a quantidade de ouro lhes parecer equivalente às mercadorias trazidas, recolhem-no e partem; se ela é insuficiente, tornam a subir para seus navios e esperam. Então, os indígenas voltam e colocam mais ouro até que suas ofertas sejam aceitas. Nenhum dêles é desonesto. Os cartagineses não tocam no ouro antes que o valor seja igual ao da sua *pacotilha* e os indígenas não tocam nas mercadorias enquanto os cartagineses não tomarem posse do ouro”.

Cartago teve a sorte de ser governada por homens que compreenderam suas necessidades momentâneas e souberam prever-lhe o futuro, como bons comerciantes que eram. Êles perceberam que, se impedissem a ruína das colônias fenícias e se opusessem à expansão dos gregos, o império marítimo e comercial do Ocidente mediterrâneo lhes pertenceria. Com êsse fito, criaram frotas necessárias para deter a expansão grega e, montando guarda nas Colunas de Hércules, impediram o seu comércio com Tartesso e o Atlântico (22).

Senhora duma grande parte das costas do Mediterrâneo ocidental, Cartago explorou o litoral atlântico

(21). — BERTHELOT, *L'Afrique saharienne et soudanaise*, 166.

(22). — GSELL, *H.a.A.N.*, I, 420; BERNARD, *op. cit.* I, 75.

de Marrocos sem temer nessas longínquas regiões o seu rival grego, o fócio. Além das Colunas de Hércules, que eram facilmente defendidas, Cartago dominava, de Gades a Lixo, velhas cidades fenícias (23).

O tráfego terrestre foi também intenso e variadíssimo, chegando mesmo até o interior do continente (24). Examinemos agora, pormenorizadamente, êsse tráfego de Cartago para o sul das Colunas de Hércules.

C). — O PÉRIPOLO DE HANÃO.

Na Antiguidade, como em nossos dias, a região de Marrocos foi sempre pouco visitada e mal conhecida. Do exame dos autores antigos podemos concluir que Hanão foi um dos poucos personagens que lá esteve realmente. Êste navegante cartaginês andou ao longo da costa marroquina e aí fundou algumas colônias, das quais não conhecemos muito bem os locais exatos. Seu relato de viagem é curto e às vêzes desconcertante, pois há em certas passagens, discordâncias com o litoral atual.

1. — A data da expedição.

A questão da data da expedição de Hanão é muito discutida, pois os autores a fixam desde 570 até o meado do IV século a. C. Gsell (25), a maior autoridade em Antiguidade da África do Norte, não chega a um resultado definitivo nos seus estudos. Portanto, a data por nós aceita, é dada sob reserva. Examinemos o problema.

Hanão é considerado contemporâneo de Himilcão, cujo cruzeiro foi realizado provavelmente nas proximidades de 500 a. C. Mas, como o fito principal da expedição de Hanão era o de estabelecer colônias, podemos admitir que houve antes reconhecimentos, pois Heca-

(23). — GSELL, *H.a.A.N.*, I, 468.

(24). — BALLESTEROS, *H.E.*, I, 230.

(25). — GSELL, *H.a.A.N.*, I, 510-519.

teu de Mileto (26) menciona um rio Lizas (Lixo), e uma cidade chamada Melissa que encontramos na narração do Cartaginês. A informação de Hecateu deve provir, pois, de algum predecessor de Hanão, talvez de Eutímenes, — cujo périplo estudaremos mais adiante (27) — ou de algum marinheiro fenício.

Plínio (28) diz o seguinte a propósito da época da expedição de Hanão:

“No tempo em que florescia o poderio de Cartago, Hanão partiu de Gades, contornou a África até a extremidade da Arábia e deu a conhecer por escrito essa navegação, do mesmo modo que Himilcão, enviado na mesma época para explorar parte da Europa.”

Por aí vemos que Plínio acreditava que Hanão fizera uma viagem em tórno da África. Mas sabemos por outro lado, que essa afirmação sua é baseada em escritores anteriores, que fizeram a tradução do termo *περίπλους* (*periplous*) por viagem em tórno (29), de acôrdo com as concepções geográficas de então, que faziam da Líbia uma estreita faixa de terra. Plínio afirma também que as viagens de Himilcão e de Hanão são contemporâneas, o que não quer dizer que fôssem no mesmo ano, pois é pouco provável que emprêsas de tal monta pudessem ser simultâneas. A sua afirmação de que essas duas expedições foram feitas na época de maior poderio de Cartago, é o que há de mais vago, porque sabemos que êsse período abrange no mínimo 250 anos, desde o meado do VI século (batalha de Alália — 535 a. C.) até o fim do IV (pois mesmo após Himera — 480 a. C., o poderio cartaginês era ainda muito grande) (30).

Mas a afirmação mais segura que possuímos é a de que houve muitos combates de cartagineses contra mouros e númidas, mais ou menos em 475-450 a. C. Ora, se a expedição colonizadora de Hanão

(26). — Hecateu, frag. 355 e 357. Apud ROGET, *op. cit.*, 16.

(27). — Cf. *infra*, pp. 172-173.

(28). — Plínio, *Hist. Nat.*, II, 169. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, I, 468.

(29). — Cf. *supra*, p. 102.

(30). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 510 e 517.

tivesse sido depois dessa data, êsses combates repetidos não se teriam dado, pois os indígenas não encontrariam cartagineses para combater. Baseados nisso, pensamos que Cartago, para garantir e dispor de escalas na rota para Tartesso e litoral atlântico de Marrocos, teria enviado essa grande expedição no fim do V século, ou seja em 480 a.C., mais ou menos (31).

2. — O texto púnico e sua tradução grega.

Outro aspecto interessante da questão é o relativo ao texto púnico e sua tradução para o grego. Sabemos que Cartago é muito pobre em documentos epigráficos e que um dos únicos de que dispomos é justamente o conhecido pelo nome de Périplo de Hanão. Não possuímos, é verdade, a inscrição original em língua púnica, mas temos dela a tradução grega, provavelmente abreviada e alterada pelos copistas durante séculos (32).

Essa tradução nos diz que o original, gravado em bronze, estava no templo de Cronos ou de Baal, onde foi depositado pelo próprio Hanão. Essa indicação é muito importante para a garantia da sua autenticidade, pois êle não teria exposto em público um relatório de viagem, que seus numerosos companheiros poderiam declarar inexato. Sabemos, por outro lado, que foi do Egito que os fenícios trouxeram o hábito de expor nos templos seus périplos escritos ou desenhados (32-a).

A tradução do púnico para o grego deve ter sido feita mais ou menos no fim do IV ou no III século a.C., por alguém que possuía pretensões literárias, como se depreende do texto (33). Foi êsse mesmo tra-

(31). — *Ibidem*, I, 457.

(32). — Edição C. Müller, *Geographi graeci minores*, I, pp. 1-14, Paris, 1855.

(32-a) — Dos périplos egípcios, o mais conhecido é o da rainha Hatxepsú, que reinou em Tebas no XVI século a.C. — e no qual são descritas as belas navegações que suas frotas fizeram em direção das Escalas do Incenso.

(33). — ROGET, *op cit.*, 11; BÉRARD, *Les Phéniciens et l'Odyssée*, I, 216; PIGANIOL, *La conquête romaine*, 119-120; GSELL, *H.a.A.N.*, I, 472-475.

dutor que, dando o nome de périplo à viagem de Hanão, causou a confusão de Plínio, como já mostramos (34).

E.-F. Gautier (35) apresenta uma explicação muito interessante sôbre a redação do périplo de Hanão. Insurge-se inicialmente contra o nome de périplo, dizendo que é impróprio, pois, do mesmo modo que um portulano português, a relação da viagem deveria servir simplesmente de guia aos navegantes. O fito da redação do périplo de Hanão, para êle, é muito outro. Afirma êsse autor que Hanão, como sufeta, empreendeu uma viagem de inspeção e que o senado púnico, para exaltar a obra colonizadora de Cartago, fez gravar a inscrição da sua viagem em bronze, colocando-a no templo de Baal. A narrativa de Hanão seria, pois, uma espécie de propaganda ou reclame de Cartago. Achamos a explicação de Gautier, com todo o respeito que êsse saudoso mestre nos merece, um pouco forçada. Seria possível que Cartago expusesse em público uma das rotas do seu império marítimo e colonial, que guardava tão cuidadosamente quanto os fenícios? Cartago, como faria mais tarde a Coroa portuguesa impondo o *sigilo* (36) aos seus navegantes, preconizava o afundamento dos seus barcos para que os concorrentes não descobrissem as suas rotas. Como conciliar a verdade histórica com a afirmação de Gautier?

Certos eruditos criticam acerbamente o texto do périplo de Hanão, descobrindo nele incertezas, aumentando o número de dias de viagem, etc., como H. Tauxier (37) que conclui pela impugnação do mesmo, acoiçando-o de apócrifo. Mas, felizmente, a maioria dos autores não pensa assim e procura explicar os incidentes taxados de incríveis. Outro autor, W. Aby (38), pensa que o texto foi elaborado por instigações de Políbio, para dar realce à sua viagem às costas atlânticas

(34). — Cf. *supra*, pp. 102 e 148.

(35). — GAUTIER, *Le passé de l'Afrique du Nord*, 44-45; IDEM, *L'Afrique noire occidentale*, 162-166.

(36). — CORTEZÃO, *Do sigilo nacional*, in "*Lusitânia*", fasc. I, janeiro de 1924, p. 45-81.

(37). — In "*Revue Africaine*", 1882, pp. 15-37. Apud CARY e WARMINGTON, *Les explorateurs de l'antiquité*, 70.

(38). — In "*Hermes*", 1927, pp. 317-330. Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 70.

de Marrocos, que estudaremos mais adiante. Outros autores supõem que o contôrno da costa e o clima foram profundamente modificados nestes 2.000 anos, dando razão assim aos que crêem no mito da Atlântida. Mas, seus argumentos não nos convencem, pois pensamos que se dois milênios são para o Homem muita cousa, geològicamente nada representam (39). Em conclusão, diremos que o texto não é desprovido de obscuridade e que não há acôrdo entre os autores modernos no tocante à extensão da viagem, pois, se alguns afirmam que Hanão chegou até Camarões, outros dizem que êle atingiu o estuário do Gabão (40). Analisemos agora o texto.

3. — *Análise do texto* (41).

Assim começa o texto, segundo a tradução da edição de C. Müller:

“Relação da viagem de Hanão, rei dos cartagineses, em tôrno das regiões líbicas de além Colunas de Hércules. Ela foi gravada em placas suspensas no templo de Cronos:

I. — Pareceu conveniente aos cartagineses que Hanão navegasse para além Colunas de Hércules e fundasse cidades de líbio-fenícios. Navegou levando 60 navios de 50 remos, uma multidão de homens e mulheres em número de 30.000 mais ou menos, mantimentos e outros objetos necessários.”

Ao lermos êsse trecho, temos a impressão nítida de que o texto púnico foi resumido na tradução grega, ha-

(39). — GAUTIER, *P.A.N.*, 46.

(40). — GOSSELIN (P. F.), *Recherches sur la géographie des anciens*, I, pp. 170-196; MER (A.) *Mémoire sur le Périphe d'Hannon*, p. 46 e segs.; HENNING (R.), *Geographische Zeitschrift*, 1927, pp. 378-392. Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 72.

(41). — Segundo C. Müller, *Geographi Graeci minores*, I, 1-14. Paris. 1885. Vide ROGET, *op. cit.*, 17-18. Análise do texto: GSELL, *H.a.A.N.*, I, 476-499; CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 33-34; OLSEN, *op. cit.*, I, 52-56; CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 70-77; GAUTIER, *P.A.N.*, 44-55; BERTHELOT, *op. cit.*, 181-204.

vendo talvez algumas alterações (42). Vemos também que Hanão aí figura como *rei*, mas sabemos muito bem que em Cartago não havia reis, mas sim sufetas (*shofetim*=juizes), e a própria relação indica que êle partiu de acôrdo com uma decisão popular (43), para fundar cidades, como era tão comum entre fenícios e gregos desde o IX ou VIII ao III século a.C. Mas qual teria sido o motivo dessa colonização? Superpopulação ou existência de indesejáveis? Ou tratar-se-ia ainda de reanimar os antigos estabelecimentos fenícios? Nada podemos afirmar de positivo, se bem que a última hipótese seja a mais plausível. Sabemos sòmente, com certeza, que mais tarde os cartagineses combateram os mouros (44) para desafogar essas colônias.

O termo *libio-fenício* (45) cuja tradução literal deveria ser fenício da Líbia, aqui parece ter um sentido administrativo e jurídico, indicando os cidadãos das cidades fenícias ou púnicas, dependentes de Cartago (46).

Hanão, de acôrdo com o texto, partiu com 60 navios de 50 remos, transportando 30.000 colonos além da tripulação, que não é mencionada. Por êsse cálculo teríamos 500 pessoas por navio. Ora, pelo que sabemos da navegação antiga, êsse número é muito superior à lotação dum barco da época; evidentemente êsse algarismo deve ser mudado e talvez até mesmo o número dos navios, pois êle nos parece muito grande para uma única expedição colonizadora. Pelo texto sabemos também que as colônias fundadas foram sete, correspondendo, pois, 4.300 colonos para cada uma. Por outro lado, conhecendo o número médio de colonos que Roma tinha o costume de enviar para as colônias que fundava, por êle vemos quão exagerado é êsse algarismo (47).

(42). — BERTHELOT, *op. cit.*, 184.

(43). — GSELL, *H.a.A.N.*, I, 469; BÉRARD, *N. U.*, III, 40; PAIS, *op. cit.*, 192-193; BERTHELOT, *op. cit.*, 184.

(44). — Cf. *supra*, pp. 148-149.

(45). — Cf. *supra*, p. 113.

(46). — GSELL, *H.a.A.N.*, I, 477.

(47). — *Ibidem*; GAUTIER, *P.A.N.*, 45; IDEM, *A.N.O.*, 163.

Outra questão interessante é a do local exato da partida de Hanão. Como vimos (48), Plínio diz que Hanão partiu de Gades. Isso nos parece muito provável, apesar da opinião em contrário de Gsell (49), que afirma ter Plínio se enganado, pensando que as Colunas de Hércules estivessem em Gades, onde aliás eram também colocadas na Antiguidade. Esse autor acha que não se justificaria uma volta tão grande, com tamanho número de colonos a bordo, pois tratava-se duma empresa colonizadora. Mas não é só. Ele se apoia também no seguinte texto de Arriano (50):

“Quanto ao líbio Hanão, êle partiu de Cartago, franqueou as Colunas de Hércules e navegou para o Oceano...”

Creemos, porém, que a afirmação de Plínio é perfeitamente razoável, porque os marinheiros de Gades sempre freqüentaram as paragens da costa noroeste da África e Hanão naturalmente foi aí buscar informações e pilotos para a sua expedição, como parece ter sido usual na Antiguidade, mesmo quando se ia do Mediterrâneo para o litoral atlântico de Marrocos.

★

* *

“II. — Após termos franqueado as Colunas e navegado durante dois dias, fundamos uma primeira cidade, que chamamos Timiatéria; mais ao sul existia uma grande planície.”

Essa colônia de Timiatéria, que o texto diz expressamente ter sido fundada por Hanão, talvez deva sua origem aos gregos, pelo menos é o que afirma Chavrebière (51). O seu nome púnico — pois a palavra *Θυμιατήριον* (*Thymiaterion*) surge com a tradução grega — parece que significava *queima-perfumes*, in-

(48). — Cf. *supra*, p. 148.

(49). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 478-479.

(50). — ARRIANO, *Indica*, XLIII, 11, trad. de Pierre Chantraine, 82.

(51). — CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 30.

censório (52). O nome Timiatéria aparece também no Pseudo-Cilace (53). Essa cidade deve corresponder à atual Mehedia (vide fig. 9), — apesar da opinião em contrário de Vivien de Saint-Martin (54) que a identi-



Fig. 9. — A COSTA NOROESTE DA ÁFRICA.

fica com Sala — situada à esquerda do uadi Sebu, sôbre um planalto escarpado, dominando uma vasta pla-

(52). — BERTHELOT, *op. cit.*, 184.

(53). — Pseudo-Cilace, § 112. Apud ROGET, *op. cit.*, 19.

(54). — Apud BERTHELOT, *op. cit.*, 184.

nície. Mehedia está situada a 250 quilômetros do Estreito, o que corresponde bem aos dois dias de viagem do texto. Gsell (55) nota, muito bem, que as jornadas de navegação indicadas no périplo, são jornadas reais e não medidas, sendo, portanto, variáveis conforme o estado do mar, dos ventos e da costa. Nessa colônia, Hanão deve ter deixado certo número de colonos, pois o local era excelente para o desenvolvimento duma cidade.

★

★ ★

“III. -- Em seguida, indo para oeste, navegamos ao lugar chamado Soloeis, promontório líbico coberto de árvores.”

“IV. — Tendo erigido aí um santuário a Poseidão, navegamos na direção do sol levantante durante meia-jornada, após o que chegamos a uma laguna situada não longe do mar, cheia de abundantes e elevados caniços; elefantes e outros animais, muito numerosos, aí pastavam.”

Aparelhando de Timiátéria, a frota de Hanão navegou rumo sudoeste até o cabo Soloeis, também citado nos périplos de Cílax (56) e do persa Sataspes (57), que afirmou mesmo tê-lo dobrado.

Em torno da identificação dêse cabo tem havido muita discussão. Mas Gsell (58) identificou-o como sendo o cabo Cantin (vide fig. 9), situado a 570 quilômetros de Gibraltar, apesar de estar hoje completamente despido de vegetação, como acontece em muitos outros lugares da África, antes inteiramente cobertos de florestas. O cabo Guir (Ghir, Aguer), indicado por Berthelot (59), não satisfaz as condições exigidas, por-

(55). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 480.

(56). — Cílax, § 112. Apud ROGET, *op. cit.*, 19.

(57). — Heródoto, IV, 43. Apud *L'enquête...*, I, 303-304; CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 33.

(58). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 480-482.

(59). — BERTHELOT, *op. cit.*, 185-188.

que não possui nas suas proximidades a laguna referida expressamente no texto.

O Poseidão mencionado no texto era um deus do mar que o tradutor grego identificou com a divindade helênica. No périplo de Cílax (60) também há a mesma identificação:

“Tôda essa região da Líbia é muito célebre e santa. Sôbre a ponta do cabo eleva-se um grande altar, consagrado a Poseidão. Sôbre o altar, estão esculpidas figuras humanas, leões, delfins; diz-se que é obra do Dédalo.”

Essa referência a animais vem em refôrço da identificação do cabo Cantin como sendo o cabo Soloeis; assim como também a afirmação de Plínio (61), a propósito do périplo de Políbio (62):

“Hanão também pretende que as feras abundavam no interior da região.” (63).

Sabemos, por outro lado, que o cabo Cantin está situado nas proximidades do *uadi* Tensifte, o que explicaria a afluência dos animais na região.

*
* *

“V. — Após termos passado essa laguna e navegado durante um dia, fundamos sôbre a costa as colônias Caricon Teicos (*Muro Cário*), Gete, Acras, Melita e Arambis.”

Das cinco colônias citadas nesta passagem, três pelo menos possuem nomes traduzidos para o grego e, em consequência, não podemos identificá-las. Além do mais, o périplo omite o tempo empregado pela expedição, para ir duma à outra das colônias até

(60). — Cílax, § 112. Apud ROGET, *op. cit.*, 19.

(61). — Plínio, V, 9. Apud ROGET, *op. cit.*, 31.

(62). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 480-482.

(63). — Apud ROGET, *op. cit.*, 11.

Arambis, como também desta até o rio Lixo. A única cousa que podemos dizer é que elas estavam situadas entre o cabo Soloeis e o rio Lixo, que é provavelmente o *uadi Draa*. Entretanto, dois lugares devem ter atraído a atenção e os olhos experimentados dos cartaginezes, como ideais para o estabelecimento de colônias. Um é Mogador, a um dia e meio do cabo Soloeis, em que encontrariam o que os fenícios sempre procuraram, isto é, uma península ou cabo, nas vizinhanças duma ilha que formasse um abrigo, — neste caso, mediocre — contra os ventos do largo e que pudesse servir de refúgio em caso de ataque dos indígenas. Talvez, nesse sítio tivesse existido a colônia de Caricon Teicos (64). O outro lugar é Agadir, nome que, significando lugar fechado (como Gades, Gadir), está indicando por si só uma fundação fenícia, ou quando muito cartaginesa, pois, como já vimos, talvez Hanão, fôsse repovoar antigas colônias fenícias com a sua expedição (65).

Entre essas colônias, a de nome Melita (ou Melissa) já é nossa conhecida, pois é uma das cidades da Líbia citadas por Hecateu de Mileto (66). Ora, como sabemos (67), Hecateu viveu antes da época provável do périplo de Hanão e, se êle cita essa cidade, é porque dela teve notícia. Êsse fato é bem interessante, pois é mais uma prova da existência, antes de Hanão, de colônias cartaginesas, que talvez êle visitasse.

Assim, das colônias que Hanão diz ter fundado, pelo menos uma delas estava situada nas proximidades do *uadi Sus* (vide fig. 9), isto é, no mesmo local em que se acha a atual cidade de Agadir. Êsse local sempre foi um centro histórico de comércio entre a Mauritânia e a África negra (68), graças às suas próprias condições geográficas, pois trata-se duma praia dominada pelo Anti-Atlas, cheio de férteis e habitados vales. Podemos conjecturar, — e talvez mesmo afirmar — que Hanão estabeleceu aí parte dos colonos que transportava,

(64). — Cf. *supra*, p. 137, nota 5.

(65). — GSELL, *H.a.A.N.*, I, 483; CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 34.

(66). — Apud ROGET, *op. cit.*, 16.

(67). — Cf. *supra*, p. 137, nota 5.

(68). — BERTHELOT, *op. cit.*, 188-189.

pois êstes teriam muito a ganhar estabelecendo relações comerciais com as tribos hérberes nômadeas que povoavam o interior e, por intermédio delas, poderiam receber mercadorias do Sudão. Modernamente, Elisée Reclus (69), fez idêntica observação, dizendo que os hérberes da região norte do Saará estavam em íntimo contacto com os negros da região situada ao sul e que serviam mesmo de elementos de ligação da África do Norte com o Sudão. Por aí se vê que, mesmo ainda hoje, êsse local é um centro comercial muito ativo.

★
★ ★

“VI. — Tendo partido daí, chegamos ao grande rio Lixo (*Λίξος*) que vem da Líbia. Nas suas margens, nômadeas, os Lixitas (*Λιξίται*) apascentavam rebanhos. Ficamos algum tempo com essa gente, da qual nos tornamos amigos.”

“VII. — Mais ao sul viviam os etíopes inospitais, habitando uma região cheia de animais ferozes, atravessada por grandes montanhas, de onde emana, dizem, o Lixo. Dizem também que em tórno dessas montanhas vivem homens dum aspecto particular, os trogloditas. Os lixitas afirmam que êles são mais rápidos na corrida que os cavalos.”

Do texto, concluimos que a expedição de Hanão estacionou durante algum tempo entre êsses nômadeas líbios e ligou-se com êles pela amizade. Êsse grande rio é geralmente identificado com o atual *uadi* Draa, ou Darate como o chama Plínio (70):

“... o rio Darate, onde vivem os crocodilos...”

Atualmente o Draa está quase sêco, — como o indica a sua denominação de *uadi* — até mesmo na foz

(69). — *Ibidem*, 189.

(70). — Plínio, V. 9. Apud ROGET, *op. cit.*, 32.

(71). Mas o seu vale mostra como foi outrora poderosa a sua corrente. Ele devia ter tido um percurso maior que o Reno, mas hoje dêsse antigo fastígio, resta apenas um filete d'água.

Como vimos (72), o *uadi Draa* é ainda, *grosso-modo*, o limite entre os bérberes e os negros do Sudão. Esta passagem do périplo de Hanão é bem sugestiva nesse sentido, pois, por ela vemos que o Cartaginês esteve entre os últimos bérberes situados ao longo da costa.

Esta passagem do texto é omissa quanto à sorte da antiga colônia fenícia de Lixo. Teria sido ela destruída pelos líbios nômades? Ou teriam os cartagineses, — que aproveitaram a sua estadia entre os *lixitas* para estreitar os laços de amizade — lançado as bases duma nova feitoria nesse local? Apesar do texto ser omissivo, julgamos muito provável que o espírito comercial dos cartagineses não resistisse ao apetite do lucro e que eles tivessem fundado aí uma feitoria, pois os bérberes dessa região mantinham relações comerciais com os negros do Sudão.

★

★ ★

“VIII. — Tendo tomado intérpretes entre os *lixitas*, costeamos o deserto, na direção do sul, durante dois dias, e depois na direção do sol levante, durante um dia. Então, encontramos no fundo dum gôlfo, uma pequena ilha, com uma circunferência de cinco estádios; nós a denominamos Cerne e nela deixamos colonos. Segundo o nosso périplo, julgamos que ela estava situada em frente de Cartago (*do lado oposto*), porque seria necessário navegar tanto para ir de Cartago às Colunas, como para ir das Colunas a Cerne.”

Uma prova da pujança da língua bérbere está justamente nesta passagem, pois até no *uadi Draa* os car-

(71). — GSELL, *H.a.A.N.*, I, 484-485; CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 34; BERTHELOT, *op. cit.* 189-190.

(72). — Cf. *supra*, p. 75.

tagineses a foram encontrar, mostrando assim que a área da sua expansão atingia o norte do Saará.

O problema da ilha de Cerne é o mais intrincado de todo o périplo de Hanão, pois ela tem sido identificada com várias ilhas: Herne (perto de rio de Oro), Arguim (perto do cabo Branco) e Goréia (na foz do Gâmbia) (vide fig. 9). Podemos logo de início eliminar Goréia por estar muito longe e pelo fato do próprio texto marcar nas próximas passagens outros acidentes, que foram perfeitamente identificados e situados antes do cabo Verde. Restam Herne e Arguim. Ambas são ilhas situadas em abras profundas e orientadas no sentido de leste. Mas Arguim (mesma raiz que Agadir, Gadir, Gades?) tem duas milhas e meia de circunferência e está a 14 dias de vela do *uadi* Draa, ou seja a 800 milhas marítimas (1 milha marítima=1.852 metros) e somente a 8 dias do cabo Verde (400 milhas). Herne é menor que Arguim e encontra-se a 675 milhas do cabo Verde, o que dará talvez uns 12 dias de viagem (cêrca de 100 quilômetros por dia) e que além do mais, possui um excelente pôrto (73). A sua distância do *uadi* Draa é a de 9 ou 10 dias de viagem (cêrca de 525 milhas marítimas).

Há uma evidente semelhança entre os nomes *Herne* e *Cerne*, mas não sabemos se o primeiro deriva de algum vocábulo indígena ou se foi inventado por algum marujo erudito (74). Parece que Herne foi a Cerne antiga, pelo menos é a hipótese mais aceita, por melhor corresponder aos dados do texto, pois está à mesma distância do cabo Espartel, que êste de Cartago, e está situada no fundo dum gôlfo, onde somente se entra navegando para leste. Além do mais, o local satisfaria plenamente às exigências dos marinheiros púnicos: uma península para abrigar os navios dos ventos do largo; uma ilha para proteger mercadores e mercadorias dos ataques dos indígenas, mas próxima da praia, para que o comércio prosperasse (75).

Outra questão difícil é conciliar as jornadas de viagem, que são três no texto, com as necessárias para

(73). — *Africa Pilot*, vol. I, p. 284. Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 74.

(74). — CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 74.

(75). — BERTHELOT, *op. cit.*, 193.

se ir do *uadi* Draa à ilha de Herne. Mas todos os autores concordam em atribuir ao copista, ou ao tradutor, um engano de algarismo, concordando também em aumentar o número de dias de viagem para 9 ou 10 e até mesmo para 12 (76). Por aí se vê como a questão é emaranhada. Se não abandonarmos a relação de Hanão, — no tocante às jornadas de viagem — somos obrigados a recorrer à hipótese muito cômoda, mas muito perigosa, de profundas modificações do litoral ocidental da África (transformação da ilha em península), cousa que até hoje os geólogos não provaram (77).

Parece provável que essa ilha de Cerne não foi ocupada antes do Cartaginês, apesar do texto abaixo, pois êle lhe deu um nome e fundou aí a última das suas sete colônias. Talvez essa colônia de Hanão fôsse instalada sumariamente, ou talvez não tivesse instalações adequadas, porque diz o texto (78):

“Os comerciantes são fenícios; quando êles chegam a Cerne, amarram seus navios redondos e levantam tendas na ilha. Descarregam seu carregamento e o transportam para terra em pequenas embarcações. Há lá etíopes, com os quais fazem trocas.”

Pode parecer estranho afirmarmos que Hanão precedeu a êsses fenícios do texto, mas examinando bem, veremos que se trata de cartagineses. Êstes, às vêzes eram chamados de fenícios e muitos dêles eram designados também como libio-fenícios. Poderá parecer então que incorremos numa contradição, pois já afirmamos (79) que os fenícios possuíram colônias na costa atlântica de Marrocos. Mas afirmamos também que o *uadi* Draa foi o limite provável da sua expansão colonial para o sul e Cerne estava situada, sem dúvida,

(76). — *Ibidem*, 192; GSELL, *H.a.A.N.*, I, 486-489; GAUTIER, *P.A.N.*, 46.

(77). — GSELL, *H.a.A.N.*, I, 488; GAUTIER, *P.A.N.*, 47.

(78). — *Cilace*, § 112. Apud ROGET, *op. cit.*, 20.

(79). — Cf. *supra*, pp. 133-134.

muito além d'êle. Com Hanão é que vemos surgir na História o nome de Cerne.

A passagem de Cílaxe também tem a sua explicação. Não se trataria duma feira periódica, em que era necessário erigirem-se barracas suplementares, em virtude do pequeno número de habitações? O fato dos mercadores se apresentarem em grande número e ao mesmo tempo, como o indica o texto, não revela o hábito de formarem grandes caravanas para a defesa conjunta contra os indígenas, como foi tão comum posteriormente?

*
* * *

“IX. — De lá, passando por um grande rio, o Cretes, chegamos a um lago que continha três ilhas maiores que Cerne. Partindo dessas ilhas, fizemos um dia de navegação e chegamos ao fundo do lago, que era dominado por altas montanhas, cheias de homens selvagens, vestidos com peles de animais, que lançando pedras, nos impediram o desembarque.”

“X. — Navegando a partir daí, entramos num outro rio, grande e largo, cheio de crocodilos e de hipopótamos. Depois retrocedemos e voltamos a Cerne.”

Outra questão espinhosa é a localização dêsse rio Cretes (Chretes, Chremetes, Stachir) (80). Gsell (81) desenvolve uma argumentação cerrada para provar que o Senegal não pode ser identificado com êle, sendo o Saquia-el-Hamra o que possui todos os requisitos. Mas para isso seríamos obrigados a retroceder de Cerne para o norte e não foi essa a direção tomada por Hanão. Além do mais, o Saquia-el-Hamra tem uma largura insignificante na foz (1 metro), o que não está de acôrdo com o *grande rio* do texto, mesmo levando-se

(80). — Sobre a localização dêsse rio, vide BESNIER, *Lexique de géographie ancienne*, 209.

(81). — GSELL, *H.a.A.N.*, I, 489-493.

em conta que no tempo de Hanão, o Saará era menos estéril (82). Gautier, Warmington e Berthelot (83) nos convenceram, entretanto, de que o Cretes de Hanão é o Senegal. Este é um rio cheio de crocodilos e hipopótamos; mas a mais forte prova é a de que êle é o único rio navegável na costa noroeste da África, a única via de penetração para o interior do continente. Pelo texto, temos a certeza de que Hanão navegou pelo rio terra a dentro. Por outro lado, sabemos que o Senegal é um rio abundante em ouro e, por isso mesmo, talvez êle não quizesse entrar em pormenores nesse sentido. Os cronistas e geógrafos árabes mencionam muitas vêzes *o ouro de Bambuque* e mostram seus mercadores agindo da mesma maneira *silenciosa* que os cartagineses (84). Políbio que, como veremos mais adiante (85), refez parcialmente o périplo de Hanão, deixou da sua viagem uma relação em que toca no problema que nos interessa neste momento. Infelizmente a sua obra está perdida, mas Plínio (86) que a leu, diz o seguinte:

“Sôbre a costa, encontram-se os etíopes daratitas (*uadi Draa?*), o rio Bambotus, cheio de crocodilos e de hipopótamos. De lá se estendem as cadeias de montanhas até o monte que chamamos Teon Oquema (*Theon Ochema*)...”

Porque não aproximar Bambotus de Bambuque? Além do mais lá está a montanha que vem até o lago, como no texto. Essa opinião é a de Gautier (87) e ela é para nós, a mais interessante e razoável. Adotando-se a hipótese do Senegal, Hanão teria entrado pela primeira embocadura que encontrou, isto é, pelo *marigot*

(82). — BERTHELOT, *op. cit.*, 194.

(83). — GAUTIER, *P.A.N.*, 47; IDEM, *A.N.O.*, 157-161; IDEM, *L'or du Soudan*, in “*Annales d'histoire économique et sociale*”, VII, 1935, pp. 113-123; CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 74; BERTHELOT, *op. cit.*, 195.

(84). — Cf. *supra*, pp. 145-146.

(85). — Cf. *infra*, pp. 193-195.

(86). — Plínio, V, 10. Apud ROGET, *op. cit.*, 32.

(87). — GAUTIER, *P.A.N.*, 47-49.

des Maringouins (charco dos mosquitos), na expressão dos franceses, e teria atingido o lago de Nguier ou Guier (vide fig. 9), que contém uma ilha e várias ilhotas e não as três ilhas do texto. Mas como é muito comum nos lagos fluviais, é possível que elas tenham desaparecido ou se ligado ás margens em consequência da deposição das aluviões (88).

★

★ ★

“XI. — Navegamos de lá para o sul, durante doze dias, ao longo da costa, inteiramente ocupada pelos etíopes, que fugiam à nossa aproximação. Falavam uma língua incompreensível, mesmo para os lixitas que estavam conosco.”

“XII. — No último dia, abordamos montanhas elevadas, cobertas de árvores, cujas madeiras eram odoríferas e de diversas cores.”

“XIII. — Tendo contornado essas montanhas durante dois dias, chegamos a um golfo imenso; do outro lado havia uma planície, onde, à noite, vimos fogos elevando-se de todos os lados, com intervalos de maior ou menor intensidade.”

Hanão, tendo fundado a colônia de Cerne com os colonos restantes, — pois essa foi a última — empreende uma viagem para o sul, talvez somente com alguns navios e os intérpretes lixitas, que não conseguiram entender a língua dèsses etíopes. O fito de Hanão foi, sem dúvida, fazer um reconhecimento das riquezas e possibilidades comerciais da região situada ao sul da sua última colônia.

As montanhas, então cheias de árvores, são identificadas com os célebres mamelões do cabo Verde, que na realidade não são elevados, mas como estão situados numa grande planície, destacam-se e são visíveis a

(88). — BERTHELOT, *op. cit.*, 195.

30 quilômetros da costa (88-a). O grande gôlfo é o estuário do Gâmbia que tem mais de 50 quilômetros de largura. Os fogos seriam as fogueiras acessas pelos indígenas para espantar as feras e proteger suas casas e rebanhos.

★

★ ★

“XIV. — Após termos feito provisão d’água, continuamos nossa navegação ao longo da costa, durante cinco dias, no fim dos quais chegamos a um grande gôlfo, que os intérpretes nos disseram chamar-se o Corno do Ocidente. Nesse gôlfo encontrava-se uma outra ilha, e na ilha uma laguna que continha outra ilha. Tendo aí desembarcado, vimos de dia sòmente uma floresta; mas, de noite, muitos fogos apareceram e ouvimos sons de flautas, um ruído de címbalos e tamborins e um grande alarido. Ficamos com mêdo e os adivinhos nos ordenaram que deixássemos a ilha.”

E’ interessante notarmos o fato de terem os intérpretes indicado a Hanão o nome do gôlfo: *Corno do Ocidente*. Não será isso uma prova de que lá tinham estado antes, ou que pelo menos ouviram falar dessa região por navegantes que os precederam? Se isso fôsse verdadeiro, viria provar relações comerciais dos lixitas com o Sudão, ou pelo menos tentativas de entendimentos diretos com o sul, evitando assim os etíopes intermediários.

Quanto à identificação dêste grande gôlfo, a maioria dos autores concorda com a indicação da baía de Bijagós, na foz do rio Geba (vide fig. 9), que além de corresponder à descrição do texto, contém a ilha de Orango (ou Harang) que possui uma laguna com uma ilhota dentro. O ruído que tanto mêdo causou aos

(88-a) — KERHALLET (De), *Manuel de navigation de la côte occidentale de l’Afrique*, 2.a edição I, 328. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, I, 494-496; BERTHELOT, *op. cit.*, 195-197.

cartagineses, foi, sem dúvida, uma festa dos indígenas, cousa comum e habitual entre os atuais habitantes das ilhas do arquipélago de Bijagós (89).

★
★ ★

“XV. — Partimos precipitadamente dêsse lugar e costeamos uma região abrazada, cheia de perfumes; regatos de chamas vinham lançar-se ao mar. A terra estava inacessível em virtude do calor.”

Esse fenômeno, que alguns autores pensaram ser uma fosforecência do mar ou raios durante uma tempestade, parece ter sido na realidade um imenso incêndio de campos, talvez pastagens, e o vento soprando em determinada direção, fazia o efeito de regatos de fogo. Esse mesmo fenômeno foi identificado em outras ocasiões (por exemplo: por Pedro de Cintra mais ou menos em 1450 e Mungo Park em 1800) na mesma região (90). Por outro lado, navegantes modernos têm afirmado que na costa da Guiné, às vezes, sentem-se brisas perfumadas (91).

“XVI. — Tomados de temor, nos afastamos rapidamente. Durante quatro dias de navegação, vimos à noite a terra coberta de chamas; no centro havia um fogo elevado, maior que os outros e que parecia tocar os astros. Mas de dia, reconhecia-se que era uma montanha muito grande, chamada o Carro dos Deuses.”

Essa montanha é evidentemente um vulcão e os escritores antigos, como por exemplo Pompônio Mela e Plínio (92), já admitiam essa explicação. Mas na loca-

(89). — GSELL, *H.a.A.N.*, I, 496-497; CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 75; BERTHELOT, *op. cit.*, 195-197.

(90). — CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 75; BERTHELOT, *op. cit.*, 198.

(91). — GSELL, *H.a.A.N.*, I, 504.

(92). — Pompônio Mela, III, 94 e Plínio, VI, 197. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, I, 499.

lização do mesmo, os autores modernos divergem. Uns afirmam que o vulcão visto por Hanão é o Caculima (Futa Djalon), outros dizem ser o Camarões (vide fig. 9). O primeiro é um pico cônico, dum milhar de metros de altitude, situado na Guiné francesa, a noroeste de Conacri. Essa montanha — considerada santa pelos indígenas — é um vulcão extinto, que os geólogos dizem ter estado ativo no período siluriano (93). Baseados nisso, podemos afirmar que não foi êsse o vulcão entrevisto por Hanão. Além do mais, segundo o texto, êle foi observado durante quatro dias, cousa que no caso do Caculima, é impossível, pois, como já dissemos, é uma montanha de pouca altitude. Resta o Camarões. A primeira objeção que poderia ser levantada contra esta explicação é a de que, de acôrdo com o número de jornadas de viagem consignadas no texto, Hanão não poderia ter atingido essa região. Mas o texto de Arriano (94) diz:

11. — Quanto ao líbio Hanão, êle partiu de Cartago, franqueou as Colunas de Hércules, navegou para o Oceano, mantendo a bombordo a terra da África e fez rota para leste, durante trinta e cinco dias ao todo.”

“12. — Quando êle pôs proa ao sul, encontrou grandes dificuldades: a água faltava, o calor era sufocante, regatos de fogo lançavam-se ao mar.”

Pelo texto de Arriano, vemos que êle colheu a versão de que Hanão tinha feito trinta e cinco dias de viagem, até o momento em que tomou a direção do sol levante. Baseados nisso, podemos alterar o número das jornadas do périplo. Por outro lado, sabemos que a costa da África toma a direção leste no cabo das Palmas (vide fig. 9) e nessa direção permanece até o gôlfo de Guiné. A distância de Gibraltar ao cabo das Palmas é de 4.800 quilômetros, distância que Hanão poderia ter percorrido em 35 dias de navegação. Assim, depois de ter

(93). — GAUTIER, *P.A.N.*, 52; IDEM, *A.N.O.*, 125-126.

(94). — ARRIANO, *Indica*, XLIII, 11-12, trad. Chantraine. 82.

costeado o Camarões, teria tomado a direção sul, para logo após retroceder (95). Mas o testemunho de Arriano, em abono da hipótese do Camarões, não é o nosso único argumento. Atualmente, entre Tânger e o cabo da Boa-Esperança, o único vulcão ativo é justamente o Camarões e sua última erupção foi em 1909 (96). Essa montanha tem cêrca de 4.000 metros de altitude e é a única grande elevação na costa da África ocidental visível a quarenta léguas de distância. É curioso e interessante também o fato dos indígenas chamarem o Camarões de *Hongo ma Loba*, que significa justamente: a montanha dos Deuses (97). A hipótese que coloca o Carro dos Deuses no Camarões está assim plenamente confirmada.

* * *

“XVII. — Costeamos durante três dias, a partir daí, regatos de chamas e chegamos ao gôlfo chamado Corno do Sul.”

“XVIII. — No fundo estava uma ilha, semelhante a primeira, que possuía uma laguna, no interior da qual havia uma outra ilha, cheia de homens selvagens. As mulheres eram muito mais numerosas. Tinham o corpo peludo e os intérpretes os chamavam de gorilas (*γορίλλας*). Perseguimos os machos, sem poder apanhar nenhum, porque todos escaparam... (*aquí uma linha da tradução parece alterada — segundo as correções propostas, supõem-se que os gorilas fugiram através dos precipícios, lançando pedras contra os seus perseguidores, ou então, trepando em árvores*)... Mas aprisionamos três fêmeas que, mordendo e arranhando, resistiam aos que as levavam. Nós as matamos e tiramos suas peles, que levamos para Cartago, porque não navegamos mais para frente, por falta de mantimentos.”

(95). — GSELL, *H.a.A.N.*, I, 503-504.

(96). — GAUTIER, *P.A.N.*, 52.

(97). — GSELL, *H.a.A.N.*, I, 500-501; CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 75-76.

Esta interessante e curiosa parte do périplo de Hanno é uma das que mais tem suscitado polêmicas, mesmo fora do campo da História. Discute-se ainda hoje se êsses indivíduos selvagens e peludos seriam uma tribo primitiva de pigmeus, ou se eram chimpanzés ou orangotangos. Porque de maneira alguma podem ser os poderosos animais que chamamos de gorilas, pois êstes não se deixariam apanhar fàcilmente e não teriam essa atitude de fuga. Além do mais, entre os antropóides, as fêmeas não são mais numerosas que os machos. Essa passagem é confusa. Mas pensamos não se tratar de macacos, que os cartagineses conheciam muito bem, pois na África do Norte êles existem em grande quantidade, não obstante serem macacos pequenos e com caudas. Muitos comentadores inclinam-se pela hipótese dos pigmeus (98) — que são mais pilosos que qualquer outro ser humano — que também não aceitamos, porque se os indivíduos indicados no texto fôsem homens, o périplo não faria referência especial às *peles* (como sendo de animais) que os navegantes levaram para Cartago. Essa questão permanece insolúvel.

Outro aspecto interessante desta passagem é o papel dos intérpretes na nomenclatura, pois foram êles que indicaram os nomes do gôlfo *Corno do Sul* e dos *gorilas*. Êste último vocábulo aparece, às vêzes, grafado como *gorgadas* em certos escritores antigos (99). Esta grafia teve grande influência na lenda, pois Diodoro de Sicília (100) diz que as Amazonas, que habitavam as bordas do Oceano, se empenharam numa luta de morte com essas gorgadas, mas que foi somente Perseu quem conseguiu exterminá-las definitivamente. Outros autores embelezaram também essa passagem do périplo, como por exemplo Pompônio Mela (101) e

(98). — CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 76; GSELL, *H.a.A.N.*, I, 506-507; OLSEN, *op. cit.*, I, 54-55; BERTHELOT, *op. cit.*, 201.

(99). — Pompônio Mela, III, 99 e Plínio, VI, 200. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, I, 505.

(100). — Diodoro de Sicília, III, cap. 54. Apud BESSMERTNY, *L'Atlantide*, 247-248.

(101). — Pompônio Mela, III, 9 e Plínio, V, I. Apud BERARD, *N.U.*, III, 58-59.

Plínio que transformaram os selvagens peludos de Hanão em sátiros e egípcios.

4. — *Os resultados do périplo de Hanão.*

De toda a análise que fizemos do périplo de Hanão, concluímos que a expedição teve por fito uma colonização e que terminada essa tarefa, o Cartaginês empreendeu uma viagem de exploração em direção ao sul. É interessante notarmos que Hanão, talvez por acaso, explorou numa só vez, maior extensão da costa ocidental da África do Norte, que os marinheiros do fim da Idade Média em 150 anos (102). Sua viagem é, portanto, comparável à de Píteas e, como aconteceu a este, não teve dignos sucessores, o que comprometeu de vez o seu sucesso. É verdade que mercadores cartagineses e gaditanos mantiveram, talvez até Cerne, um comércio de ouro, o *comércio silencioso*, no gênero daquele referido por Heródoto (103) e pelo árabe Idrissi (século XII) (104). Mas não é só. Possuímos outros testemunhos da manutenção desse comércio: Célio Antípater, mencionado por Plínio (105), diz que tinha tido notícia de que um mercador de Gades teria ido à Etiópia por razões comerciais:

“... *vidisse se qui navigasset ex Hispania in Aethiopiam commercii gratia...*”

(102). — Em 1291, naufrágio dos irmãos Vivaldi; em 1418. Bartolomeu Perestrelo descobriu a ilha de Pôrto-Santo; no ano seguinte Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira estiveram na ilha da Madeira; em 1432 Gonçalo Velho Cabral descobriu uma das ilhas dos Açores: a de Santa Maria; em 1434 Gil Eanes dobrou o cabo Bojador; em 1446 uma expedição, na qual tomavam parte Cadamosto e Nola, descobriu o arquipélago de Cabo Verde; nesse mesmo ano Fernandes chega a Serra-Leoa; em 1455, Cadamosto dobra o cabo das Palmas; etc., etc.

(103). — Heródoto, IV, 196. Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 77.

(104). — Cf. *supra*, pp. 145-146.

(105). — Plínio, II, 169. Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 77.

Cilace (106) nos leva a crer que o tráfego com Cerne subsistiu quase até a queda de Cartago (146 a.C.); Políbio, como veremos mais adiante, conseguiu de Cipião Emiliano uma frota e navegou até um certo rio Bambotus (107). Uma passagem da compilação suspeita de *mirabilia*, compilação conhecida como o périplo de Ofelas (escrita mais ou menos em 300 da nossa era), refere-se ainda às colônias de Hanão, mas não merece fé, porque após a queda de Cartago, o comércio com o Atlântico Norte intensificou-se em detrimento do comércio com o sul, que só foi praticado raramente por marinheiros gaditanos, pelo menos é o que sabemos. Vemos por êsses testemunhos, que se trata dum comércio fortuito. E' o que podemos deduzir das poucas fontes que possuímos atualmente. Talvez fôsse anteriormente mais intenso, principalmente antes da queda de Cartago, mas como posteriormente Roma não manifestou nenhum interêsse pelo que se passava ao sul da Mauritània, êsse comércio foi abandonado. Afirmamos isso, porque os comerciantes gregos não deram importância à façanha de Políbio e os soldados romanos que conquistaram Marrocos (em cêrca de 42 da nossa era) não usaram frota. Plínio, Ptolemeu e Estrabão (108) em consequência, se apoiam fracamente na relação de Hanão e o último chega mesmo a duvidar da existência de Cerne.

Para concluir, notemos como o périplo de Hanão está repleto de monstros e animais ferozes (como na Odisséia e nas narrações portuguezas sôbre o Mar Tenebroso). Em muitas passagens aparecem elefantes, crocodilos, hipopótamos, selvagens que lançam pedras, negros fúgidos e misteriosos, seres mudos e peludos que se assemelham a mulheres, etc. Êsses relatos calavam tanto nos espíritos, que muitos escritores, como Plínio (109), afirmaram que viram as peles das gorgadas num templo de Cartago e que elas aí permaneceram até a tomada da cidade pelos romanos. Vi-

(106). — Cilace, § 112. Apud ROGET, *op. cit.*, 19-20.

(107). — Plínio, V. 10. Apud ROGET, *op. cit.*, 32.

(108). — Plínio, *Hist. Nat.*, VI, 199-201; Ptolemeu, IV, 6, 14; Estrabão, I, 47. Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 77.

(109). — Apud BERTHELOT, *op. cit.*, 202.

ctor Bérard (110) vê na menção destes seres fantásticos e animais ferozes, a vontade preconcebida de Cartago em afastar os concorrentes pelo temor, como já o fizera pelo sigilo sistemático dos roteiros das suas expedições. Ele crê até que o périplo de Hanão não é muito exato no tocante aos dias de navegação, pensando mesmo que isso pode ser tanto um erro do tradutor, como uma cousa propositada.

D). — A VIAGEM DE EUTIMENES.

Tendo analisado em primeiro lugar o périplo de Hanão, por ser o mais conhecido e o mais interessante de tôda a Antiguidade, passaremos ao estudo dos outros, servindo-nos, sempre que possível, do périplo do Cartaginês, como termo de comparação.

Como já vimos, foram os fenícios os primeiros a se familiarizarem com as costas atlânticas de Marrocos, mas não é certo que tenham sido eles os primeiros a se aventurarem ao sul de Lixo. Como Midácrites, que possivelmente precedeu os fenícios no Atlântico Norte, o massaliota Eutímenes parece ter navegado até ao sul de Lixo e ter chegado a um rio cujas águas eram refluídas pelo vento vindo do mar. Nesse rio êle viu hipopótamos e crocodilos, o que lhe fez pensar estar em face dum braço do Nilo (111). Ora, a crença de que um braço do Nilo desembocava no Oceano, estava em voga desde o século VI a.C. entre os geógrafos gregos. Posteriormente, como por exemplo na época de Piteas, essa convicção desapareceu. Concluimos daí que a viagem de Eutímenes é anterior à de Piteas, que foi realizada entre 328 e 321 a. C. Sabemos também que essa viagem foi efetuada, sem dúvida, antes das conquistas de Alexandre. Tudo isso nos leva a crer que Eutímenes tenha navegado na direção sul da costa de Marrocos no meado do IV século a. C. (112).

(110). — BÉRARD, *N.U.*, III, 41.

(111). — GSELL, *Hérodote*, 210. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, V, 12; BERTHELOT, *op. cit.*, 219.

(112). — GSELL, *H.a.A.N.*, V, 12; vide JACOB, in "*Real Encyclopädie*" de Pauly-Wissova. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, I, 511; JULLIAN, *Histoire de la Gaule*, I, 417.

Infelizmente, essa viagem não trouxe grandes benefícios, porque os massaliotas não puderam prosseguir nos seus esforços nessa direção, e porque os cartagineses montaram uma rigorosa guarda no Estreito de Gibraltar. Todavia, êsse relato parece ter servido de guia aos périplos posteriores, como já mostramos (113).

E). — O PÉRIPLO DE SATASPES.

Não foram somente os fenícios, cartagineses e gregos que se interessaram pelo mundo de além Colunas de Hércules. Os persas, no auge do seu poderio, acariciaram também a idéia duma viagem de circunavegação, talvez com o fito de estabelecer uma rota marítima, das costas da Fenícia às regiões do Golfo Pérsico, através das Colunas de Hércules. Eles não o conseguiram, mas em todo o caso, fizeram diversas tentativas. Uma delas teria sido realizada no reinado de Dario (521-485 a.C.), se acreditarmos em um certo Magnos (mago?) que Heráclides introduz num dos seus diálogos (114). Conhecemos todavia uma tentativa real, fruto dum capricho de Xerxes (485-465 a.C.), pelo seguinte trecho de Heródoto (115):

“Sataspes, filho de Teaspis, da família dos Aquemênidas, não fez a volta da Líbia, se bem que enviado especialmente com essa missão. Temeu a extensão da viagem, a solidão, e voltou sem ter terminado a difícil tarefa imposta por sua mãe. Tinha violado uma filha de Zópiro, filho de Megabizo; por êsse crime ia ser empalado por ordem do rei Xerxes, quando sua mãe, irmã de Dario, obteve sua graça, com a promessa de que lhe imporiam um castigo mais rude que o rei: seria obrigado a contornar a Líbia, até que sua navegação circular o conduzisse ao Golfo Árabe. Xerxes aceitou essas condições e Sataspes

(113). — Cf. *supra*, p. 102.

(114). — Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 138.

(115). — Heródoto, IV, 43. Apud ROGET, *op. cit.*, 16; *L'enquête d'Herodote d'Halicarnasse*, I, 303-304.

pes foi ao Egito e, conseguindo aí um navio e marinheiros, vogou em direção às Colunas de Hércules; franqueou-as, dobrou o cabo líbio, chamado cabo de Solunte, e fez-se de vela para o sul; percorreu no mar uma extensa rota em longos meses; mas como era necessário ir sempre mais além, tomou o caminho de volta e navegou para o Egito. De lá, compareceu perante Xerxes e lhe fez seu relatório: ao longo das costas mais longínquas, dizia, encontravam-se homens de pequena estatura, cujas vestes eram de folhas de palmeiras; tôdas as vêzes que o navio tocava em terra, êles fugiam para as montanhas, abandonando as suas cidades; aliás êles mesmos, penetrando nessas povoações, não tinham feito mal algum e tinham se contentado em lhes tomar os rebanhos. Se não tinha contornado completamente a Líbia era por causa, dizia êle, do seu navio, que imobilizado por uma calmaria, não tinha podido ir além. Mas Xerxes não quis acreditar nessa narrativa e, por não ter levado a bom têrmo a prova imposta, o fez empalar, segundo a sua primeira sentença. Êsse Sataspes tinha um eunuco que fugiu para Samos, quando soube da morte do seu senhor, levando grandes riquezas de que um habitante de Samos se apoderou; eu conheço êsse habitante de Samos, mas dêle não quero me lembrar.”

Pela própria narração vemos que o périplo foi realizado no reinado de Xerxes. Como sabemos que êsse monarca morreu em 465 a. C., a navegação de Sataspes deve ser anterior a essa data. Baseados nisso, os historiadores afirmam que a data de sua viagem deve oscilar entre 478 e 470 a. C. (116). Por aí vemos que ela é mais ou menos contemporânea da de Hanão. Em todo caso é uma viagem com a finalidade de contornar a África, a primeira nesse sentido, uma verdadeira réplica ao périplo de Neco.

(116). — CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 33; GSELL, *H. a. A. N.*, I, 511.

Sataspes parece ter costeado Marrocos, pois êle dobrou o cabo que chama de Solunte, que é o cabo Soloeis (117). É possível também que êle tenha atingido a Senegâmbia e até mesmo a Guiné, mas para que tenha encontrado tribos negras, vivendo além do Saará e suficientemente civilizadas para possuírem *ciudades*, seria preciso que êle tivesse ido mais longe ainda (118). Pela primeira vez vemos aparecer nos périplos referências às famosas calmarias, que tanto trabalho dariam mais tarde aos portugueses.

Da ligeira análise que fizemos do périplo de Sataspes, poucas são as conclusões interessantes que podemos tirar. Não sabemos mesmo onde terminou sua viagem, mas pelo menos, vemos que a idéia de ir às regiões asiáticas, passando pelo sul da África já havia nascido.

F). — O PÉRIplo DO PSEUDO-CILACE.

Esse périplo é atribuído à Cilace de Carianda, grego da Ásia, que esteve na Índia por ordem de Dario, filho de Histaspes e que, na sua viagem de volta, costeou a Arábia. Essa viagem ficou célebre e foi sua fama que determinou lhe fôsse atribuído êsse novo périplo, que não passa duma compilação, cheia de erros, das obras anteriores. Mas, apesar das suas imperfeições, êle contém uma passagem muito instrutiva sôbre Marrocos, infelizmente um pouco confusa, pois altera a ordem das cidades ao longo do litoral noroeste da África (119). O périplo menciona Timiatéria, uma das colônias de Hanão e contém pormenores sôbre o tráfego regular dos fenícios (cartagineses) com os etíopes de Cerne. O seu preâmbulo diz o seguinte:

“Partirei das Colunas de Hércules que estão na Europa e irei até às que estão na Líbia e até aos grandes etíopes.”

(117). — Cf. *supra*, pp. 155-156.

(118). — CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 139-140.

(119). — ROGET, *op. cit.*, 11; *ibidem*, in prefácio de GSELL, 6.

Trata-se pois dum périplo do Mediterrâneo e do Atlântico, ao longo do litoral, até a região dos negros, onde terminam seus conhecimentos (120).

A descrição da parte que nos interessa, isto é, do litoral atlântico da África do Norte, está assim redigida (121):

“Após as Colunas de Hércules, para aqueles que navegam no mar exterior tendo à esquerda a Líbia, abre-se um vasto gôlfo até o cabo de Hermes; porque aqui também existe um cabo de Hermes. No meio do gôlfo está a região e a cidade de Pontion. Em tórno da cidade existe uma grande laguna contendo muitas ilhas; nas bordas da laguna crescem caniços, ciprestes, escabiosas (*posterium spinosum*) e juncos. Os pássaros de Meleagro (*galinhas de Angola*) só existiam aí e em nenhuma outra parte, salvo as que foram exportadas. Dá-se a essa laguna o nome de Cefésias, ao gôlfo o de Cotes; êle está entre as Colunas de Hércules e o cabo de Hermes. A partir dêsse cabo Hermes, estendem-se os grandes recifes da Líbia para a Europa; êles não emergem das ondas, mas estas às vêzes rebentam sôbre êles. Êsses recifes se alongam para um cabo da Europa situado em frente e chamado cabo Sagrado. Após o cabo de Hermes, está o rio Anides; êle desemboca numa grande laguna. Após o Anides existe um outro grande rio, o Lixo, e a cidade fenícia de Lixo; uma outra cidade líbia está situada na margem oposta do rio com um pôrto; após Lixo, encontra-se o rio Crabis, um pôrto e a cidade fenícia chamada Timiatéria. Partindo de Timiatéria, chega-se ao cabo Soloeis, que avança muito pelo mar. Tôda essa região da Líbia é muito célebre e muito sagrada. Sôbre

(120). — BERTHELOT, *op. cit.*, 205.

(121). — Cílace, § 112. Apud BERTHELOT, *op. cit.*, 210-211; *Geographi Graeci minores*, I, (Didot), p. 90. Apud ROGET, *op. cit.*, 19-20.

a ponta do cabo eleva-se um grande altar, consagrado a Poseidão. Sôbre o altar, estão esculpidas figuras humanas, leões, delfins; diz-se que é obra de Dédalo.”

“Além do cabo Soloeis, encontra-se um rio chamado Xion. Nas suas margens habitam os etíopes sagrados (*sic*). Nas proximidades dessas paragens está uma ilha chamada Cerne. A travessia das Colunas de Hércules ao cabo de Hermes é de dois dias; do cabo de Hermes ao cabo Soloeis, três dias. De Soloeis a Cerne ela dura sete dias. A travessia total das Colunas de Hércules à ilha de Cerne é de doze dias. O mar que se estende além da ilha de Cerne não é navegável, em virtude da espessura do mar, d... e das algas...”

“A alga é da largura duma palma, termina em ponta, de maneira que fere. Os fenícios fazem aí comércio. Chegados à ilha de Cerne, ancoram seus navios de carga e levantam tendas na ilha para si próprios; transportam o carregamento em barcos para o continente, no qual estão os etíopes com os quais traficam. Estes trocam peles de cervos, de leões, de leopardos, peles e dentes de elefantes, peles de animais domésticos, pelas mercadorias. Os etíopes enfeitam-se com peles de tôdas as côres; bebem em vasos de marfim; suas mulheres enfeitam-se com... de marfim; enfeitam também com marfim seus cavalos. Esses etíopes são os maiores dos homens conhecidos; sua estatura supera quatro côvados; alguns atingem cinco côvados. São barbudos, cabeludos; são os mais belos dos homens. O maior é o chefe. São cavaleiros, lançam dardos e flechas; suas setas são passadas no fogo. Os mercadores fenícios trazem perfumes, pedra do Egito... (*pedras gravadas? vasos de alabastro?*), louça da Ática e jarros (*trata-se desses vasos que se vendiam na festa dos Cóngios*). Esses etíopes alimentam-se de carne e

de leite; fazem também das suas vinhas muito vinho que os fenícios exportam. Possuem também uma grande cidade, onde vão os navios dos mercadores fenícios. Há pessoas que dizem que os povos etíopes habitam daí até o Egito sem interrupção, que o mar também é contínuo e que a Líbia é uma península”.

Como estamos vendo pelo próprio texto, trata-se duma compilação em que há uma verdadeira síntese dos conhecimentos de Heródoto e de Hanão.

O cabo de Hermes é identificado com um promontório situado nas proximidades de Sala. A cidade de Pontion não é encontrada em nenhum outro texto e, por isso mesmo, não podemos descobrir o lugar exato em que existiu, mas a laguna de Cefésias é identificada com a laguna de Merdja-Ras-ed-Dura (vide fig. 10) (122). Os rochedos também existem e são indicados nas *Instruções Náuticas* a 5 milhas da terra. Lixo é a atual cidade de Larache (El-Araich), situada nas margens do *uadi* Lucos. Após o Lixo, aparece o Crabis que parece ser o *uadi Sebu* (vide fig. 10) e, como Timiátéria deve ficar nas suas proximidades, podemos identificá-la com a atual Mehedia (vide fig. 10). É interessante notarmos que Timiátéria parece ter sobrevivido a Hanão, pois o périplo de Cílaxa a consigna. O mesmo parece ter acontecido a Cerne (123).

Há um erro evidente no périplo do Pseudo-Cílaxa, pois as populações que aí são chamadas de *etíopes*, são populações bérberes, porque o seu perfil — aliás muito interessante — não pode servir de maneira alguma aos negros. Esses pastores de alta estatura, cavaleiros com barba e cabeleira abundante, alimentando-se de carne e leite, traficando com o produto das suas caçadas, não podem ser negros, são bérberes (124).

Isso talvez nos leve a concluir que a Cerne de Hanão está muito mais ao sul que a consignada no périplo de Cílaxa. Essa discrepância é perfeitamente explicável, porque os navegantes que vieram depois do

(122). — BERTHELOT, *op. cit.*, 211.

(123). — *Ibidem*, 212.

(124). — *Ibidem*, 214.

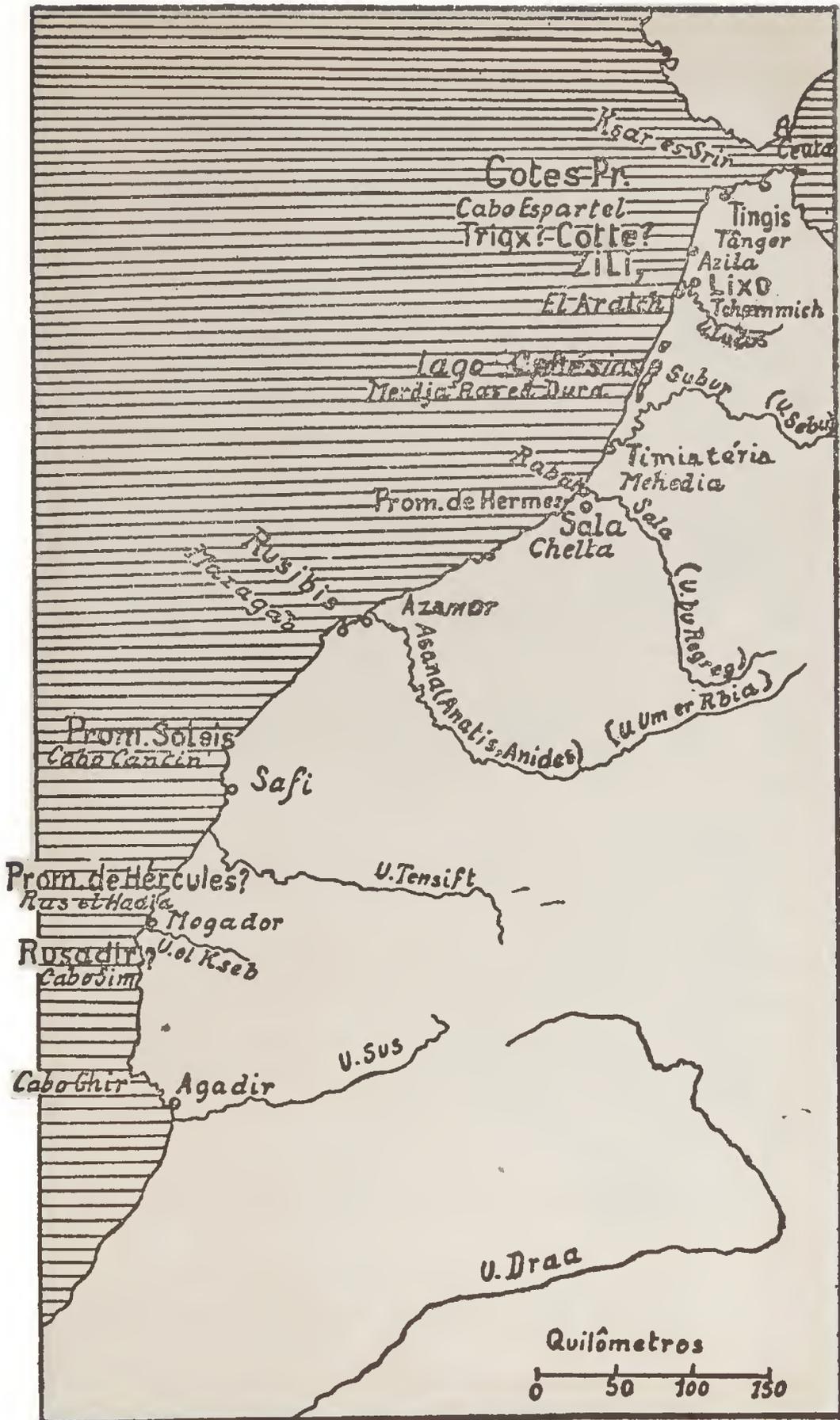


Fig. 10. — O LITORAL ATLANTICO DE MARROCOS (Apud GSELL, H.a.A.N., II, 171).

Cartaginês, desconhecendo o local exato da Cerne de Hanão, mas dela tendo notícia, procuraram identificá-la com as regiões por êles visitadas.

Outra indicação curiosa do périplo do Pseudo-Cílax é a menção das algas que impediam a navegação além da ilha de Cerne. O interessante é que êsse fato é exato, pois ainda hoje encontramos bancos de ervas flutuantes a pequena distância de terra, na altura do cabo Branco e do curioso Mar de Sargaços. Teofrasto (125) fala de algas lançadas no Mediterrâneo pelas ondas do Oceano. Portanto, não podemos dizer que nesse ponto o Pseudo-Cílax faltou com a verdade.

Êsse périplo, — que é uma compilação, como já dissemos — foi redigido na época de Felipe da Macedônia, isto é, mais ou menos 150 anos após o reinado de Dario. Podemos talvez daí concluir que o périplo de Sataspes foi conhecido pelo seu compilador. Em todo o caso, as informações nele contidas são mais ou menos dessa época, isto é, dos meados do IV século a. C. (126), o que é para nós de suma importância, pois serve para mostrar que o périplo de Hanão foi anterior, e que a data por nós proposta (480 a. C.) (127) é bem plausível.

G). — CANARIAS, MADEIRA E OS AÇORES.

Vimos Hanão, Sataspes e o Pseudo-Cílax (?) percorrendo a costa noroeste da África em longas viagens de cabotagem, mas em suas narrativas não vemos nenhuma referência às grandes ilhas situadas ao largo da costa. Ou talvez êles próprios não quizessem relatar o que realmente tinham visto. As Canárias (128) estão mui-

(125). — Teofrasto, *Hist. plant.*, IV, 6, 4. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, I, 471.

(126). — BERTHELOT, *op. cit.*, 205; GSELL, *H.a.A.N.*, I, 510-511.

(127). — Cf. *supra*, pp. 147-149.

(128). — Nome talvez derivado da abundância de cães na ilha Canária, que depois se generalizou, indicando todo o arquipélago. ELISÉE RECLUS, in *Géographie Universelle*, vol. 12, dá uma outra explicação. Para êle, a palavra *Canária* é oriunda do vocábulo *Canar* ou *Ganar*, nome pelo qual os Oulof chamam ainda hoje a região que se estende ao norte do Senegal.

to próximas da costa, especialmente a ilha de Forteventura, que está apenas a 72 quilômetros do cabo Jubí (vide fig. 9) e apresenta um pico de 844 metros de altitude. Do cabo Jubí os marinheiros de Cartago e de Gades, que o dobravam para ir a Cerne, deviam lobrigar forçosamente a ilha de Forteventura. Estrabão (129) afirma categoricamente que os cartagineses, antes de Roma ter abatido o seu poderio, conheciam as Canárias (Ilhas Afortunadas). É muito possível, pois, que fenícios, cartagineses e gaditanos tivessem abordado as Canárias, mas é verdade também que não deixaram aí nenhum vestígio. Portanto, não exerceram influência alguma sobre os guanches (130). Por aí se vê que é muitíssimo provável terem sido as Canárias descobertas, mas não exploradas na Antiguidade. Além do mais, sempre houve relações freqüentes, pelo menos até cerca época, entre os bérberes do continente e os guanches das ilhas (131). Voltaremos ao assunto mais adiante (132), ao tratarmos de Juba II e do seu inquérito sobre as Canárias.

A exploração da Madeira é mais duvidosa, ainda que se possa considerá-la como possível. Diodoro de Sicília (133) conta que um navio cartaginês, costeando o litoral africano, foi impulsionado para o largo durante dias e encontrou uma ilha encantadora, digna dos deuses. As montanhas eram cobertas de espessas florestas, com grande abundância de árvores frutíferas. A ilha possuía também água de sabor agradável, indígenas com belas casas e vivendo felizes, alimentando-

Essa explicação é muito interessante, porque por ela vemos que o vocábulo *Canária*, de aparência tão latina, é bérbere. Isso concorda com o que sabemos sobre a identidade linguística existente entre bérberes e guanches (Apud Prof. URBANO CANUTO SOARES, *Ensaios filológicos*, 15).

(129). — Estrabão, livro III. p. 202 da edição de Amesterdão, MDCCVII. Apud SOARES (Prof. URBANO CANUTO), *op. cit.*, 13.

(130). — Cf. *supra*, pp. 77-78.

(131). — LEFEBVRE DES NOETTES, *De la marine antique à la marine moderne*, 60-61; GSELL, *H.a.A.N.*, I, 519-520.

(132). — Cf. *infra*, pp. 229-232.

(133). — Diodoro de Sicília, V, 19-20. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, I, 520.

se de abundante caça e pesca. Essa descoberta esteve para ser utilizada pelos etruscos (134), mas Cartago, apesar de potência amiga, impediu a realização desse projeto e fez todo o possível para que se ignorasse a existência dessa ilha, que é identificada por muitos autores com a Madeira, não obstante a descrição parecer corresponder melhor a uma das Canárias em virtude da existência de indígenas. Narração idêntica encontramos no Pseudo-Aristóteles (135), pois êle diz que os gaditanos, após quatro dias de viagem, encontraram uma série de bancos que, com a maré alta, ficavam cheios de algas, ervas marinhas, etc., atraindo abundantíssimos cardumes de peixes, principalmente dos saborosos atuns. A seis dias de terra descobriram uma ilha de grandes dimensões, desabitada, com belas florestas, frutos em abundância, e encantados com o achado, começaram a colonizar a ilha. Mas as viagens para essas regiões foram interditas pelas autoridades que temiam a emigração e o conseqüente despovoamento da cidade. Essas duas fontes parecem tiradas do *Timeu* (136) e correspondem exatamente à descrição da Atlântida; apenas a Madeira não possui rios navegáveis como a *Atlantis* do diálogo de Platão; mas no mais, são semelhantes e até possuem a mesma dimensão (40 milhas por 15). A data da descoberta da ilha é fornecida pela alusão à potência marítima etrusca, que podemos colocar entre 535 a. C. (batalha de Alália) e 474 a. C. (batalha de Cumes). Depois dessas informações não possuímos mais notícias da ilha da Madeira até o ano 80, época de Sertório, como veremos mais adiante (137).

De tudo isso, podemos concluir que talvez os gaditanos e cartagineses tivessem visitado a Madeira, como também a ilha vizinha de Pôrto-Santo. Mas quando os fenícios abordaram pela primeira vez as Ilhas Afortunadas? Os ecos da sua descoberta chegaram talvez até aos gregos do século VIII a. C., pois não se deve considerar como pura invenção as Ilhas dos Bem-Aventura-

(134). — SCHULTEN, *Os Tyrsenos na Hispânia*, 10.

(135). — Pseudo-Aristóteles, *De mirabilibus auscultationibus*, cap. 84. Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 78-80; OLSEN, *op. cit.*, I, 168.

(136). — CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 79.

(137). — Cf. *infra*, pp. 215-217.

dos que estavam situadas, diz Hesíodo (138), nas extremidades da terra, em pleno Oceano. Entretanto, devemos confessar que até hoje não foram encontrados vestígios de povoamento anterior a 1418, na ilha da Madeira.

Quanto aos Açores, certos autores, baseados na abundância de algas nas proximidades do arquipélago e numa passagem do périplo de Himilcão, onde elas são mencionadas, afirmam que êsse marinheiro cartaginês visitou o Mar de Sargaços, que lhe fica próximo e, conseqüentemente, que esteve nessas ilhas. Mas isso não é verdade, porque temos certeza absoluta que sua viagem foi em direção ao norte da Europa e que de maneira alguma êle poderia ter costeado a África do Norte. Outros autores querem identificar os Açores com as ilhas Cassitérides, mas sem sucesso. É verdade que o número destas (10), coincide com o número das ilhas do arquipélago, mas hoje está provado que as Cassitérides são as ilhas Scilly (Sorlingas) (139).

Parece que os Açores receberam a visita dos fenícios ou dos cartagineses, porque em 1749 foram encontradas na ilha do Corvo moedas de ouro fenícias ou cartaginesas, pois nelas estavam gravados cavalos ou cabeças de cavalo, sendo portanto, idênticas às moedas da Fenícia e de Cartago (140). Infelizmente, parece que o achado dessas moedas não está bem autenticado e os historiadores esperam, como para a Madeira e Canárias, que a Arqueologia forneça melhores dados para decidirem definitivamente se a Antiguidade descobriu ou não essas ilhas e para estabelecerem qual foi o papel da África do Norte nas relações mantidas com êsses arquipélagos.

H). — OS CARTAGINESES E AS RELAÇÕES DA IBÉRIA COM A AFRICA DO NORTE.

Já vimos como os fenícios fundaram várias feitorias nas suas rotas para o Ocidente e como muitas de-

(138). — GSELL, *H. a. A. N.*, I, 522; ROHDE, *Psyché*, 86.

(139). — Vide nosso trabalho: *Tartesso e a rota do estanho*, 27-31.

(140). — HEAD, *Historia Numorum*, 2.^a ed., pp., 887-881. Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 80.

las se transformaram em cidades prósperas e, também, como entre tôdas elas, Cartago teve a preponderância. Vamos examinar agora as importantes relações estabelecidas entre a *Cidade Nova* e a Ibéria.

Cartago, com a queda de Tiro, tornou-se o baluarte do elemento fenício em luta contra os gregos. Na sua expansão, não tardou que ela desejasse para si, como necessárias para o desenvolvimento do seu comércio e defesa do seu império marítimo nascente, as ilhas do Mediterrâneo ocidental. Talvez desde o VII século a.C. os cartagineses ocupassem Ibiça. No século seguinte êles davam provas de fôrça na Sicília e Sardenha. Mas tiveram de lutar intensamente contra os fócios, que ameaçavam a sua hegemonia e que quase fizeram do Mediterrâneo ocidental um lago grego. Tendo conseguido afugentá-los de Tartesso, mas não afastá-los completamente da Ibéria, aliaram-se aos etruscos e, na batalha da Alália (535 a.C.), os anularam definitivamente, ocupando em seguida a Sardenha como prêmio da vitória.

Malcão, chefe cartaginês, foi mal sucedido na Córsega e na Sicília, na luta contra os chefes indígenas [1.º tratado (?) com os Romanos: 510 a. C.]. Sucedeu-lhe Magão, grande estrategista, tronco duma poderosa família que governou Cartago durante séculos. No seu tempo os cartagineses lutaram na Sardenha e posteriormente conquistaram a Córsega, aproveitando-se da fraqueza dos etruscos. Parece que na mesma época o poder púnico estendeu-se pela costa da África setentrional (Numídia e Mauritània), chegando também a Gadir (Gades) e às Baleares, recebendo talvez a cidade de Mahon o seu nome (141).

Nesse período os cartagineses se consolidaram na Ibéria, porque na luta que sustentaram contra os gregos da Sicília, vemos aparecer entre os mercenários de Cartago, inúmeros iberos. Encontramos as primeiras referências a êsses mercenários, nos autores gregos, em Heródoto e Diodoro (142), ao narrarem a batalha de Himera (480 a. C.) ganha por Gelão de Siracusa e Te-

(141). — BALLESTEROS, *H.E.*, I, 228; GSELL, *H.a.A.N.*, I, 424-427 e 443-444.

(142). — Heródoto, VII, 165 e Diodoro de Sicília, XI, 1. Apud BALLESTEROS, *H.E.*, I, 231.

rão de Agrigento. Há referências também ao recrutamento de iberos por Aníbal, filho de Giscão, neto de Amílcar, — o vencido de Himera — na luta que sustentou contra os tiranos gregos da Sicília (143).

Após terem afastado os fócios de Tartesso, os cartagineses, para se assenhorearem do mercado de estanho (144), trataram de tomar pé em Gades, pois na segunda metade do VI século a.C. temos a certeza da sua presença na Ibéria (145). O pretêxto para a intervenção, segundo Justino (146), foi um ataque dos indígenas a essa cidade. Os cartagineses socorreram os gaditanos, contribuíram para a vitória, mas em seguida, resolvendo permanecer na cidade, desavieram-se com os seus aliados e tomaram Gades depois dum sítio em regra (147). Sábiamente consideraram-na como aliada e tudo fizeram para amenizar a situação, mas o rancor ficou. A prova disso temos na defecção e conseqüente aliança de Gades com Roma na 2.ª guerra púnica. O choque entre as duas cidades era fatal, pois após a decadência tiria, Cartago ficou com a hegemonia entre as colônias fenícias da África e Gades tornou-se a primeira na Europa (148).

Cartago para manter a posição conquistada enviou gente de confiança para o sul da Ibéria, para a futura Bética romana. Tanto foi assim, que Éforo e Festo Avieno (149) mencionam colônias de libio-fenícios, que tiveram posteriormente grande influência na História Ibérica, principalmente na época das campanhas de Aníbal e Sertório (150).

A influência cartaginesa inicialmente se fez sentir por intermédio de Gades, principalmente no vale do

(143). — Diodoro de Sicília, lib. XIII, cap. XLIV. Apud BALLESTEROS, *H.E.*, I, 288.

(144). — Vide nosso trabalho: *Tartesso e a rota do estanho*, 45-50.

(145). — GSELL, *H.a.A.N.*, I, 442-443.

(146). — Justino, XLIV, 5, 2-3. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, I, 443.

(147). — GSELL, *H.a.A.N.*, I, 444; BALLESTEROS, *H.E.*, I, 198.

(148). — OLSEN, *op. cit.*, I, 48.

(149). — Festo Avieno, *Ora maritima*, 421. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, I, 441.

(150). — GSELL, *H.a.A.N.*, II, 124-125; MENDES CORRÊA, *Raça e nacionalidade*, 135.

Betis, mas pouco a pouco ela foi se alastrando para atingir o máximo com os Barcas. O mesmo aconteceu com a ocupação, que encontrou, em geral, boa acolhida por parte dos indígenas, pois não há ecos de combates muito intensos entre os invasores e as populações ibéricas, pelo menos antes da 1.^a guerra púnica. O motivo disso talvez esteja na similitude etnológica e cultural, existente entre as populações das duas margens do Estreito de Gibraltar (151).

I). — *CARTAGO E MARROCOS.*

Será interessante examinarmos agora o que se passou no interior de Marrocos durante a hegemonia cartaginesa, depois de termos analisado a descoberta das costas atlânticas da África do Norte e o entrelaçamento das relações entre Marrocos e as regiões vizinhas.

Cartago, como herdeira de Tiro, tendo estendido o seu domínio pelo Mediterrâneo ocidental, procurou sempre conservar as regiões que lhe permitiam vigiar o Estreito, para mantê-lo fechado, monopolizando assim os produtos vindos de Gades e da costa atlântica de Marrocos. Este foi beneficiado com essa vigilância, pois vemos então aparecer aí cidades novas, onde antes existiam simples feitorias fenícias. Entre elas, citamos Rusadir (atualmente Melilha; vide fig. 8), situada num cabo, sôbre um rochedo de 30 metros de altura, indicando o próprio nome da cidade a sua qualidade de *cabo poderoso* (152); é bem uma cidade de origem fenícia, como tôdas as que começam pelo prefixo *rus* (153). Tôdas essas cidades possuíam em tôrno, — como primitivamente Cartago — um pequeno território, um simples arrabalde que, quando muito, servia para jardim e nunca para sua manutenção. Isso explica a dependência dessas cidades a Cartago.

Quanto às colônias fundadas ou restauradas por Hanão, sabemos que Cartago não as manteve até a sua queda, pelo menos faltam documentos comprobatórios

(151). — OLIVEIRA MARTINS, *Historia da civilização ibérica*, 46.

(152). — GSELL, *H. a. A. N.*, IV, 2.

(153). — BESNIER, *op. cit.*, 651.

depois do meado do IV século a.C., portanto, logo após o périplo. Mas isso não quer dizer que as relações comerciais entre as duas regiões tivessem sido completamente interrompidas. Parece que os indígenas as destruíram. Mas sabemos que algumas sobreviveram (como Lixo e Timiatéria), porque, de vez em quando, aparece algum eco da existência das mesmas nos escritores gregos ou romanos. Assim, como vimos, o périplo de Cílax menciona a cidade de Timiatéria (154). O nome de Cerne também aparece em outros textos, provando que o comércio com a costa noroeste da África prosseguia, mas não dando certeza da existência duma cidade com esse nome ou da subsistência da última colônia fundada por Hanão.

Mas qual foi o motivo que levou Cartago a abandonar essas colônias da costa atlântica de Marrocos? O comércio com o Sudão não continuava a se efetuar por via marítima? Não sabemos ao certo. Essas colônias foram destruídas ou abandonadas, ou, o que é mais provável, caíram nas mãos dos estados bérberes que estavam se organizando (155). Há também outros motivos que determinaram a perda de parte do seu império marítimo. Para ter uma compensação, Cartago procurou expandir-se territorialmente pelo interior da África, partindo das suas imediações (vide fig. 8). Sabemos também, que até o V século a.C. Cartago não foi mais que uma potência marítima, pois se ela era senhora duma grande parte do litoral do Mediterrâneo ocidental, não possuía na África, territórios além das suas muralhas, chegando mesmo a pagar tributos a chefes líbios (156). Por outro lado, após a derrota de Hímera (480 a.C.) e após as vitórias de Alexandre, que barraram sua expansão para o lado do Egito, Cartago dirigiu todo o seu esforço para o interior da África e também para a Ibéria.

Marrocos sofreu grande influência de Cartago, principalmente nas suas cidades costeiras. Exemplos disso temos nas moedas de Tingis, nos muros de Lixo, no incremento da cultura da vinha e da oliveira, introdu-

(154). — Cf. *supra*, pp. 175-178.

(155). — GSELL, *H.a.A.N.*, II, 179-180.

(156). — Cf. *supra*, p. 141.

zida pelos fenícios. Cartago, além do lucro comercial, tirou grande proveito dessas relações, recrutando excelentes soldados para suas longínquas expedições. Essas relações introduziram também aí os deuses cartagineses, principalmente Melcarte, cujo culto é supersticiosamente mantido ainda hoje entre os bérberes, em fórmulas atualmente inexplicáveis (157). Mas, de toda a Berbéria, a parte que menos sofreu essa influência foi Marrocos: aí ela se fez sentir quase que exclusivamente na orla costeira, porque, fato interessante, ainda hoje encontramos no interior de Marrocos, — modificados é verdade — os velhos cultos e deuses pré-históricos. O Islão penetrou em Marrocos mais que a influência cartaginesa, mas do mesmo modo que ela, não dominou toda a região.

Os indígenas da Berbéria, que viviam em torno do território e das colônias cartaginesas, pela própria influência e exemplo da civilização reinante nas cidades, começaram a organizar-se pela reunião de diversas tribos sob uma autoridade comum. Foi assim, que nessas confederações de tribos, algumas delas impuseram seus nomes e por êles ficamos conhecendo, na época histórica, diversos povos que formaram estados, como por exemplo: os númidas, mouros, massilos, massesilos, etc. Dêsses estados, o único que nos interessa de perto é o reino dos mouros.

Sabemos que desde o meado do IV século a.C. já existia um reino dos mouros. Pelo menos é o que afirma Justino (158), quando fala da revolta de Hanão contra Cartago, dizendo que êle chamou em seu auxílio o rei dos mouros:

“... dum Afros regemque Maurorum concitat...”

Mas talvez antes mesmo dessa época já existisse um reino mouro, pois o próprio Justino (159) menciona uma guerra dos cartagineses contra os mouros, no meado do V século a.C. e, no fim dêsse mesmo século,

(157). — CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 35; GSELL, *H.a.A.N.*, IV, 20-21.

(158). — Justino, XXI, 4, 7. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, III, 174 e V, 91.

(159). — Justino, XIX, 2, 4. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, V, 91.

Cartago recrutou tropas entre êles, pelo menos entre os mouros aliados (160). Sabemos também que os cartagineses, que haviam colonizado as costas de Marrocos, mantiveram boas relações com os soberanos dêsse estado incipiente até, talvez, a 3.a guerra púnica.

No fim do III século a.C., portanto, pouco antes da guerra de Aníbal, a maioria dos indígenas, que vivia entre o território púnico e o Oceano, formava três confederações de tribos que tinham reis por chefes (161). São os mesmos *Nomádes* (*Nomades*) ou *numidae* (massesilos e massilos), e *Μαυρούσιοι* (*Maurousioi*) ou *mauri*, que encontramos na época da 2.a guerra púnica. Nesta época o rei dos mouros era Baga. Pelo menos é o que afirma Tito-Lívio (162):

“*Baga ea tempestate (em 206) rex Maurorum erat.*”

Êsse monarca exercia sua autoridade em Marrocos, nas proximidades do Estreito (163). Era um príncipe poderoso, pois colocou à disposição de Masinissa 4.000 guerreiros (164) como escolta, quando êste, vindo da Espanha, atravessou a Mauritânia até o reino massilo para reconquistá-lo e derrotar Siface, o *aguelida* dos massesilos.

Êsse reino dos mouros tinha por limites: ao norte, o Estreito de Gibraltar, que o separava da Ibéria e por onde as relações com Gades eram intensas; ao sul, parece que não ia muito longe, porque dêsse lado havia populações nômades e independentes, como os getulos, que lhe eram francamente hostis; a leste, o clássico limite, o Muluia (165).

(160). — Diodoro, XIII, 80, 3. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, V, 91.

(161). — GSELL, *H.a.A.N.*, III, 175 e V, 88 e 91.

(162). — Tito-Lívio, XXIX, 30, 1. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, III, 175.

(163). — Políbio, III, 33, 15; Célio, in PETER (H.), *Historiarum Romanorum fragmenta*, p. 107, n.º 55; Tito-Lívio, XXIV, 49, 5 e a passagem acima citada: XXIX, 30, 1. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, III, 175.

(164). — Tito-Lívio, XXIX, 30, 1. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, V, 91.

(165). — GSELL, *H.a.A.N.*, V, 91.

Para não nos estendermos em demasia em assuntos à margem da nossa tese, passaremos, no próximo capítulo, muito de leve sobre o destino dos númidas, lembrando agora apenas que Masinissa conquistou o reino de Siface e estendeu suas fronteiras, do Muluia até a Cirenáica, com o apôio de Roma. Na 2.ª guerra púnica é interessante notarmos que, contrariamente aos númidas, os mouros forneceram poucos soldados a Cartago, apesar das alianças que ela negociara com certos príncipes da Mauritânia e não obstante as boas relações que os cartagineses mantinham, nas suas colônias encravadas em território marroquino, com êsses indígenas. Sabemos com certeza que, em virtude duma aliança, foram enviados contingentes mouros para a Sicília no fim do V século a.C., e que cavaleiros mouros, — poucos é verdade — foram deixados por Aníbal como guarnição na Ibéria, no início da 2.ª guerra púnica. Talvez na campanha de Aníbal na Itália os mouros servissem como infantas, mas em Zama os que combateram eram mercenários (166).

Como estamos vendo, os indígenas, que odiavam em geral Cartago, vendo-a em decadência e prestes a sucumbir, trataram de passar-se para o campo oposto. Cartago, que sempre temeu a hostilidade dêsses soberanos indígenas, procurava captá-los com presentes, atraindo-os com a sua civilização, educando seus filhos e fazendo uma interessante política de casamentos, como no caso de Sofonisba, com Siface e Masinissa. Foi justamente um dos seus pupilos, Masinissa, o instrumento escolhido por Roma para acabar com a sua velha rival.

(166). — *Ibidem*, II, 366 e V, 86; BOISSIER, *L'Afrique romaine*, 11-13.

CAPÍTULO VIII

OS ROMANOS

Contrariamente aos gregos, os romanos — com exceção de Cipião Emiliano que se interessou pessoalmente pela viagem de Políbio — sempre demonstraram pouca simpatia pelas viagens marítimas de descoberta. O fato de encontrarmos exploradores marítimos na época do domínio romano na África nada significa, pois são geralmente gregos, como Políbio e Eudoxo de Cízico, ou africanos, como Juba II, que apesar de não ser pessoalmente um explorador, demonstrou grande interesse pelas navegações. O governo romano, pelo contrário, procurou obter conhecimentos completos sobre as novas regiões incorporadas ao Império, principalmente por intermédio de expedições militares terrestres, com o fito de facilitar a defesa das regiões ricas, — onde era possível a agricultura — contra os nômades. Cada expedição levava consigo um geômetra que tinha por função melhorar a cartografia existente ou traçar novas rotas, medir a distância entre as localidades mais importantes, executar estudos topográficos necessários à arte militar, tudo como convinha ao imperialismo romano. Ao mesmo tempo, mas secundariamente, êle devia procurar por-se ao corrente dos produtos da região, dos usos e costumes, dos recursos econômicos e militares dos indígenas (1). As expedições terrestres romanas tinham cunho militar e as expedições marítimas, como as de Políbio e Eudoxo de Cízico, eram feitas à revelia do Estado e os seus resultados, quando não serviam para fins militares, não o interessavam.

Tendo Roma dominado o mundo mediterrâneo e possuindo uma mentalidade utilitarista, a atenção geral desviou-se para objetivos de proveito mais imediato e maior. Entretanto, parece que qualquer coisa do

(1). — OLSEN, *La conquête de la Terre*, I, 169; CHARLES-WORTH, *Les routes et le trafic commercial dans l'Empire Romain*, 232.

antigo comércio de Cerne subsistiu, porque os barcos de Gades ainda trafegavam em direção ao sul (2). Mas, após a queda de Cartago, êsse interêsse foi desaparecendo paulatinamente e os antigos estabelecimentos fenício-cartagineses do litoral atlântico de Marrocos caíram definitivamente nas mãos dos príncipes indígenas. A prova disso, temos na localização do *limes* romano pouco abaixo de Sala (vide fig. 11) (3). Mas há ainda um outro fato que explica a diminuição do comércio das regiões do Mediterrâneo com a costa noroeste da África: após a derrota de Cartago em 146 a.C., a liberdade de navegação além Colunas de Hércules foi proclamada e os velhos comerciantes de Gades e Útica, tendo que lutar em pé de igualdade com outros concorrentes do Mediterrâneo, abandonaram a rota sul. Infelizmente a África ocidental pouca coisa tinha para oferecer ao comércio romano. Além disso, seus poucos recursos sofriam forte concorrência das matérias primas do Sudão oriental, importadas através do Egito e do Mar Vermelho, que chegavam mais rapidamente e por melhor preço aos centros manufatureiros do Império, situados, na sua maioria, na parte oriental do Mediterrâneo. Assim, com o desaparecimento do centro consumidor de Cartago, a navegação em direção à costa noroeste da África diminuiu muitíssimo e isso teve grande influência no futuro, quiçá mesmo numa hipótese descoberta da América pela Antiguidade. Além do mais, com a abertura do Estreito de Gibraltar ao comércio, a navegação rumo ao sul desviou-se considerável e paulatinamente para o Atlântico Norte, em demanda das ricas províncias da Gália e Bretanha (4).

Todo êsse movimento comercial romano durou até o II século da nossa era, pois nessa época todo o tráfego fora do Mediterrâneo cessou praticamente e até mesmo explorações terrestres, com fito militar, não foram mais empreendidas; tôdas as emprêsas do Império estavam mais ou menos paralisadas. Isso era a consequência da falta de fôrça de expansão, do decli-

(2). — Plínio, II, 169. Apud CARY e WARMINGTON, *Les explorateurs de l'antiquité*, 77.

(3). — CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 150.

(4). — *Ibidem*, 62.

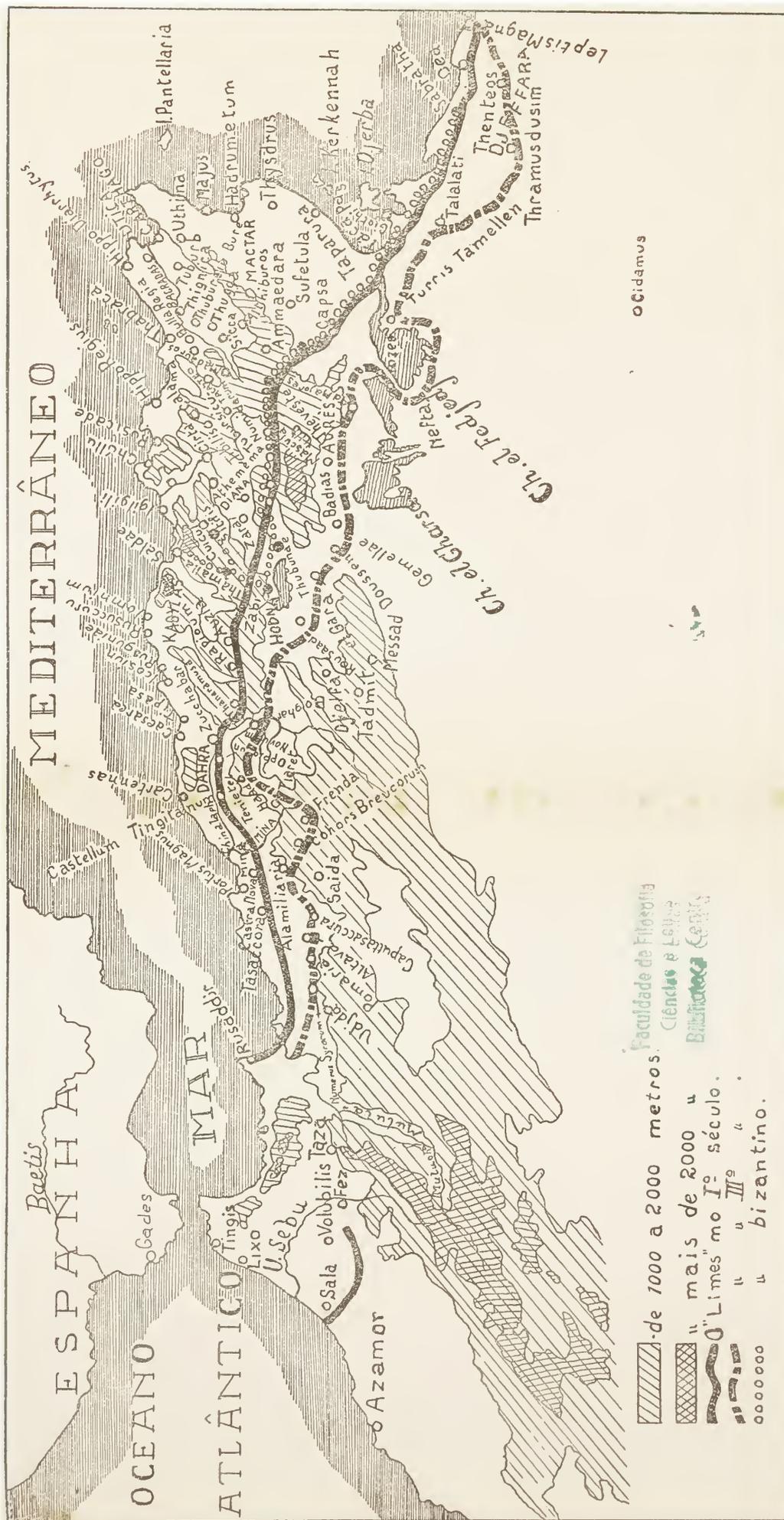


Fig. 11. — A AFRICA ROMANA (Apud CH. - ANDRE JULIEN, in "Histoire de l'Afrique du Nord").

nio econômico e da diminuição do poder aquisitivo dos povos da bacia do Mediterrâneo, que chegou mesmo a causar o abandono da rota das Índias e da China (5). Era o início da famosa crise do III século. Mas voltemos atrás e vejamos as expedições marítimas da época romana.

A). — A EXPEDIÇÃO DE POLÍBIO DE MEGALÓPOLIS.

Os socorros (mercenários) enviados da Mauritânia aos cartagineses sitiados, foram derrotados pelos romanos. Cipião Emiliano confiou então a seus dois amigos, o historiador Políbio e o filósofo Panécio, a direção duma expedição marítima para que pesquisassem a região de onde tinham vindo êsses mercenários. A exploração, — realizada em 147 a. C., portanto pouco antes da queda de Cartago — os levou além das Colunas de Hércules, a uma região bem longínqua (6).

Políbio (210-122 a. C.), como muitos dos historiadores de primeira plana da época romana, era grego de nascimento (7). Da sua viagem às costas da África, publicou uma relação que teria figurado, talvez, no seu XXXIV livro, consagrado à Geografia, mas que infelizmente está perdido. Porém, através de Plínio (8), que leu sua obra, sabemos alguma coisa sobre sua viagem. Certos pormenores fornecidos por Plínio sobre a Mauritânia Tingitana são, entretanto, atribuídos a Agripa, — que ordenou a confecção duma carta geográfica na época de Augusto — principalmente um longa lista de nomes de cidades, cabos, rios, montanhas, povos, que termina por indicações fantasistas (9). Eis da narração de Plínio (10) a parte que nos interessa:

(5). — *Ibidem*, 124.

(6). — JULIEN, *Histoire de l'Afrique du Nord*, 116.

(7). — OLSEN, *op. cit.*, I, 169-170.

(8). — Plínio, *Hist. nat.*, V, 9-10. Apud ROGET, *Le Maroc chez les auteurs anciens*, 31-32.

(9). — ROGET, *op. cit.* 12; *ibidem*, in prefácio de Stéphane Gsell, 6.

(10). — Plínio, V, 9-10. Apud ROGET, *op. cit.*, 31-32.

“Na época em que Cipião Emiliano comandava em África, Políbio, o historiador, dêle recebeu a missão de reconhecer com uma frota os confins dêste mundo. Êle relatou que, do Atlas ao Poente, há bosques cheios das feras que a África produz, até ao rio Anatis (*vide fig. 10*), numa distância de 496.000 passos; que do Anatis ao Lixo há 205.000 passos. Agripa diz que do Estreito de Gades ao Lixo, há 122.000 passos. Além encontra-se um gôlfo chamado Sagigi, uma cidade sôbre o cabo Mulelacha, os rios Sububa e Salate, o pôrto de Rutubis, a 224.000 passos de Lixo. Depois do cabo do Sol, o pôrto de Risadir; os getulos autololes; o rio Quosenus, os povos dos selatites e dos masates; o rio Masatate; o rio Darate, onde vivem crocodilos; em seguida um gôlfo de 616.000 passos, que é fechado por um cabo formado pelo Monte Braca, o qual avança para o Poente: chama-se êsse cabo Surrentium; depois o rio Salgado, e além os etíopes perorses, que têm por detrás os farúsios. Seus vizinhos do interior são os getulos daras. Sôbre a costa, encontram-se os etíopes daratitas, o rio Bambotus, cheio de crocodilos e de hipopótamos. De lá se estendem cadeias de montanhas até ao monte que chamamos Teon Oquema. De lá ao cabo Hesperium há dez dias e dez noites de navegação; a meio-caminho, êsse autor colocou o Atlas que, segundo todos os outros, encontra-se nos confins da Maurítânia.”

Aí temos a narração de Plínio sôbre a viagem de Políbio. Êste menciona, na sua obra (11), uma viagem que empreendeu no Oceano, ao longo da Líbia, para sua instrução e a de seus leitores. Temos também um papiro mutilado que nos conta que Panécio, o filósofo grego amigo de Cipião, enviado por um general com sete navios, empreendeu uma viagem científica (12).

(11). — Políbio, III, *cap. 59, 7*. Apud GSELL, *Histoire ancienne de l'Afrique du Nord*, III, 389.

(12). — *Papyrus de Herculaneum*, índice dos estóicos. Grönert, in “*Sitzungsberichte der preussischen Akademie*”, 1904, p. 476. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, III, 390.

Possuimos também para a interpretação da viagem de Políbio, o artigo de Cichorius (13). São essas as fontes de que dispomos para o estudo crítico dessa viagem.

A expedição durou provavelmente vários meses e parece — segundo o texto e o gôsto que Cipião tinha em favorecer as pesquisas do seu mestre — que foi empreendida mais com fito científico e informativo que lucrativo, se bem que certos autores vejam nela uma pesquisa para assegurar aos gregos e romanos o comércio do ouro, feito até então pelos cartagineses e gaditanos.

A passagem de Plínio, acima indicada, é um pouco confusa, pois começa com uma citação de Políbio, logo seguida por outra de Agripa. Surge aí uma questão bem interessante: o resto é de Políbio ou de Agripa? Parece-nos mais provável que seja do último pelo encadeamento das frases e pela passagem relativa ao Atlas, pois Políbio em outra parte da sua obra, faz uma afirmação justamente contrária a essa (14).

Não entraremos na análise do périplo de Políbio, porque da sua própria leitura e dos textos anteriores podemos tirar a conclusão de que êle parece ter atingido o Senegal (Bambotus, o Cretes de Hanão), a região do ouro. Mas a sua viagem, apesar de bem sucedida, não conseguiu atrair a atenção dos navegantes e mercadores do seu tempo, que só pensavam na navegação — agora possível com a queda de Cartago — em direção ao Atlântico Norte.

B). — AS VIAGENS DE EUDOXO DE CIZICO.

Vejamus agora um navegante bem diferente de Políbio e dos seus antecessores, que realizou uma série de viagens atribuladas, de que daremos um breve resumo, de acôrdo com a narrativa de Estrabão (15), baseado em Posidônio.

(13). — *Rheinisches Museum*, LXIII, 1908, p. 221. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, III, 390.

(14). — GSELL, *H.a.A.N.*, III, 391.

(15). — Estrabão, II, 3, 4. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VI, 91-92 e VIII, 258; BERTHELOT, *L'Afrique saharienne et soudanaise*, 237-238.

Eudoxo de Cízico foi um verdadeiro explorador. Visava também o lucro, mas não podemos deixar de reconhecer que êle possuía um espírito empreendedor, movido por uma verdadeira curiosidade científica. Chegando ao Egito no tempo de Ptolemeu Evergeta II, mais conhecido por Ptolemeu Fiscão, propôs-lhe ir em busca das fontes do Nilo, mas recebeu dêle a missão de ir à Índia (vide fig. 5), sendo talvez o primeiro grego que fez essa viagem partindo do Egito (16). Na sua volta foi despojado pelo faraó das mercadorias que trouxera. Quando Ptolemeu morreu (117 a. C.), obteve de sua viuva, Cleópatra, uma segunda missão à Índia. Na sua volta, os ventos contrários o levaram ao sul da Etiópia, vinte e cinco dias além do cabo dos Aromatas (Guardafui), talvez até a zona entre Zanzibar e Moçambique, domínio dos bantús (17). Aí, entre os indígenas, encontrou uma proa de navio com uma cabeça de cavalo, proveniente dum barco naufragado, que levou ao faraó então reinante, Ptolemeu Soter II, também conhecido por Ptolemeu Látiro. Como da primeira viagem, o monarca obrigou-o a entregar o carregamento que com tanto trabalho arranjara na Índia. Em Alexandria, disseram-lhe, erradamente, que essa proa de navio era de Gades, dos barcos que iam pescar até o *uadi Draa* e que eram justamente chamados *cavalos* (18). Eudoxo chegou mesmo a ser informado de que se tratava da proa dum navio gaditano que, passando o Lixo, desaparecera completamente e do qual nunca mais se tivera notícia.

Em consequência da confiscação das suas mercadorias pelos faraós egípcios e, baseado nas informações que colhera em Alexandria e nos dados obtidos nas suas viagens, concernentes a um mar que existia ao sul da Líbia ligando os dois Oceanos, resolveu ir à Índia dando a volta pelo continente africano, para que não lhe apreesdessem de novo o seu carregamento. De volta à pátria, vendeu tudo que possuía e fazendo escalas em Nápoles e Marselha, chegou a Gades. Este fato é muito interessante, porque vem provar mais uma vez que essa

(16). — TARN, *The Greeks in Bactria and India*, 367 e 370-371.

(17). — BERTHELOT, *op. cit.*, 238.

(18). — *Ibidem*, 237.

cidade sempre foi o ponto de partida das expedições que demandavam a costa atlântica de Marrocos, talvez pela facilidade com que se encontravam aí pilotos conhecedores das boas rotas.

Em Gades, armou um grande navio e dois barcos pequenos. Embarcou músicos, carpinteiros e médicos e após dirigiu-se para o alto-mar rumo à Índia. Mas, tendo a tripulação muito fatigada, aproximou-se em demasia da costa, naufragando o navio grande. As mercadorias puderam ser salvas e com os restos desse barco construiu um outro menor. A navegação prosseguiu até uma região em que encontrou indígenas que, na sua opinião, falavam uma língua semelhante à que tinha ouvido na sua precedente viagem à costa oriental da Líbia, pois tomara nota de algumas palavras da língua dos etíopes que encontrara. Esse fato é notável — e talvez único — da parte dum navegante da Antiguidade. Isso levou certos escritores, como Cornélio Nepos (19) a pensar que Eudoxo de Cízico tivesse feito a volta da África. Ele mesmo, talvez, julgou ter atingido as proximidades do ponto em que encontrara a proa de navio. Soube mais tarde que esses etíopes eram vizinhos do reino de Boco I da Mauritânia.

Renunciando atingir a Índia nessa viagem, notou na volta uma ilha deserta com muitas árvores e água (Madeira?), mas desabitada (20). Vendeu seus barcos e rumou para a côrte de Boco, de quem solicitou meios para realizar o seu intento. O príncipe pareceu aceder ao seu pedido, mas Eudoxo, receiando que ele não fôsse sincero e quisesse prendê-lo, fugiu para a Ibéria (21).

Voltando novamente a Gades, conseguiu um navio redondo (barco de comércio) e dois pequenos barcos de 50 remadores. Carregou-os com material agrícola, instrumentos e sementes, — o que indica a intenção de fazer um estacionamento naquela ilha que tinha no-

(19). — Pompônio Mela, III, 9, 90; Plínio, II, 67. Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 310, nota 47; GSELL, *H. a. A. N.*, VIII, 258.

(20). — CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 145.

(21). — GSELL, *H. a. A. N.*, VI, 91-92.

tado na sua tentativa anterior, ou pelo menos, de realizar uma longa viagem. Mas desta vez não voltou, pelo menos é o que diz Estrabão, que parece não acreditar muito nessa narrativa (22).

Uma outra questão interessante é saber até que ponto êle conseguiu atingir na costa noroeste da África. Nada sabemos de positivo, mas êle dizia que os indígenas que encontrara falavam uma língua semelhante à dos outros da sua viagem anterior. Ora, êstes deviam ser talvez bantús, que também são encontrados na costa atlântica, no território dos Camarões. Nestas condições, podemos indagar se Eudoxo não teria atingido as mesmas regiões que Hanão. Outra incógnita de difícil resposta...

C). — MARROCOS E AS EXPEDIÇÕES MILITARES TERRESTRES DE ROMA.

Neste item, vamos apenas mostrar como Roma conseguiu alargar seus conhecimentos geográficos sobre a África do Norte. Trataremos mais adiante do aspecto político da anexação da Berbéria pelo imperialismo romano.

Na Antiguidade, o problema da exploração do centro do Saará apresentou as mesmas dificuldades que hoje em dia, na era do automóvel com rodas duplas ou rodas tipo *trator-esteira*. Mas, sob o ponto de vista climático, os exploradores da Antiguidade levaram vantagem, pois os geólogos provaram que o deserto de Saará era outrora menos sêco e que os pontos d'água estavam então mais próximos uns dos outros que em nossos dias. Atualmente, a distância máxima entre dois poços é de 180 quilômetros no Saará ocidental (23). Mas o deserto está avançando continuamente, pois basta observarmos a existência de estações pré-históricas e ruínas romanas em pleno deserto, para verificarmos que houve aí, outrora, vida humana.

É verdade também que os antigos exploradores não possuíam o camelo, o *navio do deserto*, pois como já

(22). — BERTHELOT, *op. cit.*, 238.

(23). — GAUTIER, *Le Sahara*, 59-67 e 121; IDEM, *L'Afrique noire occidentale*, 37-43; GSELL, *H.a.A.N.*, I, cap. III; *Le Mois*, agosto de 1933, 301-308.

vimos (24), o camelo só começou a ter grande importância na África do Norte no tempo de Septímio-Severo (193-211) que, como sabemos, era natural de Leptis Magna (Tripolitânia). Os egiptólogos nos afirmam que êsse animal foi introduzido novamente em 525 a.C. pela conquista persa, — pois há traços do camelo no período pré-histórico. Mas, em todo o caso, êsse animal levou séculos para atingir o Saará ocidental, pois foi introduzido somente no I século a.C. na Tunísia e só teve importância, como já dissemos, no fim do Império Romano (25).

Apesar de terem maior vantagem no ponto de vista climático, os mercadores antigos não foram atraídos por um comércio proveitoso, através do Saará, com as regiões do Sudão, pois, como hoje, o grande problema das caravanas de então era a água. Além disso, os animais então empregados nas travessias dos desertos, — cavalos e asnos — precisavam transportar grandes quantidades d'água em odres, porque êles não possuem a mesma resistência à sede que o camelo (26). O lucro que os mercadores obtinham era insignificante, achando êles muito mais fácil fazer vir o ouro do Alto-Niger, o marfim e escravos do Sudão, por via marítima (27). Talvez tenha sido o estabelecimento de rotas para êsse comércio, o fito das múltiplas expedições marítimas que já estudamos.

Vejamos agora como eram feitas as expedições no deserto na época romana. Mostraremos até mesmo expedições romanas que não estiveram em Marrocos, mas que servem de exemplo de como eram possíveis as relações comerciais através do Saará.

1. — *Explorações feitas de Cirene e de Leptis Magna.*

As primeiras expedições de que temos notícia são as dos garamantes, que davam caça aos etíopes na re-

(24). — Cf. *supra*, p. 72.

(25). — JULIEN, *op. cit.*, 178-179; CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 255-256; GAUTIER, *Sa.*, 129-141.

(26). — Estrabão, XVII, 828. Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 256.

(27). — CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 256.

gião de Tibesti (vide fig. 12), como relata Heródoto (28):

“Êsses garamantes dão caça aos etíopes trogloditas nos seus carros a quatro cavalos; porque os etíopes trogloditas são, na corrida, os homens mais ágeis do mundo...”

Também é conhecida a expedição de cinco jovens nasamões (vide fig. 12) (29) designados por sorte:

“Êsses jovens, delegados por seus camaradas, com boas provisões d'água e de mantimentos, caminharam primeiramente através da zona habitada; depois, após tê-la atravessado, atingiram a dos animais ferozes; e, ao saírem desta, caminharam através do deserto, marchando face ao zéfiro. Depois de terem atravessado uma grande extensão de regiões arenosas, em muitos dias, viram enfim árvores que cresciam numa planície; aproximaram-se e puseram-se a colher os frutos dessas árvores; mas enquanto colhiam, foram assaltados por homens pequenos, duma estatura inferior à média; êsses homens apoderaram-se deles e os levaram; os nasamões não compreendiam nada da sua língua, nem os que os levavam a dos nasamões. Levaram-nos através de vastos charcos; e, após a travessia desses charcos, chegaram a uma cidade, onde todos os homens eram da mesma estatura que os seus captores e negros de pele. Ao lado dessa cidade corria um grande rio, que vinha do Poente e corria para o sol levante; nele viam-se crocodilos...”

Os autores identificam êsse grande rio com o Níger e a cidade desses pigmeus — que nessa época estavam muito mais ao norte que atualmente — deve ser

(28). — Heródoto, IV, 183. Apud *L'enquête d'Hérodote d'Halicarnasse*, trad. de Henri Berguin, I, 363.
(29). — Heródoto, II, 32, trad. Ph. E. Legrand, II, 87-88.

procurada nas imediações de Tombuctú (30), que parece ter sido outrora banhada por um braço do Niger. Mas Heródoto, tão bem informado em outros assuntos, inexplicavelmente omite o tráfego, há muito existente, entre a costa mediterrânea — justamente nas cercanias de Leptis Magna — e o centro da África, na direção do lago Chade. É essa velha rota do Fezão que os italianos pretendiam restaurar, construindo uma estrada de ferro do gôlfo de Sirte ao Chade (31). Vejamos agora as outras expedições.

Entre as expedições romanas que partiram de Cirene e de Leptis Magna e que, portanto, têm um interesse secundário para a nossa tese, citamos as de Cornélio Balbo, a de Septímio Flaco e a de Júlio Materno.

Em 19 a. C. o espanhol Cornélio Balbo, governador da região da atual Tunísia, ocupou Djerma (vide fig. 12), a capital dos garamantes, numa expedição vitoriosa, como o afirma Plínio (32).

Em 70 ou 80 da nossa era o procônsul Septímio Flaco empreendeu uma expedição para punir os garamantes, que não estavam ainda bem submissos e que acabavam de fazer uma razia no litoral da região de Leptis, talvez chamados pelos habitantes de Oea, sua rival (33):

“... as diferenças entre Oea e Leptis... o povo de Oea, inferior em número, chamara em seu socorro os garamantes, nação indômita que desola a região com seu banditismo...”

Essa expedição parece ter atingido Bilma, oásis entre Marzuque e o lago Chade (vide fig. 12) (34).

Júlio Materno chegou até ao sul do Saará, pois tendo ido a Djerma, foi levado pelo rei dos garaman-

(30). — CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 256-258; OLSEN, *op. cit.*, I, 106-107; GSELL, *H. a. A. N.*, I, 319.

(31). — GAUTIER, *Sa.*, 226.

(32). — Plínio, V, 36. Apud OLSEN, *op. cit.*, I, 170; CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 258. Vide também SYME, in *C. A. H.*, X, 347.

(33). — Tácito, *As Histórias*, IV, 50, trad. Atena Editora, II, 145.

(34). — CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 259; SYME, in *C. A. H.*, XI, 145.

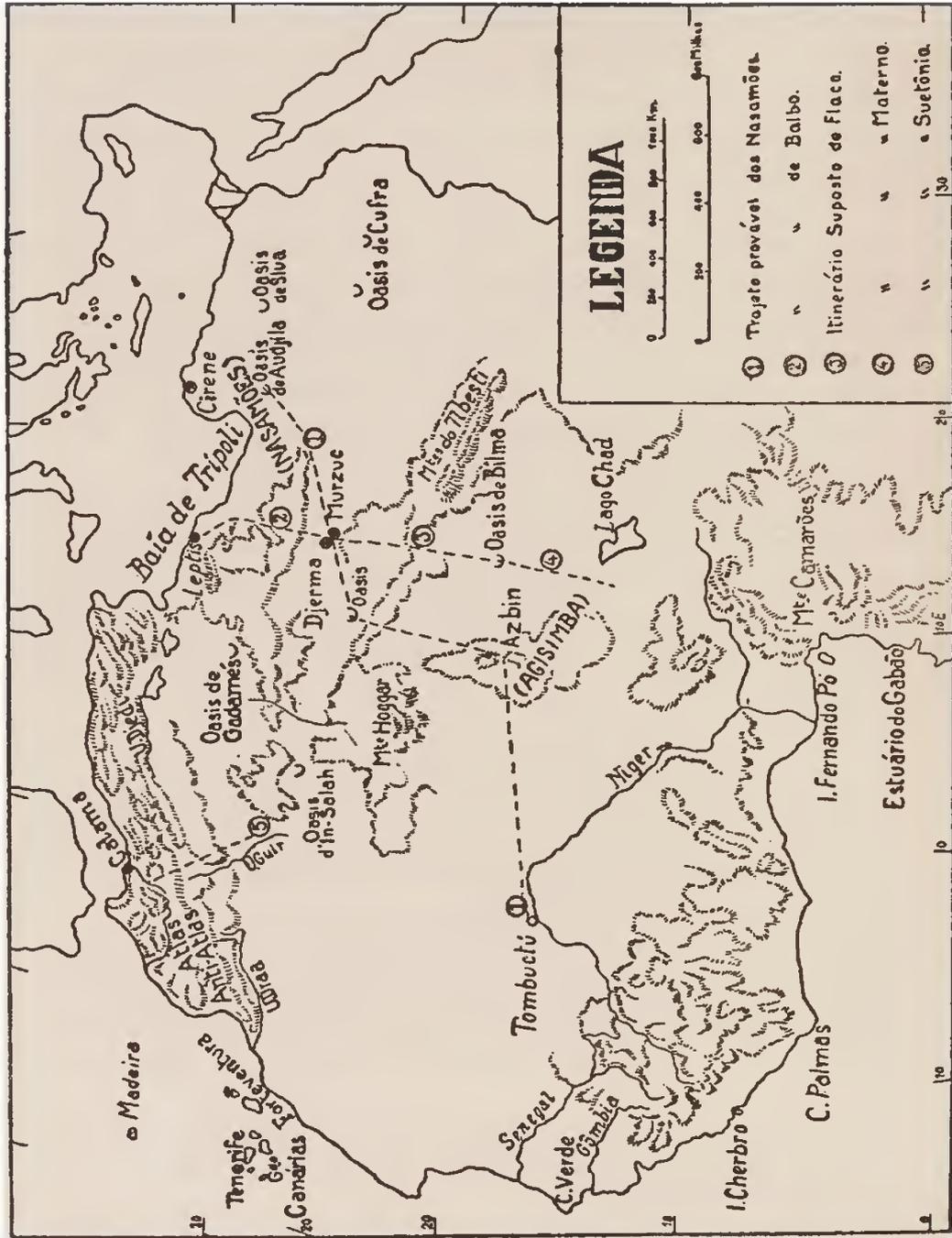


Fig. 12. — O SAARA E AS EXPLORAÇÕES TERRESTRES NA ANTIGUIDADE. (Apud M. CARY e E. WARMINGTON, in "Les explorateurs de l'Antiquité", 255).

tes, numa incursão contra os etíopes, até uma região chamada Agisinha (35) (vide fig. 12),

“... onde se encontram os rinocerontes...”

Essas expedições tiveram uma curiosa repercussão na Geografia de então, pois a relação da viagem dos nasamões fez Heródoto pensar que o rio *cheio de crocodilos* fôsse o Nilo, e a notícia das expedições romanas tiveram o efeito de fazer Ptolemeu prolongar o Saará até o oitavo grau de latitude sul (36). Sòmente na Idade Média que o segrêdo do Saará foi completamente (?) desvendado por viagens que se tornaram célebres, como a de Ibne Batuta a Tombuctú (37).

2. — *As expedições de Suetônio Paulino e Hosídio Geta.*

Plínio (38) relata assim a interessante expedição de Suetônio Paulino além do Atlas:

“14. — Suetônio Paulino (que vimos como cônsul) é o primeiro chefe romano que foi além do Atlas alguns milhares de passos. Seus relatórios sôbre a altura dessa cadeia de montanhas concordam com todos os outros: o sopé do Atlas está cheio de florestas, espêssas e profundas, de árvores duma espécie desconhecida; seus troncos são brilhantes e sem nós, suas folhas lembram as do cipreste; seu odor é penetrante e elas são recobertas duma ligeira penugem da qual se pode fazer, trabalhando, vestimentas como as de sêda. Os cimos do Atlas são cobertos, mesmo no verão, duma espêssa camada de neve.”

“15. — Em dez dias Suetônio Paulino chegou, diz êle, ao Atlas, depois a um rio —

(35). — Ptolemeu, I, 8, 4. Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 259; SYME, in *C.A.H.*, XI, 145.

(36). — CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 260.

(37). — TRAPIER, *Les voyageurs arabes au Moyen-Age*, 221-239.

(38). — Plínio, V, 14 e 15. Apud ROGET, *op. cit.*, 33.

que seria chamado Ger, atravessando desertos duma areia negra, onde emergem aqui e ali, rochedos com a aparência de queimados; essa região tornou-se inabitável pelo calor, mesmo no inverno, segundo êle mesmo experimentou. Os que habitam as florestas vizinhas, cheias de elefantes, de feras e de serpentes de tôda a espécie, chamam-se a si próprios de canários. É que vivem como cães e partilham com êsses animais as entranhas das feras.”

Foi essa a narrativa de Plínio, ainda emocionado com a alegria desencadeada em Roma pela notícia do sucesso de Suetônio Paulino. De fato, em 42, durante o reinado de Cláudio (41-54) dois corpos expedicionários, um sírio e outro espanhol, partiram de Volubilis, — embora Gsell (39) diga não saber o ponto exato da partida — e tomando a direção leste, passaram por Mequinez, Sefru e os *beni m'guild*, repelindo os mouros rebeldes para além do *Ghir* (Ger no texto de Plínio) (40) (vide fig. 12). Como veremos mais adiante (41), o rei da Mauritânia, Ptolemeu, foi assassinado por ordem de Calígula em Roma. O seu liberto Edemão revoltou-se e depois de inúmeros combates, refugiou-se na região do Médio-Atlas e confins do Muluia. Para castigar êsse liberto e seus comandados hérberes, foi organizada a expedição de Suetônio Paulino (42). Ela durou meses, pois como se pode ver pelo texto de Plínio, Suetônio fez observações meteorológicas no inverno e no verão. Os nômades ficaram, sem dúvida, longe do seu alcance, porque suas tropas não estavam equipadas para êsse gênero de campanha. Em virtude disso achou melhor estacionar e esperar uma ocasião favorável para atacar e impor

(39). — GSELL, in prefácio de ROGET, *op. cit.*, 6.

(40). — Os vocábulos *Gir* e *Niger* são certamente derivados das formas indígenas *Gher* e *N'gher* que se encontram no tuaregue moderno e significam simplesmente água. Cf. TISSOT, *Géographie comparée de la Province romaine d'Afrique*, I, 91 e segs. Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 260.

(41). — Cf. *infra*, p. 237.

(42). — CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 260.

aos bárberes suas condições de paz. Apesar da sua aparente vitória, repelindo os mouros para além do *Ghir*, êle foi obrigado a retirar-se sem nada haver obtido de positivo. Entretanto, foi festejado em Roma como vencedor (43).

A prova evidente de que Suetônio Paulino não conseguiu vencer os rebeldes, está na organização duma segunda expedição, que foi confiada a Cneu Hosídio Geta (44). Êste levou

“... a maior quantidade d'água que pôde...”

baseado na experiência da expedição anterior e, mesmo assim, sua empresa escapou por pouco dum completo desastre, apesar de combates vitoriosos. Através da passagem de Dião Cássio, podemos seguir tôdas as angústias dêsse exército que fôra enviado para arrancar aos nômades a promessa formal de respeitar as comunicações romanas. Constantemente ameaçado de morrer de sede, procurando em vão impor sua vontade a um adversário esquivo, — mas sempre tenaz — pode-se calcular a imensa alegria que experimentou êsse exército, quando os nômades, admirados com a sua resistência, solicitaram a paz (45).

Essas duas expedições provaram às tribos que tinham por hábito a pilhagem, que o deserto não as protegia das represálias romanas. Mas êsse respeito por Roma não teve efeito duradouro, pois a partir do reinado de Domiciano (81-96), foi necessário defender constantemente a segurança das estradas que atravessavam principalmente a parte oriental de Marrocos, de leste para oeste (46). Parece que até êsse reinado não houve mais nenhuma expedição nessa parte de Marrocos, porque o grosso das tropas romanas estava ocupado nas províncias da África e da Numídia (Tunísia e Argélia oriental atuais) (47). Mas essa luta contra o nômade de Marrocos na época de Domiciano

(43). — CHAPELLE, *L'expédition de Suetonius Paulinus*, in “*Hespéris*”, XIX, 1934, p. 123.

(44). — Dião Cássio, LI, 9. Apud CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 260.

(45). — CHAPELLE, *op. cit.*, 123.

(46). — *Ibidem*.

(47). — *Ibidem*, 113.

foi considerada tão séria, que as duas Mauritânias (Tingitana e Cesariana) foram reunidas sob um mesmo governador, que teve um título absolutamente extraordinário: o de *legatus pro praetore utriusque Mauritaniae*. Isso significava a remessa de oficiais de alta patente, da classe senatorial (48).

3. — *A História e a Geografia de Marrocos no período romano.*

Apesar de Roma não se distinguir pelas descobertas e viagens de cunho científico, teve um grande número de escritores que se entregaram aos estudos históricos e geográficos, descrevendo geralmente os fastos e as regiões do mundo romano. Mas, na sua grande maioria, êsses escritores eram de formação e cultura grega (48-a).

(48). — *Ibidem*.

(48-a) — Vejamos aqueles que em suas obras fizeram referências a Marrocos.

Entre os mais antigos está Alexandre Polihistor, contemporâneo de César, que no III livro da sua *Lybica*, escrita mais ou menos em 70 a. C., dá alguns informes e uma nomenclatura da Mauritânia Tingitana. Infelizmente sua obra é conhecida apenas pelas citações e fragmentos conservados por Estêvão de Bizâncio (*Stephanus Byz.* in "*Fragmenta histor. graecorum*." Edição C. Müller, III, 238. Apud ROGET, *op. cit.*, 12 e 21; GSELL, *H.a.A.N.*, V, 282).

Estrabão, oriundo de Amásea, cidade do reino do Ponto, contemporâneo de Augusto e de Juba II, nasceu em 54 a. C. e morreu após o ano 21 da nossa era. Parece que fez seus estudos em Roma e aí adquiriu sólida cultura. Em todo o caso, continuou a História de Políbio até Ácio. Para isso, empreendeu inúmeras viagens. Mas na África esteve somente no Egito, do qual fez uma descrição pormenorizada. Terminou a sua grande obra geográfica com um relato sobre a Líbia (XVII, 3, 1-23) (Vide F. STRENGER, *Strabos Erdkunde von Libyen*. Berlim. 1913. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, V, 18). Sobre a Tingitânia propriamente dita temos as seguintes passagens: XVII, cap. III, 170 e III, 140 (Edição C. Müller e F. Dübner. Paris. 1853. Apud ROGET, *op. cit.*, 12 e 21-27). Sabemos que se documentou para escrever essa parte, nos seguintes autores: Eratóstenes, Artemidoro, Posidônio, Tanúsio e Ificrates. Mas fez dêsses autores uma crítica pessoal

Vimos assim, a que se reduziam os conhecimentos históricos e geográficos sôbre Marrocos na época ro-

e também, segundo êle próprio o afirma, um inquérito entre os indígenas vindos a Roma, o que indica que êle sabia empregar métodos, hoje tidos por modernos (BERTHELOT, *op. cit.*, 235-236).

Diodoro de Sicília, oriundo da pequena cidade de *Agyrium* (hoje Agira), no centro da Sicília, é contemporâneo de César e de Augusto. Escreveu uma História Universal em 40 livros, intitulada: *Biblioteca Histórica*, que vai desde a criação do mundo até a conquista da Gália por César. Infelizmente, possuímos apenas os 6 primeiros livros, que contêm as narrações fabulosas de antes da guerra de Tróia. Diz êle ter gasto 30 anos em viagens para se documentar, o que é bem meritório; mas, apesar de todo o seu esforço, conseguiu apenas fazer uma imensa compilação, que não deixa de ter para nós um grande valor, porque inúmeros autores foram assim salvos do olvido. A sua obra, que foi redigida em grego, deve ser um pouco anterior a nossa era (BERTHELOT, *op. cit.*, 256).

Pompônio Mela publicou a sua obra geográfica, *De situ orbis*, em 44, durante o reinado de Cláudio (41-54), do qual foi contemporâneo, sendo portanto, posterior a Estrabão. Era natural de Tingitera (a atual cidade de Algeciras) na Espanha meridional. Ai, êle pôde se documentar muito bem, pois, segundo seus próprios escritos, essa cidade era habitada por fenícios vindos da África (II, 96) (Apud GSELL, *H.a.A.N.*, II, 170 e V, 22):

“... *et quam transvecti ex Africa Phoenices habitant... Tingitera...*”

Mas, infelizmente, apesar da facilidade com que se documentou, tudo que escreveu sôbre a África, como sôbre Marrocos (I, 5 e livro III, cap. X). (Edição C. Frick, Leipzig, 1880. Apud ROGET, *op. cit.*, 12 e 27-29), é uma medíocre paráfrase de autores anteriores, especialmente Heródoto (BERTHELOT, *op. cit.*, 251).

Vitrúvio, originário talvez de Verona (116-26?), foi arquiteto célebre, mas tratou também de outras artes e ciências. Discorrendo sôbre o Niger (VIII, II, 18) (Edição Choisy, vol. III, p. 73. Apud ROGET, *op. cit.*, 21), afirma que êle nasce no Atlas com o nome de *Dryis*. Sabemos também que serviu nos exércitos de César e que foi contemporâneo de Augusto.

Caio Plínio Segundo, conhecido por Plínio-o-Antigo, para distinguí-lo de seu sobrinho, nasceu em Como no ano 23 da nossa era e morreu em 24 de agosto de 79 na erupção do Vesúvio, vítima de seu amor à Ciên-

mana, pensando ter demonstrado quais as possíveis áreas dessa região que mantinham relações com o mundo mediterrâneo.

cia. Erudito enciclopedista, trabalhador, tomador de notas infatigável, escreveu mais de 160 obras. Mas, infelizmente, delas conservamos apenas a *História Natural*, sua obra capital. É uma espécie de enciclopédia da natureza. Obra de segunda mão, onde acumulou o produto de suas leituras, compreendendo 20.000 artigos, extraídos de mais de 2.000 obras e citando mais de 400 autores. A sua *História Natural* está dividida em 37 livros, estando no primeiro a dedicatória que fez a Tito em 77 e um índice. Trata da Geografia do III ao VI livro, mas faz referências à Tingitânia, somente no início do V. Trabalhou diretamente sobre documentos antigos e suas conclusões dependem do valor dos autores destes, que às vezes cita. Infelizmente a sua obra, como a de Estrabão, — as melhores sobre Marrocos na Antiguidade — está cheia de fábulas, em que êle próprio não acredita. O seu estilo é bem curioso, pois é quase telegráfico, de tal maneira a sua redação é simplificada (BERTHELOT, *op. cit.*, 261; GSELL, in prefácio de ROGET, *op. cit.*, 6; THOUVENOT, *La connaissance de la montagne chez Pline l'Ancien*, in "*Hespéris*", 1939, t. XXVI, 113-121).

Cláudio Ptolemeu, ilustre astrônomo e geógrafo egípcio, viveu no II século, o século dos Antoninos. É natural de Pelúcio, ou talvez de Ptolemaida (na Tebaida). Parece que residiu em Alexandria ou Canopo, que lhe é vizinha. Presume-se que tenha morrido depois de 161. A sua geografia — *Γεωγραφικὴ υφήγησις* (*Geographiké hyphégesis*) — foi redigida no meado do século. É uma síntese de todos os dados fornecidos pelos escritores anteriores, em particular por Marinho de Tiro (fim do I século), do qual sabemos apenas o que diz o próprio Ptolemeu. Sua obra contém uma lista de nomes de localidades, com as respectivas posições astronômicas, úteis até o Grande-Atlas (GSELL, in prefácio de ROGET, *op. cit.*, 6; BERTHELOT, *op. cit.*, 299), na parte em que se refere à Maurítânia Tingitana (1-8) (Edição C. Müller. Didot. Paris. 1901. Apud ROGET, *op. cit.*, 12-13 e 36-38). Sua etiopes e identificando, errôneamente, os nasamões muito, no III século.

Pausânias (II século) também tratou da Tingitânia (I, 33, 5-6) (Edição Spiro. Teubner. Leipzig. 1903. Apud ROGET, *op. cit.*, 39), localizando aí os etiopes e identificando, errôneamente, os nasamões com os lixitas.

O Itinerário de Antonino (o Pio) é um quadro das vias romanas, redigido no reinado de Caracala (211-

D). — O ESTABELECIMENTO DOS ROMANOS
NA COSTA MERIDIONAL DA IBÉRIA.

No fim do III século a.C. (em 218) desembarcaram pela primeira vez na Ibéria, tropas romanas para combater os cartagineses. O motivo aparente dessa guerra — a chamada 2.a guerra púnica — foi a questão de Sagunto, cidade que os romanos consideravam como sua aliada e que foi atacada por Aníbal. Mas, sem dúvida, foi Massália, aliada tradicional de Roma, quem a impeliu nessa direção (49), porque via com crescente

217), indicando os estacionamentos das três grandes vias da Tingitânia (1-3) (Edição Lapie, Paris, 1844. Apud ROGET, *op. cit.*, 13 e 39-40), que partiam de Tingis: uma por mar, ao longo do Rife, as outras duas por terra, uma indo até a região da atual cidade de Rabate (*Rabat*) e a outra indo um pouco além de Volubilis (GSELL, in prefácio de ROGET, *op. cit.*, 7).

Dião Cássio, historiador grego, nascido em Nicéa (mais ou menos em 155), refere-se ligeiramente à Tingitânia quando estuda as fontes do Nilo, que acredita ser originário do Atlas (*Epitome*, LXXI, 13) (Edição U.-P. Boissevain. Weidmann. Berlim, 1901. Apud ROGET, *op. cit.*, 41).

Depois do III século, temos muitos trabalhos sobre a Tingitânia, mas são compilações de outros mais antigos (ROGET, *op. cit.*, 13). Entre esses autores destacamos: Festo Avieno (*Ora maritima*); Júlio Honório (*Cosmografia*. V séc.); Paulo Orósio (*Historiae adversus Paganos*, I, 2, 29, 31. V séc.) (Edição C. Zangemeister. Teubner. Leipzig, 1889. Apud ROGET, *op. cit.*, 40-41); Estêvão de Bizâncio, que viveu no V ou VI século, nos prestou grandes serviços pois é somente através da sua obra que podemos conhecer alguns fragmentos de Éforo e Eratóstenes (III século a.C.) (ROGET, *op. cit.*, 11-13).

Finalmente temos o Geógrafo de Ravena, que copiou, estropiando-os muitas vezes, os nomes das cidades que figuravam numa carta geográfica anterior — a chamada carta de Peutinger (GSELL, in prefácio de ROGET, *op. cit.*, 7). Parece que seus escritos datam de 700, mais ou menos, e neles encontramos referências a Marrocos (I, 3; III, 9-11; V, 4) (Edição Pl. Porcheron, Paris, 1748. Apud ROGET, *op. cit.*, 13 e 41-44).

- (49). — PIGANIOL, *La conquête romaine*, 182; IDEM, *Histoire de Rome*, 99; LEITE DE VASCONCELLOS, *Religiões da Lusitânia*, III, 102-104.

cuidado a expansão cartaginesa na região do Ebro.

Roma enviou dois exércitos comandados pelos irmãos Públio e Cneu Cornélio Cipião. O levante de Síface (215-212a.C.), retendo os exércitos púnicos na África, permitiu aos romanos estender suas conquistas ao sul do Ebro.

Mas quando Síface fez a paz com Cartago, os dois exércitos romanos, que já haviam penetrado na Andaluzia, foram derrotados separadamente e seus chefes mortos (211 a. C.).

O filho de Públio, P. Cornélio Cipião, obteve o comando do exército da Espanha, sob pressão popular e em virtude da importância da sua *gens*, apesar de não ter ainda a idade legal para isso (em 210). Tomou de assalto Cartagena, — a capital da Ibéria cartaginesa, fundada por Asdrúbal — conquistou a Bética (em 207a.C.) e apossou-se de Gades facilmente, pois seus cidadãos, que sempre odiaram Cartago, abriram-lhe voluntariamente as suas portas (em 206a.C.) (50). Cipião fundou na margem direita do Betis, uma colônia de soldados romanos: Itálica.

Durante a luta, as antigas colônias gregas (e algumas cartaginesas) auxiliaram os romanos, enquanto as tribos ibéricas se dividiam, combatendo umas por Roma e outras por Cartago. Uma vez vitoriosos, os romanos pensaram dominar os celtiberos. As tribos de leste e do sul, submeteram-se facilmente, mas as do centro, do norte e do oeste opuseram, durante muito tempo, grande resistência (Viriato, Numância, Sertório). Até o início do I século da era cristã, os romanos tiveram que sufocar várias rebeliões.

Os romanos, a par da conquista, iam organizando o país, dividindo-o para isso em províncias. Inicialmente dividiram a Ibéria em duas regiões, que chamaram de *Espanha Citerior* e *Ulterior*. Na época da sua maior extensão, a *Ulterior* compreendia Portugal, parte da Extremadura e a Andaluzia; e a *Citerior*, o resto da Península. Augusto dividiu a Ibéria em três províncias: *Bética*, *Lusitânia* e *Tarraconense*, sendo a primeira província senatorial e as outras duas imperiais (51).

(50). — PAIS, *Histoire Romaine*. I. *Des origines à l'achèvement de la conquête*, 358.

(51). — BALLESTEROS, *Síntesis de Historia de España*, 34.

De tôdas as províncias da Ibéria, a Bética foi, sem dúvida, a mais romanizada. Isso é muito interessante, porque ela estava justamente situada em face de Tingis, que logo se tornou colônia romana (51-a).

Esse fato vem mostrar um dos motivos porque Roma não anexou logo de início a Mauritânia, pois isso era desnecessário, por estar ela cercada por províncias romanas e o Estreito não correr perigo, em razão não sòmente da posse da Bética, mas também e, principalmente, da posse de Gades e de Tingis.

E). — MARROCOS E O PERÍODO DAS LUTAS DO FIM DA REPÚBLICA.

As guerras púnicas tiveram grande repercussão entre os bérberes. Mas êstes não estavam em condições de tirar partido, nem da luta, nem da vitória romana. Durante o período da hegemonia cartaginesa haviam formado vastas confederações de tribos, que serviram para auxiliar poderosamente os invasores, mas que a êles próprios — bérberes — poucos serviços realmente prestaram. A região da Argélia e Marrocos mediterrâneo obedecia então a Siface, rei dos massilos, e o seu lugar-tenente, Bocar, residia em Tingis. Siface, como sabemos, declarou-se aliado de Cartago, talvez por obra de sua mulher, a cartaginesa Sofonisba, mas foi infeliz na guerra. Esta favoreceu Masinissa, rei dos massilos, então aliado de Roma. Siface foi aprisionado (202) e Bocar tornou-se vassalo do vencedor. Masinissa instalou-se em Cirta e com êle, inaugurou-se a política tão querida do Senado Romano, a política dos *reges inservientes* (reis escravos). Roma pareceu contentar-se no primeiro período da sua ocupação da África, que vai desde a morte de Masinissa (148 a.C.) até 42, — data da anexação da Mauritânia ao Império Romano — com essa política de protetorado (52).

Micípsa, filho de Masinissa, aterrorizado com a queda de Cartago, dois anos depois da morte de seu pai,

(51-a). — Cf. *infra*, p. 220.

(52). — CHAVREBIÈRE, *Histoire du Maroc*, 36; BERNARD, *Afrique septentrionale et occidentale*, I, 75.

foi um fiel aliado de Roma durante todo o seu reinado (148-118 a. C.), e permitiu que os romanos organizassem sua conquista como quisessem. Êstes, contentaram-se em aparelhar certo número de portos, de Hipona a *Sfax*, e, em estabelecer algumas guarnições ao sul do Medjerda. O resto ficou para Micípsa. O reino dêste ia até o Mulucha (Muluia), como o atesta Salústio (53). Do outro lado do Muluia, as confederações bérberes se agrupavam em torno de chefes que faziam questão de viver em paz com Roma, que estadeava sua fôrça na Numídia e na Ibéria. Como veremos, logo elas se agruparão em tôrno de Boco (54).

Jugurta, sobrinho de Micípsa, desembaraçando-se dos seus dois primos, — Aderbal e Hiêmpsal — retoma o velho sonho de Masinissa, que queria ser para a civilização bérbere o que tinha sido Alexandre para o helenismo, isto é, constituir um império com as antigas possessões de Cartago. Jugurta foi chamado a Roma para se justificar dêsses projetos de independência. Voltou ainda mais desejoso de se desembaraçar da tutela dessa *cidade à venda*, como chamou Roma. Vencido em Mutul, por Metelo, Jugurta foge para o sul e recruta partidários entre os getulos e os montanheses do Aurés. Mário derrota-o e persegue-o até o Muluia, assim como a seu sogro, Boco I, rei dos mouros. Êste o trai, e Sila se apodera de Jugurta, que é levado prisioneiro a Roma, onde morre. Como prêmio à sua traição, Boco teve permissão para anexar a Numídia — até além da atual região de Argel — ao seu reino (105 a. C.), ficando a região da província de Constantina para os príncipes da família de Masinissa (55):

1. — *Boco I.*

Não temos muitos documentos sôbre o que se passou na África do Norte, entre a guerra de Jugurta e a expedição de Júlio César contra os partidários de Pom-

(53). — Salústio, *Jugurta*, CX, 8; XIX, 7; XCII, 5. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, V, 92.

(54). — CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 36-37.

(55). — *Ibidem*, 37; GSELL, *H.a.A.N.*, V, 166; LAST, in *C.A.H.*, IX, 112-130.

peu, isto é, durante meio-século (56). Não podemos mesmo reconstituir com absoluta certeza a lista dos soberanos indígenas, nem os limites de seus estados, pois sabemos apenas — pelos fragmentos dos autores clássicos — que em 206 a. C. Baga era o soberano entre os mouros, e que Boco I o era no fim do II e comêço do I século a.C., reinando sôbre tôda a Mauritània (57). Ignoramos até se há parentesco entre os dois soberanos.

Sabemos também que a Mauritània entrou na esfera de influência romana. E como nessa época partidos hostis disputavam o govêrno em Roma, os reis africanos, inclusive o de Marrocos, tiveram que escolher entre as facções e sofrer, em consequência, o resultado dos seus gestos. No I século a.C., as guerras na África são meros episódios das lutas que ensangüentaram o mundo romano. Quando um rei se declarava por um partido, seu vizinho fatalmente encontrava aí uma ocasião magnífica para tentar a sorte: lançava-se sôbre êle declarando-se do partido adverso, principalmente se possuía mais fôrça ou se tinha mais confiança no futuro (58).

Boco, graças à sua traição, tornou-se o aliado e o amigo do povo romano, cumprindo rigorosamente os seus deveres, chegando até a enviar tropas auxiliares, sob o comando de Gomão, aos defensores de Lilibéu, sitiada pelos escravos revoltados (59). Conservou-se sempre amigo de Sila, — a quem entregara outrora o seu genro Jugurta — e contribuiu para o brilho dos espetáculos que êste ofereceu como pretor, enviando-lhe uma centena de leões com caçadores para combatê-los. Fez também erigir em Roma, no Capitólio, altares com troféus e figuras reproduzindo a cena da entrega de Jugurta, com grande ódio de Mário que não podia esquecer que Sila é quem tinha posto fim, pelo menos simbòlicamente, à guerra de Jugurta (60).

(56). — GSELL, *H. a. A. N.*, VII, 266.

(57). — Salústio, *Jugurta*, XIX, 7. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, V, 91 e VII, 212.

(58). — GSELL, *H. a. A. N.*, V, 166.

(59). — Diodoro, XXXVI, 5, 4. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, VII, 268.

(60). — GSELL, *H. a. A. N.*, VII, 268.

Não sabemos ao certo quando morreu Boco I, que em 91 deveria ter pelo menos 60 anos. Uma passagem de Orósio, sem dúvida segundo Tito-Lívio (61), diz:

“Pompeius Hiertam Numidiaie regem persecutus, fugientemque a Bogude Bocchi Maurorum regis filio spoliari omnibus copiis fecit.”

Essa passagem parece indicar que êle ainda vivia na época da expedição de Pompeu (em 81 a. C.) contra os partidários de Mário. Hiertas é sem dúvida Jarbas (Hiarbas), rei da Numídia, que fugiu de Pompeu e foi, segundo Orósio, despojado por Bogude, filho do rei Boco (61-a). Essa passagem não é clara e deixa dúvidas sobre quem era então o rei: se Boco I ou Bogude. Mas há um outro fato que esclarece a questão: é a vinda de Sertório à Mauritânia, pois se Boco I estivesse vivo, êle sem dúvida alguma teria lutado contra Sertório, partidário de Mário, pois como vimos era muito amigo de Sila. Ora, o rei de Marrocos citado nessa época é outro e não Boco I, como veremos mais adiante (62).

Com o desaparecimento de Boco I, surge um dos problemas mais intrincados desse confuso período. Parece que, após sua morte, seu reino foi dividido em dois, tendo o Muluia como limite. Gsell (63) propõe a seguinte lista de reis dos dois reinos, que coincide com o que sabemos de Sertório: para o reino de oeste, portanto para a futura Tingitânia romana, Iftas, Ascalis e após Bogude I; para o reino de leste, um outro Bogude, filho de Boco I e após Boco II.

Como já dissemos, êste período é uma época de enormes incertezas e os textos são também omissos. A Numismática, que tanto auxilio presta à História, con-

(61). — Orósio, V. 21, 14. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VII, 269.

(61-a) — Em outros autores, Jarbas figura como vencido por Bogude e morto por ordem de Pompeu. Vide GSELL, *H.a.A.N.*, VII, 286-287 e BLOCH (G.) e CARCOPINO (J.), *Histoire romaine. II. La République romaine de 133 à 44 avant J.-C.*, 479.

(62). — PLUTARCO, *Vida de Sertório*; SCHULTEN, *Sertorius*. Leipzig, 1926. p. 47 e segs. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VII, 269-270.

(63). — GSELL, *H.a.A.N.*, VII, 274.

signa apenas nas moedas anteriores a Juba II, — contemporâneo de Augusto — os nomes de Boco II e de Bogude I (64).

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

2. — *Sertório*.

Quinto Sertório (mais ou menos 123-72 a. C.), general democrata e partidário de Mário, assumiu o governo da Espanha Citerior em 82 a. C. Mas no ano seguinte foi obrigado a retirar-se ante as tropas que Sila, senhor da Itália, tinha enviado para tomar posse da província. Embarcou então em Cartagena com 3.000 homens e atingiu o litoral da Mauritânia, onde seus soldados foram surpreendidos quando faziam uma aguada, sendo muitos dêles mortos (65).

Apesar do auxílio de piratas da Cilícia, não pôde estabelecer-se em Ibiça como pretendia. Franqueou o Estreito e desembarcou próximo à foz do Betis (Guadalquivir) (66). Aí encontrou marinheiros de Gades, recém-chegados das Ilhas dos Bem-Aventurados (Madeira e Pôrto Santo?) (67) que, elogiando seu clima e riquezas, fizeram Sertório pensar seriamente em estabelecer-se nelas (68). Mas logo desinteressou-se dêsse projeto, atraído pelas querelas entre os príncipes da Mauritânia, onde Mário possuía também partidários (69). Como vemos, Gades continuava ainda a desempenhar um interessante papel na navegação

(64). — *Ibidem*, VII, 274-275.

(65). — Plutarco, *Vida de Sertório*, 7; alusão em Floro, II, 10, 2; Orósio, V, 23, 2. Apud BALLESTEROS, *Historia de España*, I, 286; GSELL, *H. a. A. N.*, VII, 270; LEITE DE VASCONCELLOS, *op. cit.*, III, 135.

(66). — Plutarco, *Vida de Sertório*, 7-8. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, VII, 270.

(67). — Cf. *supra*, pp. 180-183.

(68). — Plutarco, *Vida de Sertório*, 8; Salústio, *Hist.* I, 100-102, ed. Maurerbrecher. Apud BALLESTEROS, *H. E.*, I, 286; GSELL, *H. a. A. N.*, VII, 270; ROHDE, *Psyché*, 567. Vide também BLOCH e CARCOPINO, *op. cit.*, 501-502.

(69). — CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 79-80; ROCHA MARTINS, *Historia das colonias portuguesas*, 15; JULIEN, *op. cit.*, 130.

para a costa noroeste da África, e nas relações entre a Ibéria e Marrocos.

Os piratas da Cilícia abandonaram Sertório e foram auxiliar um príncipe mauritânico, Ascalis, filho de Iftas (70), a reconquistar o reino dos mouros. Sertório colocou-se do lado dos adversários de Ascalis, senhor de Tingis, que era sustentado pelos partidários de Sila. Sabendo-se como Boco I e seu filho Bogude eram fieis auxiliares de Pompeu, enviado por Sila à África, devemos concluir que Ascalis era amigo da família de Boco I ou talvez dela fizesse parte, porque se êle fôsse usurpador, estaria, sem dúvida, do lado dos partidários de Mário e, conseqüentemente, a favor do partido de Sertório. Ascalis também não era um simples vassalo do rei da Mauritânia, por ser o senhor de Tingis, a cidade mais importante da Mauritânia. Portanto, de tudo isso concluimos — é o que nos interessa — que foram os dois príncipes Iftas e Ascalis, sucessores de Boco I, que reinaram na parte ocidental e que Bogude, filho de Boco I, reinou na parte oriental da Mauritânia, isto é, além do Muluia.

Sertório desembarcou, pois, novamente na Mauritânia e foi recebido com alegria pelos rebeldes, porque Sila representava então a legalidade (71). Não sabemos se houve entendimentos entre êle e os partidários de Mário, que eram senhores da província de África e aliados de Jarbas, rei da Numídia. Os partidários de Sila tinham como aliados, além de Ascalis, Bogude, filho de Boco I, rei da parte oriental da Mauritânia, e um rei númida, Hiêmpsal II, inimigo de Jarbas (72).

Sertório venceu Ascalis num primeiro encontro e depois, derrotou e matou Paciano, enviado talvez da Espanha por Sila para auxiliar Ascalis. Tomou Tingis e capturou Ascalis com sua família. Dizem que nessa ocasião encontrou, perto de Tingis, os ossos do gigante Anteu, o infeliz adversário de Hércules, cujo tamanho seria de 60 côvados. Isso, sem dúvida, deu grande

(70). — Plutarco, *Vida de Sertório*, 9. Apud GSELL, *H. a.* A. N., VII, 272.

(71). — *Ibidem*.

(72). — Orósio, *Adv. Pagan.*, V, 21, 14. Apud GSELL, *H. a.* A. N., V, 166.

realce à sua personalidade no conceito dos indígenas, que apreciaram muitíssimo a sua administração, pois quando em 81-80 a.C. foi chamado pelos lusitanos para capitaneá-los, bom número dêles o seguiu até à Ibéria. A África não viu mais Sertório, nem êle pôde realizar o seu projeto de colonização das Ilhas dos Bem-Aventurados, pois morreu assassinado em 72 a. C. por Perpena (73).

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

3. — *Bogude I e Boco II.*

Ascalis desapareceu na luta; pelo menos os textos são omissos sôbre sua pessoa, depois do seu aprisionamento por Sertório. Sabemos que foi substituído por Bogude I, que reinou na Mauritània ocidental, tendo Tingis por capital. Êste Bogude é muito mais importante que Bogude, filho de Boco I e foi por isso que os historiadores o chamaram de Bogude I. O seu reinado foi tão notável que o seu reino chegou a ter o nome de Bogundiana, segundo os escritores latinos, e essa denominação era comumente aceita (74). Boco II é o rei da parte oriental da Mauritània. Mas não podemos dizer quando êsses dois reis começaram a reinar; o certo é que foram contemporâneos e parece que não eram irmãos. Bogude quando morreu em 31 a.C., era ainda um homem vigoroso e capaz de empreender uma campanha militar (75).

A África viu-se também envolvida na luta travada entre César e Pompeu. Juba I (filho de Hiêmpsal II, o partidário de Sila e inimigo de Jarbas), rei da Numídia (60-46 a. C.), teve as mesmas ambições que Masinissa e Jugurta, isto é, de tornar-se independente de Roma e constituir um possante império na África do Norte. Declarou-se a favor dos partidários de Pom-

(73). — JULIEN, *op. cit.*, 130; CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 37-38; GSELL, *H.a.A.N.*, VII, 272-273; CORREIA (Virgílio), in "*História de Portugal*", Portucalense Editora, I, p. 222.

(74). — GSELL, *H.a.A.N.*, VII, 273-274; CHABREVIÈRE, *op. cit.*, 38.

(75). — Estrabão, VIII, 4, 3; Dião Cássio, I, 11, 3. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VII, 274; CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 38.

peu. Mas os dois soberanos da Mauritânia, Bogude I e Boco II, declaram-se a favor de César, desde o ano 49 a.C.

Quando César desembarcou em Ruspina, antes da batalha de Tapso, Boco II invadiu o reino de Juba I, mas Bogude I, que estava muito longe para poder auxiliá-lo diretamente, — pois reinava no atual Marrocos — socorreu Cássio Longino na Espanha, que lutava contra uma rebelião de suas tropas. Outro auxiliar que César teve na África, antes de Tapso, foi o campânio Sítio, banqueiro romano falido, que tinha se tornado uma espécie de *condottiere* e formado um bando composto de espanhóis e italianos, com o qual interveio durante anos (de 64 a 47 a.C.) nas querelas entre os reis da Mauritânia. Tendo se declarado por César, invadiu juntamente com Boco II, o reino de Juba I (76).

Depois da batalha de Tapso (46 a.C.), César continuou sua luta contra os partidários de Pompeu, que tinham passado para a Ibéria. Ai, Bogude I lhe foi utilíssimo, pois tomou parte na guerra, fornecendo-lhe numerosos soldados (77), que decidiram a batalha de Munda, lançando-se sôbre o acampamento de Labieno e fazendo com que êste abandonasse o campo da luta para defender suas preciosas bagagens, contribuindo assim, poderosamente, para a vitória dos partidários de César. Mas os mouros não foram os únicos bérberes que combateram nessa ocasião na Espanha, pois os partidários de Pompeu tinham recrutado também inúmeros soldados na África do Norte (78).

Bogude I, além da expedição que fez contra a Espanha, fez uma outra contra os etíopes ocidentais, que é muito curiosa. Estrabão (79) assim a menciona, sem dúvida apoiado num autor grego:

“Ele diz ainda que Bogo, rei da Maurúsia, após a guerra com os etíopes ocidentais, en-

(76). — GSELL, *H.a.A.N.*, V, 166 e VIII, 25-26 e 53; ADCOCK, in *C.A.H.*, IX, 680-690.

(77). — Dião Cássio, LXIII, 36, 1 e XLIII, 38, 2. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 157.

(78). — CORREIA (Virgílio), in “*História de Portugal*”, Portucalense Editora, I, 227; ADCOCK, in *C.A.H.*, IX, 703-704.

(79). — Estrabão, XVII, 3, 5. Apud ROGET, *op. cit.*, 24.

viou de presente à sua mulher canas semelhantes as da Índia, tão grossas que cada nó continha oito *chenices*. Havia também aspargos de igual grossura.”

Essa rainha seria talvez Eunoa, a que teria concedido seus favores a César (80):

“*Dilexit et reginas, inter quas Eunoen Mauram Bogudis uxorem, cui maritoque eius plurima et immensa tribuit, ut Naso scripsit;...*”

Pelo texto de Estrabão, podemos ver que Bogude I manteve relações com os etíopes ocidentais e, também, sem dúvida, com a costa atlântica de Marrocos, que atraía ainda a atenção dos governantes da Mauritânia Tingitana.

César, após Tapso (46 a.C.), incorporou parte do reino de Juba I, com o nome de *Africa Nova*, à antiga província romana (*Africa*), que passou a denominar-se *Africa Vetus* (81). Sítio foi contemplado com um bom quinhão. Boco II e Bogude I receberam também parte dos despojos de Juba I.

Após a morte de César, a África não descansou. Viu-se envolvida nas novas discórdias e lutas que agitaram o mundo romano de então: os partidários da república lutavam contra os adeptos dos triúnviros, os sequazes de Otávio contra os de Antônio, e os seus choques chegaram até a África do Norte. A essas facções associaram-se os príncipes indígenas, mas estes desempenharam então papéis secundários, pois o tempo das orgulhosas pretensões de Masinissa, Jugurta e Juba I já havia passado (82). Vejamos agora o papel desempenhado por Marrocos nessas lutas.

Como já vimos, Bogude I auxiliou César nas suas campanhas da Espanha (48-45 a.C.), mas depois, não conseguiu desligar-se a tempo do antigo lugar-tenente deste, o triúnviro Marco-Antônio, pois encontramos ca-

(80). — Suetônio, *Vida dos Doze Césares*, I, 52, trad. de Henri Ailloud, I, 36.

(81). — GSELL, *H.a.A.N.*, VII, 5.

(82). — *Ibidem*, VIII, 183.

valeiros mouros no seu exército em maio de 43 a.C. (83). Cornélio Balbo, questor da Espanha Citerior, em junho do mesmo ano, vendo que o governador da província, Asínio Polião, estava indeciso, e sendo êle partidário de Antônio, achou melhor e mais prudente retirar-se para o reino de Bogude, passando o Estreito (84), o que prova sobejamente de que lado estava Bogude I.

Não foi só. Bogude I cometeu a imprudência de ir combater o legado de Otávio na Espanha Ulterior, — C. Carrinate — durante a chamada guerra de Perúsia, em 41-40 a.C., cousa que êle nunca esqueceu. Vemos em Apiano (85) que Bogude I atacou (errôneamente êsse escritor dá o nome de Boco) êsse legado. Em 38 a.C., Bogude I fez uma nova expedição à Espanha, não sabemos se a mandado de Antônio, ou por conta própria, para saquear a rica província da Bética (86). É talvez nessa ocasião que êle sitia o famoso templo de Hércules de Gades (87), o que mostra que seu desembarque deve ter sido efetuado nas proximidades dessa cidade.

Os habitantes de Tingis revoltaram-se no mesmo ano da expedição de Bogude I à Espanha e proclamaram uma república, ou melhor, aceitaram o regime municipal de Roma, recebendo o direito de cidade romana (88). Como vemos, Otávio logo deu uma resposta à ousadia de Bogude I, destacando do seu reino justamente a cidade mais importante, a que pela sua posição geográfica facilitaria ulteriores invasões da Espanha. Mas Roma só concedeu o direito de cidade romana a Tingis, porque ela já estava de longa data romanizada, em virtude da proximidade da Bética.

(83). — Carta de Galba a Cícero — *Ad. fam.*, X, 30, 3. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 199.

(84). — Carta de Polião a Cícero — *Ad. fam.*, X, 32, 1. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 199.

(85). — Apiano, *Bell. Civ.*, V, 26. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 199; CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 38.

(86). — Dião Cássio, XLVIII, 45, 1. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 199.

(87). — Porfírio, *De abstinentia*, I, 25. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 200.

(88). — Dião Cássio, XLVIII, 45, 3. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 200; CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 38; JULIEN, *op. cit.*, 195.

Bogude I, vencido pelos generais de Otávio, pelos rebeldes de Tingis e por Boco II, — seu vizinho, que não desmentiu a tradição bérbere, procurando invadir o reino rival em dificuldades — fugiu para Alexandria, para junto de Antônio. Na primavera de 31 a.C. foi aprisionado por Agripa em Metona, na Messênia, sendo decapitado em seguida (89).

Boco II, em recompensa de seu auxilio, recebeu de Otávio o reino de Bogude I, efetuando novamente a união das duas Mauritânias como seu antepassado, Boco I. Ele reinou do Atlântico ao rio Ampsaga, com exceção de Tingis. Parece que morreu em 33 a.C. (90), provavelmente sem deixar herdeiros. Otávio tornou-se assim o senhor das duas Mauritânias, mas não as anexou ao Império.

Teria Boco deixado em testamento seu reino a Roma, como foi comum na época romana? Nada sabemos sôbre o assunto. O certo é que Otávio não deu imediatamente um sucessor ao rei defunto e não converteu seu reino em província romana; pelo menos êle não é mencionado como tal, entre as províncias do Ocidente que obedeciam a Augusto em 32 a.C.

F). — JUBA II.

1. — *Sua personalidade e sua côrte.*

Em 25 a.C. Augusto deu o antigo reino de Boco II, isto é, as duas Mauritânias, a Juba II, que já era rei da Numídia desde 27 a.C., mas anexou esta última região à província da África (91). Tratava-se do filho de Juba I, — o grande vencido de Tapso — rei da Numídia e partidário de Pompeu. É curioso notarmos que

(89). — Dião Cássio, L, II, 3; Estrabão, VIII, 4, 3; Porfírio, *De abstinentia*, I, 25. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 200.

(90). — Dião Cássio, XLIX, 43, 7. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, V, 166 e VIII, 200-201; CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 38.

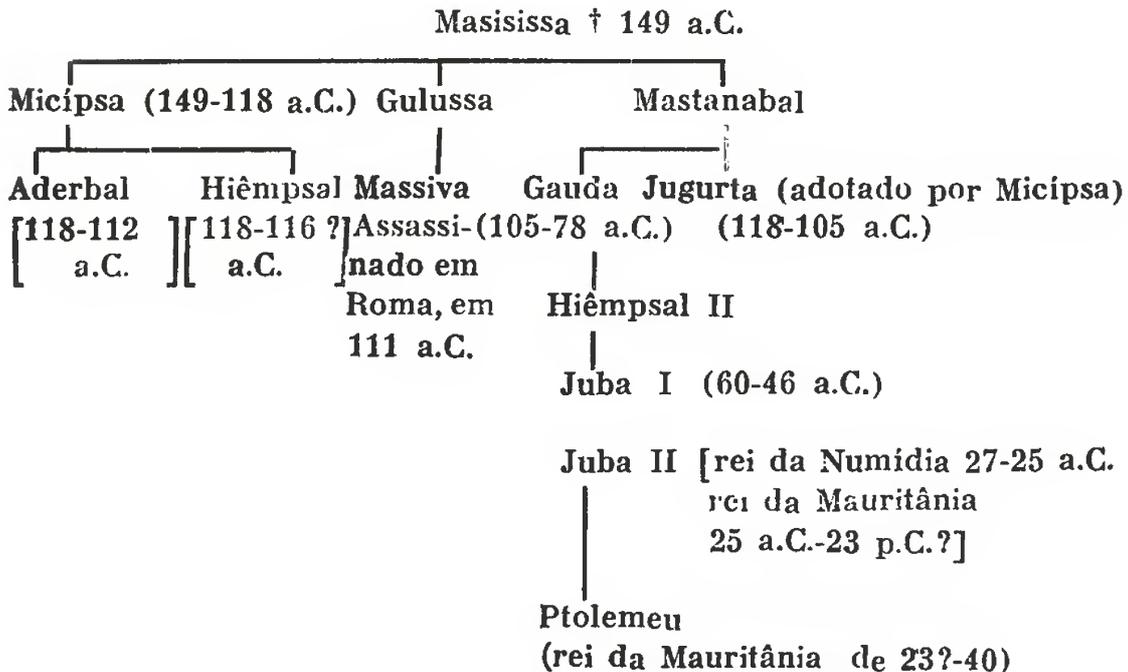
(91). — CHARLESWORTH, *op. cit.*, 148.

novamente um descendente de Masinissa consegue ser elevado ao trono da Numídia e da Mauritânia (92).

Juba II nasceu em 50 a. C. e após a batalha de Tapso foi aprisionado com toda sua família, tendo figurado no triunfo de César. Foi educado por Otávia, a mulher abandonada por Marco-Antônio e irmã de Augusto. Foi, portanto, o mais perfeito modelo da influência romana sobre a alma bérbere. Tomou parte ativa na guerra contra Antônio e Cleópatra (31-29 a.C.) e talvez tenha lutado na Espanha (26-25 a. C.). Augusto, partidário da criação de protetorados para servirem de estados-tampões às províncias romanas, achou de boa política colocar Juba, que era bérbere, à testa dum estado sempre turbulento e que lhe causava inúmeros dissabores, com suas contínuas rebeliões. Foi assim que Juba se tornou rei da Numídia e depois da Mauritânia (93).

É curioso vermos a semelhança que existe entre Juba e Herodes o Grande, rei da Judéia. Ambos são

(92). — Eis a genealogia de Juba (Apud PIGANIOL, *H.R.*, 160). GSELL, (Cf. *H. a. A. N.*, V, 123) grande especialista no assunto, diz, entretanto, que Masinissa morreu em 148 a. C., dois anos antes da queda de Cartago.



(93). — GSELL, *H. a. A. N.*, VIII, 207-208; BOISSIER, *L'Afrique romaine*, 26-27; SYME, in *C.A.H.*, X, 346-347.

vassallos de Roma e ardentes admiradores da civilização e da cultura grega. Ambos amaram o luxo e a arte. Herodes fez do escritor Nicolau de Damasco seu melhor amigo e conselheiro, para que êste se tornasse seu apologista. Juba preferiu êle próprio fazer-se famoso como escritor e sábio. Sem dúvida alguma, o primeiro dêsses príncipes foi um político mais hábil, um bravo general, qualidades essas que faltaram a Juba. Mas, entre o déspota oriental, cheio de ciúmes odiosos, e o homem de letras que foi o Africano, êste é sem exagêro algum o mais simpático (94).

Juba foi grato a Augusto (César) e em sua honra chamou sua capital, Iol, de *Caesarea*, — atualmente Cherchel — que deu mais tarde seu nome à Mauritânia Cesariana. Essa cidade, com os melhoramentos introduzidos por êle, foi o verdadeiro coroamento da sua obra civilizadora na Mauritânia. Os escritores antigos perceberam perfeitamente êsse fato e fizeram grandes elogios à cidade (95).

Não sabemos se Juba foi influenciado na sua escolha pelos mariscos da região (que Plínio apreciava muitissimo) (96) ou pelo seu excelente pôrto. O certo é que a cidade cresceu rapidamente e se tornou um centro comercial muito próspero e rico. Aí existiam todos os artistas e artesões necessários para o sustento e brilho duma côrte. Ourives, gravadores, escultores e pintores ornamentaram com suas obras o palácio que Juba mandou edificar. Nessa cidade encontraram-se algumas das mais belas estátuas gregas, como por exemplo o Apolo de Cherchel, recentemente descoberto, cabeças de Baco, de Apolo e do próprio Juba, assim como belos mosaicos representando o Julgamento de Paris e cenas de caça. Existia também na cidade um famoso fabricante de lâmpadas dum modelo par-

(94). — GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 205-210; CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 38.

(95). — Estrabão, 831, 12; "*oppidum celeberrimum*", segundo Plínio, *Hist. Nat.*, V, 20; "*urbs illustris*", segundo Pompônio Mela, I, 30. Apud CHARLESWORTH, *op. cit.*, 147; GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 224; CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 39; BOISSIER, *op. cit.*, 30-33.

(96). — Plínio, *Hist. Nat.*, XXX, 45. Apud CHARLESWORTH, *op. cit.*, 147.

ticular, que foram encontradas na Bética e até na Sardenha (97).

Juba instituiu também um culto ao imperador vivo, culto que após a morte de Augusto, em 14 a.C., passou para Tibério, sem que a memória do seu protetor deixasse de ser cultuada. Até nas moedas procurou honrar quem o tinha feito rei.

Augusto deu-lhe, não somente um reino, mas também uma espôsa ilustre: Cleópatra Selene (98), — filha da famosa Cleópatra e de Marco-Antônio — nascida provavelmente em 40 a.C., com seu irmão gêmeo Alexandre. Este recebeu o cognome de Hélios (o sol) e ela o de Selene (a lua) (99). Como Juba e Alexandre, ela foi educada por Otávia. Foi esta quem pediu a seu irmão que casasse a filha de Cleópatra, a egípcia, com o filho de Juba, o númida. O novo casal tornou-se assim, servidor devotado da grandeza romana (100).

É a presença de Cleópatra Selene que justifica a influência egípcia na Mauritânia dessa época. É verdade também que essa influência se fez sentir sobretudo na côrte e pequena importância teve fora do palácio, mas ela existiu e, como tal, deve ser consignada. Cleópatra Selene não esqueceu o Egito na sua nova residência e fez com que Juba partilhasse seus sentimentos. Tanto isso é verdade que seu filho chamou-se Ptolemeu. Talvez ela achasse que o seu sangue era muito mais nobre que o do seu marido (101). Uma prova disso está nas moedas, em que o nome de Cleópatra está sempre redigido em grego, — pois é sabido que os lágidas eram macedônios — ao passo que Juba, pelo contrário, grafava o seu nome em latim (*Rex Iuba*), apesar de ser o idioma grego a língua oficial da côrte

(97). — *Corpus Inscriptionum Latinarum*, VIII, 22642, 1 h, 2 b e VIII, S, III, p. 2213. Apud CHARLESWORTH, *op. cit.*, 148 e 170.

(98). — Dião Cássio, LI, 15, 6. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 217.

(99). — Plutarco, *Vida de Antônio*, 36; Dião Cássio, XLIX, 32-4. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 217.

(100). — DURRY, *Valeur de Cherchel*, in "*Études d'archéologie romaine*", 112; GSELL, *H.a.A.N.*, VIII 218; IDEM, *Promenades archéologiques aux environs d'Alger*, 9-10.

(101). — GSELL, *Pr. arch.*, 42; IDEM, *H.a.A.N.*, VIII, 241-243; BOISSIER, *op. cit.*, 28.

(102). A língua e a civilização latina não tiveram grande difusão entre a população indígena, mesmo com a fundação de colônias romanas, apesar de todo o estímulo e boa vontade de Juba (103).

Mas a maior prova da influência egípcia de Cleópatra, — não obstante a opinião em contrário de Gsell (104) — é o célebre monumento que os árabes chamam de *Qeber er-Roumia* e os europeus de *Túmulo da Cristã* (em espanhol *Fuesa de la Cristiana* e em francês *Tombeau de la Chrétienne*). É um monumento redondo, rodeado de colunas jônicas. A parte superior compõe-se duma série de degraus circulares que vão se estreitando, de tal maneira que formam uma espécie de pirâmide ou cone truncado. Quando êle estava intacto, com seus revestimentos de mármore, seus ornamentos de bronze e coroado por alguma estátua colossal, devia ter uma aparência muito imponente. Ainda hoje conserva essa aparência, apesar das devastações do tempo e dos homens. Parece que êsse edifício foi erigido para servir de sepultura aos reis da Mauritânia. Pesquisando-se no interior do monumento, encontraram-se algumas câmaras funerárias, onde talvez repousaram Juba e Cleópatra. Êles quiseram que seu túmulo, pela sua forma e sua decoração, lembrasse os dois países que amavam mais que qualquer outro: o Egito e a Grécia (105).

2. — *Juba II como escritor e sábio.*

Juba, diz Plínio (106), foi mais célebre como sábio e escritor que como rei. A História, a Geografia, a História Natural, a História das Artes, a Poesia sob tôdas as formas, a Gramática, eram cultivadas por êle com prazer. Nada parece ter escapado à sua insaciável curiosidade, pois foi elogiado pelos contemporâneos e pelas gerações que sucederam (107).

Para suas pesquisas, Juba possuía uma excelente biblioteca, composta, na sua maioria, de obras gregas,

(102). — GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 244.

(103). — *Ibidem*, VIII, 240.

(104). — *Ibidem*, VI, 265-173; IDEM, *Pr. arch.*, 143-160.

(105). — BOISSIER, *op. cit.*, 29.

(106). — Plínio, *Hist. Nat.*, V, 16. Apud ROGET, *op. cit.*, 34.

(107). — OLSEN, *op. cit.*, I, 171-172; GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 251-252.

assim como dum bom número de manuscritos latinos. Mas a parte mais preciosa da sua biblioteca era a formada pelos manuscritos púnicos. Baseado nesse fato, certo número de escritores sugere que Juba conheceu o original púnico do périplo de Hanão. A hipótese é interessante, mas não é provável e parece que êle só teve em mãos a tradução grega. O certo é que herdou os manuscritos púnicos do seu avô, Hiêmpsal II (108), e conseguiu talvez reunir os restos das bibliotecas de Cartago, que o Senado Romano tinha entregue aos príncipes de sua família (109).

Juba não se contentou em usufruir, em ler os livros da sua biblioteca. Tinha um numeroso grupo de copistas, os quais o traziam ao par de tudo quanto o interessava, fazendo extrato das obras aparecidas e talvez até lhe servindo de colaboradores. Com êsse material e com êsse grupo de homens especializados, Juba começou também a escrever. Precisava produzir coisa boa, porque para ser notado na sua época era necessário talento, em virtude dos grandes escritores de então: o fecundo Tito-Lívio; o compilador Diodoro de Sicília; Alexandre de Mileto, o Polihistor (*o sabe tudo*); Dídimo de Alexandria, o Calcenteros (*o homem de estômago de bronze*), autor de mais de 3.500 tratados; Varrão, etc.

De Juba conhecemos, apenas pelos títulos, 9 obras, — tôdas em grego — mas infelizmente nenhuma delas chegou completa às nossas mãos. O que sabemos nos veio através das citações, mais ou menos textuais, de Plínio, Plutarco, Ateneu, etc. Temos também muitos fragmentos reunidos no *Fragmenta historicorum graecorum* (110). De tôdas as suas obras, a mais interessante para nós e a que faz mais falta, é a intitulada *Libyca*. Justamente porque nela tratou de seu reino, que ninguém deveria conhecer melhor que êle próprio. Não sabemos com certeza quando essa obra foi composta, mas certos escritores afirmam que ela foi escrita no 6.º ano da nossa era, porque nela estariam men-

(108). — Salústio, *Jugurta*, XVII, 7. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 253.

(109). — Plínio, *Hist. Nat.*, XVIII, 22. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 253.

(110). — Edição C. Müller, III, pp. 465-484. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 260-261.

cionados os jogos celebrados em Roma por Germânico. Em todo o caso, devemos esclarecer que muitos escritores contestam essa afirmação, dizendo que ela não está provada.

Supõem-se que a *Libyca* teria tido pelo menos três livros, contendo matéria muito diversa: Geografia, História Natural, Mitologia, etc. Descrevendo as costas atlânticas de seu reino, êle deveria, sem dúvida, utilizar-se do périplo de Hanão, mostrando se havia ainda no seu tempo, relações com as regiões atlânticas do Sudão. Uma indicação de Plínio (111) mostra que êle descreveu também o Atlas. Foi talvez nesse tratado que êle discorreu acêrca do resultado dos seus inquéritos sôbre as fontes do Nilo, sôbre as Canárias e as Ilhas Purpurinas. Nessa obra deveriam também figurar os fragmentos que possuímos, referentes aos elefantes, leões e outras feras da Mauritània. Foi sem dúvida para obter dados exatos sôbre êsses assuntos, que o interessavam de perto, que mandou empreender suas célebres expedições científicas (112).

3. — *Juba II e seu inquérito sôbre as fontes do Nilo.*

Muito tempo antes de Juba, certos escritores sustentaram a hipótese de que o Nilo nascia nas montanhas do sul da Mauritània (113). Essa hipótese era apoiada pela identidade de certos animais — principalmente o crocodilo — e de certos vegetais encontrados no Nilo e em certos rios do Saará, como o são ainda hoje (114). Apesar dêsses rios desaparecerem nas areias, acreditava-se então que, continuando a caminhar subterraneamente, reapareciam muitos quilômetros além.

Juba, baseado nesses escritores e nos seus manuscritos púnicos, mandou verificar a exatidão dêsses fa-

(111). — Plínio, *Hist. Nat.*, V, 16. Apud ROGET, *op. cit.*, 34; THOUVENOT, *La connaissance de la montagne chez Pline l'Ancien*, in "*Hespéris*", XXVI, 1939. pp. 113-121.

(112). — GSELL, *H. a. A. N.*, VIII, 262-263 e 253-254.

(113). — Promato de Samos, citado por Aristóteles; Estrabão; Vitrúvio; Pompônio Mela, etc. Apud GSELL, *H. a. A. N.*, VIII, 254.

(114). — GAUTIER, *Sa.*, 61-67.

tos. A sua conclusão foi de que eram perfeitamente exatos, como vemos pelo seguinte extrato de Plínio (115):

“O Nilo tem sua fonte (tanto quanto o pôde pesquisar o rei Juba) numa montanha da Mauritània Inferior, não longe do Oceano; logo êle se lança num lago chamado Nílis (*o nome indígena devia auxiliar a hipótese*). Encontram-se aí os seguintes peixes: alabetos, coracinos e siluros. Até mesmo um crocodilo foi trazido por Juba como prova (de que era bem o Nilo) e êle o consagrou no tempo de Isis em Cesaréia, onde pode ser visto. Por outro lado, observou-se que o Nilo tem cheias relacionadas com a abundância de chuvas e de neve na Mauritània. Saindo dêsse lago, êle fica indignado por ter de correr sôbre regiões arenosas e áridas, e esconde-se numa extensão de alguns dias de marcha. Depois, aparece num lago maior, situado na Mauritània Cesariana, no país dos massilos...”

Como vemos, Juba acreditava que o Nilo nascia na Mauritània e sua convicção foi reforçada pelo encontro dum crocodilo, testemunho duma fauna residual, e de muitos peixes análogos aos do Nilo. Notou também a simultaneidade das cheias do rio com a queda das primeiras chuvas e da neve nas montanhas da Mauritània e também a presença dum lago, que os indígenas chamavam de *Nílis* (ou Nuchal, segundo Pompônio Mela), que parece ser o *uadi Nun* (116).

Plínio, apoiado em Juba, continua a mostrar como os rios só aparecem em locais em que existem sociedades humanas. Em face do deserto os rios mergulham. No caso do Nilo, o rio desaparece numa extensão de vinte dias de marcha, para sair na região dos etíopes, numa fonte chamada *Nigrís*. Vemos aqui aparecer a confusão, tão comum na Idade Média, entre o Nilo e

(115). — Plínio, *Hist. Nat.* V, 51-52. Apud ROGET, *op. cit.*, 34-35.

(116). — MARCY, *Notes linguistiques autour du périple d'Hannon*, in “*Hespéris*”, 1935, XX, p. 71, nota 2.

o Niger (117). Assim, por êsse trecho de Plínio, podemos imaginar em que tom estava redigida a *Libyca* de Juba.

4. — *Juba II e seu inquérito sôbre as Canárias.*

É também em Plínio (118) que podemos ver o resultado da expedição enviada por Juba às Canárias, que partilham os nomes de *Ilhas dos Bem-Aventurados* e *Ilhas Afortunadas* com a Madeira e Pôrto-Santo (119). Êsse arquipélago não foi descoberto por essa expedição, pois como já vimos (120), os fenícios e cartagineses que costearam o litoral atlântico de Marrocos, não podiam deixar de avistar a Ilha de Forteventura, a mais oriental das Canárias, que é bem visível do cabo Jubí. Como vimos também, não encontramos vestígios dos fenícios e dos cartagineses na Madeira e em Pôrto-Santo. Mas o caso das Canárias é diferente, pois Juba enviou para lá uma expedição que trouxe notícias precisas e minuciosas. É interessante notarmos que Juba não foi a única fonte de Plínio, pois sabemos que êle consultou também Estácio Seboso — contemporâneo de Augusto, como Juba — que parece ter sido um compilador de notícias e pormenores sôbre as Canárias, obtidos entre os marinheiros de Gades (121). Ve-

(117). — GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 254-256; OLSEN, *op. cit.*, I, 171-172.

(118). — Plínio, *Hist. Nat.*, VI, 203, 5. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 256.

(119). — “As Canárias, as *Fortunatae Insulae* dos autores antigos, já eram conhecidas na Antiguidade. Kurt Müller e Fischer (FISCHER, in “*Real Encyclopädie der klassischen Altertumswissenschaft*”, de Pauly-Wissova-Kroll, t. VII, 1.^a parte) apresentam a interessante hipótese dêsse nome tão poético, ter designado primeiramente a Madeira e Pôrto-Santo e, somente depois, é que passou a designar o arquipélago das Canárias.” (Apud Prof. URBANO CANUTO SOARES, in *Ensaio Filológicos*, 12).

(120). — Cf. *supra*, pp. 180-183.

(121). — Plínio, *Hist. Nat.*, VI, 202. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 256; CARY e WARMINGTON, *op. cit.*, 78; SOARES (Prof. Urbano Canuto), *op. cit.*, 14.

jamos agora a descrição do arquipélago feita por Plínio (122):

“A primeira ilha chama-se *Ombrios* (Ilha das chuvas); ela não contém nenhum traço de habitação. Tem uma lagoa nas suas montanhas e árvores semelhantes à férula; extrai-se um água amarga das que são negras, umá água agradável das que são menos escuras. Uma outra ilha chama-se *Iunonia* (a Ilha de Juno), aí só se vê uma célula, construída de pedras. Nas vizinhanças está uma ilha do mesmo nome, menor. Depois vem *Capraria* (a Ilha das Cabras) cheia de grandes lagartos. Em face dessas ilhas está *Ninguaría* (a Ilha das Neves), a qual deve seu nome às neves perpétuas e que está coberta de nevoeiros. A ilha mais próxima desta é a *Canaria*, assim chamada em virtude dos cães dum tamanho enorme, e muito numerosos; levaram dois a Juba. Aparecem aí vestígios de habitações. Tôdas essas ilhas estão cheias de frutos e de pássaros de diversas espécies; na última, encontra-se grande quantidade de tamareiras e de pinhas. Há também mel em abundância e, nos rios, papiros e siluros. O ar é infectado pela putrefação dos animais que o mar lança continuamente às costas”.

Os autores identificam a ilha *Ombrios* (também chamada *Pluvialia*) com a Ilha Lançarote. Talvez as duas *Iunonia* sejam as Ilhotas (Isletas). *Capraria* é Forteventura. *Ninguaría* corresponde a Tenerife, situada a 200 quilômetros de Forteventura, encontrando-se no intervalo, a grande *Canaria*. As ilhas ocidentais do arquipélago (Palma, Gomeira e Ferro) não foram visitadas pela expedição, ou pelo menos o texto é omissivo nesse sentido, parecendo mesmo que essas ilhas foram desconhecidas na Antiguidade (123).

(122). — Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 256-257.

(123). — GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 257-258; OLSEN, *op. cit.*, I, 171-172.

Como vemos, a expedição enumerou seis das sete ilhas habitáveis e as caracterizou corretamente, mencionando por exemplo as tamareiras e pinhas da Canária, as nuvens que os alísios condensam sobre o pico de Tenerife (124). Encontrou ainda traços de habitações, mas não fala em habitantes e isso é bem curioso, pois como sabemos, a população aí encontrada mais tarde na Idade Média pelos navegantes ibéricos — os guanches — tinha vindo em épocas imemoriais do continente para o arquipélago, pois ignorava o uso dos metais, como se pode ver no museu de Las Palmas. É possível que a expedição tocasse numa ilha então desabitada e que Plínio completasse a narração de Juba com as compilações de Estácio Seboso. Além do mais, é possível e mesmo provável que os indígenas fugissem à aproximação de navios e de marujos para êles desconhecidos, escarmentados talvez pelo hábito fenício-cartaginês do apresamento de indígenas para a venda em mercados de escravos. Não devemos nos esquecer também da menção de animais domésticos e árvores frutíferas, talvez nativas, mas que podiam muito bem ter sido importadas.

A rota para as Ilhas Afortunadas partia das *Purpurariae Insulae* (região do Mogador) (vide fig. 10) e indicava perfeito conhecimento das correntes e ventos reinantes nessa parte do Oceano. A propósito da situação das Afortunadas diz Plínio (125):

“Estavam situadas ao sul, um pouco para oeste das *Purpurariae*, a uma distância de 625 milhas, de tal sorte que se navega durante 250 milhas para oeste, depois 375 para leste”.

Vidal de la Blache (126) demonstrou que êsse itinerário, aparentemente absurdo e singular, é, na prática, perfeitamente justificável.

(124). — Sobre o que Juba soube das Canárias, vide H. SEGRE, in “*Riv. geografica italiana*”. 1927. pp. 72-80. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 256.

(125). — Plínio, *Hist. Nat.*, VI, 203. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 256.

(126). — In “*Mélanges Perrot*”, p. 238. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 256.

Infelizmente a expedição de Juba foi a última de que se tem notícia nessa direção. Talvez, se êle tivesse prosseguido nas suas pesquisas, — e êle bem o podia ter feito — a Antiguidade teria aumentado a sua área geográfica conhecida, justamente na região que nos interessa.

Após o inquérito de Juba, as Canárias caem no olvido. Na Idade Média, tôdas as noções adquiridas na Antiguidade sôbre as *Insulae Fortunatae*, foram vagamente conhecidas pelos mouros da Espanha sob a designação de *Ilhas de Khaledat*, mas apenas através dos conhecimentos extraídos dos autores gregos e latinos. Só com a conquista empreendida por João de Bethencourt, em princípios do século XV, é que elas foram verdadeiramente reveladas à Europa (127).

5. — *Juba II e sua contribuição para o conhecimento do continente africano. "As Purpurariae Insulae"*.

Apesar de tôdas as aparências, — não nos esqueçamos também da contribuição de Estácio Seboso no texto de Plínio — os dados colhidos por Juba, por intermédio das expedições das Canárias e das fontes do Nilo, foram medíocres, incompletos, parcialmente inexatos e, mesmo às vêzes, pueris. Entretanto, como rei da Mauritânia e com a cultura que possuía, Juba estava talhado para trazer grande contribuição à Ciência, podendo até restaurar, se quisesse, as velhas rotas dos mercadores cartagineses para o Sudão (128).

Juba também não resolveu o problema da possibilidade da circunavegação da África, como o tentou fazer Eudoxo de Cízico (129) no II século a.C. Pompônio Mela e Plínio (130) pensavam que Eudoxo tivesse provado essa possibilidade. Em face dêsses textos, Juba nada fez para resolver o assunto, acreditando

(127). — SOARES (Prof. Urbano Canuto), *op. cit.*, 16.

(128). — GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 258.

(129). — Cf. *supra*, pp. 195-198.

(130). — Pompônio Mela, III, 90-95; Plínio, *Hist. Nat.*, II, 169; VI, 187-188, 197, 199, 200. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VII, 258.

estar o problema completamente solucionado. Além do mais, no tempo em que compunha seu tratado sôbre a Arábia, afirmaram-lhe que destroços de navios gaditanos tinham sido encontrados no Mar Vermelho (131), da mesma forma que no tempo de Eudoxo de Cízico. Como Hanão dizia ter chegado ao Corno do Sul (Νότου Κέρας — *Notou Keras*) e o cabo Guardafui possuísse o mesmo nome na Antiguidade, Juba, confundindo baía e cabo, convenceu-se de que o Cartaginês tinha atingido a Arábia, como mais tarde também o afirmou Plínio (132):

“*Hanno... circumvectus a Gadibus ad finem Arabiae...*”

Aquí surge uma questão interessante: até onde foram os navios de Juba ao longo da costa de Marrocos? Parece que não passaram Mogador, pois para atingir as Canárias, precisariam de tomar o largo, e na sua época, as antigas colônias de Hanão deviam estar destruídas ou em poder de régulos bérberes hostis. É verdade que antes, pescadores ou comerciantes, como o dizem Estrabão e Plínio (133), iam no fim do II século a.C. até a foz da *uadi Draa* e mesmo mais longe ainda, até o cabo Jubí, em face das Canárias. Além, era o desconhecido e os nomes tirados do périplo de Hanão, mascaram mal a profunda ignorância do litoral. Concluímos, portanto, afirmando que a expedição de Juba foi até Mogador e dali atingiu as Canárias. Se o afirmamos é porque os textos não dizem o contrário e porque ali estavam situadas as *Purpurariae Insulae*.

Sabemos que alguma coisa lucrou Juba com o seu inquérito sôbre as Canárias, pois lemos em Plínio (134) que êle fundou tinturarias nessas *Purpurariae Insulae*, em face dos indígenas autololes. Não se trata da Madeira, Pôrto-Santo, ou das Canárias, porque os autolo-

(131). — Plínio, *Hist. Nat.*, II, 168. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 258.

(132). — Plínio, *Hist. Nat.*, II, 169. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 259.

(133). — Estrabão, II, 3, 4; III, 4, 3 e Plínio, *Hist. Nat.*, II, 169. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 259.

(134). — Plínio, *Hist. Nat.*, V, 12 e VI, 201-202. Apud ROGET, *op. cit.*, 35.

les eram getulos que viviam ao norte do Atlas, em face das Ilhas de Mogador, que são identificadas como sendo as ilhas de Juba. Talvez houvesse antigamente aí uma colônia de Hanão, ou pelo menos fenícia, como diz Ptolemeu (135), mas essa colônia devia estar bem decadente ou mesmo destruída no fim do I século a.C.

Essas tinturarias prosperaram devido à abundância de moluscos (múrice), e nessas ilhas surgiu uma importante indústria que fabricava estofos que alcançaram grande renome. É verdade que certos autores (136) sustentam que a púrpura getula é de origem vegetal e oriunda da orcela ou urzela, baseados na ausência d'esses montículos de detritos de moluscos, que sempre são encontrados nos lugares em que floresceu essa indústria. Em todo o caso, o certo é que a púrpura getula foi famosa em Roma, como o atestam os versos de Horácio (137) e de Ovídio (138), no tempo de Augusto, e textos mais recentes (139).

Sabemos também que Ptolemeu descreve o litoral marroquino muito bem até Mogador, mas depois, comete erros e usa os nomes do périplo de Hanão. Para êle, o arquipélago das Canárias era a terra mais ocidental do mundo; tanto é assim, que por êle faz passar o primeiro meridiano da carta geográfica que organizou (140).

Finalizando, podemos dizer que Juba, dispondo de tantas possibilidades, não arrancou da África seus segredos marítimos ou terrestres. Os reis da Pérsia, Alexandre e seus sucessores, homens de guerra, fizeram mais pelo conhecimento do mundo que o sábio Juba, cuja biblioteca e expedições não o ajudaram a

(135). — Ptolemeu, IV, 6, 14 ed. Müller, p. 753. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 213 e 234; OLSEN, *op. cit.*, I, 172.

(136). — DAVID e HERBER, *La pourpre de Gétulie*, in "*Hespéris*", XXV, 1938. pp. 97-99.

(137). — Horácio, *Epístolas*, II, 2, 181-182. Paris, Hachette, 1911, p. 118.

(138). — Ovídio, *Fastos*, II, 319. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 234.

(139). — Pompônio Mela, *Descrição da Terra*, III, X. Apud DAVID e HERBER, *op. cit.*, 97; GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 234.

(140). — OLSEN, *op. cit.*, I, 185.

trazer qualquer nova contribuição aos conhecimentos humanos (141).

6. — *Juba II e os indígenas.*

Augusto tinha entregue a Juba o govêrno da Númídia e depois o da Mauritânia. Desejava êle que o rei contivesse os indígenas, sempre turbulentos, e que permitisse maior sossêgo à provincia da África e às colônias romanas. Mas Juba não correspondeu à expectativa de Augusto, em consequência da agitação dos getulos e dos mouros nômade. No 6.º ano da nossa era, a situação tornou-se tão grave com a revolta dos getulos que Augusto precisou auxiliar Juba a reprimir a insurreição (142):

“Os getulos, irritados com Juba e recusando-se a obedecer aos romanos, revoltaram-se contra o rei, devastaram as regiões vizinhas e mataram grande número de romanos que fizeram campanha contra êles. Seu poderio cresceu de tal maneira, que sua derrota valeu a Cornélio Cosso os ornamentos triunfais e um sobrenome tirado do seu nome”.

No tempo de Tibério, houve também uma grande revolta na África do Norte, conhecida pelo nome do seu chefe, o númida Tacfarinates, que durou de 17 a 24. Os súditos do velho Juba também tomaram parte nessa revolta, pois, além dos númidas, mouros sob o comando de Mazipa, saquearam tôda a zona habitada pelos sedentários (143). Fúrio Camilo conseguiu vencer Tacfarinates numa batalha campal, mas só muito mais tarde a revolta pôde ser inteiramente dominada.

Por êsse fato, vemos que Juba era senhor apenas do litoral, zona habitada pelos sedentários, e que nunca conseguiu dominar os nômade montanhese.

(141). — GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 260.

(142). — Dião Cássio, LV, 28, 4. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 228.

(143). — Tácito, *Anais*, livro II, 52, trad. Henri Goelzer, I, 94-95. Vide também CHARLESWORTH, in *C.A.H.*, X, 643-644.

que sempre procuraram saquear e depredar a zona cultivada, movidos pelo desejo da riqueza fácil. Uma prova disso temos nas tinturarias instaladas por Juba, pois êle possuia apenas as ilhas e não o litoral montanhoso que ficava em frente e era habitado pelos auto-loles, isto é, por getulos nômades. Juba dominou somente até onde o *limes* atingiu, ou melhor, até a região de Sala, que se prestava admiravelmente para a construção dêsse fortins, destinados a conter a pressão dos bérberes nômades (144).

G). — *PTOLEMEU*.

Juba querendo que seu filho, talvez o único, lhe sucedesse, associou-o ao trono, como o provam as moedas da época. Esse fato, simples na aparência, traz grandes dificuldades aos historiadores, pois não sabemos com certeza em que ano (23?) Ptolemeu começou a reinar sózinho, isto é, depois da morte de seu pai (145). Mas apesar dessa precaução, a mudança de monarca não se fez sem asperezas, pois foi necessária a vinda duma delegação do Senado Romano para confirmá-lo no trono.

O novo rei amava o prazer e deixou o govêrno nas mãos de seus libertos. Isso desgostou profundamente parte de seus súditos, que se aliaram a Tacfarinates, de cuja revolta já tratamos e que continuava a desafiar Roma. Mas em 24, Cornélio Dolabela, procônsul da África, apelou para Ptolemeu, que teve então de tomar parte na guerra. Formando quatro colunas e confiando aos mouros fiéis a Ptolemeu a incumbência de devastar a zona de operações de Tacfarinates, Dolabela conseguiu surpreender e matar o rebelde, completando assim a obra do procônsul Fúrio Camilo (146).

(144). — GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 213.

(145). — Estrabão, XVII, 3, 7. Apud ROGET, *op. cit.*, 26; GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 277-278.

(146). — Tácito, *Anais* livro, IV, 24-25, trad. Henri Goelzer, II, 190.

Ptolemeu não herdou nem as qualidades, nem os gostos de seu pai (147); era preguiçoso e insatisfeito. Só pensava em levar vida faustosa, gastando a riqueza acumulada por Juba. Parecia mesmo que o ambiente do Oriente, — reinante na côrte por obra de Cleópatra Selené — o havia amolecido. Tinha inúmeras escravas, ricos estofos, belos tapetes, jóias preciosas; gostava de aparecer com vestimentas esplêndidas. Tudo isso na simples e rude Mauritânia (148). Esse luxo lhe foi fatal.

Caio César, mais conhecido sob o nome de Calígula, imperador em 37, descendia de Marco-Antônio, o triúmviro, sendo portanto parente de Ptolemeu (149). Inicialmente as relações entre ambos foram excelentes, sendo mesmo Ptolemeu chamado a Roma para realçar o aparato de Calígula. Num dia em que êste dava um espectáculo, o mouro atraiu a atenção geral, não só por ter chegado atrazado, mas também e principalmente, pelo seu magnífico manto de púrpura getula (150). Calígula ficou furioso, com ciúmes do sucesso do primo e, sob o pretêxto de que a púrpura era reservada ao imperador, mandou prendê-lo e matar (40 da nossa era).

O assassinio de Ptolemeu desencadeou grande desordem no seu reino. Um dos seus libertos, Edemão, dirigiu um vigoroso movimento de resistência aos romanos (151). Na sua perseguição, êstes, comandados por Marco Valério Severo, um bérbere romanizado, chegaram até ao Atlas (152).

(147). — Tácito, *Anais*, livro IV, 23, trad. Henri Goelzer, II, 189.

(148). — GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 280-281; CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 39.

(149). — Suetônio, *Calígula*, 26, in “*Vida dos Doze Césares*”, II, 82.

(150). — Suetônio, *Calígula*, 35, in “*Vida dos Doze Césares*”, II, 89.

(151). — Plínio, *Hist. Nat.*, V, 11. Apud ROGET, *op. cit.*, 32.

(152). — CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 39.

H). — A MAURITÂNIA COMO PROVINCIA
E A POLÍTICA ROMANA.

1. — *Causas da anexação e do desmembramento
do reino de Ptolemeu.*

E' provável que a causa da morte de Ptolemeu fôsse o ciúme de Calígula, como já dissemos, mas é também possível que êste, pessoalmente, nos seus momentos lúcidos, ou influenciado por outras pessoas, achasse ser tempo de terminar com o protetorado romano no reino de Ptolomeu, contraproducente, porque os romanos continuamente tinham de intervir para debelar revoltas e dominar diretamente. Ptolemeu era também acusado de ter favorecido Tacfarinates, deixando que seus súditos tomassem parte na revolta (153).

Ptolemeu não deixou filhos ou irmãos, pelo menos êles nos são desconhecidos. Calígula, com certeza, não haveria de querer dar-lhe um sucessor. Apoderou-se de tôdas as suas riquezas, mas não conseguiu apossar-se completamente do seu reino, apesar da afirmação em contrário de Plínio (154) — em virtude das agitações e da revolta de Edemão. Foi Cláudio (41-54), imperador pelo assassinio de Calígula em 24 de janeiro de 41, quem fez a anexação e a divisão da Mauritânia em duas partes, correspondentes aos antigos reinos de Bogude I e de Boco II, que passaram então a denominar-se Mauritânia Tingitana e Mauritânia Cesariana (155).

Cláudio, que iria conquistar a Bretanha para servir de cobertura à Gália, achou que a posse das duas Mauritânias era a garantia da segurança do sudoeste da Europa, pois em face da rica Bética, ficava a turbulenta Tingitânia que bem podia servir de base para operações de pirataria ou de invasão. Como se vê, Cláudio não se esqueceu de que Bogude I, por quatro vezes, havia transposto o Estreito para saquear a Ibéria. E

(153). — *Ibidem*; CHARLESWORTH, in *C.A.H.*, X, 660 e 674-675.

(154). — Plínio, *Hist. Nat.*, V, 2. Apud ROGET, *op. cit.* 29.

(155). — Plínio, *Hist. Nat.*, V, 19. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 286.

não era só, pois na própria Mauritânia havia colônias de Roma, que desejavam fazer parte duma província romana. Também durante os reinados de Juba e de Ptolemeu o valor econômico da Mauritânia havia aumentado e, nestas condições, a anexação pareceu um bom negócio aos romanos (156).

2. — *A Mauritânia Tingitana durante o Alto-Império.*

Com a anexação e desmembramento do reino de Ptolemeu, a Tingitânia seguiu o ritmo da vida do Império. Não teve a honra de ser governada por um procônsul, como a África, ou por um propretor, como a Numídia. Recebeu apenas, como a Cesariana, um procurador (*procurator*) residente em Tingis (Tânger) — ou em Volubilis, como o quer Carcopino (157). Esse governador, pertencente à ordem eqüestre, dependia diretamente do imperador e, dispondo de menos tropas que o seu colega da Cesariana, em caso de perigo, devia apelar para as tropas da Bética, o que é bem interessante, pois mostra como Tingitânia viveu na dependência da Ibéria durante o Império Romano. Poucas eram as tropas regulares romanas na Tingitânia, ao contrário do que acontecia com a Cesariana, que era a sede da III legião Augusta, por ser essa província, — em face dos nômades — uma das mais agitadas do Império (158).

Na Tingitânia houve tropas regulares destacadas de outros corpos, mas ao lado delas, encontramos numerosas tropas auxiliares, equipadas e adestradas à romana, comandadas por oficiais romanos ou chefes nascidos nos campos militares (*ex-castris*), portanto, bem romanizados. A *pax romana* consistiu, essencialmente, em impor os bérberes romanizados aos bérberes que não o eram (159).

(156). — EAST, *Géographie historique de l'Europe*, 30; GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 286-287.

(157). — CARCOPINO, *Volubilis regia Iubae*, in "*Hespéris*", XVII, 1933, pp. 1-24.

(158). — JULIEN, *op. cit.*, 162.

(159). — CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 40.

A Tingitânia, agrícola e pastoril no litoral, estava sempre em ebulição nas montanhas, e em consequência, os romanos muitas vezes tiveram de intervir (160). Assim, nos reinados de Domiciano (81-96), Trajano (98-117) e principalmente no de Adriano (117-138), Roma foi obrigada a empreender campanhas contra os montanheseos insubmissos. Em 118 houve uma insurreição que se prolongou por diversos anos, apesar da ação do procurador e talvez da intervenção pessoal do imperador Adriano. Os imperadores seguintes não foram mais felizes, pois com Antonino-o-Pio (138-161) (161) a insurreição, sempre endêmica, reapareceu com tal intensidade, que foi necessário trazer reforços da Síria, da Espanha e da Panônia, para libertar o território da província até o Atlas (144 a 152?). O levante propagou-se até o Aurés (o *Aurasius Mons* dos romanos), maciço montanhoso ao sul da Numídia, entre os altos planaltos e o deserto, de acesso difícil, mas muito fértil. Pela primeira vez os romanos penetraram na região e, para isso construíram uma via militar em 145 (162). Com Marco Aurélio (161-180) e Cômodo (180-192) novamente apareceram as agitações, o que vem provar aquilo que já dissemos sobre o individualismo do bérbere, que não se deixou assimilar por potência alguma e que sempre reagiu a toda e qualquer tentativa de domínio.

Para jugular essas insurreições endêmicas, os romanos construíram uma linha de fortificações ao longo da fronteira meridional, aproveitando os acidentes topográficos. Mas essa política defensiva não teve sucesso, porque os bérberes nômades tomaram a ofensiva, conseguiram destruir os fortins e, atravessando o Estreito, invadiram a Bética por diversas vezes, como já o tinham feito no tempo de Bogude I e de Nero.

Durante o reinado de Marco-Aurélio (em 172 ou início de 173) a Espanha sofreu uma incursão de mou-

(160). — Cf. *supra*, pp. 201-206.

(161). — Vide GSELL e CARCOPINO, *L'inscription de Sala...*, in "*Mélanges d'archéologie et d'histoire* (Escola Francesa de Roma), 1932. Apud GAGÉ, *Nota acerca das origens e do nome da antiga cidade de Volubilis*, 88-89.

(162). — BESNIER, *Lexique de géographie ancienne*, 110; JULIEN, *op. cit.*, 148; CHAPPELLE, *op. cit.*, 113-114.

ros, que, burlando a vigilância da frota de Cesaréia, — cuja finalidade era a repressão da pirataria, mas que na realidade possuía valor militar secundário — e da III legião, cruzaram o Estreito de Gibraltar e foram sitiá-la Singilis (Antequera la Vieja). O governador da Lusitânia, Maximino, acudiu em socorro da cidade e conseguiu fazer com que os bérberes levantassem o cêrcio; celebrou sua vitória numa inscrição, dizendo-se o restaurador da paz na Bética, que foi então, temporariamente talvez, província imperial, estacionando a VII legião em Itálica. Vário Clemente, reunindo uma frota foi ao encontro dos mouros e os fez recuar para a Tingitânia, completando assim a obra de Maximino. Como vemos, essa incursão foi facilmente repelida, mas a tranqüilidade não reinou por muito tempo. Em 173, após o licenciamento de veteranos na Sardenha, e como a esquadra de Cesaréia estivesse ocupada alhures, os mouros aproveitaram novamente a ocasião e lançaram-se *in Hispanias*, pois foram além da Bética, tendo estado na Lusitânia, como o prova a inscrição de Grato Juliano (163).

Mas qual teria sido a causa desses movimentos? Não sabemos ao certo. Eles teriam sido determinados, provavelmente, por uma série de más colheitas e pela destruição das pastagens, provocadas pela sêca prolongada.

Parece que essas invasões não causaram danos graves, pois os que nelas tomaram parte deviam ser, na sua maioria, nômades e não sedentários, que estavam mais ou menos romanizados e permaneciam fiéis a Roma. Assim, essas incursões tiveram o caráter de razias, método comum de combate das tribos insubmissas do Rife.

Resta-nos um último aspecto a examinar: de onde provinham êsses mouros? A agitação teve lugar quase

(163). — THOUVENOT, *Les incursions des Maures en Bétique sous le règne de Marc-Aurèle*, in "*Revue des Études Anciennes*", t. XLI, janeiro-março de 1939, p. 22 e 25; CORREIA (Virgílio), in "*História de Portugal*". Portucalense Editora, I, 238. BALLESTEROS, H.E., I, 328.

exclusivamente na costa norte da Tingitânia, pois foi sobretudo a Ibéria que sofreu com ela. Ora, segundo os autores antigos (164), essa costa era habitada por duas tribos: os *macaenites* (os atuais masmudas) e os *baquates* ou *bacuates* (nome em que é fácil reconhecer os atuais berguatas). Esses indígenas são qualificados no *Itinerário*, de bárbaros, isto é, como não fazendo parte do *Orbis Romanus*, o que indica a sua qualidade de insubmissos e rebeldes. É possível que essas duas tribos tenham agido conjuntamente, mas se foi só uma delas que invadiu a Bética, essa deve ter sido a dos *baquates*, que ocupava a região do atual Rife. Mais tarde fez ela idêntica expedição contra *Cartennas* (cidade marítima da Mauritânia Cesariana, a leste de *Iol-Caesarea*), a atual Tenés. O cerco que êsses mouros aí fizeram, — que fracassou graças à energia dum duúnviro — é colocado no terceiro século (165), mas pode perfeitamente ter sido antes. Esta incursão deve ter sido também por mar, em virtude da considerável distância que separa Tenés do Rife. Esse fato nos mostra como era fácil a êsses piratas franquear rapidamente, — principalmente quando a esquadra de Cesaréia estava ocupada alhures — o braço de mar que os separava da costa espanhola e desembarcar, por exemplo, perto de Cartéia, no fundo da baía de Algeciras; daí, remontando a via romana em direção de Uso (Osuna) e de Corduba, na região da atual Bobadilha, podiam à sua vontade, seguindo sempre as vias romanas, dirigir-se para leste em direção de Singilia Barba, ou para oeste rumo a Hispalis, Itálica e Lusitânia (166).

Septímio (193-211) e Alexandre-Severo (222-235) também tiveram dificuldades com os bérberes (167). O primeiro é responsável pela introdução, em grande escala, do camelo na África do Norte, o que veio causar

(164). — Ptolemeu, IV, i, 5; o *Itinerário de Antonino*, 2; Júlio Honório, *Cosm.*, ap. *Geographi latini minores*, ed. Riese, p. 53. Cf. THOUVENOT, *Les incursions...*, 27.

(165). — THOUVENOT, *Les incursions...*, 27; CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 58.

(166). — THOUVENOT, *Les incursions...*, 27; CHARLES-WORTH, *op. cit.*, 156-161.

(167). — JULIEN, *op. cit.*, 148.

uma grande subversão social, econômica e política na Berbéria (168). Com o segundo, começa a revolta contínua dos nômades contra os romanos e os sedentários romanizados, conseguindo estes apenas manter a sua soberania nas cidades costeiras, como veremos mais adiante.

Essa rebelião no reinado de Marco-Aurélio foi finalmente jugulada. Um século depois, teremos idênticos acontecimentos. Mas então, as forças de resistência do Império estarão diminuídas pelas contínuas lutas civis e sua reação será menos forte (169). Será o primeiro recuo do poderio romano na Tingitânia e o início dos séculos obscuros da História do Magrebe, tão bem estudados pelo saudoso E. F. Gautier no seu magistral livro: *Le passé de l'Afrique du Nord. Les siècles obscurs*.

3. — *A Mauritânia Tingitana durante o Baixo- Império.*

Aproveitando-se da desordem reinante no Império e, conseqüentemente, do afrouxamento da vigilância exercida pelos romanos, assim como da supressão da III legião Augusta, — que foi no entanto prontamente restabelecida, precisamente em virtude da rebelião — os bérberes se revoltaram mais uma vez (170). Em 253 a insurreição atingiu a Numídia e a Cesariana. Teve início no maciço dos Babors, ou pelo menos nas suas imediações, entre os *uadis* Sahel e el-Kebir (na Mauritânia Setifiana). Aí residia a tribo dos havares que se uniu às cinco tribos da Cabília (os *quinquegentii* dos romanos) estabelecidas entre as cidades marítimas de Saldae e de Rusucurru (na Mauritânia Cesariana). Mas ao mesmo tempo que ocorria a insurreição dos cabilas, os rifenhos das proximidades de Tingis se revoltaram, aproveitando a ocasião. São os mesmos mouros que invadiram a Bética no reinado de Marco-Aurélio, isto é, os *baquates* e *macaenites* de que já tratamos

(168). — Cf. *supra*, pp. 72 e 198-199.

(169). — THOUVENOT, *Les incursions...*, 28.

(170). — JULIEN, *op. cit.*, 223.

(171). Tudo foi devastado e a pressão dos nômades foi tão grande que o *limes* foi recuado até a linha: *Tamuda* (Tamuco; a atual Tetuão), *Ain Dahia* (Duga), *Aulucos* (Lixo; a atual Larache), *Castrabariensis* (Banasa; *Colonia Iulia Valentia Banasa*), *Tabernae*, *Frigidae*, *Volubilis* (172). A ordem foi restabelecida pessoalmente, em 297, por Maximiano (285-305), o colega de Diocleciano na tetrarquia (173).

Em 256-258 os francos atravessaram a Gália e penetraram na Ibéria. Daí, eles passaram para o Magrebe (em 266), desembarcando nas proximidades de Tingis. Esse fato não está ainda bem esclarecido na História da Tingitânia, pois não sabemos quem é que forneceu navios para a travessia, nem em que lugar exato eles desembarcaram, onde se instalaram e qual o número dos que passaram para a Berbéria. Essa rápida incursão pelas províncias mais romanizadas, mostra em que estado estavam as defesas do Império, indicando também que as guarnições da Tingitânia tinham pouco valor combativo, ou então, que foram cúmplices da invasão (174).

Diocleciano (285-305) quando instaurou a tetrarquia, reorganizou militar e administrativamente (87 províncias em 12 dioceses) o Império. A África do Norte foi dividida em seis províncias: Tripolitânia, Bizacena, África Proconsular ou Zeugitana, Numídia, Mauritânia Setifiana e Mauritânia Cesariana. A Tingitânia foi destacada administrativamente do resto da África, para ser ligada à diocese da Espanha, consagrando assim um estado de cousas latente durante mais dum século, pois a inscrição de Tingis, que parece ser do tempo de Marco-Aurélio, indicava que ela estava de facto ligada administrativamente à Bética. Como se vê, Diocleciano levou em consideração as contínuas insurreições da Tingitânia montanhosa, porque sabemos que

(171). — *Ibidem*, 222-224. *Vida supra*, p. 242.

(172). — Esse interessante pormenor está consignado na *Notitia Dignitatum Occ.* XXVI. Apud CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 58; BESNIER, *op. cit.*, 437 e 736.

(173). — CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 58; MATTINGLY, in *C.A.H.*, XII, 333-334.

(174). — CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 57; JULIEN; *op. cit.*, 224.

no III século, o desfiladeiro de Taza, por onde as Mauritânias Tingitana e Cesariana se comunicavam por via terrestre, estava ocupado pelos bérberes que impediam as comunicações (vide a disposição do *limes* no I e no III século na figura n.º 11). Mas êsse fato, imposto pelas circunstâncias, teve precedentes numa época em que os romanos mantinham as comunicações entre as duas províncias inteiramente livres, pois em 69 o imperador Otão fez agregar administrativamente algumas cidades da Tingitânia à Bética (175), chegando mesmo a outorgar a essa região as rendas de muitas cidades do atual Marrocos (176). Vemos assim que a província da Tingitânia, depois do III século, estava reduzida ao litoral, comunicando-se com o mundo romano apenas através do Estreito de Gibraltar. Não podíamos achar argumento mais interessante para a nossa tese do que êste, em que o Homem veio em auxílio da natureza, unindo regiões tão semelhantes.

Após 297. todos os testemunhos são acordes em afirmar que a Tingitânia e suas dependências estavam sujeitas à Bética. Assim, São Cipriano, — contemporâneo desses acontecimentos — nas suas cartas, fala da província da África, da Numídia e das Mauritânias Cesariana e Setifiana, mas nada diz sobre a Tingitânia, porque Cartago — capital religiosa da Berbéria — não tinha jurisdição sobre ela. Êsse fato é verdadeiro, porque na África do Norte, como em todo o Império, a divisão administrativa dos cristãos seguia fiêlmente a divisão imperial (177).

Diocleciano, tendo separado a administração civil da administração militar, colocou as tropas da Tingitânia sob as ordens dum conde (*comes Tingitanae*), que dependia do *Magister peditum* de Roma. A administração civil ficou sob a dependência do vigário da Espanha (178). Essas medidas se explicam pelo que

(175). — CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 58; JULIEN, *op. cit.*, 225; EAST, *op. cit.*, 24; CHARLESWORTH, *op. cit.*, 148; BALLESTEROS, *H.E.*, I, 349.

(176). — Tácito, *Histórias*, I, 78. trad. de Henri Bornecque, 102; ENSSLIN, in *C.A.H.*, XII, 392-395.

(177). — CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 59.

(178). — *Ibidem*; JULIEN, *op. cit.*, 226.

já dissemos (179) do desfiladeiro de Taza, que estava ocupado pelos nômades. Em consequência dêsse fato, o comércio da Tingitânia efetuava-se quase exclusivamente através dos portos da Ibéria (180).

Constantino (306-307), na reorganização determinada pela mudança da capital do Império para Bizânzio, manteve as reformas essenciais de Diocleciano e reuniu à prefeitura das Gálias, a diocese da Espanha com a Tingitânia; o conde desta província teve sob seu comando um prefeito da cavalaria, cinco coortes e corpos móveis (181). A África foi dotada então dum corpo especial de cameleros, o que mostra a necessidade existente de combater os nômades com as suas próprias armas (182). Durante o seu reinado, originou-se na África e tomou grande desenvolvimento o donatismo, movimento religioso cismático, oriundo da recusa do bispo Donato em admitir à comunhão todos os indivíduos que, durante a perseguição de Diocleciano, tinham entregue aos pagãos os vasos sagrados e os livros santos (*traditores*) ou então apostatado (*lapsi*). Constantino declarou os donatistas fora da lei, porque estavam contra o Papado. Essa sua atitude suscitou uma verdadeira rebelião, porque os cismáticos eram muito numerosos na África. Paralelamente ao donatismo, e no início sem contacto com êle, desenvolveu-se um movimento puramente social, o dos *circumcelliones*, camponeses que se revoltaram contra os proprietários de terras. No fundo, era a velha luta do indígena, não assimilado, contra a romanização, pois sabemos que no campo se falava ainda o púnico ou o bérbere, e que os deuses adorados não eram os romanos (183).

Essas incessantes agitações haviam obrigado os imperadores a reforçar a ocupação militar. Mas, como já vimos o recrutamento foi sendo cada vez mais local, o que tornava as tropas pouco seguras, suscetíveis de aderir — como fizeram várias vêzes — aos movimen-

(179). — Cf. *supra*, p. 245.

(180). — Cf. *infra*, pp. 249-253.

(181). — CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 59.

(182). — *Ibidem*, 60.

(183). — JULIEN, *op. cit.*, 243-245; GAUTIER, *Genséric*, 129-137; GWATKIN, in *C.M.H.*, I, 11-12.

tos insurreccionais. Além disso, os quadros administrativos e militares, compostos de romanos, estavam em plena desorganização, o que tornava completamente inútil qualquer ação enérgica. As cidades bérberes romanizadas não podiam contar mais com o exército da África para defendê-las. E um exemplo disso, temos no caso do conde da África, Romano, que permitiu aos nômades que saqueassem Leptis Magna (365-366) (184). As intervenções suspeitas do conde num caso de sucessão dum príncipe da Cabilia, fez com que um chefe mouro, Firmo, farto do poder romano, se revoltasse por sua vez. Isso mostra a gravidade do acontecimento, pois tratava-se dum indivíduo completamente romanizado, que tinha mesmo servido no exército da África, fato que lhe permitiu arrastar à revolta uma boa parte do mesmo. Os donatistas e *circumcelliones* fizeram causa comum com os rebeldes. Cesaréia (Cherchel), Icósio (Argel) e Cartena (Tenés) foram saqueadas e muitas cidades marítimas foram ocupadas (372). Como se vê os romanos estavam correndo o risco de perder as Mauritânias Cesariana e Setifiana, assim como a Numídia; isso fez com que Roma apelasse para o seu melhor general, o conde Teodósio, — pai do futuro imperador Teodósio — que desembarcou em Igil-gilis (Djidjelli) em 373. Durante três anos combateu duramente os rebeldes, ao mesmo tempo que entrava em negociações com as confederações de tribos, conseguindo finalmente a vitória, com a morte de Firmo em 375. Mas não gozou muito tempo o seu triunfo, pois foi acusado pelos rivais de aspirar ao trono, tendo sido, por isso, condenado à morte (185).

A vitória restabelecia a ordem na Mauritânia temporariamente, cousa necessária, porque as devastações eram enormes e a população estava desesperada. Os donatistas foram perseguidos como cúmplices de Firmo, mas sem resultado, pois sabemos que os vândalos — arianos — perseguiram tanto os católicos como os partidários de Donato (186). Em todo o caso, o cisma diminuiu muitíssimo de intensidade na época de Santo

(184). — JULIEN, *op. cit.*, 247-248.

(185). — *Ibidem*, 248-249; CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 60; ALBERTINI, *L'Empire Romain*, 381-382.

(186). — JULIEN, *op. cit.*, 254.

Agostinho, que foi, sem favor, a maior figura do cristianismo na África.

O irmão de Firmo, Gildão, que tinha auxiliado muitíssimo a repressão da revolta, foi recompensado com o cargo de conde da África (cêrca de 386). Permaneceu fiel durante doze anos, mas em 393 recusou-se a auxiliar Teodósio (379-395) contra um pretendente ao trono imperial. Entretanto, só tomou uma atitude definitiva em 396, após a morte de Teodósio. Procurou desligar e passar a alçada da sua diocese, do imperador do Ocidente, Honório (395-423), para o imperador do Oriente, Arcádio (395-408), que difficilmente poderia fiscalizá-lo, em virtude da distância. Como interrompesse a expedição de trigo para Roma, Estilicão, usando a mesma política de Teodósio, conseguiu que seu irmão, Mascezel, assumisse o comando das tropas que derrotaram facilmente o chefe rebelde. Mas, entre os soldados que vieram à África, havia muitos vândalos que viram pela primeira vez as grandes riquezas da Berbéria, estabelecendo talvez aí conviências para sua futura invasão (187).

Como vimos (188), a Tingitânia já na época de Diocleciano limitava-se quase exclusivamente às cidades marítimas, com um pequeno território em volta e assim permaneceu até a conquista árabe. O interior tinha caído nas mãos dos príncipes indígenas, divididos em confederações de tribos. Mas, todos os aspectos da luta dos naturais do país contra Roma, de que tratamos nas páginas anteriores, tiveram repercussões nessas cidades, porque cada uma delas era uma fortaleza que se defendia da pressão indígena, como os *presídios* espanhóis e as possessões portuguesas da costa marroquina do Atlântico, nos tempos modernos.

I). — ROMA E SUA CIVILIZAÇÃO NA TINGITÂNIA (189).

Apesar dessas insurreições e dessas incursões de mouros na Bética, obra dos nômades, a paz que Roma

(187). — CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 61; JULIEN, *op. cit.*, 251; MANITIUS, in *C.M.H.*, I, 263-264.

(188). — Cf. *supra*, p. 245.

(189). — Vide ALBERTINI, in *C.A.H.*, XI, 479-491.

fez reinar em todo o Império, beneficiou muitíssimo a Tingitânia, permitindo que esta mantivesse com tôdas as regiões do *Mare Nostrum* e principalmente com a Ibéria, importantes relações comerciais. Essas relações permitiram também a eclosão duma magnífica civilização urbana na zona do litoral e nas planícies, pois durante quase dois séculos (de 42 até o reinado de Alexandre-Severo: 222-235) não houve aí turbação grave e continua da *pax romana*.

1. — *As relações comerciais da Tingitânia com o mundo romano.*

Temos absoluta certeza da existência de relações comerciais intensas entre a Mauritânia Tingitana e a Ibéria, principalmente com a Bética. Mas, se não possuímos provas de que os mouros iam comerciar diretamente na Europa, sabemos pelo menos que marinheiros e pescadores de Gades e de outros lugares da Ibéria freqüentavam os portos do atual Marrocos e suas costas atlânticas (190). Eles se aventuraram também, juntamente com os mercadores de púrpura da Getúlia, muito longe, ao longo da costa ocidental da África (191).

Como vimos (192), Juba, apesar de ser um sábio e um escritor, procurou obter grandes lucros com a instalação da indústria da púrpura nas ilhas de Mogador, aproveitando a abundância do múrice na costa da Mauritânia. Essa indústria constituía, sem dúvida, um monopólio real, pois só assim se justifica o interêsse pessoal do soberano por ela. Horácio (193), falando da

(190). — Diodoro de Sicilia, V, 20; Estrabão, II, iii, 4; Timeu, *De Mirab. ausc.*, 136. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, I, 373; BÉRARD, *Les navigations d'Ulysse*, III, 422; segundo SCHULTEN e BOSCH-GIMPERA, *Fontes Hispaniae Antiquae*, II, 96, n.º 4. Apud THOUVENOT, *Les deux têtes d'Éros de Volubilis. Le Silène endormi de Volubilis. Chapiteaux romains tardifs de Tingitane et d'Espagne*. Separata das "Publications du Service des Antiquités du Maroc", fasc. 3. Paris. 1938. p. 19.

(191). — Plínio, *Hist. Nat.*, II, 168. Apud CHARLESWORTH, *op. cit.*, 147 e 233-234.

(192). — Cf. *supra*, pp. 232-233.

(193). — Horácio, *Odes*, II, 16, 35. Apud *Odes e Epodos*, trad. de F. Villeneuve, I, 79.

qualidade da púrpura getula, gaba as vestimentas tintas duas vêzes:

“...bis Afro murice tinctae lanae...”

A púrpura da Getúlia foi objeto duma grande exportação para as outras regiões do Império. Infelizmente, não possuímos dados diretos sôbre êsse comércio, porque conhecemos de modo seguro sômente alguma cousa da exportação dêsse produto da Tingitânia, através do movimento do pôrto de Cesaréia, que, como sabemos, estava situado na Mauritânia Cesariana. Êsse pôrto tinha um comércio intenso com a Ibéria. Tanto é assim, que as cidades que mais importavam mercadorias da Mauritânia eram precisamente Gades, Cartagena e Tarragona, cousa aliás muito natural, em virtude da proximidade existente entre Marrocos e a Ibéria. E a prova da interpenetração comercial entre as duas regiões está no fato das cidades de Gades e Cartagena solicitarem a Juba a aceitação, por um ano, da sua mais alta magsitatura, e no fato, bem característico, dos arqueólogos encontrarem grande número de moedas da África nessas cidades (e inversamente) (194), além de inscrições dedicadas a Juba (195).

Com a Itália, Cesaréia mantinha comércio bem concorrido, como provam os restos de vasos vermelhos chamados *arretinos*, cobertos com um verniz brilhante e com imagens em relêvo, oriundos de *Arretium* (Arezzo na Toscana), pois êles conservam ainda as marcas de fábrica bem visíveis. Êsse comércio durou de 40 a.C. a 60 da nossa era, mais ou menos. Algumas fábricas de cerâmica da Campânia exportaram também seus produtos para Cesaréia (196). Vasos iguais a êsses, mas originários da Gália (da região de Rouarge), são encontrados igualmente em Cesaréia; parece que penetraram na África do Norte entre o reinado de Tibério e o fim do I século. Nesses locais são encontradas muitas moedas provenientes da África e vice-versa (197).

(194). — GSELL, *H.a.A.N.*, VI, 80 e VIII, 231-232.

(195). — CHARLESWORTH, *op. cit.*, 148.

(196). — GSELL, *H.a.A.N.*, VIII, 232.

(197). — *Ibidem*, VIII, 213-214 e 232-233.

Sabemos muito pouca cousa sôbre as vias romanas da Tingitânia (vide fig. 13). As colônias fundadas por Augusto nessa região estavam ligadas aos portos marítimos e talvez também entre si. Conhecemos, mas em época posterior à dêsse imperador, a existência de vias romanas entre Tingis, Sala (Chela) e *Ad Mercurium*, assim como entre Tingis e Volubilis (*Ksar Faraun*) (198). Mas é interessante ressaltar que essas cidades estavam mais ligadas à Ibéria, que lhes ficava bem próxima, do que às outras províncias do nor-

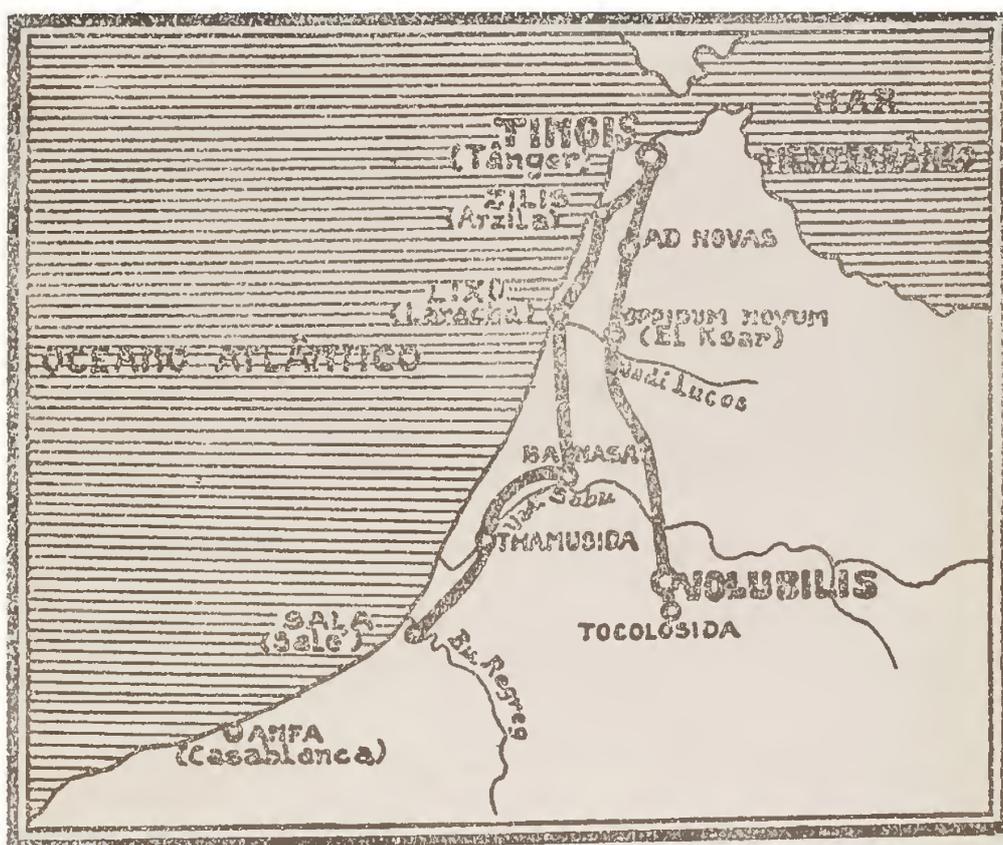


Fig. 13. — A MAURITANIA TINGITANA: CIDADES E VIAS ROMANAS [Apud GAGÉ, *Nota acêrca das origens e do nome da antiga cidade de Volubilis (Mauritânia Tingitana)*, p. 89]

te da África. As comunicações por terra com as regiões vizinhas não foram sempre contínuas, mesmo no III e IV séculos, quando a rêde das vias romanas atingiu

(198). — CHARLESWORTH, *op. cit.*, 145; JULIEN, *op. cit.*, 195.

seu desenvolvimento máximo, porque o desfiladeiro de Taza foi ocupado várias vezes pelos nômades, antes de cair definitivamente em suas mãos. A prova disso está em que se ia de Tingis a Pôrto Magno, na Cesariana, somente por mar (199). Essa solução de continuidade nas comunicações terrestres, explica-se também pela grande facilidade e segurança dos transportes marítimos. Além disso, muitos dos rios da Berbéria eram navegáveis e por êles as cidades do interior se comunicavam com o litoral. A navegação era também muito ativa na costa norte da África, onde abundavam os peixes e o múrice (200).

As cidades da costa ocidental da Tingitânia tinham laços estreitos com as cidades da costa ibérica. Tanto isso é verdade, que Tingis estava ligada a Belo (201) por um serviço regular de transportes marítimos, — apesar da distância entre elas ser de trinta milhas mais ou menos — acontecendo o mesmo entre Lixo e Gades (202). O tio de Columela encontrou carneiros da África em navios de certos *munerarii*, exportadores de animais ferozes destinados aos jogos circenses (203). Siga, na Cesariana, comunicava-se da mesma maneira com Málaga, que Estrabão e Plínio (204) chamam de:

“... mercado dos nômades da outra margem...”

Existe também um grande número de inscrições assinalando a presença de espanhóis na África e de africanos na Espanha.

Assim é que um cidadão de Cesaréia residia em Tarraco (205) e que um espanhol da Bética, enterrado

(199). — CHARLESWORTH, *op. cit.*, 145.

(200). — *Ibidem.*

(201). — Estrabão, 140; Pompônio Mela, I, 5, 26. Apud CHARLESWORTH, *op. cit.*, 148.

(202). — Estrabão, 825, 2. Apud CHARLESWORTH, *op. cit.*, 148.

(203). — Columela, VII, 2. Apud CHARLESWORTH, *op. cit.*, 148.

(204). — Plínio, *Hist. Nat.*, V, 19 e *Corpus Inscriptionum Latinarum*, VIII, 19146; Estrabão, 156. Apud CHARLESWORTH, *op. cit.*, 148.

(205). — *Boletín de la Real Academia de Historia*, Madrid, 1915. Apud CHARLESWORTH, *op. cit.*, 148.

naquela cidade, deixou um epitáfio em que revela sua origem (206):

“... *Baetica me genuit tellus...*”

Mas apesar dêsse comércio intenso com a Itália e principalmente com a Ibéria, e não obstante a fundação de colônias romanas ao longo do litoral e no interior, a Mauritânia foi sempre uma região mal conhecida pelos escritores gregos e latinos (207).

2. — *As colônias romanas e a civilização urbana.*

A influência de Roma fez-se sentir na Tingitânia principalmente nas cidades, quase tôdas situadas no litoral. Essa influência foi mais intensa nas colônias romanas que foram fundadas — algumas em antigas cidades púnicas — depois da vitória de Otávio. De fato, êste criou uma dezena de colônias, mas não as menciona no relatório oficial do seu reinado (208), porque não foram fundadas em província romana, pois nessa época (entre 33 e 25 a.C.) a Mauritânia estava dependente de Augusto, numa situação tôda especial. Com a instalação do reino de Juba II, seria difícil supormos a criação de novas colônias romanas num reino estrangeiro, ainda que dependente de Roma.

Entre as colônias fundadas por Augusto, citamos (209): a *colonia Iulia Constantia Zilis*, entre Tingis e Lixo, em Arzila, onde houve antes uma colônia fenícia; a *colonia Iulia Campestris Babba*, situada no interior, a 40 mil passos de Lixo; a *colonia (Iulia) Valentia Banasa*, a 75 mil passos. Cláudio fez também de Lixo uma colônia romana, Tingis recebeu o direito de cidade romana (em 42?) como paga de sua revolta contra Bogude (210).

(206). — *Corpus Inscriptionum Latinarum*, VIII, 21031. Apud CHARLESWORTH, *op. cit.*, 148.

(207). — GSELL, *H. a. A. N.*, VIII, 234.

(208). — GAGÉ, *Res Gestae Divi Augusti*, V, 35-36, p. 132.

(209). — Plínio, *Hist. Nat.*, V, 3 e 5. Apud ROGET, *op. cit.*, 29-30.

(210). — Cf. *supra*, p. 220.

As colônias romanas subsistiram encravadas na Tingitânia, nos reinados de Juba e de Ptolemeu. Uma delas, Zilis (211),

“estava isenta da autoridade dos reis e colocada sob a jurisdição da Bética.”

Mas não foram somente as colônias romanas e as cidades marítimas os focos de romanização da Tingitânia. Volubilis (212), que dominava uma extensa planície, tornou-se o centro mais ativo e florescente dessa região, principalmente após a época de Septímio-Severo (193-211), o Africano, que parece tê-la visitado. Isso não quer dizer que ela não tivesse sido antes uma cidade importante, pois segundo a opinião de Carcopino (213), Volubilis foi uma das residências reais de Juba e depois tornou-se, temporariamente, a sede do governo romano na Tingitânia. Em todo o caso, Volubilis foi a sede dum município romano, criado na época de Cláudio, em substituição a uma próspera cidade indígena, — pelo menos é o que as inscrições revelam (214) — tendo sido, talvez, até mesmo colônia romana (215). Hoje ela apresenta ruínas imponentes — chamadas pelos indígenas de *Ksar Faraun* (Castelo dos Faraós) (216) — que estavam sendo escavadas antes da guerra sob a magistral direção de Raymond Thouvenot. Essas escavações não estão ainda terminadas, mas pela área já explorada (cinco quilômetros por dois e meio), podemos concluir que era uma cidade que podia conter uma população urbana de 15 a 20 mil habitantes. Foram exumados das ruínas o arco de Caracala, ruas, casas,

(211). — Plínio, *Hist. Nat.*, V, 3. Apud ROGET, *op. cit.*, 29; CHARLESWORTH, *op. cit.*, 141.

(212). — Nome derivado de Volux, filho de Boco I, segundo a interessante hipótese apresentada pelo prof. JEAN GAGÉ, in “*Nota acêrca das origens e do nome da antiga cidade de Volubilis (Mauritânia Tingitana)*”, 93-95.

(213). — CARCOPINO, *op. cit.*, 1-24.

(214). — GSELL, *H. a. A. N.*, IV, 495, nota 4 e V, 132, nota 7; JULIEN, *op. cit.*, 195; GAGÉ, *Nota...*, 89, nota 2.

(215). — *Antonini Itinerarium*, 3. Apud ROGET, *op. cit.*, 40.

(216). — HARDY e AURÈS, *Les grandes étapes de l'Histoire du Maroc*, 24.

lagares; foi descoberto o forum com sua basílica, suas estátuas e sua tribuna; foram encontrados também bellos mosaicos, objetos de arte, como o famoso cão de bronze, um efebo em bronze (bela cópia dum original grego do V século a.C.) e uma cabeça de mármore, na qual se pretende reconhecer os traços dum jovem bérbere (217). A série de trabalhos de Raymond Thouvenot — que apresentamos na bibliografia geral — nos permite fazer uma idéia do que foi o esplendor urbano de Volubilis (termas de Galiano, estátuas de Eros, o sileno adormecido, etc.).

Devemos dizer, entretanto, em abono da verdade, que a civilização romana na Tingitânia foi menos brilhante que em qualquer outra província da África do Norte, pois as ruínas de Cesaréia, de Lambessa (*Lambæsis*), de Thebeste, etc., são muito mais ricas (218). Não vemos aí também, a magnífica eclosão das artes, das ciências e das letras, — que só com o cristianismo adquiriram um certo brilho na Tingitânia — que fizeram da Bética, depois de Trajano, a mais romanizada das províncias do Império, pois não encontramos nem em Tingis, nem em Volubilis, as mesmas provas de vida intelectual (219). Como explicar êsse fato, sendo as duas províncias tão próximas uma da outra? Pensamos que a resistêcia dos indígenas das zonas montanhosas, o acantoamento dos romanos e dos romanizados nas cidades do litoral, assim com a distância que separa Marrocos de Roma, — mesmo sem levar em conta que ela foi a última província conquistada no Extremo-Occidente do Mediterrâneo — explicam sobejamente porque na Tingitânia encontramos a civilização romana mais atenuada. Mas em todo o caso, a Bética foi de tôdas as províncias do Império Romano, a que mais fez sentir sua influência na Tingitânia. Temos a prova disso na escultura e na arquitetura, — pelo menos são os dados que a Arqueologia nos oferece

(217). — *Ibidem*; JULIEN, *op. cit.*, 195; BESNIER, *op. cit.*, 825; CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 42.

(218). — CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 52; DURRY, *op. cit.*, 123.

(219). — CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 52; HOMO, *La civilisation romaine*, 352.

— pois existe uma semelhança notável entre certos capitéis e estátuas da Tingitânia e da Espanha (220).

Essa civilização urbana, oriunda de Roma, encontrou uma base fenício-púnica. E não podia deixar de ser assim, pois as antigas colônias fenícias e cartaginesas foram fundadas ao longo do litoral e os indígenas adotaram os usos e costumes semitas, — os líbios-fenícios, por exemplo — ficando o interior quase imune dêsse contacto. Sabemos também que as cidades indígenas fundadas depois do domínio cartaginês, portanto, em pleno período romano, conservaram curiosamente os quadros e as instituições púnicas, como por exemplo, Volubilis (221). Isso vem mostrar que foi no interior de Marrocos que a civilização púnica penetrou por último e por isso mesmo foi aí o seu derradeiro reduto. O mesmo acontecerá com o cristianismo, na época romana (222).

A Tingitânia foi antes de mais nada uma província militar e seu exército de ocupação protegia a Bética e a Cesariana, mais romanizadas, do ataque dos nômades. Esse exército foi recrutado depois dos Antoninos, na sua maioria, entre os próprios indígenas (223), acontecendo o mesmo com a administração. Portanto, o caso da Tingitânia é bem diferente do das outras províncias do Império, onde a agricultura pôde tomar grande incremento. Na Tingitânia, cada cidade era um centro de romanização com uma guarnição permanente, mas possuindo pouca indústria e pequeno comércio de cereais (224).

A partir da época de Aureliano (270-275), portanto em pleno III século, as cidades da Tingitânia estavam fortificadas e não possuíam território maior que vinte e cinco hectares. Tôda a cidade que passasse dêsse limite devia criar uma colônia. Temos um exemplo disso na fundação de Tocolosida por Volubilis, em 204 mais ou menos, segundo as inscrições. Esse fato explica porque havia tantas cidades no triângulo Tingis-

(220). — THOUVENOT, *Les deux...*, 19-38.

(221). — CAGNAT, MERLIN e CHATELAIN, *Inscr. lat. d'Afrique*, 634. Apud GSELL, *H.a.A.N.*, V, 132; GAGÉ, *Nota...*, 89-90.

(222). — Cf. *infra*, pp. 267-268.

(223). — Cf. *supra*, p. 80.

(224). — CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 56.

Volubilis-Sala. Essa aglomeração de cidades num pequeno território, foi prejudicial à Tingitânia, porque as crises políticas e sociais do Império repercutiram aí duma maneira intensa, facilitando assim a tarefa das tribos insubmissas, que sempre atacavam os sedentários romanizados, defendidos pelas muralhas das cidades (225).

Podemos medir, de maneira concreta, até aonde a romanização, sob a forma urbana, penetrou em Marrocos. Basta observarmos a localização do *limes* (vide fig. 11) que defendia o sedentário romanizado, do nômade insubmisso. Na Tingitânia esse *limes* passava ao sul de Sala no I século, mas já no III século os romanos possuíam apenas, *grosso-modo*, o litoral ao sul de Rusadir. Esse recuo é consequência da introdução do camelo, pois esse animal deu ao nômade a velocidade e a mobilidade necessárias para atacar o sedentário no momento favorável, e a faculdade de retirar-se rapidamente, assim que sentia resistência encarniçada. Paralelamente ao recuo do *limes*, temos a expulsão dos etíopes das estepes do sul de Marrocos para o Sudão (226).

Após o III século, o domínio romano só se manteve nas cidades costeiras da Tingitânia e assim permaneceu até a conquista da África do Norte pelos vândalos — que dominaram também na zona do litoral — para, por sua vez, caírem exangues sob os golpes da reconquista de Justiniano, que não conseguiu recuperar o interior da Tingitânia (vide o *limes* bizantino na fig. 11).

A romanização da Tingitânia se processou, portanto, somente nas cidades. Daí, o contraste violento entre as populações urbanas e as populações nômades das montanhas, entre os costumes mais ou menos policiados e a barbárie ou a semi-barbárie, quase imutáveis: essa oposição é um dos característicos mais particulares da História de Marrocos (227).

(225). — *Ibidem*.

(226). — JULIEN, *op. cit.*, 152-153; BERNARD, *op. cit.*, I, 75-76; HOMO, *L'Empire Romain*, 215-217. Vide *supra*, p. 75.

(227). — GSELL, *H.a.A.N.*, VI, 74.

Finalizando, podemos concluir dizendo que Roma, conquistando tôdas as regiões ocidentais ribeirinhas do *Mare Nostrum*, procurou torná-las um prolongamento da Itália, introduzindo nelas suas civilização urbana. Na Tingitânia, ela só conseguiu seu intento parcialmente e assim mesmo, através da Ibéria. Esse fato é curioso, porque se a Proconsular foi uma das províncias mais romanizadas, a Tingitânia, como muito bem o disse Gsell (228), foi um *baluarte* da Espanha.

J). — *O CRISTIANISMO E O FIM DO MUNDO ANTIGO NA TINGITANIA.*

1. — *Introdução do cristianismo na Tingitânia.*

O problema da introdução do cristianismo na Tingitânia, em virtude da indigência das fontes, até hoje não está bem esclarecido. Mas possuímos, entretanto, alguns dados, graças principalmente às escavações empreendidas em Marrocos, — tanto francês, como espanhol — nos últimos anos. Assim, somos obrigados, como já o fizemos para a Pré-história, a lançar mão de dados sôbre a África do Norte em geral, destacando, sempre que possível, tudo aquilo que se referir diretamente à Tingitânia.

Sabemos que o cristianismo deve ter penetrado na África do Norte pelos portos, sobretudo por Cartago, por estarem êsses locais mais em contacto com as idéias vindas de tôdas as partes do Império Romano. Julga-se que no II século já existiam cristãos na África, não sòmente porque Tertuliano o afirma, mas também e sobretudo, pela existência de mártires (229). Parece que os propagadores da nova fé recrutaram seus primeiros adeptos entre os judeus da África do Norte, em virtude, talvez, da sua natural predisposição. Dos portos, a nova doutrina penetrou rapidamente pelo interior, pelo menos até aonde a romanização tinha alcan-

(228). — *Ibidem*, I, 37-38.

(229). — GAGÉ, *Nouveaux aspects de l'Afrique chrétienne*, 183.

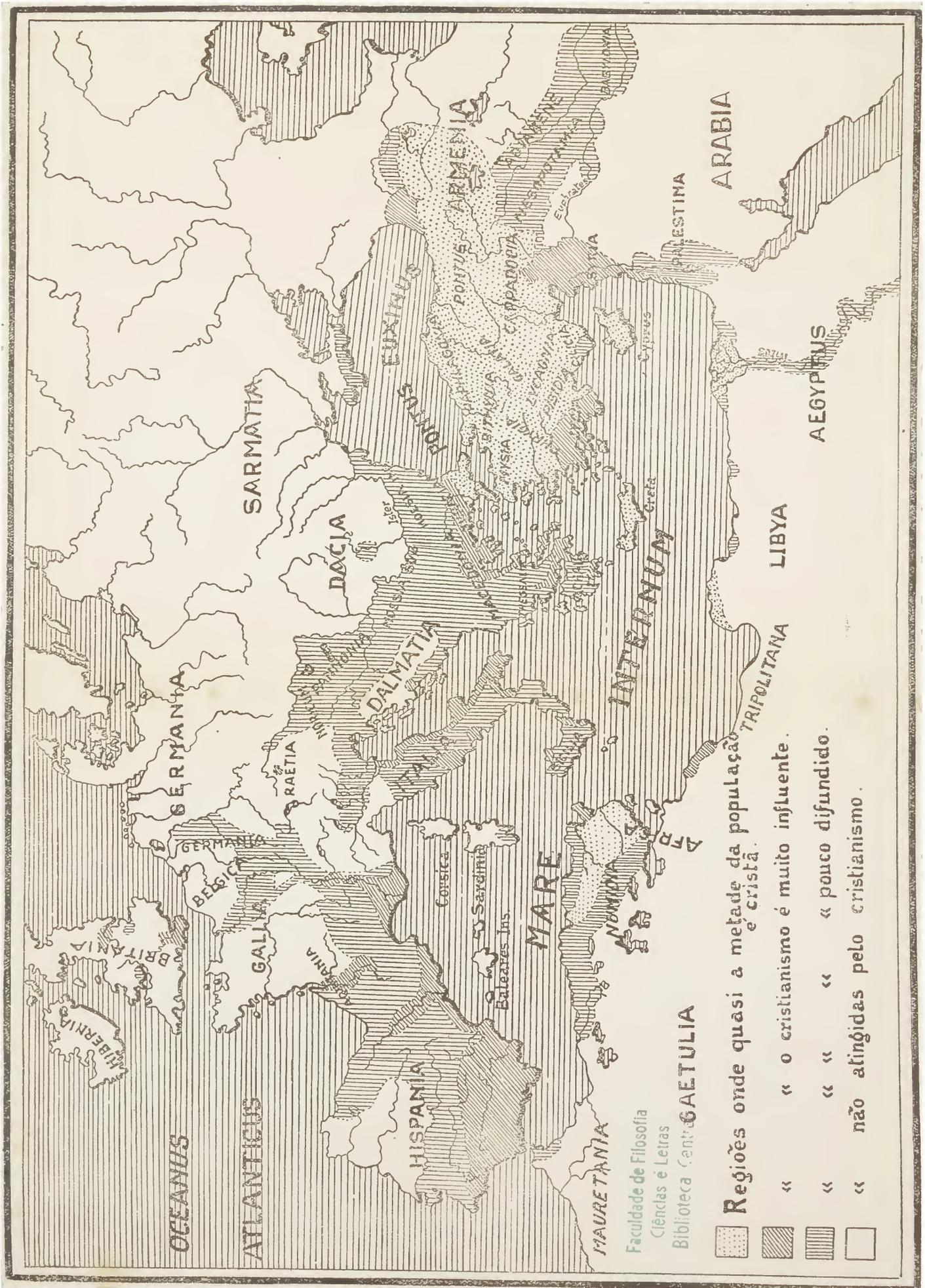


Fig. 14. — A EXPANSÃO DO CRISTIANISMO NO IV SÉCULO (Apud DELAPORTE, FIGANOL, DRITON e COHEN, Atlas historique. I. Antiquité, mapa XXX).

çado e, talvez ainda mais além, entre os nômades, graças ao trabalho dos evangelizadores (vide fig. 14).

Na Tingitânia, parece que o cristianismo penetrou no III século, principalmente por Tingis, então o grande pôrto de relações diretas com a Ibéria, Cartago e Roma. Sabemos também que nesse século, a Numídia já tinha um grande número de bispos (230).

Quanto à origem da Igreja da África, seu estudo tem dificuldades idênticas ao da introdução do cristianismo. Mas aqui a Epigrafia auxilia poderosamente a História, pois ela nos mostra que a Igreja da África, pelas suas inscrições, pela língua da sua liturgia, é uma Igreja latina, a mais latina de todo o Ocidente nessa época, porque até a própria Igreja de Roma no fim do II século era, no seu conjunto, de língua grega, acontecendo o mesmo com a Igreja da Gália (231).

Não sabemos também de que regiões do Império veio o cristianismo para a Berbéria. Duas vias eram possíveis: diretamente de Roma, ou do Oriente. Por outro lado, elas podiam ser utilizadas simultaneamente. Santo Agostinho (232), contrário ao que nos fazem supor certos estudos modernos, parece crer na origem oriental, ou então numa origem ocidental, mas não oriunda diretamente de Roma (233). Certos estudos recentes, como por exemplo, a análise do *credo* africano, dão à hipótese oriental uma nova consistência, indicando ser possível ter a Igreja da África recebido das Igrejas da Ásia Me-

(230). — JULIEN, *op. cit.*, 211; THOUVENOT, *Les origines chrétiennes en Maurétanie Tingitane*. Separata do "Bull. de la Société de Géographie et d'Archéologie de la Province d'Oran." t. 56, fasc. 201, setembro-dezembro de 1935. pp. 1-2 e 11.

(231). — GAGÉ, *Nouveaux...*, 184.

(232). — A passagem sempre citada é a seguinte [*Epist.*, 43, 7 (*Corp. Script. Eccles. Latin.*, t. 34, 2, p. 90)]: "et Romanae ecclesiae, in qua semper apostolicae cathedrae viguit principatus, et ceteris terris, unde evangelium ad ipsam Africam venit..."; a interpretação de C. CECHELI (*Africa Christiana*, in "Africa Romana", publicada pelo Instituto di Studi Romani, Milão. Hoepli. 1935. p. 149) é neste ponto, inexata. Vide P. LEJAY, *Les orig. de l'Egl. d'Afr. et l'Egl. rom.*, in "Mélanges G. Kurth, Liège. 1908. Apud GAGÉ. *Nouveaux...*, 184-185.

(233). — GAGÉ, *Nouveaux...*, 184.

nor — mais que a do Egito — seu primeiro fundo de símbolos litúrgicos que foram latinizados conjuntamente com outros de origens diversas (234). Ao lado disso, certas descobertas arqueológicas na Tripolitânia parecem indicar a possibilidade de que algumas influências cristãs, — como já tinha acontecido com o paganismo — penetraram na África por outros portos além de Cartago (235), que foi, incontestavelmente, o primeiro ponto a receber a nova fé. Se afirmamos isso, é porque a importante rota comercial Óstia-Cartago não tinha conseguido fazer diminuir, nem a influência, nem a importância das velhas relações de Cartago com os outros portos do Oriente, sem falar da rota continental do Egito à África do Norte, passando pela Cirenáica. Foi dessa última corrente, talvez, que se originou a tradição — ainda não provada — de que o apóstolo Filipe pregou o evangelho na África do Norte (236). Em suma, a Igreja da África é latina, mas penetrada de influências orientais precisas, — principalmente sírias — como o provam suas ruínas, sua arquitetura religiosa (237) e seus mosaicos (238).

2. — *Relações entre as Igrejas africana e espanhola.*

As Igrejas africana e espanhola possuem grandes afinidades. Esse fato é muito interessante,

-
- (234). — Vide F. J. BADCOCK, *Le credo primitif d'Afrique*, in "*Revue Bénédictine*", 45. 1933, pp. 3-9. Apud GAGÉ, *Nouveaux...*, 184-185.
- (235). — Vide S. AURIGEMMA, *L'area cimiteriale di Ain-Zara...*, p. 8; R. P. FREY, in "*Rivista di archeologia cristiana*", XI, 1934. p. 120. Apud GAGÉ, *Nouveaux...*, 185.
- (236). — GAGÉ, *Nouveaux...*, 184-185.
- (237). — Vide W. SESTON, *Le monastère d'Ain-Tamda et les origines de l'architecture monastique en Afrique du Nord*, in "*Mélanges d'archéologie et d'histoire*", LI, 1934, p. 79-113. Apud GAGÉ, *Nouveaux...*, 185-186.
- (238). — Vide relatórios de POINSSOT e LANTIER no Congresso de Ravena, *Atti...* (*Studi di Antichità cristiana*), VIII. Roma, 1934. pp. 387 e segs.; SIMON, *Fouilles dans la basilique de Henchir-el-Ateuch*, in "*Mél. d'arch. et d'hist.*". LI, 1934, pp. 143-177. Apud GAGÉ, *Nouveaux...*, 186.

pois mostra mais um aspecto da identidade ibero-bérbere de que estamos tratando. Essa similitude se apresenta não somente na época romana, mas também nos períodos do domínio dos visigodos e dos árabes, pois a chamada liturgia moçárabe da Igreja da Espanha tem afinidades particulares com a Igreja da África, contendo até a fórmula da *reconciliação donatista*, o que é bem curioso e singular à primeira vista, numa região que devia ignorar o donatismo, cisma genuinamente africano (239).

As duas regiões trocaram até seus santos, pois S. Vicente, mártir de Saragoça, foi cultuado fervorosamente na África e, inversamente, a Espanha venerou durante muito tempo mais dum mártir africano, como por exemplo: Santa Marciana de Cesaréia, Santa Salsa de Tipasa, etc., como o provam as tampas de sarcófagos descobertos recentemente em *Thabraca* (Tunisia) e em Tarragona (240). O culto de Santa Salsa, espalhou-se na Bética graças provavelmente a uma possível emigração de habitantes de Tipasa, na época da perseguição do rei vândalo Hunerico (477-484) (241).

Esse entrelaçamento entre as duas Igrejas é perfeitamente justificável pelas relações muito intensas existentes entre os portos da África do Norte e os da Espanha, e pela dependência administrativa da Tingitânia em relação à Bética, como já mostramos (242). Todas essas circunstâncias facilitaram sobremaneira a interpenetração do culto e da liturgia peculiares a cada uma das Igrejas.

Parece que inicialmente a África, onde se desenvolveu mais depressa e primeiro o cristianismo, exerceu maior influência sobre a Igreja da Espanha, que esta sobre ela. Essa influência africana não exclui, evidentemente, a influência religiosa de Roma sobre a Ibéria. Com o arianismo, a união entre as duas Igrejas tornou-se mais estreita ainda. Mais tarde, na época da invasão árabe, a Espanha — que foi conquistada mais tar-

(239). — Vide dom CABROL, s. v. *Mozarabe (liturgie)*, in "Dictionn. d'arch. chrét. et de liturg.", XII, i (1934) e especialmente col. 392 e 458. Apud GAGÉ, *Nouveaux...*, 186-187.

(240). — GAGÉ, *Nouveaux...* 187 e 188-195.

(241). — *Ibidem*, 194, nota 1.

(242). — Cf. *supra*, pp. 244-245.

de que a Berbéria e que, mesmo muçulmana, permaneceu mais livre que esta — pôde socorrer e sustentar a Igreja da África (243).

3. — A Igreja da África durante o Baixo-Império.

A Arqueologia nos revela que, se podemos colocar o início do cristianismo na África nos fins do II século e na Tingitânia no III, não podemos deixar de reconhecer que somente mais tarde êle tomou grande desenvolvimento. Seu período clássico, entretanto, é o Baixo-Império (do IV ao VII século). O cristianismo sofrerá um curioso eclipse no tempo do domínio vândalo (V e VI séculos) e um interessante renascimento com a reconquista bizantina (VI e VII séculos), para desaparecer paulatinamente depois da invasão árabe (244).

Na Tingitânia as comunidades cristãs foram estabelecidas na zona romanizada, podendo-se mesmo considerar o cristianismo como uma das melhores provas de romanização da região. O número de bispos da Tingitânia prova que, quando o cristianismo atingiu essa região, o *limes* já havia recuado em direção à zona litorânea, pois entre vinte e cinco aglomerações conhecidas, temos a certeza da existência de núcleos cristãos somente em Volubilis, Tingis e Abila (Ceuta). Em Tingis, em 298, no reinado de Diocleciano, foram martirizados São Marcelo e São Cassiano, o primeiro militar e o segundo tabelião. Esses mártires provam como o cristianismo tinha se expandido entre a classe mais romanizada, pois sabemos que inicialmente êle foi a religião dos humildes. Sabemos também que os cristãos eram numerosos em Tingis, não tendo feito a perseguição de Diocleciano aí mais vítimas, porque teve curta duração. O caso de São Marcelo é bem interessante, pois é um exemplo do anti-militarismo existente no início do cristianismo. Mas já no fim do III século, grande era o número de cristãos nos exércitos imperiais (245).

(243). — GAGÉ, *Nouveaux...*, 187 e 212-224.

(244). — *Ibidem*, 183; THOUVENOT, *Les origines...*, 11.

(245). — CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 67-68; JULIEN, *op. cit.*, 234-235.

Mostramos também (246) que tôdas as lutas sociais e religiosas do Baixo-Império repercutiram na Tingitânia.

Após, temos a invasão dos vândalos que interessa à Tingitânia, pois os autores contemporâneos, como Possídio (247), afirmam que Genserico desembarcou nessa região (em 429). Pensamos ser isso pouco provável, visto já haveremos demonstrado que a ocupação do desfiladeiro de Taza pelos nômades, impossibilitava as comunicações entre as Mauritânias Tingitana e Cesariana. Gautier (258) estudou pormenorizadamente o assunto e concluiu que o desembarque deve ter sido realizado na Mauritânia Cesariana. Achamos que a sua opinião é perfeitamente razoável, pois, desde 425, os vândalos já se haviam apossado das frotas romanas de Cartagena e Sevilha e tinham começado a dominar no Mediterrâneo ocidental, tendo mesmo pilhado várias vezes a Tingitânia (249). Portanto, seria fácil aos vândalos desembarcar onde melhor lhes conviesse. Genserico se apoderou da África do Norte e parece que ocupou algumas cidades da Tingitânia, principalmente as que, pela sua posição, lhe garantiam o contrôlo do Estreito de Gibraltar (250).

4. — *O fim do cristianismo na África do Norte.*

Como já dissemos, consideramos o cristianismo como um sinal seguro de romanização. Assim, o seu

(246). — Cf. *supra*, pp. 248-249.

(247). — Possídio, *Vita Augustini*, 28. Apud GAUTIER, *Genséric*, 168.

(248). — GAUTIER, *Genséric*, 169-175.

(249). — JULIEN, *op. cit.*, 263.

(250). — *Ibidem*, 269. Certos autores afirmam que no tratado de paz entre Valentiniano III (425-455) e Genserico, a África ficou dividida em duas partes. A Mauritânia Tingitana (contrôlo do Estreito), a Zeugitana ou *Proconsularis*, Bizacena e a Numídia proconsular ficaram para os vândalos, enquanto a Mauritânia Cesariana e Setifiana, a Numídia Cirta e Tripolitânia permaneceram com o Império. Mas logo depois do saque de Roma, temos certeza de que quase tôda Berbéria esteve ocupada momentaneamente pelos invasores (Apud SCHMIDT, in *C.M.H.*, I, 307).

gradual desaparecimento significa o recuo e a extinção da influência de Roma. Vejamos agora como isso se deu, desde a implantação do domínio vândalo até a invasão árabe.

Durante o século quase completo que medeia entre a tomada de Hipona e Cartago por Genserico (430-439) e o desembarque dos bizantinos em *Caput Vada* (*Ras Kabudia*) (em 533), a Igreja da África sofreu feroz perseguição dos vândalos, sequazes do arianismo, que receavam principalmente que os católicos da Itália ou de Bizânzio incitassem seus correligionários da África à rebelião. Assim, a Igreja da África, que acabava quase completamente de debelar o donatismo com Santo Agostinho, sofreu um novo ataque e desta vez gravíssimo, porque os vândalos tudo fizeram para aniquilá-la. Mas devemos dizer, em abono da verdade, que os vândalos não dominaram tôda a África do Norte e que certas regiões que permaneceram fora do seu alcance, continuaram a viver em paz. Destas destaca-se parte da Tingitânia, cuja situação foi determinada talvez pela proximidade da Bética, que caíra de novo em poder dos romanos, depois do abandono da Ibéria por Genserico (251).

Sabemos, por outro lado, que os vândalos não conseguiram — como aliás todos os conquistadores anteriores — dominar os bérberes e que foram derrotados por êles várias vêzes, principalmente pelos nômades camelleiros de Gabaão e pelos sedentários de Antalas (252).

Nos séculos V e VI, a região em tôrno de Orão teve um grande desenvolvimento religioso e o cristianismo parece ter-se instalado em tôdas as cidades situadas entre o mar e o *limes* (253), pois em *Pomaria* (Tlemcen), *Altava* (Lamoricière), *Numerus Syrorum* (Lalla-Marnia), os túmulos trazem a inscrição *domus Romula*, mostrando como a qualidade de *romano* — mesmo em se tratando de bérbere romanizado — era inseparável

(251). — GAGÉ, *Nouveaux...*, 212.

(252). — JULIEN, *op. cit.*, 286-287.

(253). — GSELL, *Le christianisme en Oranie, avant la conquête arabe*, in "*Bull. du Cinquant. de la Soc. Géog. et arch. d'Oran*", n.º especial de 15 de abril de 1928. Apud GAGÉ, *Nouveaux...*, 213.

da qualidade de *cristão*. Esse fato é muito interessante, porque desde então notamos em tôda a África do Norte que a população cristã toma consciência da sua *nacionalidade* romana em face do mundo indígena, que permanecia bárbaro. Após a reconquista bizantina e principalmente após a invasão árabe, todos os cristãos são chamados, — como ainda até hoje — de *rumes*, com o sentido pejorativo de intrusos (254).

Nessa mesma região de Orão, — portanto na Mauritânia Cesariana — no VI século, mouros e romanos, ambos independentes do reino vândalo, aparecem curiosamente reunidos sob a autoridade dum rei indígena, Masuras, contemporâneo de Trasmundo (496-523). Esse príncipe conseguiu estabelecer um grande estado, — que possivelmente abrangia parte da Tingitânia, mas que forçosamente nela influiu — com a capital talvez situada em Tiaré, excelente posição estratégica e comercial. Temos dêsse príncipe uma curiosa inscrição (datada de 508), conhecida como a inscrição de Altava, que o indica como rei das tribos mouras e dos romanos (255):

“*rex gent(ium) Maur(orum) et Romanor(um)*”.

Além de Altava, Masunas, possuía com tôda a certeza outras duas cidades: Castra-Severiana e Safar. Sabemos também que confiara o govêrno desta última a um prefeito bérbere chamado Masgivin (256). Esse príncipe mouro, que Carcopino (257) chama de *Clovis africano*, parece ter encarnado a defesa da civilização urbana, oriunda de Roma, contra a barbárie dos nômades que cercavam o seu reino.

Com a reconquista, iniciada em 533, os bizantinos restauraram parte do antigo domínio romano (vide o *limes* bizantino na fig. 11), mas ocuparam, sem dúvida, uma área maior que a dos vândalos. Em 534, apossaram-se de Septen (a Abila dos romanos; a atual

(254). — GAGÉ, *Nouveaux...*, 213

(255). — Apud JULIEN, *op. cit.*, 286, 311-312; GAGÉ, *Nouveaux...*, 213.

(256). — JULIEN, *op. cit.*, 286.

(257). — in “*Hespéris*”, VIII, 1928. pp. 143-144. Apud GAGÉ *Nouveaux...*, 214.

Ceuta) e durante o VI século foram ocupando as costas, tanto da África do Norte como da Espanha, inclusive as Baleares. Como vemos, o Mediterrâneo tornou-se mais uma vez um lago romano. Com a restauração do *limes*, os colonos retomaram coragem e começaram novamente a entregar-se aos trabalhos agrícolas com intensidade, e assim o célebre fisco bizantino pôde tirar grandes proventos da África reconquistada (258). Entretanto, devemos dizer que a Tingitânia bizantina era muito diminuta, pois no reinado do imperador Maurício (582-602) ela estava reduzida às seguintes praças: Septen (Ceuta) e Tingis. A Bética, por sua vez, compunha-se apenas de algumas cidades. Isso foi consequência da expansão germânica para o sul, pois os visigodos ocuparam Tingis no reinado de Heráclio (610-641), ficando somente Septen nas mãos dos bizantinos (259).

Os bizantinos, ao mesmo tempo que venceram militarmente os vândalos, deram à Igreja da África um vigoroso apôio, — antes de entrar em conflito com ela — na sua luta contra o arianismo e o donatismo. Parece mesmo que o cristianismo nessa época obteve um novo sucesso, pois avançou em direção ao Djeride, o Aurés e o Zabe, no reinado de Heráclio (260).

Os bizantinos auxiliaram também os príncipes indígenas que mantinham a luta do cristianismo contra a barbárie. Assim, sabemos por Procópio que o general bizantino Solomão manteve boas relações com o mouro Masunas, de quem já falamos. Esse príncipe mouro parece ter sido o fundador da *dinastia dos Djedares*, assim conhecida graças a treze monumentos funerários dos séculos VI e VII, em forma de pirâmide, — dos quais um atinge 45 metros de altura — erigidos ao sudoeste de Tiare. Essa dinastia provavelmente foi toda cristã, prova de que se o cristianismo não obteve aí progressos, pelo menos se manteve estacionário (261).

A Tingitânia, que vimos administrativamente ligada à Bética e influenciando na Igreja da Espanha, rece-

(258). — CHAVREBIÈRE, *op. cit.*, 64.

(259). — *Ibidem*, 75; JULIEN, *op. cit.*, 309.

(260). — JULIEN, *op. cit.*, 311.

(261). — *Ibidem*, 311-312; GAGÉ, *Nouveaux...*, 213-214.

beu também influências da Mauritânia Cesariana, porque se o desfiladeiro de Taza estava perdido para os romanos e seus sucessores, não o estava para os indígenas, que continuavam a comunicar-se por êle. Esse fato pode explicar porque as inscrições cristãs [a de Pomaria (Tlemcen) datada de 651 e a de Volubilis (*Ksar Faraun*) de 655] apresentam analogias tão grandes. Isso nos leva a concluir que houve aí, talvez, um reino indígena que dominou o desfiladeiro de Taza, abrangendo as duas regiões e onde o cristianismo, tardiamente introduzido, persistiu durante muito tempo (262).

Antes da invasão árabe (VII século), a Igreja da África começou sentir as repercussões dos grandes movimentos bérberes do Magrebe, pois os grandes nômades cameleiros se tornaram preponderantes no sul e as tribos se uniram em vastas confederações, cada vez mais próximas das províncias bizantinas, como por exemplo, a confederação do Aurés. Entretanto, sabemos que uma parte dessas tribos foi vagamente cristianizada, enquanto que a outra foi talvez convertida ao judaísmo; que a famosa Caina (*Cahena*) (263), rainha do Aurés e heroína da resistência bérbere aos árabes, parece ter sido convertida ao judaísmo e possuir um nome aparentemente semita. Por outro lado, muitas dessas tribos deviam lutar contra os *rumes* e contra as primeiras investidas de Sidi-Ocba. É possível mesmo que um cristianismo bérbere continuasse a existir em certas cidades semi-arruinadas, como Tingade. Mas a Arqueologia dá a impressão de que, sobretudo na Argélia, a vida romano-cristã recebeu um golpe verdadeiramente mortal no fim do VII século, com a invasão árabe (264).

Mas se isso aconteceu principalmente na Argélia, temos a certeza de que a Igreja da África persistiu alhures, pois, um viajante árabe, El-Becri (XI sé-

(262). — JULIEN, *op cit.*, 237; CARCOPINO, in "*Hespéris*", VIII, 1928. pp. 135-145 e in "*Rev. de Philol.*", 1936, pp. 105-112. Apud GAGÉ, *Nouveaux...*, 217.

(263). — Cf. *supra*, p. 79. Vide o excelente livro de MAGALI-BOISNARD, *Le roman de la Kahena*.

(264). — GAGÉ, *Nouveaux...*, 215; GAUTIER, *Le passé de l'Afrique du Nord*, 270-274; DIAS, *Árabes e muçulmanos*. II. 7.

culo), diz que em Tlemcen havia ainda cristãos. O mesmo afirma um outro viajante (XIV século) a propósito da região de El-Tidjani, no Djeride tunisiano, onde os edifícios cristãos continuavam de pé. Os documentos eclesiásticos mencionam ainda a existência de comunidades africanas, pois fazem referência a listas de bispos africanos, dependentes de Roma ou de Alexandria (*thronus Alexandrinus*), mas o seu número vai diminuindo cada vez mais, chegando a 5 ou 3 no meado do século XI. Temos também cartas pontificias do VIII ao XI século, regulando questões de hierarquia ou de administração dessa Igreja da África (265). O papa Gregório II, em 720 mais ou menos, interdito aos bispos italianos a ordenação de padres entre os exilados da África (266). Como vemos, o cristianismo na Berbéria teve uma longa agonia e seguramente deve ter desaparecido no século XI com a invasão dos fanáticos hilalianos (*beni-hila*), oriundos do Egito, que acabaram com a tolerância religiosa até então mantida no Tell, graças talvez ao pequeno número de árabes aí estabelecidos, que viviam geralmente nas cidades da costa ou nas planícies. Os novos invasores ocuparam parte do Magrebe, mas não conseguiram dominar todos os montanhesees, nem impor a todos os bérberes a religião muçulmana (267).

A prova de que o cristianismo conseguiu manter-se em parte da África do Norte até o século XI, é dada pelas últimas descobertas arqueológicas, — datadas de 1917, mas cujos resultados foram somente publicados em 1927 — que demonstraram a existência em En-Ngila (268), duma necrópole dos séculos X e XI com inscri-

(265). — Vide P. MESNAGE, *Le christianisme en Afrique. Déclin et extinction*, 1915. IDEM, *Église mozarabe. Esclaves chrétiens*. Apud GAGÉ, *Nouveaux...*, 216.

(266). — Vide L. GODARD, in "*Rev. Afr.*", V, 48, citado por BUONAIUTI, *Il cristianesimo...*, p. 447, n. 5; W. SESTON, *Les derniers temps du christianisme africain*, in "*Mél arch. et hist.*", LIII, 1936, pp. 101-124. Apud GAGÉ, *Nouveaux...*, 216, nota 1.

(267). — GAGÉ, *Nouveaux...*, 216-217.

(268). — Vide R. PARIBENI, *Sepolcreto cristiano di Engila presso Suani Beni Adem*, in "*Africa Italiana*", I, 1927 (Uma dezena de túmulos). Complemento de A. TODESCO, *ibidem*, VI, 1935, pp. 79-81 (dois túmulos novos). Apud GAGÉ, *Nouveaux...*, 217.

ções que revelam nitidamente sua procedência cristã, portanto, trezentos anos mais recentes que as três últimas inscrições cristãs de Volubilis (269), que até então eram consideradas como sendo os derradeiros documentos do cristianismo na África do Norte. Estas, todavia, não perderam o valor para nós, pois servem de último marco conhecido do cristianismo em Marrocos.

A partir do século XI, todos os documentos e inscrições que possuímos, — pelo menos é o que nos revela a Arqueologia — são oriundos da temporária conquista normanda e dos prisioneiros cristãos de época mais recente. (270).

Havendo mostrado o desaparecimento gradual do cristianismo da África do Norte, isto é, a extinção duma das mais interessantes influências da Antiguidade, terminamos aqui a nossa argumentação.

(269). — THOUVENOT, *Note sur deux inscriptions chrétiennes de Volubilis*, in "*Hespéris*", XXI, 1935, pp. 131-139 (com três figuras); CARCOPINO, in "*Hespéris*", VIII, 1928, pp. 135-145 e in "*Rev. Philol.*", 1936, pp. 105-112. Apud GAGÉ *Nouveaux...*, 217.

(270). — GAGÉ, *Nouveaux...*, 217.

CONCLUSÃO

Após havermos percorrido sobre o tema que nos propuzemos desenvolver, vejamos agora, para concluir, os resultados a que chegamos.

Como vimos, concordam os autores na existência duma identidade geológica ibero-norte-africana. Além do mais, a Bética e Marrocos chegaram a formar um corpo à parte, entre o Mediterrâneo e o Atlântico e, entre as frações restantes da África do Norte e da Ibéria; pois, acreditamos haver provado que aquelas regiões formaram uma verdadeira ilha, graças à existência de dois estreitos que as isolavam completamente ao norte e ao sul: o norte-bético e o sul-rifenho. Hoje ainda, apesar da separação pelo Estreito de Gibraltar, a Ibéria e Marrocos apresentam grande semelhança física: as mesmas formas litorâneas, o mesmo sistema orográfico e até, sob certos aspectos, o mesmo clima. De tudo isso, decorrem imensas conseqüências sociais, políticas e econômicas.

O Estreito de Gibraltar, pela sua pequena largura, representou sempre o papel duma verdadeira ponte entre suas duas margens. Essa proximidade e essa identidade física, facilitaram muitíssimo as comunicações e podemos mesmo afirmar, que Marrocos sempre foi um ponto de passagem — e de passagem obrigatória desde os tempos pré-históricos até os nossos dias — das grandes migrações que demandavam a Europa vindas da África e Ásia, ou inversamente. A maioria dessas migrações — senão tôdas — é sem dúvida alguma oriunda da África, ou pelo menos passou por Marrocos antes de penetrar na Europa. Essas migrações pré-históricas, em busca da Ibéria e de outras regiões da Europa, disseminaram aí novos elementos de cultura, tendo influido mesmo, na eclosão de vários períodos da Pré-história européia.

Salientamos, entretanto, que as teorias e hipóteses que emitimos sobre as populações e culturas pré-históricas que se estabeleceram na África do Norte, ou

que dela saíram, são, reconhecemô-lo, suscetíveis de mudança. Não é possível indicar precisamente como os acontecimentos se desenrolaram e talvez nunca o seja; mas, pelo menos pode-se, como o fizemos, indicar as relações existentes entre a África do Norte (inclusive Marrocos) e as regiões vizinhas.

Uma conseqüência interessante da aproximação das duas regiões e do estabelecimento de relações estreitas entre elas, verifica-se na formação da população da África do Norte e da Ibéria. Se o bérbere é um amálgama de tipos físicos, um verdadeiro calidoscópio humano, é porque sempre existiu uma antiquíssima via de comunicação do Egito para o Magrebe, por onde penetraram inúmeros elementos étnicos. Além dessa via de leste para oeste, houve sempre comunicações da Berbéria com o Sudão, através do litoral atlântico e do Saará, principalmente na época em que êste era menos estéril. Tudo isso produziu o bérbere, individuo de “raça” branca, vindo de leste para a África do Norte, que se mesclou com os tipos humanos encontrados durante sua migração e durante sua fixação no solo da Berbéria, recebendo também, mais tarde, contribuições étnicas oriundas do Mediterrâneo oriental, do sul e até mesmo, talvez, do norte da Europa. Basta lembrar os tipos físicos dos líbios do vale do Nilo, a pequena influência negróide em certos tipos de Marrocos e o interessante problema do bérbere louro, para nos certificarmos disso.

O bérbere não ficou confinado na África do Norte. Expandiu-se para o oeste, em direção às Canárias, e para o norte, em direção à Ibéria, através de Marrocos e do Estreito de Gibraltar. Assim, o ibero veio da África do Norte e é da mesma estirpe que o bérbere. É verdade que mais tarde o ibero mesclou-se com outros elementos étnicos, provenientes de além Pirineus. Mas, não é só a Antropologia que vem em auxílio da nossa conclusão, de que entre o ibero e o bérbere existe grande parentesco, pois a Linguística prova que existiu grande similitude entre os idiomas falados nas duas margens do Estreito de Gibraltar. A Linguística prova também que a área dos dialetos líbicos estendeu-se pelo nordeste da África e pelo Saará, o que está de acôrdo com os dados antropológicos.

Uma outra consequência da proximidade bético-marroquina é a afirmação de que na Antiguidade, toda a potência que possuiu uma das regiões, acabou dominando a outra. E elas procuraram dominar a rota do Mediterrâneo para o Atlântico, porque quem dominasse o Estreito de Gibraltar, dominava o comércio do estanho das Cassitérides e da prata das jazidas da Ibéria. Mas, a conquista dessa rota só foi possível com o grande progresso dos conhecimentos náuticos e geográficos, como se pode verificar nos poemas homéricos e nas inúmeras lendas, que mascaram a descoberta e a incorporação do Mediterrâneo ocidental e do Atlântico ao mundo conhecido de então.

Os fenícios conquistaram a bacia ocidental do Mediterrâneo, e para garantir a manutenção da rota de Tartesso, fundaram inúmeros pontos de escala, tanto na costa da África do Norte, como no sul da Ibéria. Dessas escalas nasceram feitorias e colônias, e, destas, algumas se transformaram em verdadeiras metrópoles, como Útica, Tingis e Cartago na África, e Gades na Espanha. Além do estanho, os fenícios se interessaram também pelas matérias primas do Sudão; para obtê-las, fundaram nas costas atlânticas de Marrocos várias feitorias. Assim nasceu a colônia de Lixo, que se transformou num centro de comércio intenso com o interior da África.

Os gregos ameaçaram a rota do estanho com seu movimento de colonização e expansão pelo Mediterrâneo ocidental, principalmente quando entraram diretamente em relações com Tartesso. Aproveitaram-se das dificuldades de Tiro para se firmarem na Ibéria, mas quando Cartago conseguiu a hegemonia entre as antigas colônias fenícias, os gregos foram obrigados a se retirar, sendo definitivamente detida a sua expansão pela aliança etrusco-cartaginesa. Os gregos, desde então, tiveram pequena influência em Marrocos, como se pode ver pela diminuição dos conhecimentos geográficos nas obras dos seus escritores depois dessa época.

Cartago, tendo conseguido a hegemonia entre as colônias fenícias da África do Norte, apossou-se de Gades e montou uma guarda feroz no Estreito de Gibraltar, impedindo toda e qualquer concorrência ao seu co-

mércio com as regiões atlânticas. Entretanto, alguns navegantes conseguiram burlar essa vigilância e relataram suas viagens de além Colunas de Hércules. Os périplos, — sobretudo o do cartaginês Hanão — provam a existência dum intenso comércio dos indígenas da costa atlântica de Marrocos com os púnicos e gadi-tanos, principalmente com estes últimos, pois Gades sempre foi o pôrto de onde partiram as expedições para a costa noroeste da África, por serem seus mari-nheiros os melhores pilotos para essa rota.

A civilização cartaginesa difundiu-se grandemente quando Cartago, mal sucedida na sua luta pela supre-macia na Sicília e Mediterrâneo ocidental, resolveu abandonar a tradicional política de estabelecimento de feitorias e colônias ao longo das costas, pela conquista de territórios compactos. Assim, ela se apoderou da região que a cercava, não podendo talvez alargar a sua conquista para oeste em virtude da formação de po-derosas confederações de tribos, de onde saíram mais tarde os estados bárbaros. Apoderou-se também do sul da Ibéria até ao Ebro, formando deste modo, no Extremo-Occidente do Mediterrâneo, um sólido bloco político-econômico, apoiado no qual lutou mais uma vez contra Roma.

Os romanos, na sua luta contra Cartago, utiliza-ram-se de Masinissa, que foi o instrumento destruidor do poderio púnico, não obstante ser êle um príncipe educado na cultura cartaginesa. Roma apoderou-se do sul da Ibéria, obteve o auxílio de Gades e de Útica, e acabou por destruir Cartago. Com a queda da *Ci-dade Nova*, os romanos destruíram o poder que man-tinha fechado o Estreito de Gibraltar, impedindo o co-mércio dos demais países do Mediterrâneo com as re-giões do Atlântico Norte. Mas, em consequência, a navegação e o comércio com o Sudão foram abando-nados parcialmente, porque desaparecendo Cartago, grande centro consumidor, os produtos da costa no-roeste da África não podiam concorrer com as matérias primas sudanesas vindas através do Egito e do Mar Vermelho, que chegavam mais baratas e mais rápida-mente aos grandes centros manufatureiros do Império, localizados na região do Próximo-Oriente. Entretan-to, o tráfego com a costa atlântica de Marrocos não de-

sapareceu de todo, pois os gaditanos, tanto marinheiros como pescadores, freqüentaram durante muito tempo ainda, as regiões do *uadi Draa* e dos grandes arquipélagos oceânicos.

Os romanos não se interessaram geralmente pelas expedições ao longo do litoral marroquino. Mas, em compensação, empreenderam várias expedições terrestres, — muitas em perseguição aos nômades que perturbavam a *pax romana* — chegando até ao sul do Saará. Essas expedições mostram que sempre existiu um tráfego, — não muito grande, é verdade — entre as costas do Mediterrâneo e as regiões do Sudão, através do deserto saariano. Essas comunicações foram muito facilitadas com a introdução do camelo na época do Império Romano.

Os bérberes não souberam aproveitar a oportunidade que se lhes apresentou com a queda de Cartago, para se tornarem livres. Uma parte deles auxiliou Roma a destruir sua rival, mas ficaram presos a um poder mais forte ainda. Os seus príncipes percebendo isso, tentaram, aproveitando-se das dificuldades romanas, declarar-se independentes e fundar um império que substituisse o de Cartago. Mas todos êles fracassaram. Roma só ficou com o território de Cártago propriamente dito, mas instalou guarnições e aparelhou um certo número de portos em outras partes da África do Norte, dominando assim, praticamente, tôdas as vias de acesso e saída da Berbéria. Além do mais, a aproximação e o domínio da Bética, facilitaram muitíssimo a tarefa de Roma.

Com a sua tradicional política de dividir para governar, Roma acirrou os ódios, sempre existentes, entre os príncipes bérberes. Nas lutas que caracterizaram o fim da República, êles tomaram partido, mas sempre uns contra os outros. Assim, houve modificações de fronteiras, aumento ou supressão de estados, recrutamento de mercenários bérberes para a luta na Ibéria, e até mesmo invasões da Bética pelos mouros. O símbolo desse agitado período foi Sertório, que combateu tanto na Ibéria como na África do Norte e que, de passagem por Gades, pensou em se estabelecer nas Ilhas dos Bem-Aventurados. Esse fato é bem significativo,

pois indica que continuava a existir o velho tráfico entre Gades e a costa noroeste da África.

Roma, fortemente estabelecida na Espanha e na parte oriental da África do Norte, achou desnecessário governar diretamente a Mauritânia e a Numídia. Por isso, criou estados-tampões, entregues a príncipes indígenas, para a proteção das províncias e colônias romanas contra o ataque dos nômades. Entre êsses príncipes, o mais célebre foi o sábio Juba II, que empreendeu um famoso inquérito sobre as Canárias, mostrando assim que não se havia ainda perdido o contacto com a costa atlântica de Marrocos e com o grande arquipélago oceânico. O seu sucessor foi eliminado por Calígula, sob o pretêxto de ter auxiliado Tacfarinatês; mas na realidade, Roma não obtivera o resultado esperado com o estabelecimento da monarquia na Mauritânia. O receio de que a Bética, a mais romanizada das províncias, fôsse pilhada pelos nômades cada vez mais turbulentos, levou Roma a anexar o reino de Ptolemeu. Mas apesar disso, os mouros conseguiram por diversas vezes, transpondo o *limes* e o Estreito, saquear a Bética.

Diocleciano, destacando a Tingitânia das demais províncias da Berbéria e incorporando-a à diocese da Espanha, reconheceu a sua dependência econômica e militar da Bética, pois o contínuo avanço dos nômades e a ocupação do desfiladeiro de Taza, a reduzira a uma simples faixa litorânea.

A civilização romana se fez sentir com certa intensidade na Tingitânia, — nas cidades marítimas e em Volubilis — graças principalmente às relações mantidas com a Bética e às colônias romanas aí estabelecidas. Uma das suas maiores conseqüências foi a introdução do cristianismo, que, como era natural, penetrou pelo litoral, mas permaneceu mais tempo no interior, mesmo depois da invasão dos árabes. A igreja da África teve grande influência sobre a Igreja da Espanha e inversamente, não somente na época romana, como também no período visigótico e bizantino, e até mesmo sob o domínio árabe. A liturgia e os santos duma região foram levados para a outra, indicando êsse fato que as relações entre elas continuavam intensas. O desaparecimento do cristianismo foi gradual, tendo começado pelo litoral, em virtude da ocupação mu-

culmana. Mas como aconteceu com a influência púnica, o cristianismo na Berbéria permaneceu no interior, principalmente na região montanhosa, onde tinha penetrado por último. Podemos seguir seus traços na Tingitânia até o século VII, sendo certo, entretanto, que êle perdurou em outras regiões do Norte da África até o século XI.

Aquí damos por terminadas as nossas conclusões, pensando ter provado aquilo que nos propuzemos fazer na nossa Introdução, isto é, demonstrar que entre Marrocos e a Ibéria, devido à proximidade e às condições favoráveis, se estabeleceu durante a Antiguidade uma identidade étnica e cultural, que teve grande repercussão na História das duas regiões. Elas formaram um verdadeiro *bi-continente*.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

Abreviaturas

- ALBERTINI (Eugène). — *L'Empire Romain*. Paris. Alcan. 1929. Coleção "Peuples et Civilisations" sob a direção de Louis Halphen e Philippe Sagnac. 462 pp. 1 mapa.
- ARRIANO. — *Indica*. Tradução francesa de Pierre Chantraine. Paris. Les Belles Lettres. 1927. 92 pp.
- H. E. BALLESTEROS Y BERETTA (d. Antonio). — *Historia de España y su influencia en la historia universal*. Barcelona. Salvat Editores. 1918. 8 volumes.
- S. H. E. IDEM. — *Síntesis de Historia de España*. Barcelona. Salvat Editores. 1936.
- BARROS (João de). — *Os Deuses do Olimpo e os Heróis da Grécia Antiga*. Lisboa. Livraria Clássica Editora. 1936. 312 pp.
- N. U. BÉRARD (Victor). — *Les navigations d'Ulysse*. Paris. Colin. 4 volumes. 1898 pp. 65 figuras.
- P. O. IDEM. — *Les Phéniciens et l'Odysée*. Paris. Colin. 1927. 2 volumes, 896 pp. 41 estampas.
- A. S. O. BERNARD (Augustin). — *Afrique septentrionale et occidentale. Ière partie: généralités, Afrique du Nord*. Paris. Colin. 1937. Coleção "Géographie Universelle". 284 pp. 48 estampas duplas. 74 figuras e mapas no texto. 1 mapa colorido fora do texto.
- IDEM. — *Le Maroc*. Paris. Alcan. 1932 (8.ª edição). VIII+481 pp. 5 mapas.
- BERTHELOT (André). — *L'Afrique saharienne et soudanaise. Ce qui ont connu les anciens*. Paris. Payot. 1927. 431 pp. 8 mapas.
- BESNIER (Maurice). — *Lexique de géographie ancienne*. Paris. Klincksieck. 1914. XX+893 pp. Prefácio de R. Cagnat.
- BESSMERTNY (Alexandre). — *L'Atlantide*. Paris. Payot. 1935. 270 pp. 23 figuras e mapas. Tradução francesa de F. Gidon.
- BLOCH (Gustave) e CARCOPINO (Jérôme). — *Histoire Romaine. II. La République romaine de 133 à 44 avant J.-C.* Paris. 1936 Les

- Presses Universitaires de France. Tomo II da "Histoire Romaine" da "Histoire Générale", sob a direção de Gustave Glotz. 2 vols. 1.059 pp. 12 mapas.
- BOISSIER (Gaston). — *L'Afrique romaine. Promenades archéologiques en Algérie et en Tunisie*. Paris. Hachette. 9.^a edição. 336 pp. 4 figuras.
- BOUILLET (M. N.) — *Dictionnaire universel d'histoire et de géographie*. Paris. Hachette, 1884 (28.^a edição). 2036 pp.
- BOULE (Marcellin) — *Les hommes fossiles. Éléments de paléontologie humaine*. Paris. Masson et Cie. 1923 (2.^a edição). XI+505 pp. 248 figs.
- C. A. H. CAMBRIDGE ANCIENT HISTORY (The). — Sob a direção de J. B. Bury, S. A. Cook e F. E. Adcock. Nova York. Macmillan. 1928 (2.^a edição). 12 vols. de texto e 5 de gravuras.
- C. M. H. CAMBRIDGE MEDIEVAL HISTORY (The). — Sob a direção de J. B. Bury. Nova York. Macmillan. 8 volumes.
- CARCOPINO (Jérôme). — *Volubilis regia Iubae*, in "Hespéris", XVII, I, 1933, p. 1-24.
- CARDOZO (Major Mário). — *Citânia de Briteiros*. Guimarães. 1939. 72 pp.
- CARY (M.) e WARMINGTON (E.). — *Les explorateurs de l'Antiquité*. Paris. Payot. 1932. 349 pp. 15 mapas. Tradução francesa de A. e H. Collin Delavaud.
- CHAPELLE (F. de la). — *L'expédition de Suetonius Paulinus*, in "Hespéris", XIX, 1934. pp. 112-124.
- CHARLESWORTH (M. P.). — *Les routes et le trafic commercial dans l'Empire Romain*. Paris. Éditions de Cluny. 1938. 309 pp. Tradução francesa de G. Blumberg e P. Grimal.
- CHASSELOUP LAUBAT (F. de). — *Art rupestre au Hoggar (Haut Mertoutek)*. Paris. Plon. 1938. III+63 pp. 4 desenhos. 32 estampas.
- CHAVREBIÈRE (Coissac de). — *Histoire du Maroc*. Paris. Payot. 1931. 554 pp. 5 desenhos.
- CHILDE (A.) — *Étude philologique sur les noms du "chien" de l'antiquité jusqu'à nos jours*, in "Arquivo do Museu Nacional." Serviço gráfico do Ministério da Educação. Rio de Janeiro. 1940. 498 pp. 9 mapas.
- COHEN (Robert). — *La Grèce et l'hellénisation du monde antique*. Paris. Les Presses Universitaires de France. 1934. Coleção "Clio". XLV+657 pp. Prefácio de S. Charléty.

- COMMELIN (P.) — *Nova Mythologia Greca e Romana*. Rio de Janeiro. Garnier, VIII+478 pp. Tradução de Thomaz Lopes.
- CORTEZÃO (Jaime). — *Do sigilo nacional*, in "Lusitânia". Fascículo 1.º. Janeiro de 1924. pp. 45-81.
- DAREMBERG (Ch.) e SAGLIO (Edm.) — *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines d'après les textes et les monuments*. Paris. Hachette.
- DAVID e J. HERBER (Drs.). — *La pourpre de Gétulie*, in "Hespéris", XXV, 1938. pp. 97-99.
- DÉCHELETTE (Joseph) e GRENIER (Albert). — *Manuel d'archéologie pré-historique et gallo-romaine*. Paris. Picard, 1927-1934 (2.ª edição). 6 volumes.
- DELAPORTE (Louis), PIGANIOL (André), DRION (Étienne) e COHEN (Robert). — *Atlas Historique. I. — L'antiquité*. Paris. Les Presses Universitaires de France. 1927. 22 pp. XXX mapas.
- DENIKER (J.). — *Les races et les peuples de la terre*. Paris. Masson et Cie. 1926 (2.ª edição). 750 pp. 340 figuras e 2 mapas.
- DIAS (Eduardo). — *Arabes e muçulmanos*. Lisboa. Livraria Clássica Editora. 1940. 3 volumes. XI+864 pp.
- DURRY (Marcel). — *Valeur de Cherchel*, in "Études d'archéologie romaine. Annales de l'École des Hautes Études de Gand". Gante. 1937. Tomo I. pp. 111-123. XI estampas.
- DUSSAUD (René). — *Les civilisations préhelléniques dans le bassin de la Mer Égée*. Paris. Paul Geuthner. 1914 (2.ª edição). X+482 pp. 325 figuras. 18 estampas.
- EAST (Gordon). — *Géographie historique de l'Europe*. Paris. Gallimard. 1939. 398 pp. 58 figuras. Tradução francesa de Andhrée Vaillant.
- FREYRE (Gilberto). — *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro. Schmidt. 1936 (2.ª edição). 360 pp. 31 figuras. 1 desenho fora do texto.
- FROBENIUS (Léo). — *Histoire de la civilisation africaine*. Paris. Gallimard. 1936 (3.ª edição). 371 pp. 181 figuras. 164 estampas. 51 mapas.
- GAGÉ (Jean). — *Gades, as navegações atlânticas e a rota das Índias na Antiguidade*, in "Boletim História da Civilização n.º 2 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo". São Paulo. 1940. pp. 53-85. 2 mapas.
- Nota...
IDEM. — *Nota acerca das origens e do nome da antiga cidade de Volubilis (Mauritânia Tingitana)*, in "Boletim História da Civilização n.º 2 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da

Universidade de São Paulo". São Paulo. 1940. pp. 87-96. 1 mapa.

- Nouveaux...* IDEM. — *Nouveaux aspects de l'Afrique chrétienne*, in "*Études d'archéologie romaine. Annales de l'École des Hautes Études de Gand*". Gante. 1937. Tomo I. pp. 181-224.
- IDEM. — *Res Gestae Divi Augusti* (Texto restaurado e comentado por Jean Gagé). Paris. Les Belles Lettres. 1935. Publicação da Faculdade de Letras da Universidade de Estrasburgo. Coleção "*Textes d'Étude*", n.º 5. 210 pp. 4 estampas.
- A. B. GAUTIER (E. F.) — *L'Afrique blanche*. Paris. Fayard. 1939. 366 pp. 72 figuras e mapas.
- A. N. O. IDEM. — *L'Afrique noire occidentale*. Paris. Larose. 1935. Publicação do "*Comité d'Études Historiques et Scientifiques de l'Afrique Occidentale Française*". VIII+188 pp. 5 figuras. 8 estampas e 1 mapa.
- IDEM. — *Genséric, roi des Vandales*. Paris. Payot. 1935. 327 pp. 14 figuras e 7 mapas.
- IDEM. — *L'or du Soudan*, in "*Annales d'histoire économique et sociale*". VII. 1935. pp. 113-123.
- P. A. N. IDEM. — *Le passé de l'Afrique du Nord. Les siècles obscurs*. Paris. Payot. 1937. 457 pp. 16 figuras e XVI estampas.
- Sa. IDEM. — *Le Sahara* — Paris. Payot. 1928. 232 pp. 10 figuras e 26 estampas, in-16.
- GERIN (René). — *Les hommes avant l'Histoire*. Paris. Gauthier-Villars. 1930. 148 pp. 102 figuras.
- GESCHER (B. H. e F. M.). — *L'Espagne dans le monde*. Paris. Payot. 1937. 348 pp. 38 figuras. Tradução do holandês por J. Van Asbroeck.
- GLOTZ (Gustave) e COHEN (Robert) — *Histoire grecque*. I. *Des origines aux guerres médiques*. Paris. 1925. Les Presses Universitaires de France. Tomo I da "*Histoire grecque*", da "*Histoire Générale*" sob a direção de Gustave Glotz. XIX+635 pp. 8 mapas no texto e 2 fora.
- GOBERT (E. G.). — *Les grains d'enfilage en test d'oeuf d'autruche*, in "*Revue Tunisienne*". 1.º e 2.º trimestre de 1938, ns. 33 e 34. Tunes. pp. 19-32.
- H. C. L. GOURY (Georges). — *L'homme des cités lacustres*. Paris. Picard. 1932. 2 volumes. 778 pp. 319 figuras e XL estampas.
- O. E. H. IDEM — *Origine et évolution de l'homme*. Paris. Picard. 1927. 404 pp. 124 figuras e XVII estampas.

- GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA (Sob a direção do Dr. Magnus Bergström, Dr. Antônio Sérgio, Antônio da Costa Leão, Dr. Antônio Maria Godinho, João de Sousa Fonseca e Afrânio Peixoto). Rio de Janeiro. Editorial Enciclopédia Limitada. (Em publicação desde setembro de 1935).
- H. a. A. N.* GSELL (Stéphane). — *Histoire ancienne de l'Afrique du Nord*. Paris. Hachette. 1921 (3.^a edição). 8 volumes.
- Pr. Arch.* IDEM. — *Promenades archéologiques aux environs d'Argel (Cherchel, Tipasa, Le Tombeau de la Chrétienne)*. Paris. Les Belles Lettres. 1926. 168 pp. 7 figuras e 16 estampas.
- HARDY (Georges). — *Vue générale de l'histoire d'Afrique*. Paris. Colin. 1937 (3.^a edição). Coleção "Armand Colin". 200 pp. 1 mapa.
- HARDY (Georges) e AURÈS (Paul). — *Les grandes étapes de l'histoire du Maroc*. Paris. Larose. 1931 (3.^a edição). 127 pp. 62 figuras e 1 estampa.
- L'enquête...* HERÓDOTO. — *L'enquête d'Hérodote d'Halicarnasse*. Tradução francesa de Henri Berguin. Paris. Garnier. 2 volumes. 802 pp. Coleção "Classiques Garnier".
- IDEM. — *Histórias*. Tradução francesa de Ph.-E. Legrand (2 livros: *Clio e Euterpe*). Paris. Les Belles Lettres. 1932 e 1936. 204 e 194 pp.
- HISTÓRIA DE PORTUGAL. Barcelos. Portucalense Editora. 8 volumes. Sob a direção de Damião Peres e Eleutério Cerdeira.
- HOMERO. — *Iliada*. Tradução francesa de Paul Mazon, Pierre Chantraine, Paul Collart e René Langumier. Paris. Les Belles Lettres. 1937-1938. 4 volumes.
- IDEM. — *Odisséia*. Tradução francesa de Victor Bérard. Paris. Les Belles Lettres. 1933 (2.^a edição). 3 volumes.
- HOMO (Léon). — *La civilisation romaine*. Paris. Payot, 1930. 470 pp. 294 figuras.
- IDEM. — *L'Empire Romain. Le gouvernement du monde. La défense du monde. L'exploitation du monde*. Paris. Payot. 1930. 394 pp.
- HORÁCIO. — *Epístolas*. Paris. Hachette, 1911. 259 pp.
- IDEM. — *Odes e Epodos*. Tradução francesa de F. Villeneuve. Paris. Les Belles Lettres. 1927.
- JULIEN (Ch.-André). — *Histoire de l'Afrique du Nord*. Paris. Payot. 1931. XVI+866 pp. 357 figuras e 2 mapas. Prefácio de Stéphane Gsell.

- JULLIAN (Camile). — *Histoire de la Gaule*. Paris. Hachette. 7.^a edição. 8 volumes.
- LAVEDAN (Pierre). — *Dictionnaire illustré de la mythologie et des antiquités grecques et romaines*. Paris. Hachette. 1931. 1037 pp. 1015 figuras.
- LEFEBVRE DES NOËTTES (Comandante) — *De la marine antique à la marine moderne. La révolution du gouvernail*. Paris. Masson et Cie. 1935. 150 pp. 114 figuras.
- LEITE DE VASCONCELLOS (José). — *Religiões da Lusitânia na parte que principalmente se refere a Portugal*. Lisboa. Imprensa Nacional. 1897-1903-1913. 3 volumes.
- MAGALI — BOISNARD — *Le roman de la Kahena d'après les anciens textes arabes*. Paris. L'Édition d'Art. 1925. (8.^a edição). VIII+182.
- MARGY (G.) — *Notes linguistiques autour du périple d'Hannon*, in "Hespéris" XX, 1935.
- MARTONNE (Emm. de). — *Traité de géographie physique*. Paris. Colin. 1925 (4.^a edição). XII+1518 pp. 494 figuras. LXV estampas.
- MASPERO (G.). — *Histoire ancienne des peuples de l'Orient*. Paris. Hachette. 6.^a edição. 912 pp.
- MENDES CORRÊA (Antônio Augusto). — *Homo (Os modernos estudos sobre a origem do Homem)*. Coimbra. Livraria Editora "Atlântida". 1926 (2.^a edição). X+299. 52 figuras.
- P. P. L. IDEM. — *Os povos primitivos da Lusitânia*. Pôrto. Casa Editora de A. Figueirinhas. 1924. 391 pp. 32 figuras e 21 estampas.
- R. n. IDEM. — *Raça e nacionalidade*. Pôrto. Edição da "Renascença Portuguesa". 1919. 187 pp.
- MORET (Alexandre). — *Histoire de l'Orient*. Paris. Les Presses Universitaires de France. 1936. 2 volumes. Coleção "Histoire Générale" sob a direção de Gustave Glotz. XXII+872 pp. 13 mapas.
- MORET (Alexandre) e DAVY (G.). — *Des clans aux empires*. Paris. La Renaissance du Livre. 1923. Coleção "L'Évolution de l'Humanité". XXVIII+430 pp. 47 figuras. 7 mapas. Prefácio de Henri Berr.
- NASCENTES (Antenor). — *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1923. XLVIII+829 pp. Prefácio de W. Meyer Lübke.
- NEWTON (Arthur Percival) (Editor). — *Travel and Travellers of the Middle Ages*. Londres. Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. Ltd. 1930. 223 pp. 7 estampas.

- OBERMAIER (Hugo) — *El hombre fósil*. Madrid. Museo Nacional de Ciencias Naturales. 1925 (2.^a edição) 457 pp. 180 figuras e XXVI mapas.
- OLIVEIRA MARTINS. — *Historia da civilização ibérica*. Lisboa. 1909. (5.^a edição).
- OLSEN (Dr. Örjan). — *La conquête de la Terre*. Paris. Payot. 1933-1937. 6 volumes. Tradução francesa de S. Guerre.
- PAIS (Ettore). — *Histoire Romaine. I. Des origines à l'achèvement de la conquête* (133 avant J.-C.). Paris. Les Presses Universitaires de France. 1926. Tomo 1.^o da "*Histoire Romaine*" da "*Histoire Générale*", sob a direção de Gustave Glotz XXII+663 pp. 14 mapas. Tradução francesa de Jean Bayet.
- PAXECO (Fran). — *Portugal não é ibérico*. Lisboa. Livraria Rodrigues. 1932. 614 pp.
- C. r. PIGANIOL (André). — *La conquête romaine*. Paris. Alcan. 1930. Coleção "*Peuples et Civilisations*" sob a direção de Louis Halphen e Philippe Sagnac. 626 pp. e 2 mapas.
- H. R. IDEM — *Histoire de Rome*. Paris. Les Presses Universitaires de France. 1939. Coleção "*Clio*" LI+576 pp.
- PITTARD (Eugène) — *Les races et l'histoire*. Paris. La Renaissance du Livre. 1924. Coleção "*L'Évolution de l'Humanité*". 671 pp. 6 figuras e 3 mapas. Prefácio de Henri Berr.
- PLATAO. — *Timeu e CríCIAS*. Tradução francesa de Albert Rivaud. Paris. Les Belles Lettres. 1925. 274 pp.
- PRADENNE (A. Vayson de). — *La préhistoire*. Paris. Colin. 1938. Coleção "*Armand Colin*". 223 pp. 47 figuras.
- REY (Abel). — *La jeunesse de la science grecque*. Paris. Albin Michel. 1933. Coleção "*L'Évolution de l'Humanité*". XVII+537 pp. Prefácio de Henri Berr.
- REYNOLD (Gonzague de). — *La formation de l'Europe*. Friburgo (Suissa). Egloff. Librairie de l'Université. 1944-1945 (4 volumes publicados).
- ROCHA MARTINS. — *Historia das colonias portuguesas*. Lisboa. Tip. Empresa Nacional de Publicidade. 1933. 699 pp. 213 figuras e 29 estampas.
- ROGET (Raymond). — *Le Maroc chez les auteurs anciens*. (Textos traduzidos por R. Roget). Les Belles Lettres. 1924. 50 pp. Prefácio de Stéphane Gsell.
- ROHDE (Erwin). — *Psyché. Le culte de l'âme chez les Grecs et leur croyance à l'immortalité*.

- Paris. Payot. 1928. XX+647 pp. Tradução francesa de Auguste Reymond.
- SALÚSTIO. — *Guerra de Jugurta*. Tradução francesa de Charles Durosoir. Paris. "À l'Enseigne du Pot Cassé". 266 pp.
- SCHULTEN (A). — *Os tyrsenos na Hispânia*. Artigo publicado em "*Forschungen und Fortschritte*". Berlim, 140. n. 21, p. 225. Vertido em português por Mário Cardozo. Guimarães. 1940.
- SIMÕES DE PAULA (E.). — *A prehistória*. São Paulo. 1934. 31 pp.
- IDEM. — *Tartesso e a rota do estanho*, in "*Boletim História da Civilização n.º 2 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*". São Paulo. 1940. 52 pp.
- SOARES (Urbano Canuto). — *Ensaio filológico (Um manuscrito português do século XVI e o problema guanche)*. Pôrto. Tip. de "A Tribuna". 1920. Separata da "*Revista da Faculdade de Letras do Pôrto*". Ns. 1-2. 29 pp.
- SORRE (Max), SION (Jules) e CHATAIGNEAU (Y.). — *Méditerranée. Péninsules méditerranéennes*. Paris. Colin. 1934. Coleção "*Géographie Universelle*". 2 volumes.
- SOUZA (Antônio Sérgio). — *Historia de Portugal*. Barcelona. Labor. 1929. Coleção "*Labor*". 190 pp. 60 figuras. 3 mapas e XVI estampas. Tradução espanhola de Juan Moneva y Puyol.
- SOUZA (Fr. João de). — *Vestigios da Lingoa arabica em Portugal ou Lexicon Etymologico das Palavras, e Nomes Portugueses, que tem origem arabica*. Lisboa. Academia Real das Sciencias de Lisboa. 1830. XVI+204 pp.
- SUETÔNIO. — *Vida dos doze Césares*. Tradução francesa de Henri Ailloud. Paris. Les Belles Lettres. 1931-1932. 3 volumes. L+514 pp.
- TÁCITO. — *Anais*. Tradução francesa de Henri Goelzer. Paris. Les Belles Lettres. 1938. 3 volumes. XXXI+569 pp.
- IDEM. — *As Histórias*. Tradução de Berenice Xavier. Rio de Janeiro. Atena Editora. 1937. 2 volumes. 326 pp.
- IDEM. — *As Histórias*. Tradução francesa de Henri Bornecque. Paris. Garnier. 1933. Coleção "*Classiques Garnier*". XXII+559 pp.
- TARN (W. W.). — *The Greeks in Bactria and India*. Cambridge University Press. 1938. XXIII+539 pp. 1 gravura. 1 quadro e 3 mapas.
- THOUVENOT (Raymond). — *La connaissance de la montagne chez Pline l'Ancien*, in "*Hespéris*". XXVI. 1939. pp. 113-121.

Les deux... IDEM. — *Les deux têtes d'Éros de Volubilis. Le Silène endormi de Volubilis. Chapiteaux romains tardifs de Tingitane et d'Espagne.* Paris. Larose. 1930. Extrato das "Publications du Service des Antiquités du Maroc". Fascículo 3. 38 pp. 14 figuras.

Les incursions... IDEM. — *Les incursions des Maures en Bétique sous le règne de Marc-Aurèle,* in "Revue des Études Anciennes". XLI, janeiro - março de 1939. n.º 1. pp. 20-28.

IDEM. — *Note sur deux inscriptions chrétiennes de Volubilis,* in "Hespéris", XXI. 1935. pp. 131-139. 3 figuras.

Les origines... IDEM. — *Les origines chrétiennes en Maurétanie Tingitane.* Extrato do "Bull. de la Société de Géographie et d'Archéologie de la Province d'Oran". Orão. LVI, setembro-dezembro de 1935. Fascículo 201. 11 pp.

IDEM. — *Tablette de bronze découverte à Banasa.* Extrato das "Publications du Service des Antiquités du Maroc". Rabate, 1935. Fascículo 1. 10 pp. 2 figuras.

IDEM. — *Les thermes dits de Gallien à Volubilis.* Extrato das "Publications du Service des Antiquités du Maroc". Rabate, 1935. Fascículo 1. 23 pp. 8 figuras.

IDEM. — *Trois têtes de marbre de Volubilis,* in "Revue des Études Anciennes". XXXVII, outubro-dezembro de 1935. pp. 438-442. 2 estampas.

TRAPIER (Blanche). — *Les voyageurs arabes au Moyen Âge.* Paris. Gallimard. 1937. 250 pp.

WEULERSEE (Jacques). — *L'Afrique noire.* Paris. Fayard, 1934. 484 pp. 62 mapas e figuras.

INDICE DOS MAPAS.

	<i>Páginas</i>
Fig. 1. — Itinerários da expansão do cap-sense inferior e do aurignacense ..	41
Fig. 2. — Itinerários da expansão do cap-sense superior	45
Fig. 3. — Itinerários da expansão do cap-sense final (tardenoisense) e do azilense	49
Fig. 4. — A África segundo Heródoto	73
Fig. 5. — A África e a possibilidade dos pé-riplos	122
Fig. 6. — A colonização fenícia	125
Fig. 7. — Cartago	140
Fig. 8. — O império cartaginês	142
Fig. 9. — A costa noroeste da África	154
Fig. 10. — O litoral atlântico de Marrocos	179
Fig. 11. — A África romana	192/193
Fig. 12. — O Saará e as explorações terres-tres na Antiguidade	202
Fig. 13. — A Mauritânia Tingitana: cidades e vias romanas	251
Fig. 14. — A expansão do cristianismo no IV século	259/260

INDICE GERAL.

	<i>Páginas.</i>
INTRODUÇÃO	7
PARTE I	11
CAPÍTULO I. — RELAÇÕES GEOGRÁFICAS ..	13
A). — A ÁFRICA DO NORTE	13
B). — GIBRALTAR E A LIGAÇÃO IBERO-AFRICANA	20
C). — MARROCOS	22
PARTE II	29
CAPÍTULO II. — RELAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS ..	31
A). — A FAUNA FÓSSIL DA ÁFRICA DO NORTE	31
B). — A PRÉ-HISTÓRIA DA ÁFRICA DO NORTE	32
C). — O PALEOLÍTICO ANTIGO OU INFERIOR	34
1. — O chelense e o acheulense ..	34
D). — O PALEOLÍTICO MÉDIO	36
1. — O mustierense	36
2. — O aterense	36
3. — O esbaiquense	38
E). — O PALEOLÍTICO RECENTE OU SUPERIOR	38
1. — O capsense	38
2. — A expansão do capsense ..	41
a) O capsense na Ibéria ..	41
b) O capsense na Gália ..	43
c) O capsense no Egito ..	43
3. — O aurignacense	44
4. — O solutrense	46
5. — O madalenense	47
F). — O MESOLÍTICO	47
1. — O azilense	47
2. — O tardenoisense	49

	a) Os concheiros de Muge	51
	b) — O Homem de Muge	52
G).	— O NEOLÍTICO	53
	1. — A civilização dos megálitos	57
	2. — A arte rupestre	57
H).	— O ENEOLÍTICO (Almeria)	60
I).	— A IDADE DOS METAIS	61
CAPÍTULO III.	— O BÉRBERE	63
A).	— ORIGEM E TIPO FÍSICO DO BÉRBERE	63
B).	— RELAÇÕES E INFLUÊNCIAS DE OUTROS POVOS	68
	1. — O Egito	68
	2. — O Saará e o negro	72
	3. — O bérbere e o guanche ...	77
	4. — O fenício-cartaginês e o judeu. Suas influências no bérbere	78
	5. — O romano e o bérbere ...	79
	6. — Os iberos e o povoamento da Ibéria	81
	7. — As semelhanças entre o ibe- ro e o bérbere	83
C).	— OS DIALETOS BÉRBERES	86
	1. — Área de extensão	86
	2. — Semelhanças linguísticas entre a Ibéria e a Berbéria	90
PARTE III	95
CAPÍTULO IV.	— O ALVORECER DA HISTÓ- RIA MARROQUINA	97
A).	— A NAVEGAÇÃO NA ANTIGUI- DADE	97
B).	— MARROCOS E AS LENDAS ...	103
	1. — As Colunas de Hércules ...	104
	2. — O Jardim das Hespérides .	106
	3. — Hércules e o seu exército	107
	4. — Os hindus, jebuseus, hicsos e egeus em Marrocos	112
	5. — O mito da Atlântida	114
CAPÍTULO V.	— OS FENÍCIOS	119

	<i>Páginas</i>
A). — A MARINHA FENÍCIA E OS PÉRIPILOS	120
B). — O COMÉRCIO FENÍCIO	122
C). — A COLONIZAÇÃO FENÍCIA ..	124
1. — Gades e suas relações com Marrocos	129
2. — As colônias fenícias da costa mediterrânea da África do Norte	131
3. — As colônias fenícias da costa atlântica de Marrocos	133
CAPÍTULO VI. — OS GREGOS	135
A). — OS GREGOS E A ROTA DO ATLÂNTICO	135
CAPÍTULO VII. — OS CARTAGINESES	139
A). — CARTAGO. SUA FUNDAÇÃO E HEGEMONIA	139
B). — O COMÉRCIO CARTAGINÊS E A ROTA PARA O OCEANO ..	145
C). — O PÉRIPLO DE HANÃO	147
1. — A data da expedição	147
2. — O texto púnico e sua tradução grega	149
3. — Análise do texto	151
4. — Os resultados do Périplo de Hanão	170
D). — A VIAGEM DE EUTÍMENES ..	172
E). — O PÉRIPLO DE SATASPES ...	173
F). — O PÉRIPLO DO PSEUDO-CÍLACE	175
G). — CANÁRIAS, MADEIRA E AÇORES	180
H). — OS CARTAGINESES E AS RELAÇÕES DA IBÉRIA COM A ÁFRICA DO NORTE	183
I). — CARTAGO E MARROCOS	186
CAPÍTULO VIII. — OS ROMANOS	191
A). — A EXPEDIÇÃO DE POLÍBIO DE MEGALÓPOLIS	193
B). — AS VIAGENS DE EUDOXO DE CÍZICO	195
C). — MARROCOS E AS EXPEDIÇÕES	

MILITARES TERRESTRES DE ROMA	198
1. — Explorações feitas de Cirene e de Leptis Magna	199
2. — As expedições de Suetônio Paulino e de Hosídio Geta	203
3. — A História e a Geografia de Marrocos no período romano	206
D). — O ESTABELECIMENTO DOS ROMANOS NA COSTA MERIDIONAL DA IBÉRIA	209
E). — MARROCOS E O PERÍODO DAS LUTAS DO FIM DA REPÚBLICA	211
1. — Boco I	212
2. — Sertório	215
3. — Bogude I e Boco II	217
F). — JUBA II	221
1. — Sua personalidade e sua côrte	221
2. — Juba II como escritor e sábio	225
3. — Juba II e seu inquérito sobre as fontes do Nilo	227
4. — Juba II e seu inquérito sobre as Canárias	229
5. — Juba II e sua contribuição para o conhecimento do continente africano. “As Purpurariae Insulae”	232
6. — Juba II e os indígenas	235
G). — PTOLEMEU	236
H). — A MAURITÂNIA COMO PROVÍNCIA E A POLÍTICA ROMANA	238
1. — Causas da anexação e do desmembramento do reino de Ptolemeu	238
2. — A Mauritânia Tingitana durante o Alto-Império	239

3. — A Mauritânia Tingitana durante o Baixo-Império .	243
I). — ROMA E SUA CIVILIZAÇÃO NA TINGITÂNIA	248
1. — As relações comerciais da Tingitânia com o mundo romano	249
2. — As colônias romanas e a civilização urbana	253
J). — O CRISTIANISMO E O FIM DO MUNDO ROMANO NA TINGITÂNIA	258
1. — Introdução do cristianismo na Tingitânia	258
2. — Relações entre as Igrejas africana e espanhola	260
3. — A Igreja da África durante o Baixo-Império	262
4. — O fim do cristianismo na África do Norte	263
CONCLUSÃO	271
BIBLIOGRAFIA UTILIZADA	279
ÍNDICE DOS MAPAS	289
ÍNDICE GERAL	291

ERRATA

Deixamos ao cuidado do leitor a correção de pequenos descuidos de revisão; entretanto, não podemos deixar de apontar os seguintes lapsos que, de algum modo, podem alterar o nosso pensamento ou o valor científico do texto.

NA PÁGINA	ONDE SE LÊ:	LEIA-SE:
15, nota 11:	op. cit., 100:	L'Afrique saharienne et soudanaise, 100;
38, linha 1:	esbaiquense	esbaiquiense
48, linha 6:	Sidi-Mansul	Sidi-Mansur
48, linha 24:	Prette	Piette
51, linha 34:	comprimento	diâmetro
52, linha 15:	(boi, cervo, cavalo, javali) — de	(boi, cervo) — cavalo, javali,
53, linha 28:	Chapelle	Capelle
53, nota 75, linha 10:	Chapelle,	Capelle,
55, nota 87, linha 8:	400 e 416).	II, 400 e 416).
56, nota 91, linha 4:	33 e 34;	33 e 34, p. 25;
57, linha 5:	tumulus,	tumuli,
60, linha 7:	1235-1225	1232-1224
66, linha 30:	Ξάνθοι	Ξανθοί
67, linha 7:	cone deitado	cone invertido
71, linha 16:	Ἀμμωνέιον	Ἀμμώνειον
72, linha 31:	Αἰθίοπες	Αιθίοπες
74, nota 35, linha 2:	229.	299.
74, nota 36, linha 1:	229.	299.
84, linha 30:	de Erable e Peña Tû	da Dama de Erable e Peña Tú
85, linha 1:	europæus	europæus
88, nota 101, linha 2:	96.	I, 96.
90, nota 111, linha 2:	87-88.	II, 87-88.
101, nota 13, linha 2:	(Rzach), Scholia ad Apollonius Rhodius,	(Rzach); Scholia ad Apollonium Rhodium,
105, nota 26, linha 2:	325.	235.
109, nota 39, linha 14:	grego; maurusii	grego maurusii
113, nota 51, linha 1:	GENNEP,	VAN GENNEP,
133, nota 58, linha 1:	3,3.	3, 3 e 8.
137, nota 5, linha 38:	Τείκος	Τείχος
160, linha 5:	rio	Rio
201, linha 30:	Marzuque	Murzuque
203, linha 2:	Agisimba	Agisimba
208, nota 48-a, linha 40:	substituir por	obra foi completada por C. Súlzio, que não a modificou
208, nota 48-a, linha 47:	Antonino (o Pio)	Antonino
250, linha 30:	Cabraria	Capraria
259, linha 23:	que era a	que estava mais próxima da
242, linha 15:	leste	oeste
242, linha 27:	Uso	Urso
246, linha 5:	307)	337)
255, linha 10:	Galiano	Galieno
263, linha 11:	(258)	(248)
265, linha 13:	Masuras	Masunas

**BOLETINS PUBLICADOS PELA CADEIRA DE
HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO ANTIGA E MEDIEVAL**

- .º 1 -- A. Piccarolo — Augusto e seu século — 1939.
- .º 2 -- Estudos ibero-atlânticos — 1940.
- a) E. Simões de Paula — *Tartesso e a rota do estanho.*
 - b) Jean Gagé — *Gades, as navegações atlânticas e a rota das Índias na Antiguidade.*
 - c) Jean Gagé — *Nota acêrca das origens e do nome da antiga cidade de Volubilis (Mauritânia Tingitana).*
 - d) Astrogildo Rodrigues de Mello — *O comércio europeu nos séculos XV e XVI e o florescimento de Espanha e Portugal.*
- N.º 3 — E. Simões de Paula — O comércio varegue e o grão-principado de Kiev — 1942.

**A CADEIRA DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO
ANTIGA E MEDIEVAL**

pede e agradece a remessa de suas publicações.
vous prie de lui envoyer vos publications.
shall be glad to receive your publications.
bittet Sie um Zusendung Ihrer Veröffentlichungen.
le agradecerá el envío de sus publicaciones.

Cadeira de História da Civilização
Antiga e Medieval.

Faculdade de Filosofia, Ciências e
Letras da Universidade de São
Paulo.

Caixa Postal 105-B.
São Paulo (Brasil)

